

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

"CRIANÇAS ESPERTAS":

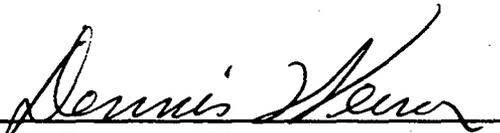
Um retrato do "vício da rua" em crianças pobres no centro de Florianópolis.

Rita de Cássia Marchi

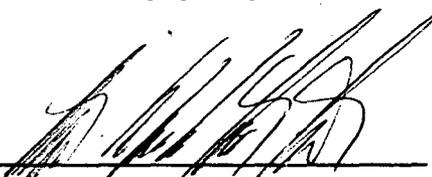
**Florianópolis,
Julho de 1994**

Dissertação realizada sob a orientação do Prof. Dr. Dennis W. Werner, apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social em preenchimento final aos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social:

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia. Aprovado pela Banca Examinadora composta pelos seguintes professores:


Prof. Dennis Werner


Prof. Maria Rosilene B. Alvim


Prof. Hélio R. S. Silva

**Ofereço este trabalho
à "raça da rua" de Florianópolis, que me acolheu, generosa, e me ensinou um
outro modo de ser feliz,
à "raça" aqui de casa, que me faz feliz.**

Agradeço às crianças que, de "informantes", transformaram-se em meus amigos. Sem a sua generosidade este trabalho sequer teria começado.

Ao Dênis e Rafael, dois "pais" acadêmicos tão diferentes e ao mesmo tempo tão semelhantes na forma com que me incentivaram e na atenção que me dispensaram todos estes anos.

Ao Zé, por ter me acolhido em sua "oca" durante o trabalho de campo.

À minha mãe, pela presença e incentivo.

À Jô, por ter olhado minhas crianças enquanto eu observava as "outras".

Ao Edinho, pela amizade e toda ajuda, não tenho palavras para expressar minha gratidão.

Ao Noé, pela paciência e certeza de que um dia eu chegaria aqui, já que o amor não se agradece.

Ao Thales e Julia, por existirem.

Agradeço enfim, a todos aqueles que de uma forma ou de outra, me acompanharam nesta inesquecível "viagem": Inês pelos textos, Carmen pelos desenhos, a todos pela amizade.

RESUMO

Este trabalho visa fornecer um retrato etnográfico do cotidiano de crianças pobres no centro da cidade de Florianópolis, popularmente conhecidos como "meninos e meninas de rua", para uma comparação com retratos fornecidos pela literatura ficcional e jornalística sobre o tema. Também compara seus resultados com os de outras investigações etnográficas feitas no país. A pesquisa de campo realizou-se de abril a agosto de 1991, tendo sido feitas anteriormente várias outras aproximações ao universo do estudo. Através de uma convivência intensa com os sujeitos observados, busca-se uma descrição detalhada de vários aspectos de sua vida na rua, longe da supervisão dos pais, professores e instituições de atendimento. Assim, a sexualidade, o uso de drogas, as relações afetivas, a liderança, as estratégias de sobrevivência, a politização, as relações com a polícia, com instituições de atendimento e com a família, são investigadas como forma de se construir uma "ficção etnográfica".

Palavras-chave: meninos de rua, uso de drogas, sexualidade, literatura e antropologia.

ABSTRACT

This work aims to provide an ethnographic portrait of the daily life of poor children (popularly known as "street children") in the center of the city of Florianópolis (Brazil), in order to compare this portrait with portraits of this population drawn in the fictional and journalistic literatures. It also compares the results of this research with other ethnographic studies in Brazil. The field research was carried out between April and August, 1991, after earlier attempts at contacting this population. Through the use of an intense sharing of the lives of these children, I attempt to provide a detailed description of various aspects of street life, far from the supervision of parents, teachers and social institutions. Thus, sexuality, drug use, affective relations, leadership, survival strategies, politics, and relations with police, welfare institutions and family are all studied as a way of constructing an "ethnographic fiction".

KEYWORDS: Street Children, drug use, sexuality, literature and anthropology.

ÍNDICE

PREFÁCIO	9
INTRODUÇÃO	
1. Meninos de Rua: Quem são?.....	10
2. Meninos de Rua: De Quem é a Culpa?.....	17

PARTE I

O "Menor Abandonado" na Literatura Romântica

CAPÍTULO I - ALGUMAS QUESTÕES LITERÁRIAS

1. O romance de ficção e o romance-confissão	23
2. Romances que retratam a vida de "menores abandonados".....	26
2.1 - Romances de Ficção.....	28
2.2 - Romances Autobiográficos.....	29
3. O narrador-autor: "a voz-que-fala".....	31

CAPÍTULO II - COMPARANDO OS ROMANCES

1. A condição de vida dos menores nos romances.....	34
1.1 - A afetividade	
a) nas autobiografias.....	34
b) na ficção.....	38
1.2 - As drogas	
a) na ficção	40
b) nas autobiografias.....	40
1.3 - A Liderança	

a) na ficção.....	41
b) nas autobiografias.....	42
1.4 - Revolta e ressentimentos: a visão de mundo	
a) na ficção	43
b) nas autobiografias.....	45
1.5 - Estratégias de sobrevivência e justificativas	
a) nas autobiografias.....	46
b) na ficção.....	47
1.6 - A vida na rua e nas instituições de atendimento	
a) nas autobiografias.....	48
b) na ficção.....	50
2 . Os retratos do cotidiano.....	52

PARTE II

O Relato Etnográfico

CAPÍTULO III NOTAS SOBRE O TRABALHO DE CAMPO E A CONSTRUÇÃO DO TEXTO ETNOGRÁFICO

1. Introdução.....	54
2. O Trabalho de Campo	55
3. A Construção do Texto Etnográfico.....	72

CAPÍTULO IV - O DIÁRIO ABERTO

1. Introdução.....	79
--------------------	----

2. Um primeiro encontro.....	80
2.1 - <i>O sexo na rua</i>	86
3. O encontro com a "raça".....	102
3.1 - <i>Afeto e desafeto na turma</i>	109
4. As famílias das crianças e o "vício da rua".....	119
4.1 - <i>"Pai e mãe: ouro de mina"</i>	125
5. As crianças e a polícia.....	141
5.1 - <i>"Polícia para quem precisa..."</i>	150
6. As crianças e a política.....	159
6.1 - <i>"A greve não tá com nada"</i>	161
7. A "raça" e a cola.....	169
7.1 - <i>A "visagem" e a "rateação"</i>	189
8. Liderança na turma.....	204
8.1 - <i>"O cabeça"</i>	208
9. As instituições de atendimento.....	211
9.1 - <i>Entre o CAP e o Centro-Piloto</i>	211

CAPÍTULO V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. Literatura X Relatos Etnográficos.....	219
2. Escrever não é afirmar ?	227

BIBLIOGRAFIA	237
---------------------------	-----

ANEXO 1. Apresentação das crianças	248
ANEXO 2. Mapas	252

Prefácio

Meu interesse pelos "meninos de rua" surgiu em 1988 quando realizava trabalho de campo sobre a baixa prostituição numa rua de Florianópolis, com o objetivo de ser admitida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

No dia em que os vi em bando, pela primeira vez, estava encostada à parede da "pensão" onde as mulheres faziam "ponto". Repentinamente, pelo meu lado esquerdo, surgem uns sete ou oito meninos maltrapilhos, sujos, alguns de cabeça raspada, descalços e barulhentos. Vinham fazendo algazarra pelo meio da rua, gingando o corpo, mexendo com os passantes numa atitude entre brincalhona e ameaçadora. Eram pura provocação. E foi o que fizeram às mulheres ali paradas. Disseram obscenidades, galanteios, tentaram tocá-las. Mas tudo muito veloz e de passagem, como se um forte e rápido vento batesse na esquina da rua. Da mesma forma que apareceram eles se foram, numa maneira que mais tarde tornou-se para mim muito familiar.

Naquela tarde a cena chocou-me. Fiquei dividida entre o receio e a curiosidade que o grupo de garotos me despertou. Não mexeram comigo. Pareceu-me até que nem me viram. Mas vi a todos e marcou-me a memória um deles em especial: era gordo e o mais barulhento da turma. A cabeça completamente raspada lhe dava uma aparência ainda mais estranha.

Três anos depois, já admitida ao Programa e realizando a pesquisa que momentaneamente idealizei naquela tarde, vim a encontrá-lo novamente: era o "Gordo", agora com quatorze anos e um informante avesso à entrevistas.

Nesta mesma tarde, durante a passagem deles pelo ponto de prostituição, tive uma pequena e antecipada amostra da carga de rejeição e preconceito de que estes meninos são alvo. A cena deu-se entre um dos meninos do grupo e a jovem prostituta que estava ao meu lado. O menino tendo no máximo onze, doze anos, calmo e sorridente, apenas observava a performance agitada dos companheiros quando disse à moça, colocando o seu pé diante do dela, que estavam calçando tênis iguais. Não havia o menor sinal de provocação ou menosprezo no jeito do garoto: ele tentava apenas se comunicar. Mas a reação da jovem foi fulminante: partiu prá cima dele com toda a fúria de que foi capaz e da qual, pela surpresa, o menino não pode se defender. Afastou-se perplexo e emudecido. Até hoje não entendo o que se passou com a moça. Minha suposição é de que ela acreditou que o menino quisesse humilhá-la com a comparação: o tênis dele estava estroçalhado e o dela já não era novo. Talvez ainda, o fato de eu (uma estranha) estar por perto e ter visto e ouvido tudo. Mas é só uma hipótese. De qualquer forma tive uma primeira idéia do rude tratamento dispensado a estes meninos. Mesmo por aqueles que com eles dividem o mesmo espaço "marginal".

Introdução

1. Meninos de Rua : quem são ?

Breve Histórico e Algumas Considerações Sobre o Tema :

Atualmente são comuns manchetes que apontam em destaque a "situação de abandono" e "miséria absoluta" em que se encontra grande parte da infância e juventude brasileiras.

Tais manchetes espocam com maior frequência e contundência quando tratam de retratar crimes praticados por estas crianças e adolescentes. O problema ganha um destaque inevitável quando, de simples "vítimas" de uma recorrente "estagnação econômica e uma má distribuição de renda", essas crianças e adolescentes passam a se tornar "criminosos".

Reportagens e artigos jornalísticos nas cidades do Brasil em que este é já um "problema social"- ou, como muitos consideram, um "caso de polícia" - tratam a questão sintomaticamente. Expõem números e fatos estarrecedores que denunciam desde a "violência contra crianças e adolescentes" e a "miséria absoluta em que vive a maioria das crianças brasileiras" até "crimes praticados por crianças e adolescentes brasileiros". A opinião da mídia nacional oscila, portanto, entre a vitimização e a acusação destes "jovens miseráveis".

A preocupação da sociedade brasileira com a infância "turbulenta", "vadia" ou "das ruas", não é recente. Já desde o século XVIII, médicos, juristas, políticos, filantropos, pedagogos, religiosos, e escritores em geral, vêm produzindo textos sobre a chamada "questão social da infância"¹. Atualmente, políticos, pedagogos, jornalistas, cronistas, juristas, entidades civis e

¹ Ver a este respeito, a análise da literatura sobre "infância e sociedade no Brasil" elaborada por Alvim e Valadares(1988). As autoras, além de uma revisão bibliográfica crítica sobre o assunto, fornecem quadros que distribuem os títulos por tipo de publicação, região de referência, temas, períodos e origem da produção.

militares do país ainda dividem-se quanto a análise das causas, proporções e devidas providências visando a solução do problema.

Sendo objeto de discussão social no Brasil há pelo menos dois séculos, a preocupação de nossa sociedade com a "infância pobre" expressa, segundo Alvim e Valadares:

" o despertar de uma consciência da especificidade da infância e da necessidade de separá-la do mundo dos adultos e, portanto, do mundo da rua enquanto escola do crime, pleno de vícios e propício à formação de novas gerações de indivíduos vadios, delinquentes, indisciplinados e, incapazes portanto, para o exercício do trabalho." (Alvim e Valadares, 1988:5-grifo das autoras)

Este "despertar da consciência social" frente a especificidade da infância no Brasil, vem certamente na esteira do que o historiador francês Phillippe Ariés denominou "despertar do sentimento da infância" na Europa ocidental, no final da Idade Média e início da Idade Moderna. Fez-se necessário afastar as crianças da "sociedade dos adultos", recolhendo-as para dentro da recém-criada "escola" e para dentro da família que se modificava para poder cumprir uma nova função: a guarda e socialização das crianças que gerava. Passou-se desta forma, segundo este autor, a "confinar uma infância outrora livre, num regime disciplinar cada vez mais rigoroso." (Ariés, 1981:277)

Em estudos sobre a estrutura familiar em grupos de baixa renda no Brasil, Cláudia Fonseca defende a hipótese de que existem formas alternativas de organização do parentesco vinculadas a uma cultura popular urbana. Neste contexto, as crianças teriam um valor diferente daquele que têm para as famílias das classes abastadas, e, a sua "circulação" - idas e vindas entre a casa dos pais e outros - deixa de parecer uma anomalia para ser compreendida dentro de um sistema semi-autônomo de valores das classes que a praticam. Assim, as crianças deixam de ter um valor em si mesmas, para serem elementos de troca na consolidação de certas redes de relações².

Presume-se portanto, que o movimento de moralização iniciado na Europa descrita por Ariés, para a extinção da "promiscuidade social" estabelecida pela antiga ordem da sociabilidade medieval, não se deu de pronto e acabado no Brasil. Aqui, no início deste século, enquanto as crianças e jovens filhos das classes abastadas já haviam realizado uma "volta ao lar" (pararam de "circular") e adentrado à clausura dos colégios sob a rigorosa inspeção do olhar pedagógico, sofrendo a "quarentena" agora necessária à sua passagem para o "mundo adulto", as crianças filhas de famílias pobres, continuaram a misturar-se e a aprender com a sociedade dos adultos sem quaisquer cuidados maiores. Neste sistema de "aprendizagem" contraposto agora ao sistema escolar preconizado pela nova ordem social, os pais e, assim que possível, as próprias crianças, decidem onde e por quem serão "criados". Há grande fluidez dos limites da unidade doméstica e a família

² Fonseca (1989a).

conjugal, fechada sobre si mesma e com a criança ocupando lugar central dentro dela, não é o modelo observado³.

Lovisoló em pesquisa sobre escolas públicas e privadas do Rio de Janeiro evidenciou algumas representações dos professores sobre a realidade escolar e sua problemática. Comparando os resultados da sua pesquisa com a descrição feita por Ariés sobre a constituição da família moderna na Europa (mais especialmente na França), constatou "forte proximidade" entre as idéias-chaves do historiador francês e a dos professores que buscam, através da reflexão sobre a família das camadas populares, explicar a questão do fracasso escolar. Segundo este pesquisador, em síntese, pode-se afirmar que para os professores das crianças oriundas das camadas populares no Rio de Janeiro: "a família das camadas populares ainda não é família e a criança das camadas populares ainda não é criança." Ainda de acordo com este autor: " Perante os professores, o processo de socialização da criança das camadas populares não está sob o controle da família e, em especial, dos pais. Solta no mundo, ela obtém sua socialização - por certo pensada como inadequada- no convívio com outras crianças e adultos. Em muitos casos, este estar na rua é consequência da função econômica desempenhada pela criança junto à família, mas nem sempre isto é real: ela pode estar na rua simplesmente porque gosta, ou porque não tem outra alternativa. Desta forma, sem a suficiente quarentena familiar e escolar, sem a necessária proteção global da família, formando-se na rua , a criança das camadas populares não é uma criança da sociedade industrial, conforme a definiu Ariés." (Lovisoló,1987:54-grifos do autor)

A "questão da infância pobre", longe de ser um fenômeno social novo, é "recorrente em contextos de rápida industrialização e desenvolvimento urbano acelerado", de acordo com Alvim e Valadares(1988). As autoras afirmam que na França e Inglaterra do século XIX as crianças pobres já faziam parte da reflexão dos mais diversos autores que tanto retratavam as utilizadas e exploradas pelo trabalho industrial, como as abandonadas, vadias e mendigas, filhas das camadas populares com precárias condições de vida no contexto do capitalismo emergente.

No Brasil, o indício mais remoto que se tem de "crianças abandonadas" diz respeito à prática de "exposição" de recém-nascidos. "Expor" consistia em deixar a criança à porta de alguém para que ali fosse "criada", sendo a pessoa que recebia o "exposto" obrigada por lei a criá-lo. Esta prática foi utilizada com mais frequência no transcorrer do século XIX, mas tem-se notícias de que já no final do século XVII ela era praticada. Nesta época, o abandono ocorria nas diferentes classes sociais e por motivos distintos. Contribuíam para tanto, razões de ordem econômica, moral e jurídica, entre outras.(Drexel, 1989)

Em princípios do século XIX foi criado um aparelho, geralmente instalado em hospitais, para receber estas crianças com mais conforto e segurança, livrando-as da exposição ao

³ Fonseca (1987a e 1989b).

clima e mantendo o anonimato de quem expunha e de quem recebia a criança. Este aparelho inventado na Europa e também utilizado no Brasil, era conhecido como a "Roda de Expostos".

Já nos finais do século XVII e início do século XVIII, com o advento do ciclo do ouro e o incremento da organização urbana, o problema da criança, de acordo com Drexel (1989), começava a despontar com uma conotação diferente daquela da época colonial, onde as "crianças ilegítimas" enquanto "fato corriqueiro" da miscigenação, não chegavam a se transformar em "problema social". A organização rural da época acabava absorvendo-as, fornecendo-lhes nas casas-grandes de fazendas e engenhos, proteção, sustento e amparo.

Em 1693, D. Pedro II, Rei de Portugal e Brasil, já fazia notar ao governo da Capitania do Rio de Janeiro que, se a "caridade" não socorria as crianças abandonadas, deveria-se criar um imposto com essa finalidade. Após a independência política, em 1822, o Estado começava a preocupar-se com um tipo particular de infância- a infância escrava, que já era alvo de discussões dentro do regime escravocrata. Cinquenta anos depois, em 1871, foi aprovada a chamada "Lei do Ventre Livre" que pretendia terminar gradualmente com a escravidão infantil e com o próprio regime escravocrata que começava a entrar em colapso. As crianças "beneficiadas" por esta lei, no entanto, tendiam a cair no abandono pois seus pais permaneciam em cativeiro e os seus senhores não tinham mais qualquer obrigação em relação à sua manutenção. A partir daí caberia exclusivamente ao Estado preocupar-se com o sustento e orientação destes abandonados que eram, já na época, considerados delinquentes em potencial ⁴.

Após a proclamação da República, em princípios do século XX, começam a surgir no país as instituições que ocupam-se das questões referentes à infância abandonada. Estas, de nível federal, têm-se substituído umas às outras sob a mesma acusação, mudando-se as siglas e os governos: são de péssima atuação, com instalações precárias, superpopulação, corrupção administrativa, maus-tratos e exploração de menores. Em 1990 surge o CBIA (Centro Brasileiro para Infância e Adolescência) em substituição à FUNABEM. Neste mesmo ano, o governo responsável por esta nova entidade e destituído também por corrupção, promulgou o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que trouxe várias alterações em relação ao antigo Código de Menores de 1979.

Alvim e Valadares(1988) observam que a partir dos anos 50, desde que a "questão do menor" foi gradativamente se constituindo, a sociedade brasileira fazendo uso de diversas instituições, políticas e práticas sociais, além de instrumentos jurídicos diversos, buscou antes de tudo resguardar-se de uma realidade que fugia cada vez mais ao seu controle. E, se foram várias as respostas oferecidas ao problema, todas se baseavam numa mesma concepção da infância pobre como necessariamente perigosa e conseqüentemente ameaçadora.

⁴ Drexel (1989:22-25).

Assim, de acordo com estas autoras, o reconhecimento da infância das classes populares como uma questão social, no Brasil, aponta muito mais para uma preocupação com o "perigo" e o "mau-exemplo" que esta juventude representava para as classes sociais mais abastadas e o seu projeto de "moralização dos costumes" do que uma verdadeira preocupação com a "humanidade" e "situação de carência" vivida por esta larga parcela da população. Os textos médicos, pedagógicos, jurídicos, compilados pelas autoras para uma análise sobre a literatura da infância pobre no Brasil, trazem implícito que, já no início do século, através da proposta de programas nacionais de "recuperação e proteção da infância desvalida", acreditava-se que "recuperando-se" estas crianças e jovens, o Estado estaria contribuindo para a formação de indivíduos úteis à sociedade, como futuros bons trabalhadores ⁵.

Em Santa Catarina, particularmente em Florianópolis onde centraliza-se este estudo, a situação da "infância abandonada" não se diferencia, em suas razões estruturais, do resto do país.

A questão dos aqui chamados "meninos de rua" envolve múltiplas causas que se associam na construção do fenômeno: laços afetivo-familiares, a mulher e a maternidade, a questão étnica (em grande medida estigmatizando crianças negras e descendentes de índios), a questão da estrutura econômica da sociedade catarinense, a questão policial, as instituições assistenciais (públicas e particulares) e a questão política, entre outras.

Como no resto do país, também aqui a imprensa e autoridades começam a manifestar-se sobre a questão. Em 1919 publica-se em Florianópolis um curioso "memorial". Trata-se de um estudo sobre "órfãos, menores abandonados e menores delinquentes em Santa Catarina", de autoria do juiz de Direito Dr. Pedro Estellita Carneiro Lins, endereçado ao Exmo Sr. Governador Dr. Hercílio Pedro da Luz. Neste documento, o autor refere-se às "(...) pelintragens e diabruras de meninos insubordinados e malcreados" e cita notícia publicada pelo jornal florianopolitano "A Comarca", datado de 09.09.1918, onde se lê:

" Meninos desocupados. - Há por toda esta villa um numeroso grupo de meninos desocupados que vagueiam pelas ruas, sem direção, cometendo toda sorte de diabruras. Muito deles, à hora em que deveriam estar na escola, aprendendo o que é útil e bom para a formação do caracter do homem do futuro, levam a dar pedradas a torto e a dereito (...). Para que este estado de cousas cesse de uma vez, há a necessidade da polícia agir , procurando paes ou responsaveis desses menores e entrando com elles em acordo para que haja mais respeito aos homens a as cousas alheias". (Lins, 1919: 26)

⁵ Alvim e Valadares(1988: 8 e 11)

Em 23 de agosto de 1935 o decreto de nº 78, criou o Juízo de Menores da Comarca de Florianópolis, com seu respectivo Código de Menores. A 16 de março de 1940 foi inaugurado o Abrigo de Menores, destinado às crianças do sexo masculino e maiores de sete anos, dirigido pelos Irmãos Maristas e subordinado ao Juízo de Menores (Pedrosa,1943). Em palestra proferida no Rotary Club de Florianópolis em 14 de outubro de 1943, Alves Pedrosa diz que:

" Ainda não se levantou a estatística dos menores abandonados nesta capital, mas pelo que tenho observado, posso vos afirmar, senhores rotarianos, que é verdadeiramente constrangedora a situação de penúria e miséria em que vive grande parte de nossas crianças."(Pedrosa,1943)

Neste discurso, Pedrosa refere-se ao "abandono" como "(...) fruto do pauperismo e da desorganização familiar". A "delinquência infantil" como "(...) uma consequência do abandono ". E ainda que, " abandonados moral e materialmente pelos pais, grupos de menores, vivendo nas ruas, entregam-se a toda espécie de peraltice (...) à medicância, ao vício, e daí à prática de crimes, especialmente o de furto." (Pedrosa,1943:25-27)

A 30 de julho de 1975, através do Decreto Estadual 664, criou-se a FUCABEM (Fundação Catarinense do Bem-Estar do Menor) supervisionada pela Secretaria do Desenvolvimento Social no nível estadual e pela (extinta) FUNABEM, no nível federal.

Uma pesquisa feita em 1990 por estudantes e professores do curso de Psicologia da UFSC que visou "explorar, conhecer e situar-se no imenso território constituído pelas práticas de atendimento às crianças que têm a rua como principal referência social", chegou à conclusão de que ainda não há levantamentos atualizados que demonstrem a realidade dos menores que são atendidos por estas instituições, em Florianópolis. Observou-se igualmente, que na maioria dos programas de assistência visitados, "registrar" e "refletir" sobre a problemática são atividades que são "deixadas de lado" devido a urgência da assistência cotidiana aos menores. Desta forma, segundo o relatório dos pesquisadores, os funcionários envolvidos diretamente com o dia a dia desses programas assistenciais "verbalizaram grande anseio por estudos teóricos consistentes e por pesquisas locais, que apontem alternativas metodológicas voltadas para a nossa realidade." (Relatório de Pesquisa vol.I,1990:24)

Desde que se começou a refletir sobre a "infância pobre" no Brasil, a terminologia que a ela se refere tem sofrido muitas e sintomáticas mudanças. A respeito destas mudanças terminológicas utilizadas para designar a criança pobre ou "abandonada", Pereira Oliveira em seu estudo sobre a exposição de crianças recém-nascidas em Desterro (atual Florianópolis) no século XIX, considera que:

" As mudanças no repertório das palavras a que cada época recorreu para designar as práticas (expor, enjeitar, abandonar) e a condição dos sujeitos delas decorrentes (exposto, enjeitado, abandonado) são

elementos significativos para a reconstituição das transformações sociais que configuram as diferentes fisionomias da criança e da questão da criança que percorreram a História do Ocidente a partir da Idade Moderna." (Pereira Oliveira, 1990:304 -grifos do autor)

De expostos, enjeitados, órfãos, infância desvalida, infância abandonada, em perigo moral, chegou-se uma adjetivação dominante: menor. Os qualificativos deste novo termo, que surge com o primeiro Código de Menores de 1927, não perdem em número e variedade para seus antecessores: menor carente, menor desvalido, menor abandonado, menor institucionalizado, menor de alta periculosidade, menor delinquente, menor infrator. (Alvim e Valadares, 1988)

Atualmente, popularizaram-se termos como: "pivete", "trombadinha" e "menino de rua".

Alguns autores observam que as mudanças na terminologia que designa a infância pobre são reveladoras do deslocamento de um enfoque dado inicialmente à família "que abandona", para a própria criança ou adolescente em situação cidadã irregular. Passou-se assim, de uma ênfase ética e moral sobre o abandono, para uma ênfase jurídica : a cidadania latente da criança. Portanto, se as primeiras denominações remetiam a um universo familiar, afetivo e privado, o termo "menor", ampla e oficialmente utilizado até recentemente, apontava para a despersonalização, remetendo à esfera do jurídico e do público ⁶.

Neste sentido, é importante observar que os próprios termos utilizados para referência às crianças e adolescentes pobres, seja por jornalistas, pedagogos, políticos, sociólogos, romancistas e escritores em geral, são já reveladores de um parecer sobre estes sujeitos. Ou seja, nenhum termo é "neutro". Todos trazem em si implicações de seu uso por este ou aquele agente do discurso. Particularmente, tive sérias dificuldades com a denominação que considerava a "mais apropriada" para referir-me aos meus pesquisados. "Menino de rua" revelou-se um termo de "dois gumes" até que aprendi a utilizá-lo de forma correta na hora certa e com os sujeitos certos.

⁶ Ver a este respeito, Cavallieri (1983), Araújo (1984), e Drexel (1989), entre outros.

2. Meninos de Rua : De Quem é a Culpa ?

As diversas obras escritas desde a época colonial sobre crianças e adolescentes abandonados e infratores no Brasil demonstram o grande e antigo interesse na questão, mas esta longa discussão mostra também o impasse a que chegou o estudo do problema.

Tomando-se só as obras produzidas na área das ciências sociais, passando ao largo dos textos de médicos, juristas, pedagogos, jornalistas, religiosos e outros, constatamos, como já o fizeram Alvim e Valladares, que apesar das diferenças de interpretação e de posição, o diagnóstico dos diversos autores coincide: a pauperização e a miséria se associam na geração do abandono, da vadiagem e da mendicância infantil⁷.

Uma ida às fontes apontadas por estas pesquisadoras, e outras não arroladas em seu estudo, confirma que há uma evidente unanimidade entre os diferentes autores. Para estes, as crianças e adolescentes que são fundamentalmente socializados nas ruas das grandes cidades, longe das instituições tradicionais como a família e a escola, são vítimas de uma estrutura social inequitativa e excludente, responsável por sua marginalização e alijamento dos direitos de cidadania. Em outras palavras, os autores em sua grande maioria têm identificado o "sistema capitalista brasileiro" como a raiz dos problemas sociais de abandono, maus-tratos e delinquência infanto-juvenil existentes no país⁸.

Das obras consultadas, algumas se propõem ir além da simples verificação de que a miséria gerada pelo sistema capitalista brasileiro gera o abandono e a delinquência das crianças e adolescentes no Brasil. Werner(1990) e Fonseca (1987a), ainda que com interesses e maneiras diferentes, tentam evitar o tipo de "determinismo excessivo" onde os "fatores econômicos" determinem mecanicamente o social⁹.

⁷ Alvim e Valadares (op.cit.:4).

⁸ Dentre estes autores estão: Ferreira (1979), Schneider (1987), Guimarães (1981), Cheniaux (1986), Arruda (1983), Violante (1985), Fonseca (1987a, 1989a e b, 1990), Werner (1990).

⁹ Werner (1990), que tratou preferencialmente dos menores infratores, está interessado em esvaziar a idéia popularizada de que os jovens e crianças cometem infrações devido à necessidade de "obter sustento". Argumenta que "a pobreza é um fator ligado apenas indiretamente à delinquência", apoiado em pesquisas que evidenciam outros fatores como intervenientes entre a pobreza e o crime: o ambiente familiar, o ambiente comunitário, os fatores psicológicos e outras características pessoais. Fonseca (1987a,1989) que investiga a dinâmica familiar em grupos brasileiros de baixa renda (subproletários porto-alegrenses), afirma que sem querer subestimar o "fator econômico" e as "condições de miséria" em que o grupo estudado é obrigado a viver, procura evitar o tipo de "determinismo excessivo", que ora justifica o comportamento pouco

Interessou-me em particular a oposição que Fonseca faz à própria noção de "criança abandonada". Este conceito, segundo ela, sofre uma ação de prestidigitação executada pelos meios de comunicação de massa: ao transformar "milhões de menores carentes" em "abandonados", a mídia transfere, do sistema econômico para os pais dos menores a responsabilidade por esta situação. Assim, a autora prefere utilizar-se da expressão "crianças em circulação" para designar aquelas que tenham passado ou estejam passando vários de seus anos formativos longe de seus progenitores, internados em instituições de atendimento ou em outros lares. Seu principal objetivo é tentar "esclarecer a lógica desse sistema simbólico" que norteia a "circulação de crianças", pois entende que sem um cuidadoso exame dos fatores sociais e culturais através dos quais a privação econômica é mediada, a miséria em si, nada pode explicar¹⁰.

Todos estes estudos são muito interessantes e auxiliam de uma ou outra forma a nos aproximar um pouco mais da realidade vivida por crianças e adolescentes pobres que passam um tempo de sua vida sob o estigma do "abandono". Porém, percebe-se que na maioria destes estudos não houve um contato mais íntimo e/ou prolongado com os sujeitos investigados. As pesquisas e reportagens foram feitas preferencialmente através de entrevistas, questionários, pesquisas de arquivo e não através da observação direta e diária, que possibilitaria uma caracterização mais detalhada do modo de vida e do cotidiano dessas crianças e adolescentes.

Sabe-se que o que é dito por um sujeito em resposta a uma pergunta formal de um pesquisador ou jornalista, muitas vezes difere do que é realmente dito ou feito em circunstâncias diárias normais. Arruda (1983) é um dos poucos estudiosos que durante a pesquisa de campo conviveu mais de perto com os "meninos de rua" da Praça da Sé em S.Paulo, mas não fornece em seu livro maiores detalhes desta convivência¹¹.

Maria Avelina de Carvalho (1991), em pesquisa de observação participante sobre os aspectos sócio-linguísticos que caracterizam a linguagem dos meninos de rua de Goiânia, ficou de tal forma impressionada com a realidade investigada que, tomada por diversas crises existenciais, paralisou sua dissertação de mestrado para, na forma de livro, fazer uma séria denúncia social sobre as condições de vida enfrentadas pelos menores. O livro-denúncia não fazia parte dos seus planos

convencional em grupos de baixa renda como resultado anômico da extrema pobreza ora, de maneira mais dinâmica, o reduza ao nível de "estratégias de sobrevivência".

¹⁰ Fonseca(1987a:21-22)

¹¹ Martins(1992) e Lecznieski(1992), recentemente, realizaram descrições etnográficas do cotidiano de jovens e crianças "de rua" porque também constataram a falta de informações mais minuciosas sobre este modo de vida. Martins investigou a visão de mundo e valores das "meninas de rua" de Goiânia e realizou a caracterização, ainda que ligeira, do seu cotidiano. Lecznieski, fez uma "descrição densa" do cotidiano dos "guris de rua" numa praça de Porto Alegre(R.S) por constatar "fresta importante a ser preenchida nesta área de estudos".(Lecznieski,1992: introdução).

acadêmicos e acabou por comover e repercutir junto ao público muito mais que a própria dissertação, numa clara demonstração do grande interesse e carência que temos de informações sobre o cotidiano dessas crianças e adolescentes em nossas cidades.

Neste sentido, Werner (1990) e Vogel (1991) também apontam o fato de que muito pouco sabemos a respeito da intimidade e do dia a dia dos "meninos e meninas de rua" do Brasil. De acordo com o primeiro, estas informações têm sido trabalhadas apenas na ficção, por autores como Vitor Hugo, Jean Genet, Charles Dickens ou Jorge Amado. Para o segundo, trata-se da necessidade de responder a uma questão fundamental: o que a turma na rua proporciona ao sujeito que a família não pode proporcionar-lhe? O que faz com que ele prefira a rua à casa, a turma à família? Para responder a esta pergunta, o autor crê necessário realizar uma etnografia do cotidiano dos meninos de rua que, em seus pontos essenciais, se confunde com a etnografia da turma¹².

Embora Alvim e Valadares não sugiram uma "etnografia do cotidiano" dentro do que apontam como "temas emergentes" e "novas direções de pesquisa" no final de sua minuciosa análise da literatura sobre infância e sociedade no Brasil, deixam no entanto, implícita tal necessidade. Evidenciam em seu estudo que os laços sociais e detalhes mais íntimos da vida das crianças na rua ou na "turma da rua", encontram-se presentes apenas na literatura de ficção: em crônicas como as de João do Rio, nos romances de Jorge Amado e José Louzeiro e em autobiografias como a de Herzer, Collen e Maciel¹³.

Constatada a importância em se documentar com maior minúcia a vida que "meninos de rua" levam nas ruas da cidade durante dias seguidos sem voltar à casa de parentes ou instituições de atendimento, não frequentando a escola e sendo os únicos responsáveis por si mesmos, este estudo tentará contribuir para minimizar a rarefação de informações sobre o seu cotidiano, na literatura acadêmica sobre o tema. A expectativa é que um estudo assim caracterizado possa inspirar novas reflexões sobre o assunto.

Para tanto, realizarei um cotejamento entre o texto produzido durante a minha pesquisa de campo, textos produzidos por outros pesquisadores sociais e, textos sobre o mesmo tema, mas produzidos em situações totalmente outras: o romance autobiográfico, o romance de ficção e o texto jornalístico. Investigarei a forma adotada pelos romances e autobiografias ou romances-confissão, para a construção de uma "verdade" sobre a vida de "crianças abandonadas" e, paralelamente, a forma adotada pela etnografia para a busca daquilo que, até agora praticamente ausente nas pesquisas acadêmicas, é pródigo, transborda, prolifera, na ficção: a minúcia das relações, a intimidade dos detalhes, a capilaridade do cotidiano.

¹² Vogel(1991:144)

¹³ Alvim e Valadares (op.cit.: 15-17 e 22)

Pegando carona nas mudanças de regras que regem o texto etnográfico, ocorridas e ainda ocorrendo através do processo de auto-crítica por que passa a Antropologia hoje (Caldeira, 1988, 1989), pretendo ensaiar minha própria "ficção etnográfica".

De acordo com Geertz (1978), os textos etnográficos são "ficções" não no sentido de que sejam falsos, não-fatuais, ou apenas experimentos de pensamento, mas no sentido de que são sempre interpretações de segunda e terceira mão (somente o "nativo" faz a interpretação primeira), tendo assim o sentido de algo que foi "fabricado", "construído", "modelado", de acordo com o sentido original de *fictio*¹⁴.

Para além da constatação de que não pertence ao pesquisador a interpretação primeira dos fatos que investiga, e de que o texto etnográfico é "tecido", "fabricado" por seu autor, o valor do que Geertz nos diz está no fato de que não se trata de negar o caráter literário do texto etnográfico mas de resguardar tal caráter fictício ou literário das conotações negativas (para a ciência) de "falsidade" e "invenção" que costumeiramente se associam à literatura de ficção - romances, novelas, contos.

Para Geertz a discussão que se trava sobre os obstáculos e resistências existentes ao se encarar a etnografia como "escritura" ou "literatura", não é, em muitos pontos, razoável. Argumenta centralmente que, do mesmo modo que a crítica literária se alimenta mais de um compromisso efetivo com a ficção e a poesia em si mesmas, do que com noções sobre o que ambas deveriam ser, assim também a crítica da escrita etnográfica "deberia nutrir-se de idêntico compromisso com la escritura misma, y no de preconcepciones sobre lo que debe parecer para que se califique de ciencia." (Geertz, 1989:16- grifo do autor)

Para Laplantine (1989), igualmente, não há dúvidas: "O confronto da antropologia com a literatura é imprescindível. O antropólogo que realiza uma experiência nascida do encontro do outro, atuando como metamorfose de si, é frequentemente levado a procurar narrativas (romanescas, poéticas, e, mais recentemente, cinematográficas) capazes de expressar e transmitir o mais exatamente possível esta experiência." (p.174)

Geertz ressalta, ao falar sobre a "autoria" na antropologia, de que a "incomodidad autorial" que acomete os etnógrafos surge do fato de terem que produzir textos científicos a partir de experiências biográficas¹⁵.

Este caráter "biográfico" da viagem antropológica é, do meu ponto de vista, sua grande força e fraqueza ao mesmo tempo. O caráter de aventura, de viagem, de escolha ou "preferência" por este ou aquele "objeto de estudo", trai, por um lado, a "subjetividade" que, para

¹⁴ Geertz (1978:25-26)

¹⁵ Geertz (1989:23).

muitos lançaria o texto etnográfico na lata da literatura de entretenimento (ficção). Um romance, um diário de bordo, uma crônica de viagem, um diário de campo, não é tudo, em maior ou menor medida, informação e.. diversão? Por outro lado, já que não se pode nem se deseja negar, ao "acontecimento" da pesquisa de campo o seu caráter biográfico, não há como continuarem a nos exigir uma distância que se alcançada, desmembra, separa, esquizofreniza o conhecimento atingido desta forma particular. A "saída" sugerida por Geertz(1989) é que, ao invés de se tentar dispersar a autoridade e a autoria do texto etnográfico, deve o autor assumir maior responsabilidade por seu texto e pelas interpretações que produz¹⁶.

Os chamados etnógrafos "pós-modernos" discordam: para eles a autoria e a autoridade do etnógrafo está realmente em cheque, pois não é mais possível descrever nem interpretar culturas, já que o antropólogo não se encontra mais numa situação privilegiada em relação à produção de conhecimentos sobre o outro. A etnografia deve ser então, não uma interpretação sobre, mas uma negociação com, um diálogo, a expressão de trocas entre uma multiplicidade de vozes da qual a do antropólogo é apenas mais uma entre tantas outras. Desta forma, o etnógrafo pode evocar, sugerir, provocar, ironizar, mas não mais "descrever" culturas¹⁷.

A discussão é longa e polêmica. Concordo com Caldeira(1988) quando diz que, na verdade, o estilo do texto pós-moderno se define em função do objeto e do tipo de análise que se pretende. Assim, ele não é ditado apenas por uma teoria sobre a representação no texto antropológico em geral, mas pelo objeto de análise e pela maneira - política - com que este é concebido. O estilo torna-se deste modo, parte do que se quer dizer (Caldeira,1988:41). Entendo portanto, que o tipo de antropologia ao qual somos aqui convidados a entrar é uma antropologia eminentemente política, além de "amorosa" (como prefere Laplantine), na qual o antropólogo/autor "renuncia a ser o único sujeito do discurso, para ser também seu objeto, dentro de uma aventura." (Laplantine1989:178)

¹⁶ Sobre a "maior responsabilidade" sugerida por Geertz em contraproposta à "dispersão" da autoridade e autoria do texto etnográfico sugerida pelos "pós-modernos", ver a discussão de Caldeira(1988) onde a autora critica as duas posições no que elas fogem a um aprofundamento sobre o posicionamento político do autor e a sua possibilidade de formulação de crítica cultural.

¹⁷ Caldeira(1988,1989)

PARTE I

O "menor abandonado" na Literatura Romântica

Capítulo I

Algumas questões literárias :

1. O romance de ficção e o romance-confissão

Como o presente trabalho busca realizar uma comparação entre textos de ficção e observações de campo sobre "meninos de rua" em diferentes aspectos do seu cotidiano, torna-se pertinente uma rápida incursão às noções correntes sobre o texto literário.

Não há, entre os críticos e teóricos literários, unanimidade ao definirem quantos e quais são os gêneros narrativos. Alguns questionam-se a respeito mesmo de sua existência. No entanto, o romance, o gênero narrativo que aqui mais de perto nos interessa, é com certeza, a forma de ficção mais citada e analisada por estes estudiosos¹.

De acordo com Frye (1973), o romance, como o conhecemos modernamente, pode associar-se a outras formas de ficção como a "confissão", a "anatomia" e a "estória romanesca"². Trabalharei aqui com o que se convencionou chamar "romance de ficção" e o "romance-confissão" ou "autobiográfico". O primeiro como sendo aquela obra literária que não advoga para si nenhuma

¹ Segundo o **Dicionário de Termos Literários** (Moisés, 1978) " não existe , nos quadrantes da criação literária, meio mais completo para se chegar a uma imagem do universo"(p.452). Aguiar e Silva(1976) atesta que o romance transformou-se, sobretudo a partir do século XIX "na mais importante e mais complexa forma de expressão literária dos tempos modernos."(p.249) Há, no entanto, críticos e teóricos que manifestam seu desagrado com tal perspectiva pois entendem que ela tende a reduzir toda a ficção a uma de suas formas: o romance. Neste sentido, ver especialmente Frye(1973). Para um estudo do romance ver, entre outros: Casais Monteiro (1964), Foster (1969), Schuler (1989). Ver ainda, Benjamin(1985) que apresenta uma visão crítica sobre o surgimento desta nova forma de narrar que, sinal de um depauperamento da "arte de contar", é consequência, segundo ele, do declínio da comunhão entre a vida que se leva e a palavra.

² Frye (1973:307)

identificação com fatos reais acontecidos, sendo portanto, fruto da "imaginação" de seu autor e, o segundo tipo, como sendo aquele em que o autor é ao mesmo tempo narrador e protagonista, tendo por objetivo contar sua própria história de vida ³.

Também não há, entre os críticos literários, consenso quanto aos limites e diferenças que se estabelecem entre o que se denomina "ficção" e "realidade", em contextos literários. Para Rosenfeld (1970): "A verificação do caráter ficcional de um escrito independe de critérios de valor. Trata-se de problemas ontológicos, lógicos e epistemológicos." (p.15)

É porém, o problema epistemológico, através da personagem, que, segundo este autor, estabelece realmente a diferença entre "ficção" e "verdade" ou "enunciados reais". É a personagem, a indicadora mais manifesta da ficção. Através dela, a camada imaginária se adensa e cristaliza. Para este autor, a personagem "constitui" a própria ficção ⁴: "É geralmente com o surgir de um ser humano que se declara o caráter fictício (ou não-fictício) do texto, por resultar daí a totalidade de uma 'situação concreta' em que o acréscimo de qualquer detalhe pode revelar a elaboração imaginária." (Rosenfeld,1970:23)

É também, graças à personagem, no que ela guarda de semelhante ao ser humano, que os críticos consultados apresentam um certo consenso: a função central da obra de ficção é a de poder, através da personagem, tornar transparente a opacidade imanente aos seres humanos. Em teoria, o que nos "agradaria" na leitura de um romance, é o fato de, ao menos ali, nos livrarmos da sensação frustrante de conhecermos nosso semelhante apenas de forma incompleta, fragmentária, insatisfatória ⁵.

Portanto, na "identificação" (positiva ou negativa) que temos com a(s) personagem(s) é que reside a grande possibilidade lúdica e o pressuposto de que: "a grande obra de arte literária nos restitua uma liberdade - o imenso reino do possível- que a vida real não nos concede". (Rosenfeld,1970:48)

³ Para Frye, a autobiografia é uma forma literária que se mescla com o romance por uma série de gradações insensíveis. Segundo este autor, podemos chamar esse tipo importantíssimo de ficção em prosa, de "confissão", seguindo seu provável "inventor" Sto. Agostinho, e Rousseau, que a fixou em seu tipo moderno: "Depois de Rousseau - de fato em Rousseau- a confissão deságua no romance, e a mistura produz a autobiografia ficcional, o Künstler-roman, e tipos afins." (Frye,op.cit.:302)

⁴ Em ensaio do mesmo livro, Cândido (1970), rejeita este "erro, frequentemente repetido em crítica" de pensar que o essencial do romance é a personagem. E afirma que, apesar da personagem ser o elemento mais atuante, mais comunicativo da arte novelística moderna, como se configurou nos séculos XVIII, XIX e começo do XX, a "maior responsável pela força e eficácia de um romance" é a sua "construção estrutural". Pelo espaço dedicado nos estudos de crítica e teoria literária ao estudo da personagem, fica evidente no entanto, o papel central que ela ocupa na ficção romântica.

⁵ A respeito da discussão em torno da função da literatura, ver as explicações de Aguiar e Silva(1976) e Castagnino(1969) acerca da "pluralidade de funções" da literatura.

Esquemáticamente, as personagens do romance foram caracterizadas por Forster (1969) em dois tipos clássicos: a personagem "plana"(ou personagem-tipo) e a personagem "redonda". A primeira, em sua forma mais pura, se caracteriza por poder ser expressa numa só frase. É uma personagem de construção simples, facilmente reconhecível e facilmente lembrada pelo leitor. São personagens estereotipadas: nunca mudam suas ações e reações, por isto não têm a capacidade de surpreender o leitor. A personagem "redonda" é o seu contrário: apresenta complexidade de caráter e é sempre capaz de surpreender o leitor de maneira convincente; não pode ser definida de uma vez por todas e "possui a incalculabilidade da vida". A primeira, portanto, é tipificada, sem profundidade psicológica, totalmente coerente e previsível; a segunda é complexa, multidimensional, imprevisível.

A classificação das personagens em "planas" e "redondas" é considerada a contribuição mais interessante que Forster deu ao estudo do romance e pode-se perceber que após a publicação de seu livro em 1927, todos os manuais de crítica literária trazem sua classificação como ponto de partida para o estudo da personagem. Mais recentemente, típica da ficção contemporânea surgiu a "personagem-individualidade" que não chegou a ser estudada por Forster. Esta é resultante do "novo homem", revelado pelas descobertas psicanalíticas e do descêdito em que caiu a antiga interpretação do homem, visto de maneira maniqueísta e dogmática, como um bloco inteiriço de qualidades ou de defeitos. (Coelho, 1987)

Fez-se necessária esta rápida introdução ao estudo da personagem no romance moderno porque além da importância que ela tem no texto romântico, é justamente a personagem-criança-adolescente que dá vida às estórias/histórias narradas, o ponto de partida para a análise que realizo dos romances selecionados sobre o tema do "abandono da infância". Como já dito, os romances analisados são de cunho ficcional e autobiográfico. Teremos portanto aqui, a distinção ainda que formal, entre "ficção" e "realidade"; entre "personagens fictícios" (ainda que numa expressão redundante) e "personagens reais" (ainda que numa expressão contraditória)⁶.

⁶ Esta distinção torna-se formal e arbitrária no sentido de que não há entre os próprios teóricos literários, um consenso quanto à real existência e os limites de tal distinção. Ver especialmente, Frye (1973) e Rosenfeld (1970). Ver ainda, sobre a discussão a respeito das diferenças e semelhanças entre "personagens" e "pessoas", assim como para uma "introdução ao estudo da personagem", Brait (1987).

2. Romances que retratam a vida de "menores abandonados":

Os "romances de ficção" selecionados para este estudo são:

Oliver Twist de Charles Dickens, 1837

Capitães da Areia de Jorge Amado, 1937

A Infância dos Mortos de José Louzeiro, 1977

Os "romances autobiográficos" selecionados, são:

Diário de Um Ladrão de Jean Genet, 1949

O Pão Nu de Mohamed Choukri, 1973

A Queda para o Alto de Sandra Herzer, 1982

Mais que a Realidade de Paulo Collen, 1987

A fim de contextualizar para o leitor as obras aqui analisadas farei um rápido comentário sobre suas origens, finalidades e estilos literários.

Exatos cem anos separam a primeira edição de **Oliver Twist** na Inglaterra, da primeira edição de **Capitães da Areia** no Brasil. Charles Dickens e Jorge Amado são autores consagrados nacional e internacionalmente. Em seus romances, ambos realizaram, à época das publicações, séria denúncia social. **Capitães da Areia** de 1937, foi o primeiro romance publicado no Brasil inspirado na existência de crianças que viviam nas ruas. Amado, com sua literatura considerada na época, "engajada", e em seu estilo "realista lírico" (cf. Casais Monteiro, 1964), tomando por tema um problema social que já era de reconhecimento público, chamou a atenção para o espaço da rua como local de vadiagem e socialização política, o que poderia levar à contestação do sistema vigente.⁷ Publicado em pleno Estado Novo, a primeira edição do livro foi apreendida e queimada em praça pública. Uma nova edição em 1944 "marca época" na vida literária brasileira, e, a partir daí, sucederam-se inúmeras edições em língua nacional e em diversos idiomas estrangeiros. Foi adaptado para rádio, teatro, cinema e tv.

⁷ Alvim e Valladares (1987:7-8)

Dickens, fato de destaque na vida inglesa desde o início de sua carreira, permanece nesta posição até hoje. As implicações usuais do adjetivo "dickensiano", segundo o editor de uma antologia crítica sobre suas obras, mostram somente parte do efeito deste autor sobre a imaginação popular⁸. Alguns de seus personagens e situações em suas novelas, logo tornaram-se e até hoje permanecem, referências universalmente disponíveis. A cena em que Oliver Twist pede por mais comida no asilo para indigentes, é vista como cena literária imediatamente compreensível a um público extremamente amplo, na Inglaterra e fora dela. Nossa concepção de natal, nossas imagens de vilas e cidades, nossa compreensão da maneira como as crianças sentem, são tipos de áreas nas quais a influência de Dickens, segundo o editor, tornou-se tão sagaz quanto imperceptível, através da maneira com que seu modo de ver o mundo foi assimilado na vida do dia a dia de seu país.

A Queda Para o Alto e Mais Que a Realidade, autobiografias escritas nos anos 80 por ex-internos da FUNABEM, valem a leitura por cumprirem finalidade idêntica: dar um depoimento da vida dos autores que, além de resgatá-los do anonimato e da marginalidade, serve igualmente como denúncia social. Collen e Herzer registraram suas experiências de vida na forma de livro a partir da sugestão de cidadãos envolvidos com a questão da "infância abandonada". Herzer pretendia inicialmente publicar apenas suas poesias, mas com a indicação de que estas ganhariam "muito mais sentido" se antecedidas pela sua "história de vida", acabou por se autobiografar na primeira parte do livro, pouco tempo antes de suicidar-se, ainda à espera de ver seu sonho de publicação realizado. Sua trágica morte acabou por apressar a publicação do livro e dar-lhe todo o "sentido" que os editores desejavam. Sua queda de um viaduto em São Paulo sob o efeito de vários comprimidos de opalidon misturados à bebida alcoólica, poucos dias depois de praticamente "anunciar" seu suicídio numa última poesia, acabou por transformar-se em seu livro póstumo **A Queda para o Alto** em 1982. Sua história de vida, marcada fortemente por sua transexualidade, acabou por inspirar o filme "Vera", embora na fita nenhum crédito lhe seja dado.

Collen cuja autobiografia teve início durante aulas de Português e Literatura num projeto da FUNABEM, foi também francamente incentivado pelas professoras que prefaciam o livro.

Jean Genet (**Diário de Um Ladrão**) e Mohamed Choukri (**O Pão Nu**), ao contrário destes jovens autores brasileiros, transitam pela arena literária com desenvoltura e reconhecimento. Genet descobriu-se escritor já na idade madura, após entrar em contato com a obra de Proust, na prisão. Foi indultado a pedido de escritores franceses que tomando contato com seus escritos, intercederam por sua liberdade junto ao 19º tribunal correcional francês. Libertado, escreveu vários livros e tornou-se conhecido nacional e internacionalmente, nunca deixando porém, de ser um "escândalo" para as convenções sociais. Mohamed Choukri, árabe, teve a infância arrebatada pela tragédia da Segunda Grande Guerra Mundial e pela fome que se abatia sobre a região que habitava -

⁸ Wall (1970:introdução).

o norte do Marrocos. Analfabeto até os vinte anos de idade, surpreendeu e intimidou as editoras do mundo árabe, onde os originais de *O Pão Nu* foram sistematicamente recusados. Seu estilo direto e cru, sem os rodeios que suavizam a escrita mais conformista, segundo o escritor árabe Ben Jelloun (que traduz e prefacia a edição francesa) entrou em choque com as publicações comerciais e bem-comportadas de sua terra natal. *O Pão Nu* para ser publicado teve que ser traduzido para o inglês e editado em Londres pela primeira vez, em 1973.

Exporei agora um breve resumo de cada romance para em seguida relacioná-los nos itens que interessam a este estudo: os diferentes aspectos do cotidiano dos meninos de rua. Em que medida os detalhes do cotidiano dos menores retratados nos romances se assemelham ou diferem entre si, e em que medida se assemelham ou diferem do retrato por mim produzido no diário de campo? O que explicaria essa diferenças e semelhanças?

2.1 Romances de Ficção:

Oliver Twist de Charles Dickens (1966), é a estória de um menino órfão criado num asilo londrino para indigentes. Neste "lar" passa toda espécie de privações e maus-tratos. Aos dez anos é "alugado" a quem quer que "livrasse a paróquia de *Oliver Twist*". Isto porque o menino atreveu-se a desafiar as regras da casa, requisitando uma segunda porção da parca ração servida aos ali internos. Fugindo do "lar adotivo" onde também é constantemente maltratado e explorado como "aprendiz", o destino o arrasta para outros perigos e dissabores. Um bando de crianças-ladras chefiadas por um judeu inescrupuloso, recebe-o e tenta adestrá-lo na "má-vida". Percebe-se a partir daí, que a "maldade" e a "bondade" em estradas paralelas são, durante todo o tempo, colocadas diante do menino. Um pequeno desvio transporta de um caminho ao outro, mas Oliver, no entanto, feito com "o que há de bom, na creatura feita à imagem e semelhança de Deus", emerge sempre digno e inocente de entre o vício e a perdição em que tentam submergi-lo. E é assim que finalmente encontra uma verdadeira família e a felicidade. Ao final do romance seus algozes e perseguidores têm todos o merecido e derradeiro castigo como é comum às estórias que têm na luta entre o "Bem" e o "Mal" um tema eterno.

Capitães da Areia de Jorge Amado(1991), descreve a vida de um grupo de crianças e adolescentes abandonados que viviam do furto nas ruas de Salvador, Bahia. É o que se pode chamar um "documento de época"(cf. Alvim e Valadares,1988), pois mostra como o problema era encarado de forma calamitosa pela opinião pública. Mobilizava-se a imprensa, o Juizado de Menores

e a polícia, na tentativa de dar uma "solução" ao problema. A intensa campanha promovida por um jornal da cidade, para "dar fim" ao "bando que vive da rapina" composto por "crianças das mais diversas idades" é utilizada logo no início do romance; ao lado de cartas do Chefe de Polícia, do Juiz de Menores, da mãe de uma criança interna em reformatório, do diretor do reformatório e de um padre que lá trabalhou como capelão. Estas cartas ilustram perfeitamente a divisão de opiniões sobre o problema das crianças abandonadas naquela capital. Através da descrição do seu modo de vida, o autor reverte a imagem clichê que a sociedade tem sobre os menores de rua. Faz a denúncia dos reformatórios supostamente em atividade para "recuperar" estes jovens e lança a idéia do espaço da rua como local lúdico, de socialização política e gerador, por excelência, de uma consciência libertária. Transforma os "capitães da areia", de pequenos bandidos alienados em autênticos revolucionários. Pedro-Bala, líder do bando de meninos, filho de um sindicalista morto em confronto com a polícia durante uma greve, ao final do romance, já adulto, torna-se um corajoso militante proletário, fazendo da revolução "uma pátria e uma família".

A Infância dos Mortos de José Louzeiro(1981), retrata centralmente a vida de um adolescente (Dito) sem família, que vive da prática de furtos, pequenos serviços e tráfico de drogas. É uma estória comovente onde o autor não se absteve de descrever situações brutais tiradas, segundo ele, "do nosso amargo cotidiano". Deu origem ao filme "Pixote - A Lei do Mais Fraco" (Babenco,1980). Os horrores, torturas e privações, que o protagonista sofre são passadas exclusivamente dentro das instituições encarregadas de o "assistir" e "proteger" ou nas mãos de policiais e investigadores que nada ficam a dever em termos de sadismo e crueldade aos personagens adultos de C. Dickens em **Oliver Twist**.

2.2 Romances Autobiográficos:

Diário de um Ladrão de Jean Genet (1983), descreve o mundo dos assassinos, das prostitutas, homossexuais, travestis e marginais de toda ordem, numa linguagem metafórica, poética. Nascido em Paris, Genet foi abandonado pela mãe ainda na maternidade e adotado por camponeses que o criaram até a maioridade. Em seu **Diário**, Genet descreve os anos em que viveu como delinquente; mas não o faz, como acontece na maioria de relatos deste tipo, como uma forma de reparar os seus crimes, alertando as pessoas para os perigos da marginalidade. Ladrão e homossexual convicto, seu livro é uma apologia do desregramento e da transgressão. Nele, o autor reivindica o mal como algo belo, sadio, prazeroso. Afirma não pretender dissimular as razões que fizeram dele

um ladrão, sendo "a necessidade de comer", a mais simples dentre elas. Em sua "escolha, no entanto, jamais entraram a revolta, a amargura, a raiva ou qualquer outro sentimento deste tipo", ele faz questão de afirmar. Para desespero dos moralistas de todas as nacionalidades e épocas, escreverá ainda, com o despudor de um ladrão-poeta: "(...) preparei a minha aventura como se prepara uma cama, um quarto para o amor : eu tive tesão pelo crime." (Genet,1983:11)

Em **O Pão Nu - A descoberta do mundo e do corpo por um menino marroquino**, Mohamed Choukri(1983) descreve sua meninice em uma terra desolada, desértica, privado da escola, e do próprio "privilegio de ter uma infância". Acossado desde a mais tenra idade pela violência da necessidade, a visão da morte e o ódio ao pai que, entre outras atrocidades, estrangulou um dos seus irmãos doente da fome, esse menino cedo aprendeu a vida, familiarizando-se com as regras da morte, do sexo e das drogas. Esgueirando-se por ruas escuras e perigosas à procura de alimento e repouso, muito cedo conheceu "o primeiro copo de vinho barato e uma cachimbada de 'kif'(folhas secas,soltas, de maconha)." Em seu relato confessa (segundo Ben Jelloun) "com a inocência de um Jean Genet", que considerava legítimo roubar entre tratantes.

A Queda para o Alto, de Sandra Herzer(1982), publicado após o suicídio quase que "anunciado" da autora, traz o que todos sabemos: a marginalização a que são submetidos os menores que adentram em instituições de "guarda" ou "recuperação" no Brasil. Ela descreve os maus-tratos, as torturas, as humilhações, a insalubridade e a solidão que ela e as demais companheiras vivenciaram quando "internadas" em uma unidade feminina da FEBEM paulista. Mas, embora sabido, impressionam e comovem as passagens que descrevem as cenas de castigo (torturas, espancamentos, isolamento, humilhações) infligidas às menores de "mau-comportamento" e às "fujonas". Os algozes são descritos sempre da mesma forma pela autora, uma de suas vítimas constantes: são personalidades sádicas, seres humanos torpes, alcoolizados e completamente despreparados para lidar com a menoridade. Como, a autora se pergunta, são estas pessoas contratadas para a realização de um "trabalho social"? O livro relata as causas dos frequentes internamentos da autora na instituição. Causas estas também muito "comuns" e do conhecimento geral: dificuldades no ambiente doméstico (relacionamento conflituoso com genitores ou responsáveis, abuso sexual por parte de um deles.), envolvimento da menor com álcool e drogas. A família adotiva da autora, tendo recursos financeiros, tenta a sua "recuperação" através de um atendimento psicológico, mas no fracasso dos resultados, opta por sua internação, repassando assim o problema para a instituição de atendimento. Há, naturalmente, profunda mágoa e revolta do sujeito contra as figuras familiares, especialmente "pai" e "mãe". Em seu relato a autora lida com a sua transexualidade como um fato "quase à parte", embora sugira que a origem de seus problemas deriva

grande parte da sua insatisfação em ter nascido mulher. Confessa sentir-se "à margem" desde a primeira infância.

Em **Mais que a Realidade**(1987) o autor, Paulo Collen , paulista, filho de prostituta e pai ignorado, foi abandonado pela mãe quando recém-nascido. Depois de rápida passagem por um "lar adotivo", foi internado, ainda bebê, na FEBEM. Praticamente nascido, portanto, dentro de uma instituição de atendimento, relata que a primeira vez que viu "o mundo lá fora", tinha já por volta de onze anos de idade. Fugiu da instituição pela primeira vez aos treze. Depois desta primeira fuga , feita muito mais para provar aos colegas que não era "xepeiro" (menor que permanece na instituição por causa da alimentação), o autor passa a intercalar períodos de vida na rua e períodos internado na instituição, entremeados com inúmeras tentativas de auto-agressão, muitas das quais configurando-se em tentativas de suicídio e outras apenas para poder simular ferimentos e empreender novo plano de fuga. Confessando-se avesso às drogas e aos furtos comumente praticados pelos companheiros de rua, Collen faz um relato singelo, em muitas passagens ingênuo, mas revelador do cotidiano de quem nasceu e viveu sempre cercado pelas dificuldades de sobrevivência.

3. O narrador-autor: a "voz-que-fala"

As autobiografias são, obviamente, escritas na primeira pessoa. Nada impede que os romances "de ficção" também o fossem, mas é um narrador, uma "voz de fora" que conta a estória. Quem , ou o quê é esta voz ?

A "voz-que-fala", que narra a história/estória nos romances analisados, assume aqui dois tipos: o narrador onisciente e o narrador confessional ou intimista⁹. O narrador onisciente é a posição de alguém que se apresenta como autor , como criador dos acontecimentos narrados; que se assume como testemunha de seu tempo e transfigura a realidade vivida em literatura, para comunicá-la aos outros. Escreve na 3a. pessoa. É o caso dos romances "de ficção" aqui analisados: **Capitães da Areia, Infância dos Mortos e Oliver Twist** . O narrador confessional ou intimista, é a posição do eu-autor que registra suas experiências pessoais para comunicá-las aos outros. Escreve na 1a. pessoa. Encontra-se presente nos romances autobiográficos ou "de confissão": **Diário de um Ladrão , O Pão Nu , A Queda para o Alto e Mais que a Realidade**.

⁹ Os conceitos literários aqui utilizados estão de acordo com a análise literária feita por Coelho (1987)

Dependendo do ângulo em que se coloca para transmitir seu relato, o narrador assume uma "posição" no texto. Essa "posição" ou "ângulo" escolhido, é o chamado foco narrativo: o "local" de onde flui a narração¹⁰. A escolha do foco narrativo, ou a posição que o autor-narrador escolhe para narrar sua história/estória, deve se dar principalmente em função dos objetivos e da própria estrutura do romance. Os que foram escritos pelos próprios protagonistas, ou seja, pelo "eu-autor", tendo em vista narrar a própria trajetória de vida, assumem um foco narrativo que pode ser chamado interno subjetivo. Interno porque o narrador é um "eu" que está "dentro" dos acontecimentos narrados, e, subjetivo porque tudo na narrativa flui desde a perspectiva desse "eu". É o foco privilegiado das narrativas confessionais, e é portanto o foco narrativo utilizado nos romances autobiográficos aqui analisados.

Os romances "de ficção", que têm um objetivo mais amplo, a descrição do modo de vida de grupos de crianças em liberdade nas ruas ou internados em instituições de atendimento, utilizam o foco narrativo externo subjetivo. Externo, porque o narrador-autor se mantém "fora" dos acontecimentos narrados, e, subjetivo, porque além de apreender o "exterior" dos fatos, domina com segurança o "interior" das situações ou das personagens. Nos romances "de ficção" aqui analisados, **Capitães da Areia** e **Oliver Twist**, o foco narrativo assume ainda uma outra forma: a da consciência total, onde o autor revela pleno conhecimento do seu universo literário, dos acontecimentos narrados, das personagens, sua visão é "total" porque é "interna" e "externa" ao mesmo tempo. Segundo Pouillon é a "visão por detrás". Na **Infância dos Mortos**, o foco de consciência é parcial, pois o autor demonstra conhecer apenas "parte" do que acontece, estando intimamente identificado com uma personagem (neste caso, "Dito") e esta passa a ser um filtro através do qual tudo flui na narrativa. Segundo Pouillon, é a "visão com"¹¹.

Diário de um Ladrão de Jean Genet, é um caso à parte. Embora autobiográfico, narrado portanto, na primeira pessoa, na posição do "narrador confessional", do eu-autor que registra e comunica suas experiências pessoais, não tem porém, a narrativa linear, cronológica, dos outros relatos confessionais. Genet segue aqui, o tempo psicológico, ou metafísico; um tempo subjetivo, que obedece apenas ao fluxo mental que escoia incessantemente: o tempo de sua memória.

¹⁰ Para um breve estudo do "foco narrativo" ver além de Coelho(1987), também Coelho de Carvalho (1981).

¹¹ No caso de **Oliver Twist**, embora a estória narrada seja em torno de apenas uma trajetória de vida, a do pequeno órfão Oliver, a intenção do autor-narrador é porém mais ampla, pois utiliza-se da estória do menino para poder expor/denunciar o tratamento dado aos órfãos sob a tutela do Estado inglês no século passado e as relações sociais tecidas na época entre a população e os, literal e metaforicamente, "deserdados". Note-se que a trama romântica não trata apenas do caso do pequeno Oliver e a rejeição que sofreu por parte da sociedade, mas também do caso de sua irmã que mesmo tendo tido uma benfeitora desde a primeira infância, via seu projeto de casamento fracassar por não ter, como órfã, um "dote" a dispor.

Desta forma, é como se o livro narrasse não uma história de vida propriamente, mas um sentimento vivido: a paixão do autor pela vida desregrada que levou. A sua ousadia o confessa já no princípio: "Eu tive tesão pelo crime". E, para além de suas "confissões", nos enreda em uma cumplicidade forçada, catártica, egoísta, benfazeja: "Para me compreender, vou precisar de uma certa cumplicidade do leitor.", ele reivindica já no início de seu relato.

Capítulo II

Comparando os Romances

1. A condição de vida dos menores nos romances:

Nos romances os menores passam por diversas situações e são descritos de diferentes maneiras. Genet, Choukri, Herzer e Collen são "personagens reais": contam a própria história de vida. Dito, Oliver Twist, Pedro Bala e os "capitães da areia" são fictícios. As suas condições de "órfãos", "abandonados", "infratores", "criminosos" são descritas ao longo dos romances. Em muitas ocasiões "ficção" e "realidade" se aproximam, em outras se distanciam. É meu objetivo cotejá-las. Tópicos como a vida nas ruas e nas instituições de atendimento, a solidão, a camaradagem, a afetividade, a revolta, os ressentimentos, as estratégias de sobrevivência, a visão de mundo, o uso de drogas, as alegrias e tristezas, a esperança, o desejo de vida e de morte, tomam forma nas histórias/estórias narradas. Como o autor da ficção vê o menor abandonado? Como o eu-autor descreve a si mesmo nas autobiografias? Quem são, na literatura romântica, os "meninos de rua", os órfãos, os "pivetes", "trombadinhas" e "abandonados"? De onde vêm? O que desejam? O que pensam de si e do mundo que os cerca?

1.1 A Afetividade :

a) Nas autobiografias:

A questão afetiva permeia, como não podia deixar de ser, todos os romances, mas há diferenças entre eles.

No romance **A Queda para o Alto** há uma afetividade explicitamente sexual. Embora no início do relato a autora lamente a falta que sentiu do afeto de seus pais verdadeiros, e a "insinceridade" e "insegurança" que encontrou nos lares pelos quais passou (sendo vítima quando menina, de abuso sexual por parte de seu padrasto e testemunha de romances clandestinos de sua madrastra), o seu depoimento é uma sequência paradoxal entre casos amorosos com colegas de internamento e as torturas e humilhações que sofreu nas mãos dos funcionários da FEBEM: homens que não conformavam-se em ver uma "mulher" (Sandra Herzer) agir como um "homem" (Anderson "Bigode" Herzer). Há um trecho de seu depoimento em que percebe-se a perplexidade da autora em ver-se tão admirada e desejada pelas colegas na mesma proporção em que era castigada e humilhada pelos funcionários:

"Nessa época alcancei o auge, meu apelido se espalhou por todos os lados, meninas que chegavam novas, entravam perguntando quem era o Bigode,(..) com tantos elogios eu só poderia me sentir cada dia mais importante, de tanto que falavam de mim. (...) Enfim, atrás de todas as coisas boas que diziam de mim, também havia as coisas ruins que não eram ditas e sim gritadas, aos pontapés e muitos, muitos tapas no lugar em que um ser humano sente dupla dor, em sua própria face." (Herzer,1982:80)

Sendo a Unidade exclusiva no atendimento à menores do sexo feminino, a vida afetiva das internadas passava pela composição de "famílias" compostas por "pais" e "mães" dispostos a fornecer carinho e proteção à vários "filhos" e "filhas", sendo os papéis masculinos, obviamente, vivenciados por menores com conduta sexual invertida. Assumida a "identidade sexual masculina", o grande afeto que a autora sentia por suas companheiras de internamento fica explícito também nos vários momentos em que ela confessa ter voltado espontaneamente para a FEBEM depois de uma fuga, apenas para poder estar novamente junto de sua "mulher" ou "mulheres". Como "chefe de família", a autora sentia-se tão responsável por sua "prole", quanto orgulhosa do grande número de "mulheres" que tinha na instituição:

"Pois eu tinha a minha família, mas não um número tão grande de filhos, mas sim diversas mulheres, tantas que em um tempo me apelidaram de "galo", pois eu não tinha uma só mulher, tinha sempre uma fixa, mas por outro lado inúmeras na Unidade e também em outras unidades da FEBEM." (p.79-80)

A autora mostrava-se porém bastante cética em relação à existência da amizade propriamente dita, enquanto uma forma de afetividade desvinculada de práticas sexuais, entre as menores internadas:

"Talvez amigas não fosse o termo exato para referir-se às meninas, pois existem grupos, um círculo de amigas, não muito fixo, de vez que não há quase confiança;(..) Portanto, é uma amizade muito frágil." (p.54)

Mais que a Realidade, de Paulo Collen, é perpassado também por muita afetividade, mas aqui ela é o oposto da encontrada nos outros romances: é praticamente assexuada. Como todos os protagonistas dos romances, com exceção de O. Twist, são adolescentes, numa fase

da vida em que a descoberta e experimentação do sexo são imperativos próprios da idade, é interessante que o adolescente Collen praticamente não se refira às suas experiências de descoberta do corpo e do sexo, como fazem especialmente Choukri (*O Pão Nu*), Herzer (*A Queda..*) Genet (*Diário..*) e os personagens de *A Infância dos Mortos* e de *Capitães da Areia*.

As referências às atividades sexuais no relato de Collen (1987), geralmente dizem respeito a seus companheiros e companheiras de rua. Apenas por duas vezes comenta ter tido algum envolvimento sexual. A primeira foi uma tentativa de sedução por parte de um jovem mais velho, numa praia deserta. Tentativa que o menino rechaçou com veemência, afirmando antes de sair correndo que "sou homem". Aos leitores, confessa ter ficado "assustado" pois na Unidade da FEBEM em que havia estado, "não havia bichas e nunca tinha sido beijado". De uma outra vez, confessa ter se deixado acariciar por um "escurinho" que dormia com ele no quarto, na FEBEM, porque desta vez estava havendo "romance" já que o outro menino passara dias seguindo-o e agradando-o, pela Unidade. Confessa também que apesar de ser "muito bobo a respeito de sexo, sabia que o amor era para sexos diferentes", por isto, diz que nesta ocasião "não parava de pensar na Bruna Lombardi, pois achava que se me acostumasse, ficaria igual aos meninos passivos." (p.87)

De uma forma geral, Collen apegava-se de uma forma fraternal aos companheiros com que fugia da FEBEM, às amigas que vai conhecendo na rua e que acabam por "adotá-lo", no sentido de que convidam-no para fazer viagens e para morarem um tempo juntos, mas, principalmente aos companheiros de "mocó" que com ele dividiam o espaço da Praça da Sé: "Eu gostava mesmo era da Praça da Sé. Lá estava com meus irmãos(..)"p.170.

Ficou, de início, entusiasmado com a perspectiva de "morar" ali, pois "a própria praça promovia os acontecimentos". Assim, afirma tê-la explorado de todas as maneiras: "Afinal, era o meu lar e precisava conhecer bem a minha nova casa."(p.137) E é à amizade dos companheiros que credita a sua tolerância à vida incerta das ruas: "A vida na rua não era nada boa para um ser humano viver, o que fazia a gente concordar com essa vida eram os próprios amigos, muitas crianças iguais a mim." (p.143)

Ao contrário de Herzer que relata ter encontrado tanto afetividade quanto humilhações e torturas dentro dos muros da FEBEM, Collen parece separar radicalmente os dois lados: maus tratos e sofrimento ele reserva aos anos que passou na FEBEM, enquanto que afetividade e aventuras ele lembra ter conhecido apenas na "vida livre" das ruas. Collen deixa transparecer muito carinho pelos companheiros de rua, pelas pessoas que, de uma forma geral, não tinham, como ele, uma casa para morar. Descreve com entusiasmo saudosista os "mocós" que arrumavam para se esconder e passar a noite, assim como as atividades que desenvolviam em conjunto para arrumar suprimentos e vestuário, como se fossem uma grande "família":

" Fiquei um bom tempo nesta estação. Fizemos um mocó legal, todo mundo ajudou com o material. Era tão legal que parecia uma casa, só que era para todos. "(p.145)

O relato de Jean Genet é todo marcado por grande afetividade e uma alta carga de sexualidade. Ele afirma ter "tesão", desejo pelo crime, pela transgressão, pelos homens maus, bandidos ou mendigos-ladrões como ele. Aspira a "solidão moral" que acredita presente nos traidores. Por isso acredita amá-los, invejá-los, admirá-los. Quando pela primeira vez, é testemunha do desespero de um dos seus roubados, um soldado que como ele, servia ao Exército, relata que conheceu "uma curiosa doçura, uma espécie de liberdade (que) aliviava. (...) Seria isso a traição? Eu acabava de me separar violentamente de uma imunda camaradagem a que me levava minha natureza afetuosa, e experimentava o espanto de retirar disso uma grande força. Eu acabava de romper com o Exército, de cortar os laços da amizade." (Genet,1983:44-45)

Sua "natureza afetuosa" faz de seu **Diário** um relato interminável de casos amorosos entre homens. É ao "milagre da amizade" que Genet agradece o fato de possuir um "objeto (amante) belo". A homossexualidade, a traição e o roubo são para ele "elementos fascinantes". Toda pessoa ou instituição (como a polícia, o exército..) que possua estas "três virtudes" erigidas em "teologias" no seu **Diário**, torna-se, segundo o autor, "resplandescente, inatacável". Genet inverte em seu relato, todas as nossas noções de "moral" e "bons-costumes". Ele trabalha, respira, vive, pelo lado avesso. Não por acaso, refere-se sempre aos seus leitores como se estivessem do "outro lado" do seu mundo. Está consciente e orgulhoso da distância que o separa dos homens "normais", dos homens "de bem" e das coisas comuns : "(...) eis que reencontrava o verdadeiro sentido da minha vida [através do amor por Stilitano], sentido que só se realizaria fora do mundo de vocês." (p.84) É a nós leitores que ele se dirige.

Genet e seus homens, suas misérias, sua sordidez, suas pequenas e grandes lealdades e traições, seus versos, suas poesias, suas trepadas, suas abjeções e insolências, tudo isto nos é servido no livro, como se fosse á mesa ricamente preparada, onde, limpos e perfumados, descobríssemos sobre os pratos finamente guarnecidos, a mais pura podridão. E Genet é nosso genial e sarcástico anfitrião. Por detrás e sobre nosso insaciável, porém enfasiado apetite, ele tripudia : prepara nossa mesa como quem prepara uma cama para o amor - ele tem tesão também pela escrita. E isso, sem sombra de dúvida, é o que o une irremediavelmente, e mesmo contra a sua vontade, a nós e ao nosso mundo.

Mohamed Choukri afirma que a miséria a que foi submetido desde criança, uma miséria absoluta, marcada frequentemente pela morte, impermeabilizou-o ao afeto e compaixão alheios. Declara ter ficado "insensível ao afeto dos outros, tanto dos homens como das mulheres."(Choukri,1983:58) Neste ponto, os sentimentos confessados por Choukri assemelham-se aos atribuídos a Sem-Pernas (**Capitães da Areia**) por Jorge Amado, embora o menino abraisse uma "exceção no seu ódio, que abrangia o mundo todo, para as crianças que formavam os Capitães da Areia."(Amado,1991:112) A infância de Choukri, segundo Ben Jeullon, foi "sem pão nem ternura" e seu relato é, dentre todos, o mais rancoroso, marcado do início ao fim principalmente pelo ódio

mortal que tinha ao pai : "Se houvesse alguém cuja morte eu desejasse seria certamente meu pai. (...) Não me lembro quantas vezes o matei em sonhos. Só me faltava mesmo uma coisa: matá-lo realmente".(p.69) Um ódio tão profundo que o desaparecimento do pai era, para ele , um bom motivo para continuar vivo. A impressão que se tem é que o seu maior problema era, mais que a miséria econômica, o pai que tinha. Muito mais que a fome, a figura do pai o esmagava. Entre todos os romances, considero **O Pão Nu** também o mais erótico, pela surpreendente simplicidade com que o autor descreve suas descobertas e primeiras experiências sexuais : a vida na rua, a descoberta do corpo das meninas e depois das prostitutas, das mulheres adultas, dos homossexuais que o procuravam. É, como nos sugere o título, um "texto nu", coloquial e direto na forma de enunciar e denunciar a miséria e, paradoxalmente, também o que há de lírico nela.

b) Na ficção:

O clima de afetividade reinante entre Collen e seus companheiros (**Mais que a Realidade**) é semelhante àquela que existe entre os meninos abandonados imaginados por Jorge Amado. Os "capitães da areia" dormem todos juntos em um velho trapiche abandonado na praia, e realizam as atividades diárias em conjunto. Ao relatar que lia para a garotada à noite no "mocó", à luz de velas surrupiadas de uma igreja, livros roubados ou encontrados no lixo, Collen faz lembrar o "Professor", personagem integrante do bando dos "capitães" que, como "intelectual" do grupo, distraía a todos com suas leituras de contos de fadas e aventuras, tarde da noite, para embalar o sono de seus companheiros.

A afetividade reinante entre as crianças de **Capitães da Areia** e da **Infância dos Mortos** é semelhante, embora no romance de Jorge Amado a lealdade e companheirismo entre os integrantes do grupo se realize de forma mais plena. Se Dito (**A Infância dos Mortos**) viu frustradas todas as suas tentativas de formar um grupo que trabalhasse "honesto" e suprisse as suas carências, inclusive as afetivas, Pedro Bala tem em seu bando de pequenos ladrões, uma verdadeira família onde todos se protegem e auxiliam. Em certa altura do romance, chegam a encontrar uma "mãezinha" que surge para supri-los da falta de suas mães verdadeiras: para dar-lhes carinho, cozinhar e costurar-lhes as roupas. Dora é uma menina órfã que caindo nas graças do líder do grupo acaba por se integrar ao bando, que até então só se compunha de meninos. Enamora-se de Pedro Bala e já doente, "casa" com o menino, morrendo em seguida, deixando a todos novamente "órfãos".

Enquanto na **Infância dos Mortos** a formação de um grupo (uma quase "família") que se tornasse auto-suficiente, com casa e renda própria , não passou nunca de um forte desejo de Dito, personagem central do romance; em **Capitães da Areia**, esse grupo existe e é realmente como

uma "família" com leis próprias acerca da dignidade e lealdade que cada membro deve ter em relação ao companheiro. Interessante lembrar de uma passagem em **Mais que a Realidade** onde o autor relata o roubo de um objeto de uso coletivo, cometido por um menino do grupo. Collen(1987) afirma que "Nós mesmos o castigamos e cobramos dele, dissemos que não poderia mais continuar com o grupo nem dormir lá. A gente não aceitava rato de mocó de jeito nenhum." (p.136) Dito e Pedro Bala também costumavam banir de seus grupos, os membros desleais. Sem-Pernas por exemplo, em **Capitães da Areia**, teve uma crise de consciência e "se sentiu como um traidor do grupo" quando, hospedado por gente rica, para espionar as coisas de valor da casa, foi se acostumando à boa vida e principalmente ao carinho da dona da casa que via nele o substituto de seu filhinho morto. Mas decidiu por fim que "Não, ele não os trairia. Antes de tudo estava a lei do grupo, a lei dos Capitães da Areia. Os que a traíam eram expulsos e nada de bom os esperava no mundo "(Amado,1987:112)

Outra diferença na vida afetiva de Pedro Bala e Dito é que o primeiro tinha grande afeto por todos os que compunham o seu bando, sentindo-se responsável por eles e sempre retribuindo com proteção, demonstração de coragem e muito senso de justiça a confiança que nele depositavam enquanto chefe do bando. Dito, nunca tendo conseguido formar seu próprio bando de forma mais estável, confessa ter afeto por uns poucos companheiros, mais jovens que ele e que tinham acompanhado-o em algumas aventuras. É a morte destes amigos, "os poucos pelos quais sentia algum afeto" que vinga continuamente.

Como não podia deixar de ser, o despertar da sexualidade está muito presente no cotidiano dos personagens adolescentes destes dois romances, mas enquanto no de Jorge Amado (**Capitães da Areia**) há várias referências à homossexualidade, no de Louzeiro (**Infância dos Mortos**) ela é sempre heterossexual. A homossexualidade entre os "capitães", à noite no trapiche em que todos dormem, é encarada com naturalidade por todos os membros do grupo, embora nem todos a pratiquem, mas o autor sugere que todos os meninos, mesmo os mais novos, praticavam o sexo, seja com os companheiros de grupo, seja com as "as negrinhas que ofereciam o amor na areia quente do cais".

A homossexualidade é porém arrancada de entre os "capitães" pelo chefe do bando. Este a erradicou "como um médico arranca um apêndice doente do corpo de um homem", quando o padre José Pedro que visitava os meninos em seu esconderijo, revela ao grupo que tal prática "era coisa indigna num homem,fazia um homem igual a uma mulher, pior que uma mulher".(p.99) O padre recorreu a tal expediente pois percebeu que somente atacando a virilidade do grupo atingiria seu objetivo, já que seus sermões sobre o "pecado" e a "moral" não surtiam qualquer efeito sobre os meninos.

Oliver Twist é privado de toda e qualquer afetividade em praticamente todo o romance. Já no início de sua estória o autor afirma que o recém-nascido, após vestir as roupas de

algodão surrado, usadas no asilo, "Era dali por diante (...) o humilde sofredor votado às privações, às pancadas, aos maus-tratos, condenado a ser desprezado por todos e a não ser lamentado por ninguém."(Dickens,1966:7). Tanta privação e solidão, tanta falta de amizade e afeto, o pequeno Oliver começa a expressar mal aprende a falar : " Sou um menino muito pequeno e tão..tão.. tão só, senhor! Tão, tão só ! Todos me detestam.(..)" (p.27).

Tamanho abandono e solidão só mesmo são compensados pela compaixão e inevitável ternura que o pequeno órfão desperta em seus leitores. Mas ele finalmente pode dispensar tal solidariedade da qual não pode desfrutar, quando encontra a felicidade ao lado de benfeitores que vão proporcionar-lhe uma família: a que lhe foi usurpada por circunstâncias nebulosas, mas próprias de todo enredo romântico que ao final nos revela uma surpresa, um desvendar de mistérios e um feliz desfecho.

1.2 As Drogas

a) Na ficção:

Com relação ao uso de drogas, há um grande silêncio n' **A Infância dos Mortos** e em **Capitães da Areia**. É como se esta não fosse uma prática comum entre as crianças e adolescentes que vivem nas ruas. Há referências somente ao uso do cigarro pelos menores. Em **A Infância dos Mortos** há uma passagem em que Dito, aborrecido por uma situação, pensa em pedir uma bebida alcoólica ao dono de um bar e desiste porque "sabe" que o homem não venderia por ele ser "menor". Dito tem já quinze anos e o autor o descreve como um garoto bem proporcionado para a idade. A passagem não convence quando sabemos que em nossa sociedade, drogas e bebidas alcoólicas são facilmente acessíveis a menores, embora proibidas por lei.

b) Nas autobiografias:

Para se ter uma idéia de como ficou distante da realidade este silêncio sobre o uso de drogas, Herzer e Collen, em sua autobiografias, nos dão um impressionante depoimento. Herzer descobriu-as cedo, ainda menino e em companhia dos pais adotivos, na forma da cachaça surrupiada à geladeira de casa. Depois não mais parou de beber e o álcool, aliado aos comprimidos de Optalidon que conheceu junto às meninas de uma "Comunidade Terapêutica" tornaram-se um dos mais fortes motivos para a internação na FEBEM. A autora faz questão de salientar que :

"A ironia das situações deve ser neste ponto, colocada: por estranho que pareça, devo ressaltar o paradoxo. Apesar de tudo, naquela lanchonete, eu nunca havia provado nenhuma droga, mas a Comunidade Terapêutica Enfance não me guardou deste obstáculo. Lá se cuidavam de adolescentes (homens e mulheres) e crianças." (Herzer, 1982:33)

Herzer era adepta das drogas. Experimentava todas que lhe fossem oferecidas. Conseguia-as facilmente, junto a companheiros da mesma idade ou de adultos.

Collen, ao contrário, era avesso ao uso de drogas e bebidas alcoólicas. Experimentou muitas dificuldades junto a companheiros de rua por não "cheirar cola de sapateiro" nem "fumar maconha". O grupo tendia a rejeitá-lo como um "estranho" ou um "laranja" (iniciante da vida na rua) por não participar dos costumes. Mas Collen testemunha que: "Era barata e qualquer loja vendia. Tinha um senhor de uma loja de aparelhos eletrodomésticos que vendia cola diariamente." (Collen, 1987:143) E ainda que: "Não faltava cola nestes lugares todos. Tinha menino que não passava um dia sem cheirar". (p. 172)

Mohamed Choubri, também desde muito cedo na vida utilizou bebidas alcoólicas e cachimbos de 'kif' (no Marrocos, folhas secas, soltas, de maconha). Beber e usar maconha junto com amigos e mulheres fazia parte do seu dia a dia nas ruas.

1.3 A Liderança:

a) Na ficção:

A liderança entre os menores é mais evidente nos romances de ficção. Ela é evidente em **Capitães da Areia** na figura carismática de Pedro-Bala: é ele quem planeja os furtos, organiza os assaltos, dá proteção aos membros do grupo, comanda a garotada nas atividades diárias. Todos do bando o admiram e respeitam enquanto "chefe". E é evidente também em **Dito (A Infância dos Mortos)** embora ele não possua um bando permanentemente formado e nem tenha sua liderança tão irrestritamente reconhecida como a de Pedro-Bala. Sua influência sobre os companheiros é porém manifesta, já que é quem planeja e organiza as atividades em comum, tanto as "honestas" quanto as "criminosas".

Oliver Twist, o pequeno órfão, ao contrário de exercer qualquer liderança sobre seus companheiros, é constantemente dirigido em suas atividades e vida diária. Quando tem sua experiência de vida na rua junto a um pequeno bando de meninos ladrões, o líder do grupo é um adulto - o inescrupuloso judeu Fagin - e não um dos próprios meninos como acontece em **Capitães da Areia**.

b) Nas autobiografias:

No prefácio de *A Queda para o Alto* Eduardo Suplicy, que responsabilizou-se pela guarda da autora perante o Juiz de Menores em 1980, escreve que " Em todas as unidades femininas da FEBEM (...), Herzer se tornou mais que líder, 'chefe de família', pessoa responsável por muitas iniciativas.." (Herzer, 1982:10). Nas fugas da FEBEM no entanto, é que a liderança de Herzer parece se evidenciar mais, já que é ela quem decide o rumo a ser tomado, onde passar a noite, onde se esconder, etc. No convívio dentro da instituição, sua liderança é bem mais difusa, e, de acordo com seu relato, parece estar muito mais ligada à afetividade do que ao espírito de iniciativa ou tomada de decisões. Sendo a autora homossexual travestido, confessa-se muito admirada, desejada e respeitada pelas companheiras de instituição e até mesmo por outros "machões" como ela :

" (...) eu comecei a ser conhecido como um garoto lá dentro, todas as meninas passaram a me tratar bem, a me ouvir, e, muitas vezes até respeitar minhas decisões.(..) Nesta época alcancei o auge. Meu apelido se espalhou para todos os lados (...) sempre tive minha vaidade,mas com tantos elogios eu só poderia me sentir cada vez mais importante, de tanto que falavam de mim." (Herzer, 1982:69-79-80)

Collen (*Mais que a Realidade*) não chega a se definir como "líder" de turma. Na maioria das vezes está associado a apenas mais um ou dois companheiros. Quando são companheiros mais velhos que ele, percebe-se que é um deles quem comanda as atividades. O seu relato sobre o tempo que passou morando nas ruas de São Paulo parecem remeter a alguma liderança que ele possa ter tido sobre os companheiros de rua ou de "mocó". Isto não é evidente mas apenas sugerido nas entrelinhas. Quando ele se refere por exemplo, à "descoberta" e "arrumação" dos "mocós"(abrigos improvisados nas ruas), dá a entender que era um dos que comandava tais operações:

" (...) Tinha dias em que ia uns quinze meninos dormir com a gente. Eu tentava só deixar os que não eram viciados. Mas a cola acabou vindo também. Eles sabiam que eu não cheirava, mas não era por isso que eles não cheirariam." (Collen, 1987:146)

Esta questão da liderança fica difícil de discernir nas auto-biografias porque como é o próprio protagonista quem narra a história, natural que ele a conte sob o seu ponto de vista, partindo sempre de si mesmo e de seus sentimentos. Ora, como saber se as coisas realmente aconteceram da forma como são narradas ou se é o desejo do narrador de que elas assim tivessem ocorrido? E isto principalmente quando se trata de uma questão como a da liderança que envolve amor-próprio, reconhecimento e respeito alheio, admiração, etc.

Neste caso, mais uma vez, o relato de Jean Genet foge à regra. Sendo também autobiográfico, não deixa dúvidas porém, de quem estava na "liderança" era, não ele, autor e protagonista, mas sim os seus companheiros. Como homossexual, nos seus relatos de paixões por

homens bem mais velhos, evidencia que estava sempre à mercê das vontades e decisões dos amantes. Não por falta de personalidade, robustez, ou covardia, mas por "paixão".

Em **O Pão Nu**, a questão da liderança nunca é mencionada. Apenas em uma passagem Mohamed Choukri(1983) refere-se ao respeito que os companheiros tinham por ele : " Os meninos me temiam. Eu os assombrava: conseguia falar mantendo uma ou duas giletes na boca sem me cortar. Sabiam que eu era o rei no manejo da gilete, fosse para brincar, fosse para brigar." (p.57). Choukri menciona ainda, uma "turma amiga" e outra "inimiga" de companheiros de rua. Não menciona se tinham líderes. A turma "inimiga" foi responsável uma vez por sua transferência para uma outra cidade, forçado pelo pai. De outra feita, recorda deliciado a surra que a "sua" turma aplicou em seu pai quando este quis agarrá-lo em plena rua. Na maioria das vezes porém, o autor está em situações solitárias, um ou outro companheiro apenas o acompanha. A questão da liderança não chega a ser colocada. É importante lembrar que esta sempre se dá em relação a um grupo de convívio mais ou menos permanente e com atividades comuns. Há apenas um amigo de mesma idade, com quem Choukri inicia sua vida sexual junto às mulheres de uma zona de prostituição. Entre os dois as coisas eram decididas de comum acordo, embora tivesse sido o companheiro que o apresentou ao lugar e às anfitriãs.

1.4 Revolta e Ressentimentos: a visão de mundo

a) Na ficção:

No romance **A Infância dos Mortos**, o autor centra a história sobre um personagem (Dito), mas permanece sempre à alguma "distância" dele e dos acontecimentos que o envolvem. Descreve-o apenas superficialmente. **Capitães da Areia** é romance pleno de personagens - "os capitães"- todos bem descritos e elaborados. Uns mais que outros, mas o autor opta por "entrar" na cabeça e no mundo dos meninos e descrever o que pensam, como vêem o mundo, o que desejam para si e para os outros. Talvez por isto o romance tenha um apelo mais dramático, mais "humano" que as situações vividas por Dito em **A Infância dos Mortos**. Embora estas sejam, em si, mais cruéis (as torturas policiais, as traições e dificuldades do submundo), acabam no entanto, sendo um elemento que colabora para a sensação de "irrealidade" que cerca a estória. Trata-se da quase "indestrutibilidade" do protagonista que, feito um andróide, parece sempre renascer das cinzas quando dele já não se espera mais sinal de vida. Dito sempre reaparece, envolto em ataduras, alquebrado, algemado, para a "vingança final": o extermínio de todos aqueles que lhe fizeram mal e

aos seus companheiros, ao lado do restabelecimento da "justiça" na sociedade. Ele desaparece finalmente, na última página do romance quando já se espera que da situação de perseguição ele escape novamente. Mas cai de um edifício e então encontra a morte. A impressão é que a história terminou¹.

Em *Capitães da Areia* o autor apresenta algumas dezenas de garotos abandonados que vivem juntos e descreve uma meia-dúzia deles de forma mais demorada, contando suas histórias particulares, reminiscências da primeira infância, origem dos pais, como entraram para o bando, como são e o que pensam da vida e da sociedade que os cerca. Assim, passamos a conhecer e também a amar Pedro-Bala, Professor, Gato, Boa-Vida, Barandão, Sem-Pernas, Pirulito, João-Grande, Volta-Seca. Mas é no personagem "Sem-Pernas", um dos mais patéticos do bando, que o autor centraliza os pensamentos e desejos que atravessam todos eles. "Sem-Pernas", aleijado de uma perna, é o "espião do grupo" fazendo-se passar por um órfão aleijado para penetrar na casa das famílias e passar as informações aos companheiros. Dentro do bando tem fama de "malvado", mas o autor afirma que: "no fundo de seu coração ele tinha pena da desgraça de todos. E rindo e ridicularizando era que fugia de sua desgraça. Era como um remédio."(p.33) Ainda nas palavras do autor:

" O que ele queria era a felicidade, era alegria, era fugir de toda aquela miséria, de toda aquela desgraça que os cercava e estrangulava (...) Tinha verdadeira satisfação ao pensar em quanto o xingariam aquelas senhoras que o haviam tomado por um pobre órfão. Assim se vingava porque seu coração estava cheio de ódio. Confusamente desejava ter uma bomba que arrasasse toda a cidade, que levasse todos pelos ares. Assim ficaria alegre. Talvez ficasse também se viesse alguém, possivelmente uma mulher de cabelos grisalhos e mãos suaves, que o apertasse contra o peito, que acarinhasse o seu rosto e o fizesse dormir um sono bom (...) Assim ficaria alegre e o ódio não estaria mais no seu coração."(Amado,1991:36-37)

Aqui percebe-se tanto o estado de carência afetiva, a solidão do abandono que permeava o menino, quanto o seu desejo de vingança, a revolta e ressentimento contra aqueles que considerava " culpados" por seus infortúnios e dos companheiros: "Porque o Sem-Pernas achava que eles eram todos culpados da situação de todas as crianças pobres. E odiava a todos, com um ódio profundo."(p.108) Em *Oliver Twist* há um silêncio sobre revoltas e ressentimentos. Talvez a "boa índole" do menino não lhe permitisse tais sentimentos.

¹ Na adaptação desta estória para o cinema, que se deu sob a forma do filme "Pixote", corrigiu-se de forma magnífica esta impressão de "final fechado" para a história dos "meninos de rua". A cena final é significativa disto: o menino Pixote, protagonista da estória, depois de ter assassinado por engano seu amigo Dito, (que no romance é o protagonista enquanto Pixote "morre" já nas primeiras páginas), foge do local e a câmera o acompanha à distância por um longo tempo enquanto ele segue equilibrando-se por sobre os trilhos de um trem de subúrbio. A melancólica caminhada, a alusão à luta que o menino vinha desde cedo travando sobre o fio da vida, é comovente e estarrecedora. Anos depois, percebemos que foi também profética quando, revendo-se o filme, já sabemos da sumária execução do jovem ator pela polícia militar de São Paulo, sua cidade.

b) Nas autobiografias:

Os ressentimentos e revolta em relação à sociedade envolvente, tão evidentes nos romances de ficção, nas "falas" e "pensamentos" de Sem-Pernas (*Capitães da Areia*) e Dito (*Infância dos Mortos*), são também bastante evidentes nos relatos autobiográficos de Herzer (*A Queda..*), Collen (*Mais que a Realidade*) e Choukri (*O Pão Nu*). Mas há diferenças. A revolta e ressentimento de Herzer são dirigidos inicialmente à sua família de origem e aos pais adotivos que lhe proporcionaram somente "lares inseguros e insinceros". Mais tarde, volta-se contra os funcionários e diretores de sua Unidade na FEBEM, responsáveis por toda aflição física e psicológica que ela e as demais companheiras de instituição sofreram.

Por sua vez, Collen manifesta ressentimentos mais generalizados, dirigindo-os à sociedade como um todo, e, algumas vezes contra si mesmo, como demonstra esta passagem: "Dentro de mim a revolta ia crescendo. Revolta contra o mundo, contra mim mesmo. Resolvi cortar a veia do braço outra vez, assim eles me mandariam embora daquele lugar [hospital psiquiátrico]." (1987:114) Embora mencione ter tido especial antipatia por alguns funcionários ou enfermeiros da Febem e do hospital psiquiátrico que frequentou, uma revolta mais ampla, está dirigida ao "sistema capitalista" como um todo, e à manifesta desigualdade social presente na sociedade: "Porque existia pobre eu não conseguia entender. Porque todo mundo não era igual?" ele afirma ter se perguntado muitas vezes durante a adolescência nas ruas. De certa forma manifesta ressentimentos contra todos e contra ninguém em particular. Confessa que ele e os companheiros de rua não gostavam "nada" do que chamavam "os burguesinhos", e também dos "ricos". Refletia que: "Os que têm, não dão oportunidade para os que não têm." Confessa ter sentido uma vez também, "inveja" de um menino que viajava em companhia do pai: "ele poderia ser pobre, mas tinha um pai, o que eu não tinha". Em relação à ação policial de repressão aos meninos nas ruas, suas queixas são tênues e apenas constatam que na rua "Era como a vida na FEBEM... Aqui fora não éramos aceitos também." (Collen, 1987:142)

Em *O Pão Nu*, Mohamed Choukri, o menino árabe, manifesta ressentimentos contra o "Deus" no qual sua mãe depositava todas as esperanças e que, na opinião do menino, não lhes dava uma "oportunidade". Em relação à desigualdade social, é tomado da mesma perplexidade que acoitava Collen. À desigualdade entre as famílias ricas e pobres, manifesta-se revoltado: "Estranho! Meu pai na prisão, minha mãe se desdobra no mercado e eu, sozinho, nos dedos da fome, nas mãos deste homem, este estrangeiro com sua mulher, confortavelmente instalados numa casa enorme. Por que nada temos nós? Por que eles e não nós?" (Choukri, 1983:19) Tinha também um ódio enorme, insuperável, ao pai carrasco e assassino. Um ódio que, segundo Ben Jelloun, era

alimentado até a amnésia do seu nome: " Eu sabia como meu pai se chamava mas não me lembro mais" ele afirma à certa altura. As autobiografias de Choukri e Genet semelhantes em alguns pontos, distanciam-se radicalmente no da revolta e ressentimentos contra outrem pelas condições de vida enfrentadas.

Genet na verdade, destoa de todos os outros romances neste ponto. É o único a confessar que, em sua escolha de levar uma vida criminosa e desregrada, "jamais entraram a revolta, a amargura, a raiva ou qualquer outro sentimento desse tipo", deixando claro que a razão "mais simples" para esta escolha foi "a necessidade de comer"(Genet,1983:11).

1.5 Estratégias de sobrevivência e justificativas.

a) Nas autobiografias:

Em suas autobiografias, Genet (**Diário de um Ladrão**) e Choukri (**O Pão Nu**) assemelham-se na consciência que têm de sua condição miserável. São mendigos e ladrões sem remorsos. Consideram "legítimo" roubar de quem os rouba. Genet afirma ter tirado desta situação de vida, além da sobrevivência, prazer e orgulho, e uma espécie de alimento à sua poesia e lirismo. Choukri afirma apenas ter fugido à exploração do pai e do patrão. Como Genet, também mendigava, mas foi ainda um "pequeno trabalhador": engraxava sapatos, vendia jornais, auxiliava sua mãe no mercado. Genet nunca trabalhou. Mas ambos se prostituíam. O relato do menino árabe assemelha-se ao relato do francês Genet, especialmente na forma como justifica suas ações transgressoras. Afirma, quando pequeno trabalhador explorado pelo pai e pelo patrão, ter considerado legítimo roubá-los por ser também roubado por eles. Quando ainda menino violentou uma criança, ao ser repreendido, retrucou em pensamentos para a tia que o admoestava, à moda de Genet, que "amava" fazer o que era "mau" e que isto lhe dava "prazer". Em relação à prostituição com homens bem mais velhos, acalmava sua consciência refletindo que era um "trabalho como os outros, além do roubo e da mendicância". Mostrava-se de início surpreso em ver que o sexo também podia ajudá-lo a sobreviver pois se "trabalha e tem prazer"(Choukri,1983:81) Genet, também faz questão em seu relato de mostrar o seu "talento" em amar a vida em seus detalhes mais sórdidos, de forma que se tornassem para ele sinais de "grandeza e orgulho". É assim que um tubo de vaselina utilizado para suas práticas homossexuais transforma-se numa noite em que foi detido pela polícia espanhola de, um "sinal da própria abjeção em meios aos objetos elegantes tirados dos outros homens detidos", em um ícone que lhe lembra "o rosto daquela que, durante um sonho realizado ao

longo das velas negras da cidade, foi a mãe mais querida". Um objeto aureolado que lhe salvou do desespero na prisão, e lhe deu a certeza de "triumfar" sobre "toda a polícia do mundo".

Herzer e Collen, crianças brasileiras, raramente referem-se a delitos que porventura tenham cometido. Quando o fazem, também justificam-se: a fome, o abandono, a revolta pura e simples não lhes deixaram escolha. No entanto, relatam com frequência furtos e assaltos cometidos por outros menores, companheiros de rua ou de instituição. Mas sempre enfocam a "necessidade" ou a falta de opção destes companheiros ao praticarem a infração. Jamais se posicionam contra os companheiros e a favor da lei. Fazem a crítica social. Culpam a sociedade capitalista " injusta e excludente": "Somos frutos desse regime capitalista que só dá regalia a uns poucos" (Collen,1987:136). Collen chega a referir-se por algumas vezes aos "arrastões" (em voga ultimamente na imprensa nacional como uma "nova" modalidade de assalto) praticados por colegas ou por um outro bando "que roubava". Ele confessa ter participado de um "saque" à supermercado, tendo porém entregue o produto do roubo à uma mulher com filhos pequenos. Afirma que preferia "pedir" nas casas e catar coisas no lixo, a roubar .

b) Na ficção :

Dito e Pedro Bala, protagonistas de **A Infância dos Mortos** e **Capitães da Areia**, são também infratores, mas não confessam tão abertamente quanto Genet e Choukri, que são "ladrões". Quando confessam as infrações, justificam-nas afirmando a inevitabilidade de certas situações e a inexistência de uma "opção" entre o "Bem" e o "Mal". Segundo eles, a "sociedade" colocou-os já de antemão no "caminho errado". E não se orgulham disto, como Genet. Lamentam a má sorte, ao contrário do ladrão e escritor francês que em momento algum de sua autobiografia, lastima o "destino". Dito e Pedro Bala criam dentro de seus bandos de "pivetes", leis próprias de dignidade e lealdade. Quem infringi-las deve ser banido. Dito (**Infância dos Mortos**), no início do romance, reclama dos companheiros de rua que "só pensam em roubar" e lhes sugere a formação de um grupo, uma quase "família", com "casa" e tudo . Um grupo que trabalhe honestamente, ganhe "uma grana tranquila" fazendo carreto nas feiras para "as madames", vendendo sanduíches, milho cozido,etc. Propõe dividir todo o ganho em partes iguais, e a lei entre eles seria a do companheirismo e lealdade. Mas as perseguições policiais e o pouco caso das pessoas a quem desejam prestar serviços, acabam por não lhe deixar "escolha". Então o adolescente decide-se pelo contrário: formar uma quadrilha de assaltantes para "se encher de dinheiro". Dali para diante, nada de trabalho honesto. Aqui percebe-se o quanto o personagem sente-se "predestinado" ao crime:

" Não adiantava mais tentar evadir-se dos acontecimentos. Seu trabalho era aquele, seu ofício tinha as cores do sangue.(.) Ligara-se ao sangue desde cedo e dele não poderia fugir." (Louzeiro,1981:108)

Dito matou, em todo o romance, seis pessoas a sangue-frio, sempre por vingança, por algum mal que lhe haviam feito ou aos companheiros, os poucos pelos quais considera ter sentido algum "afeto".

No bando imaginado por Jorge Amado, os assaltos e furtos são planejados com meticulosidade. Cada membro do grupo desempenha um papel importante para o resultado final, e o produto do roubo é dividido de forma igualitária.

Oliver Twist, personagem criado por Dickens, assim como Genet e Collen, era um órfão aos cuidados do Estado. Embora tendo também que enfrentar todo tipo de adversidade, não permite dúvidas: Dickens o fez bom e honesto diante de todas as forças que tentam corrompê-lo. Em momento algum o menino comete qualquer deslize moral. Nem mesmo quando, por força das circunstâncias é levado a morar com um bando de pequenos ladrões londrinos chefiados pelo que hoje poderia ser chamado um "pai de rua"- o judeu Fagin. A semelhança de Oliver (fictício) com Collen (real) é que ambos foram criados até mais ou menos a idade de dez-onze anos, em regime de internamento. Na pré-adolescência é que "ganham o mundo". Collen, embora confesse ter sido "forçado pela necessidade" a cometer infrações, deixa bem claro ter sempre preferido "trabalhar" e "pedir" do que roubar. É um "bom menino", como Oliver Twist. Genet é o negativo psicológico de Oliver Twist. Estão nos extremos opostos de uma escala de honradez e bom-mocismo. Se Oliver é puro diante de tudo e de todos, Genet é um "santo" em sua sordidez e insolência. Ele mendiga, se prostitui, rouba esmolas de igreja e até de companheiros, dizendo-se indiferente "às regras de lealdade e retidão". Confessa que para seu próprio espanto, retirava "uma grande força" dos atos em que conseguia romper os laços do amor e da camaradagem. Quando conseguia praticar o que chamava de "traição".

1.6 A vida na rua e nas instituições de atendimento

a) Nas autobiografias:

Se Herzer e Collen diferem radicalmente quanto ao hábito do uso de drogas, são unânimes porém, ao manifestarem indignação quanto às condições de internamento de menores (incluindo eles próprios) na FEBEM de São Paulo. Segundo estes autores, a internação, seja qual for o "grau de periculosidade" do sujeito, mas principalmente se for um "novato" ou "primário", é a pior coisa que pode acontecer na vida de um menor. Neste sentido, Herzer (1982) exclama já no início de seu relato, e reafirma muitas vezes mais adiante: " FEBEM... Um encontro direto com a marginalização!" (p.36)

Collen (1987) expressa-se de forma idêntica: "(...) E a FEBEM é a escola da mendicância e do banditismo." (p.79) Ao longo de seus depoimentos os autores descrevem, as vezes minuciosamente, os horrores e injustiças presenciadas e sofridas quando internos. Collen chega a imaginar-se eleito "presidente da FEBEM" e, de "posse do cargo" passa a explicar como seria a sua "administração": a prioridade seria a educação e a profissionalização do menor abandonado ou infrator. Tudo, obviamente, com muita liberdade e bons-tratos. Para Collen, "Se ainda hoje a FEBEM continua formando mendigos e bandidos a culpa é das próprias instituições, que foram abertas para preparar as crianças e no entanto só as marginalizam ainda mais." (1987:127)

Jean Genet e Mohamed Choukri em seus relatos não mencionam qualquer internação em instituição de atendimento. Referem-se apenas às prisões pelas quais passaram. Choukri(1983) é enfático no entanto, ao revelar que gostava de viver na rua. E que sentia verdadeiro "prazer em dormir ao relento em companhia dos mendigos." (p.58) Afirma que preferia muitas vezes o ambiente da rua à casa em que era obrigado a encontrar o odiado pai. Este resgatava-o das ruas para espancá-lo em casa. Confessa a verdadeira satisfação que sentiu numa vez em que o pai foi também espancado por sua turma.

Collen(1987) revela ter conhecido "o mundo aqui fora" só aos onze anos de idade depois da primeira fuga da FEBEM paulista onde era interno desde bebê. A partir desta primeira vez, não mais conseguiu permanecer internado e a sua vida tornou-se uma sucessão de fugas e capturas. Como visto acima, a visão do menino sobre a instituição que frequentava, era muito negativa, mas isto não fazia que considerasse a rua o lugar ideal para se viver. Ele afirma à p.147 que "a vida na rua não era nada boa para um ser humano viver" e que só aguentava essa vida porque na rua tinha muitas crianças iguais a ele, passando pelas mesmas dificuldades. Em algumas passagens no entanto, justifica que não permanecia na instituição de atendimento porque depois da primeira fuga descobriu a "liberdade", e que assim, a fome e o frio que porventura a vida na rua lhe trouxesse, valeriam a pena. Nas páginas 22 e 50, compara a si e aos colegas aos passarinhos que "cantam, brincam e voam sem destino" e que, mesmo "protegidos" em suas gaiolas não hesitam em fugir quando encontram a porta da prisão aberta. Em outra passagem, revoltado com os maus-tratos e agressões destinados às crianças de uma unidade da FEBEM pelos inspetores, reflete: "As vezes as pessoas pensam que os menores se rebelam porque querem liberdade ou voltar para a rua para roubar. Não. Nós não queremos é viver apanhando." (p.81)

Herzer e Genet não fazem alusão aos seus sentimentos em relação a períodos que passaram dormindo nas ruas. Em Herzer os períodos de vida na rua eram breves, geralmente em fugas da FEBEM. Genet também só dormia ao relento quando estava foragido. Mas, mesmo dormindo em pensões baratas, casa de amantes ou abrigos para indigentes, passava a maior parte do tempo na rua. Todo o seu livro é uma declaração de que esta é a vida que gostava.

b) Na ficção :

No romance de Jorge Amado (*Capitães da Areia*) percebe-se claramente a oscilação entre se valorizar a "liberdade" que a vida na rua oferece, ou lamentar as "dificuldades" nela encontradas. Uma oscilação que não parece vir do autor, pois este é taxativo na caracterização dos "capitães"- meninos abandonados que viviam do furto pelas ruas da cidade:

* "Vestidos de farrapos, sujos, semi-esfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas." (Amado, 1991:27)

Pedro-Bala, o líder da turma, é o porta-voz do autor. Seus comentários sobre a vida que levam, são sempre no sentido de destacar a liberdade e a beleza que as ruas da cidade de Salvador têm a lhes oferecer e não se queixa das dificuldades diante dessa generosidade². O autor, embora através desta personagem valorize positivamente o espaço da rua como local de prazeres e liberdade, coloca diversas vezes, na voz de outra personagem a dúvida de que seria mesmo a rua o local ideal para se viver. É Sem-Pernas quem faz o contra-discurso. Instala a dúvida ao refletir que, ao lado da "liberdade das ruas" havia também "o abandono de qualquer carinho, a falta de todas as palavras boas." E que, afinal de contas, "a alegria daquela liberdade era pouca para a desgraça daquela vida".

Em *Oliver Twist* e *A Infância dos Mortos* não há referências positivas ou negativas em relação aos períodos vividos na rua. No romance inglês, o pouco tempo que o menino Oliver dormiu ao relento deveu-se à sua fuga de um "lar" adotivo. No caminho para Londres passou fome, frio e humilhações. Toda a busca do menino por uma casa decente e o amor de uma família, deixam bastante claro que a "liberdade" das ruas não o atraía. De igual forma, Dito (*A Infância dos Mortos*) embora não reclame da vida nas ruas, também deixa claro que o seu maior sonho é um dia "montar" uma família com casa e trabalho honesto, junto de seus companheiros de rua. Os dois romances contrastam bastante portanto, em relação ao lirismo atribuído à vida na rua, descrito em *Capitães da Areia*.

Este último, como já colocado, inicia transcrevendo editoriais e a seção de cartas de um jornal onde leitores discutem a questão dos chamados "capitães da areia", o bando de "crianças

² Acredito que esta seja a "posição" do autor porque Jorge Amado expressa-se da mesma forma em relação à "liberdade e lirismo das ruas", vivido por Balbuíno no romance "Jubiabá" de 1935: Balbuíno, menino pobre e negro era chefe, como Pedro Bala, de um grupo de moleques e fugiu da confortável casa em que foi acolhido pelo protetor, rico e branco, porque na rua "Vivia a grande aventura da liberdade. Sua casa era a cidade toda, seu emprego era corrê-la". Segundo Gomes (1981), *Capitães da Areia* é sob certos aspectos, a "continuação" de *Jubiabá*, pois expõe problemática idêntica: a revolta alienada do protagonista oprimido pela sociedade, deixa de ser inútil quando colocada a serviço das massas.

ladronas" que perturba a paz da cidade. Nesta discussão, fica evidente um lado que ataca os chamados "reformatórios" e um lado que os defende. No "ataque" estão uma modesta costureira, mãe de uma criança que estivera interna no aludido reformatório e um padre (personagem do romance) que administra educação religiosa aos ali internos. Na "defesa" da instituição estão, naturalmente, o diretor do reformatório, o juiz de menores, e o próprio jornal.

A única experiência que os capitães têm do reformatório é trágica e se dá já no final do romance quando Pedro Bala é preso pela polícia e vai para a instituição, enquanto Dora, sua "noiva", vai para um orfanato. Para que traia os companheiros e revele o esconderijo do bando, o menino é torturado e mantido a pão e água numa solitária por mais de uma semana. Dora no orfanato perde "a alegria e a saúde". Sai de lá quase moribunda, resgatada pelo namorado Bala e os outros meninos do bando. A menina morre praticamente em seguida à fuga, vítima da febre e da solidão que a acossaram na instituição.

Em *Oliver Twist* e *A Infância dos Mortos* as instituições de atendimento são descritas também de forma negativa. Charles Dickens faz uso constante da ironia e do que se poderia chamar humor negro para descrever as condições de vida a que são submetidos os pequenos órfãos dentro do asilo municipal de mendicidade, e para relatar o que se passa na cabeça dos 'dignos' e 'piedosos' mordomos, zeladores e amas destas instituições. Dickens é efetivamente sarcástico e demonstra um grande descrédito em relação às instituições de atendimento a menores abandonados em seu país, assim como um grande descrédito em relação às pessoas envolvidas no trabalho de assistência social. No início do romance, quando descreve as condições do nascimento de Oliver Twist, numa passagem em que o recém-nascido chora, o autor reflete: " Se tivesse podido saber que era um órfão sujeito à terna piedade dos mordomos e dos zeladores do asilo talvez tivesse chorado com mais força ainda." (Dickens, 1966:7)

Em *A Infância dos Mortos* (1981) é descrita a crueldade e corrupção dentro das instituições de atendimento a menores, mas também nas delegacias de polícia onde, numa passagem significativa, todo o trabalho de cirurgiões e enfermeiros pagos pelo Estado para atender à população carente (neste caso, Dito era o paciente) é inutilizado através da tortura do prisioneiro. Um círculo vicioso se instala: o Estado fere para depois curar e cura para novamente ferir. Na página 156: " O médico manda que [os policiais] aguardem um pouco, enquanto reexamina papeletas. Dito imagina o desperdício daquilo tudo. Sabia bem o que ia lhe acontecer. Todo o tratamento que recebera ali de nada adiantaria." Também a "desova" de prisioneiros, incluindo várias crianças, de uma delegacia superlotada, descrita no capítulo sete, assim como a escravidão sexual e negação de alimento e água à menores infratores numa "colônia agrícola", no capítulo cinco, muito se assemelham ao tratamento desumano dispensado aos internos nos asilos londrinos descritos por C. Dickens em *Oliver Twist*.

2. Os retratos do cotidiano

O contraste entre a "riqueza" de detalhes nos retratos produzidos pela literatura romântica sobre o cotidiano de crianças de rua, e a ausência destes detalhes nos estudos acadêmicos que vêm sendo produzidos há pelo menos três décadas pelas ciências sociais, confirmam o parecer de pesquisadores como Werner, Vogel e Alvim e Valadares. Ou seja, uma etnografia do chamado "cotidiano" de crianças e adolescentes de rua, curiosamente ausente na maioria dos trabalhos acadêmicos publicados, é de grande importância para as reflexões teóricas sobre o assunto.

Para Heller (1989), "a vida cotidiana é a vida de 'todo' homem." Todos a vivem sem exceção, qualquer que seja o lugar que ocupam na divisão do trabalho intelectual e físico, ou na escala social. A vida cotidiana também é a vida do homem 'inteiro': o homem participa de sua cotidianidade com todos os aspectos de sua individualidade. Nela colocam-se "em funcionamento" todos os seus sentidos, capacidades intelectuais, habilidades, paixões, sentimentos, crenças e ideologias embora, pela simultaneidade com que ocorrem na vida diária, não se realizem em toda sua intensidade³. A vida cotidiana, para esta autora, ao contrário do que considera o senso comum, não está "fora" da história, mas "no 'centro' do acontecer histórico".(Heller,1989:20)☺

Partindo do pressuposto de que o cotidiano não é, portanto, "sem importância", como comumente se pensa, e de que ele é uma realidade a todos os seres humanos - mesmo para os que aparentemente, como o caso das crianças investigadas, não possuem uma "rotina"- tenho por objetivo fornecer um retrato do modo de vida e intimidades de um grupo de crianças pobres, popularmente conhecidas como "meninos de rua" em Florianópolis, para uma comparação com retratos fornecidos pela literatura romântica, jornalística e outros estudos de campo sobre o tema. Dentro desta perspectiva, elegi o micro-universo do grupo como unidade de análise e o seu "cotidiano" como objeto de estudo⁴.

³ Segundo a autora, "O homem da cotidianidade é atuante e fruidor, ativo e receptivo, mas não tem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum destes aspectos."(Heller,1989:17-18)

⁴ O cotidiano pode ser definido também como as rotinas realizadas diariamente, em oposição aos acontecimentos extraordinários da vida. A respeito destas definições ver além de Heller(1989), também Berger (1993), para quem "A vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente."(p.35)

PARTE II

O RELATO ETNOGRÁFICO

Capítulo III

Notas Sobre o Trabalho de Campo e a Construção do Texto Etnográfico.

1. Introdução

As crianças que integram o grupo social eleito para este estudo, têm entre dez e quatorze anos, são provenientes de famílias pauperizadas, a maioria migrantes de regiões do interior do Estado. No momento em que realizei a pesquisa tinham em comum centralmente o fato de estarem vivendo preferencialmente na rua. Não frequentavam a escola, e possuíam, sem exceção, registros no 6ºD.P.(Distrito policial especializado no atendimento a mulheres e menores). Todas eram clientes de algum programa de atendimento do Juizado de Menores; de forma que a maioria intercalava a estadia nas ruas com curtas estadias em instituições de atendimento e em casa da família (pais ou outros parentes).

As ruas que constituíram minha área central de estudo, fazem parte do chamado "centro histórico" da cidade de Florianópolis. Este "centro" compreende, entre outras, as ruas Conselheiro Mafra, Francisco Tolentino e Tenente Silveira, as redondezas do Mercado Público Municipal (Largo da Alfândega), a Praça Pereira Oliveira, Praça XV e a Praça Fernando Machado, estas últimas, pontos centrais de contato e circulação das crianças investigadas. Faz parte desta mesma região, a área de lazer do Aterro da Baía Sul (Parque Metropolitano Francisco Dias Velho), criação do plano da paisagem urbanística da cidade de Florianópolis e local privilegiado pelas crianças para convivência.(Para uma melhor caracterização da área mencionada, localização dos pontos de encontro e de circulação privilegiados pelas crianças, ver Anexo 2).

2. O Trabalho de Campo:

A observação participante que realizei não pode ser encarada nos moldes tradicionais. Ela foi peculiar, artesanal, sem pronta receita. Tanto o primeiro momento da observação onde a relação sujeito-objeto foi, como veremos, "espontânea" (eu-nativa observadora), quanto o segundo período onde construiu-se a relação de pesquisa, deram-se dentro das condições impostas pela situação social e momento vivido pelo grupo observado. As características sociais do grupo investigado, assim como dos atores sociais ligados ao grupo por oposição ou identidade, determinaram em maior medida a minha inserção e participação nas atividades do grupo. Muitas vezes, por dificuldades havidas em campo, fui levada mais a observar do que propriamente participar ou perguntar. A mobilidade excessiva das crianças, a sua baixa ou nenhuma disposição em dar-me atenção, o meu distanciamento etário e social, foram circunstâncias que impediram-me por vezes de participar mais efetivamente de certas atividades do grupo. Tais dificuldades levaram-me a adotar circunstancialmente a postura de um etólogo, simplesmente observar gestos e atitudes dos membros do grupo a alguma distância.

O método etológico é um método de pesquisa ainda muito pouco utilizado pelas ciências humanas na observação de seres humanos, mas segundo Tinbergen (1981), a Etologia começou já a alguns anos a invadir as Ciências Humanas de maneira influente a longo prazo:

" Um número crescente de jovens etólogos , em lugar de fazer extrapolações dos animais para o ser humano, começou a reunir dados concretos acerca do comportamento humano, utilizando métodos etológicos. Estes pesquisadores não são todos zoólogos; têm formação em psicologia, em psicopatologia e em antropologia." (Tinbergen, 1981- Prefácio)

Utilizei-me parcial e circunstancialmente do método etológico, apenas naqueles momentos em que não me era possível ou mesmo necessário, nada além de "sentar e olhar". Era nestes momentos que partia para a "descrição física" (nos termos de Bateson, 1968; apud Smith e Connolly, 1981) das situações de interação entre as crianças, observando a sua comunicação, inclusive a não-verbal, através de gestos e expressões faciais¹.

¹ O uso de expressões faciais e gestos é visto na etologia como um importante sistema sinalizador que tanto pode ser independente da fala como influenciá-la e inclusive ser modificado por ela. Para um maior detalhamento sobre a observação do comportamento não-verbal humano, ver Jones (1981). Cicourel (1980) também classifica como "muito úteis" procedimentos tomados por um etógrafo que, devido a problemas em campo, entrevistava pouco. Ele utilizava-se do método de, ao entrevistar, anotar as ênfases feitas, as expressões faciais, sinais de alívio e preocupação e outros gestos como possíveis chaves para entender o que se passava para além do que era verbalizado.

As dificuldades encontradas para uma participação mais efetiva, diziam respeito à faixa etária e situação social dos informantes. Eram crianças e adolescentes de dez a quatorze anos. Mas não estavam sob observação na família, nem nos bancos ou pátio das escolas. Estavam soltos pelas ruas onde um de seus principais objetivos era justamente resguardar-se de todo e qualquer controle como o que é exercido pelos adultos: pais, professores e, inclusive, pesquisadores no seu encaixo.

A sua pouca idade e constante deslocamento dificultaram as entrevistas formais. Era quase impossível fazer com que se concentrassem em uma conversa mais demorada. Deslocam-se muito de um lado para o outro e com extrema rapidez: aparecem aqui, desaparecem mais adiante, tornam a aparecer. Andam geralmente em dois, três companheiros. E sempre que um sai andando, é seguido pelos outros. Era impossível reter apenas um, ou todo o grupo, para conversar. Não viam sentido nem qualquer vantagem na "conversa" comigo: estavam sempre cheios de pressa e "planos" a realizar. Ora, quando a criança retida via os companheiros afastarem-se, invariavelmente desvencilhava-se de mim para seguir os colegas. Se eu não quisesse ficar plantada ali, com o risco de "perdê-los" pelo resto do dia, tinha que segui-los por onde fossem e, de preferência, sem fazer muitas perguntas².

Outro risco inicialmente muito presente para o comprometimento da pesquisa, era que, se eu porventura me mostrasse muito "ativa" na interação com eles, a tendência de muitos era deixar ou até mesmo sugerir que eu tomasse as iniciativas: buscar comida, comprar coisas, dar o caminho a seguir, levá-los "para dormir" em minha casa, etc.

Outro fator complicante é que a presença destas crianças é indesejada pela maioria da população que entra em contato com elas. São constantemente agredidas ou ameaçadas física e verbalmente. Possuem uma dupla liminaridade. Estão à margem da condição adulta como toda criança, e à margem da situação e comportamento social prescrito para a sua idade. Assim, foi muito difícil poder participar impunemente da maioria de suas atividades: ou era reprimida por transeuntes indignados com a minha muda aquiescência às suas brincadeiras e transgressões (jogos, furtos, uso de drogas, agressões mútuas e a passantes), ou era contida pelas próprias crianças. Estas

² Lecznieski(1992), Martins (1992) e Fischer-Ferreira(1979) também apontam a dificuldade em se obter respostas para as perguntas, nas pesquisas de campo que realizaram sobre "meninos de rua" em Porto Alegre, Goiânia e São Paulo, respectivamente. Lecznieski afirma que no início de sua pesquisa "mais respondia perguntas do que perguntava", Martins reflete, diante da dificuldade de fazer as meninas investigadas falar, que "a condição basilar de silêncio diante do mundo parece ser a conduta mais expressiva desse grupo social", e, sua desenvolvida linguagem gestual, "uso abusivo de gírias" e o recurso de "reproduzir um discurso que não é o seu" como eficientes estratégias de "calar-se diante dos outros."(Fenelon,Martins e outros,1992:78-9) Fischer-Ferreira afirma que "os meninos que vivem pelas ruas, infratores ou não", tendem a desconfiar de pessoas e situações que não fazem parte do "seu mundo" e manifestam esta desconfiança "pela fuga de contatos frequentes e longos, pelo emprego de respostas monossilábicas e/ou estereotipadas e pelo uso da mentira, mesmo que ela aparentemente não se faz necessária."(1979:37-8)

alertavam-me para que eu não "pegasse também" o que chamam de "vício da rua", caso eu demonstrasse vontade de participar mais efetivamente de seus hábitos: dormir ou deitar-me na rua, pular sobre bancos da praça, usar drogas, falar palavrões, furtar, entrar nos lugares sem ser percebida, etc³.

Naturalmente, as "condições ideais" de pesquisa nunca se apresentam a todo aquele que se identifica como pesquisador diante de seu objeto de estudo. Este privilégio parece pertencer somente aos "espiões" (Cf. Geertz, 1978) ou ao que Cicourel (1980) chama de "participante total"⁴. Muitas vezes fez-se necessário observá-los à distância ou segui-los durante algum tempo sem me deixar notar, como forma de observá-los em "situações naturais" e não deixar que a minha presença interferisse no momento por eles vivido⁵.

Uma convivência mais prolongada ou íntima, uma maior proximidade com as crianças que eu pretendia conhecer fez-se no entanto, na maioria das vezes, necessária. De forma que embora nunca tenha conseguido que respondessem a um questionário ou roteiro de perguntas sequer sobre seus hábitos ou modo de vida, e nem mesmo tenha conseguido prender a atenção de qualquer uma pelo tempo mínimo de uma boa entrevista, consegui no entanto, fazer com que passassem a achar natural a minha presença entre elas a qualquer hora do dia ou da noite e por quanto tempo achássemos conveniente. Assim, todas as perguntas me foram mais tarde permitidas, mas muitas vezes já não eram mais necessárias.

Como não estão sujeitos na rua aos horários de uma casa ou instituição, onde o sono e a alimentação costumam ter regras e horários definidos e mais ou menos rígidos, as crianças por mim observadas, costumam comer e dormir em qualquer horário, quando lhes bate a fome, o sono, ou o cansaço, não se importando se são horas do dia ou da madrugada do dia seguinte. Alimentam-se pouco, mas constantemente, às vezes. Outras, comem desesperadamente grandes quantidades e, quando cheiram muita cola, passam muito tempo sem comer. São também capazes de passar muitas

³ A respeito das dificuldades, vantagens e desvantagens da "aceitação total" do pesquisador entre os pesquisados, ver Cicourel (1980), que alerta para os riscos do investigador "virar nativo" e os problemas que isto acarreta ao bom termo da pesquisa. Ver também a já "clássica" experiência de Foote-Whyte (1980) surpreendido pela reação de desgosto de seus informantes ao tentar uma "integração completa" ao grupo que pesquisava e ainda, Berreman (1980) e o "controle das impressões" no trabalho de campo.

⁴ Participante total é aquele pesquisador cuja verdadeira identidade e objetivos não são conhecidos pelas pessoas que observa. (Cicourel, 1980:91) Utilizando-se do método do "espião" ou "participante total", um sociólogo "virou" policial por dois anos para estudar a corrupção e tortura nas delegacias de S. Paulo. Pelo inusitado do método, ele também virou notícia, como atesta o artigo do caderno 4 da F. de S. Paulo do dia 20.08.91 e a sua participação no programa de entrevistas "Jô Soares Onze e Meia" (S.B.T.).

⁵ As "situações naturais" aqui referidas dizem respeito ao termo utilizado em etologia para a análise descritiva do comportamento de crianças em grupos de atividades lúdicas.

horas sem dormir e outras dormindo direto, ou simplesmente trocam o dia pela noite, dependendo do seu interesse e atividades do momento. Diante disto foi que decidi "morar" também no centro da cidade alguns dias por semana. Poderia movimentar-me com mais facilidade atrás das crianças que me interessavam. Já que não tinham "hora" para nada, percebi que seria muito difícil manter meus próprios horários e, ao mesmo tempo, satisfazer meus interesses de pesquisadora. Assim, inspirada nas próprias crianças, resolvi "abandonar" também por uns tempos, os horários, minhas próprias crianças, minha casa, enfim. Arrumei um quarto nos altos da Rua Felipe Schmidt, centro da cidade. Ali, por alguns meses tive meu "QG" para a organização do trabalho, conversas reservadas com os informantes, escrita do diário, acolhimento de um ou outro informante e meu próprio local de pernoite, com toda a liberdade que necessitava para estar junto das crianças.

Antes do período do trabalho de campo propriamente dito, que realizou-se nas condições acima descritas, de abril a agosto de 1991, eu realizei várias outras aproximações às crianças objeto de meu estudo. Na verdade, realizei aproximações às várias crianças que encontrei desacompanhadas ou acompanhadas de outras crianças no centro da cidade, e que realizavam atividades de arrecadar dinheiro - esmolando, guardando carros ou vendendo produtos - ou simplesmente perambulavam pela área observada. Foi uma "sondagem inicial", realizada de forma não-sistemática, ou casual, que durou cerca de um ano e meio. Minha intenção era estabelecer contato com esta população e perceber principalmente, as possibilidades de êxito na implantação da pesquisa que eu pretendia realizar posteriormente. Esta primeira etapa é a que denominei acima de "espontânea".

Estas "prévias" aproximações às crianças que me interessavam na rua, deram-se sob diversas formas e algumas delas aconteceram inesperadamente, como das vezes em que algumas das crianças e adolescentes que mais tarde vim a reencontrar no trabalho de campo, bateram à porta de minha casa para esmolar. Nestas ocasiões eu aproveitava para estabelecer contato, além de lhes fornecer o que pretendiam, como uma forma de angariar sua simpatia e reconhecimento posterior.

As outras aproximações foram agenciadas por mim e dentre estas houve duas que marcaram especialmente este período "pré-campo". Uma deu-se na oportunidade de uma "micro-pesquisa" para a realização do trabalho final na disciplina de técnicas e métodos em Antropologia e realizou-se durante todo o mês de janeiro do ano de 1990 tendo por objetivo identificar os "tipos" de atividades exercidos por crianças pobres que circulam diariamente, desacompanhadas ou em grupos, pelas ruas do centro da cidade de Florianópolis. A segunda oportunidade deu-se quando apresentei-me como voluntária para o acompanhamento do trabalho de uma arte-educadora de rua, financiada pela UFSC e inicialmente relacionada à A.S.A (Assistência Social Arquidiocesana). Este trabalho teve a duração de seis meses - de março a julho de 1990 - e era aberto a toda e qualquer criança ou adolescente que quisesse participar das atividades manuais e lúdicas oferecidas duas tardes por semana na praça XV de Novembro no centro da cidade. Embora não houvesse limitação da clientela

quanto à classe social ou idade, a grande maioria assídua aos encontros era composta de crianças que esmolavam diariamente nas imediações.

Além do contato inicial com diversas crianças na rua, a primeira oportunidade rendeu-me um principiante porém valioso, "diário de campo" que deu origem ao meu primeiro trabalho escrito sobre essas crianças. A segunda experiência, menos sistemática quanto às anotações, pois não tinha por imperativo a realização de um trabalho acadêmico iminente, proporcionou-me no entanto condições privilegiadas de observação das atividades, estratégias, deslocamentos e relações de parentesco e vizinhança das crianças-pedintes que atendíamos⁶.

Sob todos os aspectos, estas prévias aproximações ao universo de minha pesquisa foram de uma fértil importância. Através delas realizei os primeiros contatos e o quase invariável estabelecimento de uma relação de simpatia entre eu e as crianças. Conheci e tornei-me conhecida de muitas que circulam diariamente pelo centro da cidade exercendo diversas atividades com o intuito de "fazer dinheiro"(esmolar), trabalhar, ou simplesmente brincar (ou "vadiar"), estando muitas vezes estas atividades interligadas. Aprendi, nesta época, a distingui-los de acordo com suas atividades, horários, hábitos e discurso.

Custei muito a decidir-me sobre qual "tipo" de crianças centralizar minhas observações. Os pequenos pedintes? Os pequenos trabalhadores? Os chamados "de rua"? É que assim que se entra em contato com a população infantil que circula pelo centro da cidade, percebemos que apesar do que têm em comum - sinais evidentes de carência material -, têm também muitas diferenças entre si. E uma importante diferença talvez esteja mais na questão que elas fazem em se distinguirem umas das outras, do que propriamente no tipo de atividade que exercem, embora o seu discurso de reação ao estigma da rua, seja exatamente apoiado na diferença das atividades, horários e hábitos (ou "vícios") exercidos nela.

A decisão foi difícil porque como eu estava sozinha em campo, tive que escolher com quais crianças eu permaneceria todo o tempo, abrindo mão do contato com outras com as quais eu já estabelecera laços e que tinham já certas expectativas em relação à minha presença entre elas. Era o caso por exemplo, das crianças pedintes que eu orientara em trabalhos manuais, e que não cansavam de me solicitar a volta da "escolinha" na Praça XV.

⁶ Deram-se estas condições "propícias" à observação dos pequenos pedintes porque os encontros eram realizados em tardes da semana que coincidiam com os "dias de feira" no centro da cidade. Nestes dias ocorre no local uma grande afluência dos parentes destas crianças, o que me deu a oportunidade de observar certas "estratégias" utilizadas pelo pequeno pedinte quando associado aos responsáveis. Percebi que as crianças pequenas que aparentam estar completamente sozinhas a mendigar, estão geralmente acompanhadas à distância por algum adulto. Isto porque passei a identificar e a reconhecê-los sempre por perto da área em que a "sua" criança estivesse esmolando. Nestas ocasiões, bastava observar algum tempo para ver a criança aproximar-se do responsável e entregar-lhe o dinheiro arrecadado.

Os discursos de diferenciação e fuga ao estigma (cf. Goffman, 1978), tanto das crianças pedintes em relação às "da rua" como das trabalhadoras em relação a estas e em relação às pedintes, faziam com que fosse impossível encontrá-las juntas, ainda que dividindo o mesmo espaço na rua. As diversas formas de "arrumar" ou "fazer" dinheiro, assim como interesses, rivalidades, hábitos e horários diferentes, também não permitiam que eu pudesse observar a todas. De início, ainda não ciente dos melindres envolvendo as relações entre os "grupos" de crianças, passei por verdadeiros constrangimentos quando identificava como sendo "da rua" uma criança que não se considerava como tal. A criança "ofendida", invariavelmente, polida ou bruscamente, chamava-me a atenção para o fato e de forma clara e firme, que beirava o didatismo, reafirmava as diferenças que haviam entre ela e os "outros" (os "da rua")⁷.

Acabei decidindo-me em realizar a pesquisa sobre os chamados "meninos de rua" porque nas aproximações feitas aos potenciais informantes deste estudo - crianças pobres que circulam desacompanhadas diariamente pelo centro da cidade - percebi que era sobre os "da rua" que se abatia uma maior carga de preconceitos: estão profundamente marcadas pelo estigma da transgressão, do vício, da incivilidade. Seus próprios companheiros de rua - os pedintes e trabalhadores - não as poupam destas acusações e são talvez, ao lado dos policiais, seus mais ferrenhos acusadores.

Gostaria de chamar a atenção para a "escolha" terminológica que fiz neste estudo. Optei por, preferencialmente, chamar "crianças" os sujeitos por mim investigados, tendo até 14 anos de idade. Contrário certamente aqui, a determinação do atual Estatuto da Criança e do Adolescente⁸. Uma razão prática para tal, é o fato de que os sujeitos que investiguei associavam-se aos seus pares numa faixa etária que variava dos dez aos catorze anos. Impossível nomeá-los no conjunto do grupo, em estrito acordo com a idade de cada um. Chamar a todos "adolescentes"

⁷ Esta distinção dá-se com as características do que Goffman (1978) chama de "fuga ao estigma": as crianças mendigas fazem absoluta questão de não serem confundidas com os chamados "meninos de rua". Para as primeiras, a diferença entre elas e os "outros" (os "da rua") reside em três pontos básicos, sempre recorrentes nos discursos: a) local de pernoite (quem dorme "em casa" e quem "na rua" derivando disto, quem "toma banho" e quem "troca de roupa".) b) hábito ("vício") de inalar cola de sapateiro. c) uma forma particular de apropriação indevida, como estratégia de arrumar dinheiro: o furto, o roubo, o assalto. Assim, os sujeitos que tentam fugir ao estigma do "menino de rua" expressam sua identidade pelo viés do que acreditam ser a identidade do "outro" (o "da rua"). Desta forma constroem uma identidade defensiva, que os liberta de uma "acusação" ("ser da rua") num jogo de contrastes onde, para expressarem o que são, afirmam antes o que não são: não são ladrões, não são viciados, não dormem na rua.

⁸ Uma determinação do Estatuto da Criança e do Adolescente estabelece que é doravante considerado "criança" aquele que tiver até doze anos incompletos. Atingidos os doze, até os dezoito anos é denominado "adolescente": à "criança" (menor de doze) não poderá mais ocorrer detenção e ao "adolescente", a internação só poderá ocorrer devido à infração em flagrante ou unicamente por ordem judicial (art. 105 e 106 do ECA-lei n 8.069-90)

implicaria no mesmo erro de imprecisão, pois ali também encontravam-se sujeitos pré-púberes. Como este grupo era considerado pelos adolescentes maiores como sendo o grupo "dos pequenos" ou seja, das "crianças", dos que ainda não tinham idade para fazer parte do grupo dos "grandes" (adolescentes beirando a maioridade), optei por acatar esta classificação tal como já a encontrei definida pelos informantes.

Abstive-me também na medida do possível em utilizar-me do termo "meninos de rua" para referir-me aos sujeitos investigados porque nem sempre esta era uma classificação aceita pelos que ela abrangia. Ainda que passando a maior parte do dia na rua, alguns sujeitos repudiavam com veemência tal estereótipo. Me fizeram entender que identificá-los assim era fazer-lhes uma séria acusação. Era colar-lhes à testa o estigma de "viciados"(em cola de sapateiro), ladrões e "sem família" (dormir na rua). Entendi também que chamar assim, mesmo aqueles que se identificam desta forma, é contribuir para a sua auto-acusação. Ser "da rua" não é uma atribuição simplesmente geográfica, territorial, ela aponta para uma forma de comportamento negativo, anti-social e, portanto, "infrator".

Foram cinco os meses de observação sistemática e convivência intensa com os acusados de serem "da rua": passei a residir perto de onde eles circulam e apresentei-me como pesquisadora de seu modo de vida. Era então o período de campo propriamente dito. Já não havia o anonimato e a casualidade das observações anteriores : nos reconhecíamos mutuamente e nossos encontros eram diários.

Foi justamente nesta fase mais intensa do trabalho que encontrei maiores dificuldades. Pois tive sérios problemas de ordem afetiva, metodológica e até mesmo de identidade, em campo.

Sei que não apresento aqui nenhuma "novidade" em se tratando das dificuldades do trabalho de campo. Muito pelo contrário, estou ciente de que não enfrentei nenhuma dificuldade que já não tenha sido enfrentada por centenas de outros pesquisadores. Trata-se inicialmente, sempre da mesma queixa feita pelo investigador: há uma enorme e muitas vezes intransponível desconfiança por parte dos sujeitos investigados em relação à verdadeira identidade e verdadeiras intenções do pesquisador de posse dos dados que conseguir obter em campo.

Estas desconfianças ou resistências à pesquisa, de acordo com Berreman(1980), não decorrem apenas da dificuldade inerente à entrada em qualquer grupo estranho , mas decorrem das próprias características sociais do grupo em questão ou da situação vivida no momento da pesquisa.

No caso dos meninos e meninas aqui tratados, suas desconfianças e receios deviam-se grosso modo, ao constante assédio da polícia civil e militar, ao trabalho de jornalistas que por publicarem suas fotos e declarações traziam-lhes embaraços aos desempenhos cotidianos, ao trabalho de assistentes sociais e funcionários do Juizado de Menores que, segundo as crianças e seus familiares, desejavam apenas "tirá-los da rua", não se importando com o seu "destino".

Desta forma, não há dificuldades em se compreender porque eu era simultaneamente identificada por diferentes sujeitos em diferentes papéis.

Um consenso entre muitos antropólogos que discutem métodos e técnicas de campo é que a tarefa primeira do pesquisador em campo, quiçá uma das mais importantes para que obtenha êxito em sua pesquisa, é convencer as pessoas observadas de que não lhes fará mal nenhum. De que é digno de confiança, inofensivo, etc. No caso particular de minha pesquisa, tive não só que enfrentar este desafio previsível e recorrente à maioria das pesquisas de campo, como enfrentar ainda outros com os quais eu não contava no leque conhecido das dificuldades. Descobri que a desconfiança sobre o investigador social pode partir, não apenas dos diretamente observados, mas também daqueles que com eles interagem. No meu caso, a desconfiança vinha de muitos lados e por motivos geralmente opostos.

Se por um lado as crianças me identificavam como policial à cata de "flagrantes", a polícia encarregada de manter as crianças e adolescentes em "ordem" e "segurança", me identificavam não raro com uma mulher "da rua"(prostituta), uma "menor(sic) infratora", ou uma "corruptora" de menores. Seu empenho era pegar -me em "flagrante" traficando cola de sapateiro e outras drogas para as crianças. O mais paradoxal é que uma das maiores provas pedidas por estas, para a plena aceitação de minha "amizade" e "boas intenções" em relação a elas, era justamente o fato de que eu lhes comprasse a droga quando porventura não conseguiram outro adulto que o fizesse.

Custei a fazê-los entender que justamente por minha amizade e cuidados em relação a eles, eu jamais lhes proporcionaria cigarros, bebida alcoólica ou qualquer outra droga. No entanto, só ficaram totalmente convencidos de que eu nunca faria realmente isto, depois de uma noite em que um grupo de policiais revistou-me, diante deles, à cata do flagrante do tráfico. Depois disto, diante de qualquer insistência, eu simplesmente lembrava-lhes o ocorrido e o risco que eu corria caso a polícia me "flagrasse". O que convenceu-os finalmente então, de que eu nunca lhes traria drogas foi, não o meu anunciado interesse por sua saúde (mesmo porque, muitos não acreditavam que a droga lhes causasse mal), mas o medo que eu deveria ter da polícia.

Outra ponta do iceberg das resistências e desconfianças que cercaram meu trabalho de campo, estava relacionada a um segmento da população envolvida com a questão do menor e da qual eu esperava receber algum apoio e nunca, mais desconfianças. Não estávamos nós do mesmo lado? Todos interessados no conhecimento da problemática e de suas possíveis soluções? A experiência me mostrou que não. A Comissão Local do MNMMR (Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua) e o grupo de "educadores de rua" de Florianópolis tiveram, e acredito que ainda têm, sérias restrições a trabalhos acadêmicos na área que militam. Desconfiam fundamentalmente, que todo pesquisador que elege uma questão social emergente para tema de pesquisa, esteja interessado "somente" na coleta de dados para a realização de seu trabalho e que terminado este, o..

pesquisador em nada contribuirá para a "transformação" da realidade social que investigou. O motivo alegado para a forte resistência aos estudos teóricos no meio social que militam é então, o "descompromisso habitual" do pesquisador frente às expectativas que o estudo acaba gerando nos sujeitos alvo da pesquisa. Como, segundo acreditam, o pesquisador não costuma "devolver" o seu saber em forma de "ação", entendem que fazer uma tese é, para o profissional em formação, uma simples questão de sobrevivência intelectual, quando não, financeira.⁹

Convencer aos garotos de que eu não lhes faria mal algum, muito pelo contrário, minha intenção seria beneficiá-los da forma que me fosse possível, desde que me permitissem conhecê-los ; não foi tarefa fácil, mas pude realizá-la satisfatoriamente com a maioria dos observados, já que o tempo que passei ao lado deles, sempre pronta a me posicionar solidariamente com a "raça" (turma), acabou por tornar-me pessoa querida e desejada (embora não irrestritamente) entre eles. No entanto, tenho certeza de que os sujeitos pesquisados jamais tiveram ou terão, totalmente esclarecida a minha presença entre eles. Até hoje (e percebo isso muito tempo decorrido o final do trabalho de campo, em nossos encontros casuais ou quando lhes faço uma "visita") minha identificação oscila entre a da assistente social, a de uma jornalista, a de uma "mulher do Juizado" ou da "polícia". Naturalmente, o papel com o qual me identificam, varia sempre de acordo com a sua disposição em me receber, em me dar atenção ou em deixar que eu me "intrometa" em seus assuntos. Aqueles com os quais travei maior intimidade e estabeleci uma afetividade que não varia tanto em relação aos estados de ânimo, me chamam simplesmente de "tia" ⁹.

Houve também uma reação generalizada por parte dos cidadãos que se deparavam com o meu trabalho pelas ruas. Esta reação ia desde a condenação e a indignação até a incredulidade e o alívio de consciência , dependendo da situação e de quem a observasse.

Indignação, alguns sentiam diante de um trabalho que, no seu entender, só poderia "dar força", incentivar as crianças a permanecerem na rua . A reação mais radical que atingiu-me neste sentido foi numa noite muito fria em que as crianças e eu fazíamos uma fogueira num terreno baldio em pleno centro da cidade, para aquecer-nos na madrugada. Uma mulher de idade, que trabalhava em um estacionamento nas imediações, apareceu e passou a xingar em voz alta e com muita indignação, três irmãos que já acomodavam-se para passar a noite perto do fogo. Assim que ouviram os gritos da mulher os meninos saíram correndo e ela ainda permaneceu gritando com eles

⁹ Berreman (1980) observa em seu texto sobre o "controle de impressões" no trabalho de campo, que: "Provavelmente, a reação inicial dos sujeitos ao etnógrafo que os estuda será uma tentativa de identificá-lo em termos familiares; de identificá-lo como ator de um papel familiar."(p.145) Mesmo as crianças que afirmavam "saber" que eu não era uma assistente social, não deixavam porém de dizer que gostariam muito que eu tivesse vindo substituir uma "tia" que lhes é inesquecível - a assistente social que os atendia na rua até o mês anterior ao início da minha pesquisa. Devido a minha entrada em campo coincidir com a sua transferência para um outro Estado, muitos sempre acreditaram que eu tivesse "aparecido" para ficar no "lugar" dela.

um tempo. Supondo que fosse uma desequilibrada, fui até ela tentar saber o motivo de tanta fúria. Nervosa, porém lúcida, explicou-me, sempre zangada, que aqueles três meninos eram "filhos" (na verdade, enteados) de seu filho e que ao invés de estarem em casa ajudando o "pai" ficavam pela rua a "vadiar". Fez ainda uma rápida, porém dura, crítica ao mau casamento que o filho fizera, e aproveitou para dizer-me que minha presença ali era um contra-senso: as crianças não precisavam daquele tipo de "ajuda", no seu entender isso só lhes daria "mais força" para permanecerem fora de casa.

Alguns cidadãos também sentiam-se indignados quando me observavam andar com as crianças pelas ruas quase como se fosse um deles. Eram momentos avançados da pesquisa, e eu já conseguia controlar minhas emoções de modo a interferir o mínimo possível nos deslocamentos e atividades dos garotos, quaisquer e por mais impróprias que fossem: pisar nos canteiros da Praça XV, cheirar cola, agredirem-se ou agredir passantes no meio da rua, brincar e correr à solta sem observar os riscos próprios e alheios.

Lembro especialmente de uma vez em que os "aposentados da Praça XV" (senhores de idade que integrados ao "cenário" da Praça, fazem já parte do "folclore" do lugar), admoestaram-me, ao observar a "tia" que, ao invés de "educar" as crianças, pisava com eles a grama da Praça. Nesta ocasião a turma com a qual eu estava tinha decidido sair imediatamente de onde estávamos e ir até um dos seus "mocós" ali perto. Eu vi o grupo de velinhos ali reunido e cheguei mesmo a supor que teriam tal reação, pois percebi que a minha presença entre as crianças chamou-lhes a atenção. Mas confesso que acreditei ser hipócrita de minha parte dar uma volta enorme no canteiro da Praça só para satisfazer os anseios da ordem pública. Eu estava a par de muitas e mais sérias "desordens" ocorrendo diariamente com aquelas crianças e muitas inclusive sendo causadas pelo poder e descaso público. Não achei-me no direito, e acreditei mesmo cair no ridículo se tivesse dito às crianças que déssemos a volta na grama. Seria muitas vezes falso. Falso para as crianças que diariamente realizavam aquelas "transgressões" sem atinar para o motivo ou justeza da proibição; falso para mim que já desacreditara na "gravidade" daquele ato inocente, falso para os cidadãos que nos observavam, pois ficariam com a impressão que tudo estava realmente em ordem.

Das pessoas que se aproximavam para saber os motivos de minha presença entre os menores, destacavam-se os policiais no exercício de seu trabalho e cidadãos comuns de alguma maneira sensíveis à questão da "infância abandonada". A reação dos policiais variava desde, como já mencionei, uma grande desconfiança acerca de minha verdadeira identidade e intenções junto às crianças, até uma certa admiração pela minha "coragem", quando acreditavam na retidão de meus propósitos, em misturar-me às "más companhias" em horários e região considerados "perigosos"¹⁰.

¹⁰ Pelo fato de estar enraizada nos hábitos e costumes das pessoas que a habitam, a cidade, de acordo com Park(1979) passa a possuir além de sua organização física, uma "organização moral". Assim, determinadas ruas, regiões ou quarteirões do meio urbano através do tempo, assumiriam "algo do caráter e das qualidades

Quando certificados através de documentação que eu ali estava, como eles, "a trabalho", invariavelmente, questionavam-me: "A senhora acha sinceramente que o seu trabalho adianta de alguma coisa?" Ou então: "...E quantos destes meninos a senhora já conseguiu recuperar?" Na possibilidade de diálogo, o que nem sempre existia, eu limitava-me a declarar que o meu trabalho era tão útil, ou inútil, se preferissem, quanto o deles. Devolvia-lhes assim a reflexão que me propunham: "E o trabalho de vocês policiais adianta de alguma coisa?"

Respondia-lhes isto na impossibilidade de fazê-los compreender que o meu objetivo não era a recuperação imediata daquelas crianças, mas uma aproximação com vistas à compreensão do seu modo de vida. Devolvia-lhes a pergunta-bumerangue embora ciente da sua inadequação: nenhum de nós, embora por motivos diferentes, estávamos ali para "recuperar ou ajudar" ninguém. A diferença talvez residisse no fato de que eu sabia disso e eles não. Ou pelo menos fingiam não saber.

De qualquer forma não fui a campo esperando muita compreensão, ajuda, ou clarividência da parte de policiais. Assim, suas perguntas e provocações não chegavam a perturbar-me tanto quanto quando vinham de pessoas do meu círculo de relações ou, como já mencionei, de sujeitos militantes da "causa meninos de rua".

"O que é que você faz por estas crianças?" Era a inevitável pergunta assim que tomavam conhecimento do tema de meu estudo. Como se me dissessem "Elas lhe 'dão' sua dissertação e você o que pretende lhes dar?" Não compreendiam que a minha forma de fazer algo por estas crianças que busco compreender é justamente fazer isto: buscar compreendê-las. Tentar conhecê-las, saber quem são, como vão, tocá-las, conversar com elas, estar simplesmente junto. E que também, não é o fato de uma pessoa fazer um estudo sobre estas crianças que a coloca em "dívida" para com elas, mas o fato de que a dívida, se é que ela existe - e eu acredito que sim - está colocada já de antemão, não somente para o pesquisador, mas a toda a sociedade a que pertencem estas crianças. Todos temos algo a fazer neste sentido. Eu iniciei a minha parte. E para tanto, gostaria que o meu trabalho fosse visto pelo que ele é - uma tentativa de aproximação da questão - e não pelo que muitos acreditam que seja: de um lado, o agravamento do problema; de outro, a sua pronta resolução.

de seus habitantes." (Park, 1979:30) A área deste estudo (o "centro" de Florianópolis) faz parte de uma "região moral" caracterizada como de "má-fama" ou "zona perigosa" por ter, segundo registros oficiais, maior incidência criminal. (Para localização, ver mapas Anexo 2) A reportagem em jornal local, intitulada "Zona do Agrião: veja por onde ronda o perigo", mostra um gráfico das "ruas mais perigosas da Grande Florianópolis que estão em relatório oficial da Polícia Militar." Das doze ruas citadas, oito pertencem ao "centro" da cidade. As duas ruas consideradas de maior "perigo" no entanto, estão no "continente". A Felipe Schmidt (onde passei a residir durante o t. de campo) e a Conselheiro Mafra, ruas em que as crianças mais circulam, ocupam respectivamente o terceiro e o quarto lugar neste "ranking" da violência. A Praça XV "contrariando o que muitos acreditam aparece apenas em 10º lugar", afirma a reportagem. (Jornal O Estado de 04.08.91)

Minha inquietação política, minha vontade de saber, é o que eu posso oferecer aos pesquisados. A eleição do tema deste trabalho não foi feita ao acaso e por mera exigência da escolha de "assunto" para a minha dissertação de Mestrado. Também não desejo acalmar simplesmente as consciências; mesmo aquelas que sensibilizadas de alguma forma com a questão, mas sem querer ou poder "fazer algo", exaltavam-me as qualidades de "sábua" ou "salvadora". Reagiam favoravelmente à minha presença entre as crianças certamente porque isto lhes dava a certeza de que elas então não estariam tão "abandonadas" assim. Podiam ir embora tranquilos, desobrigados de continuarem preocupando-se com o "problema" porque acreditavam que algo já estava sendo feito.

Sinteticamente, entendo que as reações e opiniões a respeito do meu trabalho e as dificuldades tidas em campo, devem-se em grande parte à visão que o senso comum tem da ciência: uma visão prometéica, que coloca sobre os ombros do cientista a obrigação de resolução dos problemas que investiga, principalmente quando estes são os chamados "problemas sociais".

Esta compreensão, fez-me muitas vezes perguntar a mim mesma: será que se eu estivesse fazendo uma pesquisa bibliográfica, de gabinete, sobre este ou qualquer outro assunto de "comoção nacional" alguém iria me recriminar por falta de "ação"? Será que o fato de eu eleger a rua em seus vários horários, para observação das crianças e adolescentes, me punha imediatamente em débito com esta população? O que é que realmente as pessoas não estavam me "perdoando"? O fato de eu não ter permanecido quieta em minha casa ou universidade? Terá uma mulher o direito (ou poder) de ir à rua sem dela se contaminar? Seja pelos "vícios" que a rua oferece, seja pelo compromisso moral de dela sair ilesa, reafirmando assim a "pureza" da casa (e instituições) sempre oposta à "impureza e perigo" da rua?

Não há como deixar de perceber que a minha condição feminina sempre abalizou muitas das desconfianças que me eram dirigidas. A minha presença, altas horas da madrugada, acompanhada por crianças e adolescentes ("abandonados" e "vadios"), todos habitantes das ruas, e portanto, "desprezíveis", me colocava sempre em posições duais e excludentes diante dos olhos alheios: ou eu era também uma descategorizada, mulher de rua, traficante ou usuária de drogas, ou era alguém encarregado de promover a ascensão social dos sujeitos a uma condição social "digna".

Nesse modo "positivo" de encararem meu trabalho, minha suposta identidade variava de uma assistente social engajada, uma psicóloga, professora, até uma abnegada missionária, pronta a trazer a salvação física e espiritual aos sujeitos que acompanhava¹¹.

Dentro da perspectiva de ser eu uma mulher jovem, as crianças de início também costumavam insinuar ou dizer-me abertamente que o meu propósito na rua à noite não podia ser

¹¹ Essa noção popular de "poluição e perigo" que a rua oferece enquanto espaço aberto e desordenado torna-se um ponto muito interessante de estudo, principalmente se levarmos em conta as análises feitas por Da Matta em *A Casa e a Rua* e Mary Douglas em *Pureza e Perigo*.

outro que não o de "arrumar namorado" e isto principalmente nos dias em que me consideravam "mais bonita" ou "arrumada". Custaram de início a acreditar que, além de eu não ser uma assistente social, nem policial ou funcionária do Juizado, eu fosse uma mulher casada. Não entendiam como meu marido podia permitir a minha distância de casa, a minha "liberdade" pelas ruas junto deles. Outro ponto que os intrigava era sobre a guarda de meus filhos pequenos: "Quem é que cuida dos seus filhos quando a tia tá aqui com a gente?" "A tia larga eles?" Também custaram a crer que aquele pudesse ser o meu "trabalho": andar com eles pelas ruas, ficar "sem fazer nada", brincar, conversar simplesmente. Quando convenciam-se finalmente de que eu não estava ali para "cuidar" e muito menos para "alcaguetar" ninguém, chegavam à conclusão então, de que, como eles, eu também estava apenas "vadiando".

Para finalizar estas colocações acerca das dificuldades encontradas no trabalho de campo gostaria agora de colocar minhas reflexões sobre os sentimentos contraditórios que permearam a minha própria compreensão deste trabalho. Houve momentos em que, preciso confessar, eu própria duvidei de minha "seriedade" ou "verdadeiros motivos". Uma de minhas dúvidas em relação a mim mesma era a seguinte: Será que não estou usando esta pesquisa nas ruas como álibi para poder circular livremente pela cidade em horários e lugares que não me seriam permitidos normalmente? Ou que, talvez, eu mesma não me permitisse? Assim, a pesquisa era um "motivo nobre" ou "justo" o bastante, para todos: Para mim mesma, para a polícia, para os demais cidadãos que intrigavam-se com a minha presença: "O que é que uma moça como você está fazendo aqui?". Um de meus orientadores chegou a sugerir-me: "Você está indo atrás destas crianças para aprender a ser feliz!" Agora, tanto tempo depois desta provocação, eu lhe diria que na verdade eu talvez tenha querido aprender a ser livre, a perder o medo da liberdade e do desconhecido. O que equivale a dizer que talvez ele tivesse certa razão...

Nos momentos mais difíceis do campo (confrontos com a polícia, notívagos bêbados, assédio sexual, frio, fome, cansaço e muita, muita solidão...) eu é que me questionava acerca do quê, afinal de contas, alguém como eu estava fazendo ali? E nestes momentos me questionava quanto a minha capacidade em arrumar um "trabalho normal" como a maioria das pessoas.

Uma questão que fundamentalmente perturbou-me no entanto, durante todo o trabalho de campo, era sobre a violência que eu e meu trabalho podíamos significar para aquelas crianças. Disto eu dava-me conta principalmente quando, de investigadora eu passava a ser investigada. Ou seja, quando alguém por qualquer motivo, quisesse saber quem eu era, onde morava, quem era minha família, o quê e quanto eu possuía, onde passara a noite, etc.. Descobri que muitas vezes, negar uma informação sobre o meu deslocamento, atividade diária, posses, parentesco, local de pernoite, etc, podia ser uma questão de defesa própria, de segurança pessoal. Se eu dava-me este direito (e por isto evitava responder perguntas de desconhecidos), como pretender negá-lo aos sujeitos da pesquisa que, via de regra, vivem em maior situação de risco? Tudo bem que eu não lhes

quisesse nenhum "mal" e os acompanhasse pelas ruas, desse "força" (como eles diziam), até defendesse-os em muitas situações; mas em troca eu pedia que me "contassem" e me permitissem participar "de tudo". Não seria este um preço muito alto?

As crianças e adolescentes que contatei, colocaram em minhas mãos partes da história de suas vidas, seus afetos, seus costumes, seus "vícios" e virtudes, seus desejos e revoltas, me levaram a seus "mocós", me apresentaram às suas famílias, parentes e conhecidos que cruzavam conosco nas ruas. Sempre tentei deixar-lhes claro que "um dia" colocaria tudo isto num "livro" e, se por um lado percebia-os de certa forma lisonjeados com o fato de que alguém pudesse interessar-se por suas histórias, alguns sempre verbalizaram o receio de que o meu trabalho pudesse também prejudicá-los de alguma forma.

Este sempre foi na verdade também um de meus grandes receios e ponto central de dúvidas: o que eu faria realmente com tais informações? Como iria retratá-los? Seria possível em tão pouco tempo de convívio interpretá-los corretamente? Não iria reforçar certos estereótipos ou criar outros? Acredito ser por isto que, de certa forma sempre admirei as crianças que, teoricamente, impossibilitavam o meu trabalho: eram aquelas que não me "contavam nada", não me davam quaisquer informações, fechavam ouvidos e lábios diante de minhas perguntas e meu gravador. Eram estas que, do meu ponto de vista, mais conscientes estavam de sua situação. Pois, ainda que nada tivessem a esconder, ou a temer de mim, o sigilo é uma forma de defesa de suas intimidades, de sua segurança¹². É enfim, um direito que lhes assiste.

Acredito que estas colocações a respeito do processo de " entrada" e "aceitação" do pesquisador enquanto tal, e como "pessoa", em campo, demonstram que, enquanto situação social específica, a situação de pesquisa pode revelar-se também em objeto de observação. Segundo Cicourel(1980), as condições em que as informações e as observações foram obtidas no decorrer da pesquisa, podem sim, ser entendidas sociologicamente, já que o observador " é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto" (Schwartz e Schwartz, apud Cicourel, 1980).

Penso que isto é tanto mais verdadeiro quando a pesquisa é realizada na própria sociedade a que pertence o pesquisador¹³. A diferença entre se trabalhar na sociedade de que se faz

¹² Sobre a discussão da proteção aos "segredos" do grupo pesquisado e a forma de utilização dos dados obtidos em campo de forma a que não venham prejudicar os indivíduos ou a imagem grupal, ver Berreman(1980).

¹³ A minha própria visão sobre o que era "certo" ou "errado", ou seja, meus próprios conceitos sobre o que é "a sociedade" a qual eu e aquelas crianças (supostamente) pertencemos, sempre interferiram na relação de pesquisa. Tinha comigo o sentimento de dever "orientá-las" ao mesmo tempo em que deixava-me "orientar" por seus modelos, reorientando assim, a direção dos diversos padrões que a minha cultura (que não é exatamente a "mesma" das crianças) escolhera como "correto". Meus valores, centralmente os que se enraízam na área de definição da minha identidade, estavam constantemente em xeque. Ao acionar uma avaliação sobre

parte e numa sociedade estrangeira pode fornecer o ponto de partida para se entender as condições nas quais as percepções e interpretações do observador ganham significado, afirma Cicourel. Mas esta diferença pode fornecer também o ponto de partida para se entender a angústia, a sensação esquizo do observador ao perceber que algo na realidade investigada lhe é, ao mesmo tempo, interior e estranho. Durante a pesquisa que realizei em ruas do "centro" da cidade em que moro, tinha sempre muito presente em mim uma espécie de "consciência externa", algo como um "olho de fora", que me observava observar¹⁴. Quem era eu? O que eu fazia ali? A cena social da pesquisa que eu e aquelas crianças compúnhamos no cenário urbano era nossa certeza de existir enquanto "diferenças". E no entanto o que me levava até elas não seria algum sentimento ou desejo de "identificação"? Era tudo muito contraditório. No mesmo momento em que eu finalmente as imaginava exteriores a mim, meus prontos e acabados "objetos de estudo", elas se transformavam em mim. Quando as via como muito próximas de mim, crianças de minha cidade, meu bairro, elas se distanciavam de modo a mostrarem-me o quanto eram diferentes. E de mim, não raro, apiedavam-se. Lamentavam constantemente minha falta de sorte em ter tal "trabalho" (ter que "cuidar" delas). Fazendo-me sua vítima eram no entanto apiedados algozes. E assim, diariamente, nos embatíamos na luta pelo poder de condução daquela cena. Se, de início via apenas a mim mesma como detentora de certos poderes sobre aquelas crianças (um poder ético, social, intelectual, normativo), aos poucos pude perceber a parcela de poder que elas também detinham sobre mim e sobre a pesquisa.

E era na interseção do meu "cotidiano" de pesquisa (momento liminar e de passagem) com o "cotidiano" daquelas crianças na rua; era neste entrecruzamento de biografias, de "histórias de vida"; que eu percebia a posição consensualmente "superior" do pesquisador ser colocada em cheque¹⁵.

episódios observados, sempre havia uma "correção" que assinalava a minha passagem por eles; tinha a tendência que me era socialmente imposta de extrair a "ordem" dos comportamentos, interferindo sempre que as manifestações individuais ou do grupo, apontassem para saídas consideradas "violentas" ou "perigosas". Era assim que interferia, mesmo "sem querer" nas interações entre as crianças, e entre elas e agentes externos ao grupo. Foi um longo e duro exercício tentar manter-me "à distância" nos momentos em que eu já mergulhara até o pescoço (às vezes por minha "simples" presença) nos conflitos.

¹⁴ Canevacci(1993) afirma que "A cidade é o lugar do olhar" e que "o olhar significa não somente olhar, mas também ser olhado." Não posso negar certo alívio ao saber que ele também se sentiu "observado" durante sua pesquisa de campo na cidade de São Paulo, por árvores, edifícios e ruas (!). Então não era sinal de "esquizofrenia"(Jameson com seu artigo já haviam me neurotizado!) eu ter sentido a presença de "algo", que não era somente as pessoas em redor, me observar. Era algo além e fora de nós todos. Não era também a parte física da cidade, com seus monumentos, pontes, edifícios e praças, que me olhava. Creio que era minha súbita consciência descobrindo a força e o inusitado daquele encontro onde eu era também a "criança" a ser observada.

¹⁵ Para Caldeira (1988), no texto pós-moderno, ao perder o status de sujeito cognoscente privilegiado o antropólogo é igualado ao nativo e tem que falar sobre o que os iguala: suas experiências cotidianas. Por isto é

Neste caso, neste delicadíssimo ponto, devo mais uma vez agradecer à sagacidade de meus informantes que nunca perdiam a chance de colocar-me em meu "devido lugar". Não permitiam que eu ultrapassasse os limites de nossas respectivas identidades - eu era a "tia", a "professora", a "escritora", nunca uma deles, por mais que eu me deixasse envolver em seus costumes e companhia. Chegava a ser frustrante que eles não me permitissem "relaxar" do papel social que eu representava, nem mesmo quando os atores sociais supostamente pertencentes ao meu "lado" da sociedade também me "abandonavam". Eles não me queriam uma igual. Eu não era sua igual. Eu mesma apresentara-me como diferente (senão qual seria o sentido da investigação?), externa, objetiva. Eles não faziam mais do que proteger-me e ao mesmo tempo protegerem-se da invasão que éramos uns nas vidas dos outros. Este controle "identitário", este resguardar de nossas diferenças, era o quê, eles sem o saber, me serviam, garantindo a continuidade do meu trabalho com as características que inicialmente lhe foram colocadas. Eu precisava estar realmente "fora", depois de haver penetrado cada um que me aceitara no grupo.

A noção de "superioridade", sempre subjacente ao processo de conhecimento, era desta forma, constantemente negociada entre nós. Entendiam que não era eu que lhes era, em verdade, "superior", mas aquilo que eu lhes representava: o "mundo normal", ou melhor dizendo: a casa, o estudo, os horários, a boa e sistemática alimentação e, finalmente, o trabalho. Eu, como "pessoa", percebia-me muitas vezes "desvalorizada" diante de seus olhos. Por isto de mim se apiedavam: afinal, (como muitas vezes me disseram) eu já não era tão jovem, tão forte, tão esperta ou tão livre quanto eles!

Por vezes, a minha pretensa "superioridade", era uma moeda que eu carregava mais como um lastro incômodo do que realmente como uma "vantagem". As crianças eram espertas o suficiente no entanto, para mantê-la fora de quaisquer dúvidas. Tenho a clara noção de que, por exemplo, a chave de tratamento "tia" que me dispensavam, tinha muito a ver com a manutenção de um privilégio que, devendo a princípio ser meu, voltava-se nesta sutil negociação, a favor deles próprios. Era um jeito, acredito, que eles tinham para não serem em demasia onerados com a minha insistente presença ali no meio, diante, dentro, e, ao mesmo tempo fora deles.

Por isto, muitas vezes o recurso que eu tentava utilizar ao "fazer de conta" que não os conhecia para poder observá-los sem a censura dos cidadãos, não era de forma alguma uma estratégia apreciada pela turma com a qual eu estava. Para estas crianças era vantajoso que as pessoas os soubessem acompanhadas. Eles desejavam esta "cobertura" principalmente na presença da polícia: o "estar com a tia" era muitas vezes um passaporte para que continuassem em liberdade pelas ruas.

que se quer que o antropólogo reproduza o mais possível em seu texto a experiência tal qual vivida no campo, e não tal qual foi reelaborada depois dele. (Caldeira, 1988:142)

Como dito no início deste capítulo, o trabalho de campo que realizei não pode ser encarado nos moldes tradicionais. Tive que inventar e adequar ao espaço que me era concedido entre as crianças na rua, um método próprio: reaprendi a ouvir, a falar e a escrever entre elas e por causa delas. Neste ponto, concordo sem restrições com Canevacci quando ele escreve que "o objeto e o método se constroem reciprocamente" na pesquisa de campo. Deste modo, não é imperativo seguir-se "o" método antropológico, mas reinventar perspectivas e princípios, olhares e narrações. (Canevacci,1993:108)

Levantei aqui alguns problemas relacionados à questão da identificação social do pesquisador pelo grupo pesquisado, assim como por sujeitos externos ao grupo mas que com ele interagem. Tratei da situação ou período de liminaridade pelo qual passa o pesquisador quando se encontra entre dois mundos, mas sem fazer parte integral de nenhum deles. Surpreendeu-me a descoberta de que, assim como para os sujeitos investigados eu jamais seria uma igual, também para os cidadãos que se deparavam comigo no campo, eu não era mais uma cidadã "normal". Estava intrinsecamente "sob suspeita". Tratei, em suma, dos sentimentos de melancolia e isolamento experimentados no exercício do trabalho de campo. Mesmo "viajando" em minha própria cidade, não pude escapar à parcela de "antropological blues" (da Matta,1981) que cabe a todo aquele que, na busca do "outro" depara-se também consigo próprio.

3. A Construção do Texto Etnográfico:

Aquele quase-nada apenas perceptível que produzia a intensidade e punha o bando a risco: em que se apostava a um tempo o seu desaparecimento e o seu exercício, e para mim também uma pista para compreendê-los. Para o que eu procurava as palavras, a um tempo exatas e tão só alusivas, o que me fazia percorrer as literaturas (das ciências sociais, da filosofia) à cata de um meio de não dizer, ou quase isso. Que não o discurso evasivo, nem o direto, que não nenhum truque lógico ou 'jeu de mots', nem recursos tipográficos, nem a retórica tortuosa, nem os virtuosismos neológicos - que aprisionam, eu pensava, nos circuitos previstos da idéia e da frase. Precisaria talvez destes conceitos anômalos em que no esforço da definição multiplicam-se as negativas, provocando uma margem imensa do que não é para dizer (não é isso, e não é isso, e nem isso).

Janice Caiafa, 1985.

A idéia de juntar o diário de campo em seu estado ainda bruto ao texto final de minha dissertação, teve origem num processo de realimentação entre o texto inicial e seus primeiros leitores. O primeiro leitor foi casual, não solicitado, quase clandestino: um "voyeur" desavisado. Leu, às escondidas, partes do diário de campo enquanto eu ainda realizava a minha pesquisa nas ruas. Curioso, porém não esclarecido, ao encontrar-me após a ansiosa e clandestina leitura, desculpando-se pela indiscrição, afirmou ter gostado muito do "romance" que eu escrevia. E, sem poder conter sua curiosidade, quis logo saber qual seria o "final" da "estória" daquelas crianças.

Minha surpresa não poderia ser maior.. e meu desapontamento enquanto aspirante à etnógrafa também.. Então não ficara evidente aos olhos alheios que o que ali estava escrito tratava-se da mais "pura realidade"? Ou, melhor dizendo, da mais pura descrição do que os meus sentidos haviam testemunhado durante a minha estadia em campo?

Devidamente informado sobre a verdadeira origem e função do "romance" que lera, meu indiscreto leitor passou de um estado de impaciente curiosidade para o de uma evidente tristeza:

Então o fato de aqueles relatos serem "verdadeiros" significava que aquelas crianças não teriam um "final feliz" ? Esclareci que o que aconteceria àquelas crianças não só não dependeria do que eu pudesse escrever a seu respeito, como também não se constituiria em um "final" para as suas histórias de vida. E quanto à possibilidade de elas serem felizes...

Deixei o agora entristecido leitor com suas preocupações, e voltei-me para o significado da sua desavisada leitura sobre o meu texto.

Embora em certa medida desapontada com o fato de não ter conseguido escrever um "diário de campo" reconhecível à distância mesmo por leigos, o episódio desta primeira leitura certificou-me que, para o bem ou para o mal, intencionalmente ou não, eu produzira um relato "convincente" sobre o meu objeto de estudo. Quanto ao fato de assemelhar-se a um relato ficcional, quis crer que isto devia-se muito mais a um paradoxo próprio do tipo de literatura que fizemos, do que por um estilo equivocadamente escrito. A fórmula de "convincente enquanto ficção e inconsistente enquanto ciência" felizmente não se aplicaria aqui, e mais adiante veremos porque.

O meu segundo leitor foi, em todos os sentidos, inverso ao primeiro. Era um dos orientadores de minha pesquisa, e portanto, perfeitamente a par da origem e objetivo do texto cuja leitura e avaliação eu lhe solicitava. O surpreendente é que, de uma certa maneira, a impressão que ele teve do texto foi semelhante à do meu indiscreto e desavisado leitor. Disse-me que o texto era rico na descrição de detalhes do dia a dia e da convivência das crianças de rua, de uma forma ainda muito rara ou pouco usual na literatura acadêmica sobre o tema. E que, em suma, o relato tinha um certo "sabor de romance". Esclareceu-me no entanto que, ao contrário de isto desqualificá-lo perante a ciência antropológica, antes, vinha contribuir para preencher certas lacunas etnográficas existentes. Sugeriu-me o aproveitamento integral do diário de campo, para que não se perdessem os "detalhes" e a sequência do cotidiano apreendido pela descrição, como costuma acontecer com a maioria dos estudos onde os cortes metodológicos acabam por onerar um fluxo descritivo mais rico ou minucioso sobre o objeto.

Como já cogitara a apresentação do diário da pesquisa após o término da dissertação como forma de melhor aproveitar o extenso material recolhido em campo, e, principalmente, como forma mais "completa" do meu ponto de vista, de dar voz e vez às crianças que eram o centro do meu trabalho, tive então a idéia de unir o útil ao necessário. Escrever a dissertação tendo em vista proporcionar material de análise etnográfica ao mesmo tempo que realizar um cotejamento entre o texto produzido em campo e - provocada por meus leitores iniciais- textos de ficção (romances) sobre o mesmo tema. A escolha dos romances como contraponto ao meu próprio texto não foi portanto sob nenhum aspecto, ocasional. Além do fato de os "estilos" terem sido considerados semelhantes (ainda que origem e objetivo completamente diversos), os romances sobre o tema da infância órfã, abandonada ou infratora, são os únicos produtores, na literatura sobre o tema, de

descrições mais minuciosas do cotidiano, intimidade e laços sociais de menores abandonados, de uma forma análoga a que eu realizara no diário de campo.

Lembrei-me de Laplantine(1989) e suas colocações sobre as relações entre antropologia e literatura. Citando Proust, o autor lembra que a literatura, e principalmente a literatura romanesca, desenvolve um interesse todo especial pelo "detalhe", e para com o "detalhe do detalhe", para os chamados "eventos minúsculos" e "pequenos fatos" proustianos. Essa preocupação pelo "microscópico" e não somente pelas "grandes dimensões dos fenômenos sociais" vai, segundo Laplantine, ao encontro de uma abordagem que é a antropológica.

Eis aqui, inicial e resumidamente então, origem e objetivo de meu estilo monográfico :
 - nasceu num processo de realimentação entre o texto inicial (diário de campo) e leitores que unanimemente o "reconheceram" como "literário".

- tem por objetivo fornecer descrição detalhada da interação entre as crianças objeto deste estudo e entre estas e demais atores sociais, numa tentativa de fornecer um quadro do cotidiano e laços sociais dos primeiros, com vistas à possibilidade de uma comparação com as descrições fornecidas pela literatura romântica ou ficcional .

De início ainda, seria bom ressaltar que esta não foi uma escolha totalmente livre ou apriorística: decidi escrever o texto assim e ponto. Esta questão, que resolvida parece por força própria - onde mais que escolher um estilo, este se elege - é no entanto, ditada pela forma como o pesquisador se coloca em campo e pela forma como o próprio objeto se dá a conhecer. Dialogando com Caldeira(1988), diria que não bastaria apenas que o objeto fosse outro, também o autor teria que ser outro para que a forma pudesse ser diferente.

Muito antes, portanto, de ter concebido certo tipo de texto, ele impôs-se a mim desta forma. Aqui, como "texto", entendo os acontecimentos observados e por mim "anotados". Como "texto" entendo a própria realidade social observada e, da qual, como sugere Geertz (1978) e afirma um de meus sagazes informantes, conheço apenas pequena parte¹⁶. Esta "pequena parte" alcançada através da experiência de campo, experiência individual e coletiva a um só tempo, única e irrepetível, conta felizmente com instrumentos que permitem a sua reprodução, mesmo que que sob uma forma fragmentada, provisória, e quase sempre incoerente, como adverte Geertz.

Não constitui nenhuma novidade afirmar que o tipo de conhecimento que produzimos é, em muitos aspectos, peculiar. Nossos objetos de estudo não são coisas, mas sujeitos que, além de agirem na realidade que se pretende estudar, pensam, interpretam e explicam esta realidade em seus

¹⁶ A concepção de "realidade", tal como aqui utilizada, diz respeito a uma construção coletiva, socialmente aceita e essencialmente histórica, de acordo também com Berger (1993) para quem " O mundo da vida cotidiana não somente é tomado como uma realidade certa pelos membros ordinários da sociedade na conduta subjetivamente dotada de sentido que imprimem a suas vidas, mas é um mundo que se origina no pensamento e na ação dos homens comuns, sendo afirmado como real por eles."(Berger,1993:36)

próprios termos. O que resulta do "encontro" destas "subjektividades" é, segundo Zaluar(1980), uma indagação metodológica central pois, de um lado há o pesquisador munido de conceitos e teorias tanto científicas quanto de senso comum e, de outro, há os sujeitos de sua pesquisa, munidos igualmente de conceitos e teorias de senso comum que lhes informam continuamente a ação.

Sempre orientada na compreensão da realidade pesquisada portanto, pelos que a vivem substancialmente, de forma protagonística e não apenas de forma marginal e indireta, que cabe ao antropólogo no exercício de campo, gostaria de deixar bastante claro que esta "co-autoria" não me tira, no entanto, a responsabilidade do que foi escrito. Muito pelo contrário, esta responsabilidade acentua-se e é, com certeza, o "terror e o êxtase" desta minha particular aventura.

Esclareço que reservo-me o direito de negar, no entanto, a possibilidade de afirmar quem, ou como são, os "meninos de rua" de Florianópolis. Estas crianças e adolescentes têm, certamente, muitas coisas em comum: idade, condição social miserável, linguagem, hábitos, parentesco, mas cada uma é singular na maneira de "ser" ou "estar" na rua, e na forma que lida com esta realidade. Seguramente, a constatação de que eles não formavam um grupo homogêneo, sempre foi um dos maiores entraves metodológicos à construção de meu texto final, depois de ter permeado e construído meu relativo desconforto ético entre aquelas crianças¹⁷.

É que não havia como ignorar a violência que eu, particularmente, representava para elas: como se não bastassem a polícia (com uma violência obviamente muito menos simbólica), a assistência social, os fiscais e seguranças das lojas e edifícios públicos, os jornalistas, os voluntários e simpatizantes com a "causa" em geral... Eu não podia deixar de pensar nas condições de produção do conhecimento antropológico, em Foucault e sua análise das relações de poder que definem quais enunciados podem ser aceitos como verdadeiros em cada momento. Naquele momento, eu representava a sociedade maior em busca da "verdade" sobre aquelas crianças, quando, só o fato de estar ali já produzira um discurso sobre elas. Já se estabelecera uma relação assimétrica de poder. Em minha "meta-observação"(cf.Canevacci,1993), na sobreposição dos "olhares" que ao observarem também são observados, percebia que a minha presença entre aquelas crianças reforçava o seu

¹⁷ Outros autores já se manifestaram em relação às questões ético-morais que envolvem o trabalho de investigação etnográfica entre grupos socialmente marginalizados. Carvalho(1992) angustiava-se particularmente com a situação de ter que permanecer "impassível" diante de atrocidades vividas e narradas pelos "meninos de rua"de Goiânia, com o propósito de pesquisar a sua linguagem. Heye(1980) também confessa tais dúvidas, mas acaba por contornar as dificuldades em considerar "válido" entrevistar pessoas com fins acadêmicos, visando a própria formação intelectual. Tal angústia acaba sendo entendida como uma fase no seu processo de "amadurecimento" na disciplina antropológica, uma espécie de "adolescência acadêmica", superada através da crença na "possibilidade de participar em algo que, eventualmente, indiretamente, possivelmente possa trazer alguma mudança na vida das pessoas em Mata Machado ou qualquer outro lugar."(Heye,1980:132) Lecznieski(1992) aponta seu descontentamento em relação à tendência homogeneizadora dos "guris de rua", num país como o Brasil, marcado por uma considerável heterogeneidade cultural". Sugere, a partir daí, que se busque aproximar (como ela pretende) um pouco mais o foco de observação e análise sobre o cotidiano destas crianças.

estereótipo de "grupo-problema". E quem era eu, universitária, para estar ali, invadindo a vida alheia? Por quê aquelas crianças? Por quê? As questões podiam e realmente se multiplicavam, a ponto de me paralisarem, por mais de um ano após o trabalho de campo, sem que produzisse qualquer texto significativo na direção da construção do texto final¹⁸.

Felizmente, descobri que o que eu considerava um processo particular e paralisante de auto-crítica, existia já como um polêmico e criativo processo de "crise" na Antropologia. Outros antropólogos, tomados pelas mesmas questões teórico-metodológicas, faziam já um surdo barulho na elaboração de "saídas" para o seu desconforto ético, com a criação de novas formas de escrever sobre culturas. Ainda que isto se desse em outro contexto, que estivesse particularmente acontecendo dentro da antropologia norte-americana, como uma reação de estranhamento da autoridade etnográfica clássica (cf. Caldeira, 1988, 1989), as minhas dúvidas e reflexões encontravam de qualquer forma, um eco reconfortante, ainda que distante, e já bastante criticado por diversos outros antropólogos não muito satisfeitos ou francamente contrários às propostas de crítica às tradições da disciplina¹⁹.

Como um último ponto em relação às origens e objetivos da forma que tomou esta monografia, gostaria de deixar bastante claro o fato de que não pretendo, nem ao menos espero, ter produzido uma monografia nos moldes do que os críticos caracterizam de "pós-moderna", e isto pelo simples fato de que não desejo entrar para uma "briga" onde os participantes já se acham razoavelmente instalados. Todos já têm suas etnografias escritas e aprovadas. Eu preciso desenvolver a minha e o único caminho que encontro é o de seguir os meus próprios passos. Desde que entrei em contato com o modo de produção do conhecimento antropológico e, naturalmente com as discussões que ele suscita - não somente como um modo particular de se fazer ciência, mas como todo conhecimento científico que preserve suas preocupações ético-metodológicas, tenho sempre estado preocupada e, obviamente, também tomada, pela emocionalidade que nos faz, antropólogos, construir, perseguir e finalmente "conseguir" nossos objetos de estudo.

Essa emocionalidade que costumeiramente tem sido chamada de "subjetividade", por dizer respeito às questões colocadas pelo sujeito cognoscente, tem sempre feito parte daquilo que nos trabalhos monográficos ocupa uma pequena e quase marginal, porque inicial e raramente retomada, parte introdutória. É quase como se fosse um rápido levantar de panos, um "mea culpa" murmurado entre dentes, para a desobrigação sempre perigosa, de assumir a subjetividade como

¹⁸ Lecznieski confessa preocupações semelhantes, sentidas na hora de realizar a tarefa de escrever sobre sua experiência com os "gurus de rua" de Porto Alegre: "Como achatar no papel toda uma experiência sem apagar nem acrescentar cor aos fatos observados?" (Lecznieski, 1992: introdução)

¹⁹ Sobre as críticas feitas aos antropólogos pós-modernos, ver além de Caldeira (1988 e 1989), Jameson (1985), Trajano Filho (1986), Cardoso de Oliveira (1987) e Fausto (1987).

parte integrante de um trabalho que visa essencialmente a "objetividade" como requisito para a sua validade científica.

De qualquer forma, neste trabalho não me foi possível ou mesmo desejável compactuar da suposta "conspiração de silêncio" (cf. Berreman, 1980) entre etnógrafos sobre os problemas ocorridos em campo. Não somente neste capítulo sobre metodologia e situação de campo pretendo tratar dos "bastidores" e da minha presença na pesquisa que realizei, mas em todo o texto, como uma forma que encontrei para construir objetivamente este estudo: descrever e comentar as dificuldades havidas em campo e as decisões que tomei, assim como os métodos a partir dos quais as informações foram obtidas, de forma que, como afirma Cicourel (1980), as próprias condições da pesquisa constituam-se em variáveis importantes para o que se considera os resultados da investigação.

Na forma escolhida para apresentar este trabalho, uma "ficção etnográfica", acesso a questão dos meninos de rua em Florianópolis no seu nível mais imediato, mais minucioso, tentando permanecer o mais próximo possível de como as coisas, as pessoas, os movimentos, os acontecimentos enfim, se apresentaram nas formas de intercâmbio, negociação e comunicação social que acontecem nos pequenos grupos, onde a relação é sempre face a face. Neste caso, eu e meus informantes, os informantes e seus pares.

Ao escrever o texto, porém, uma outra questão me intrigava: de que forma transcrever a "fala" das crianças? Utilizar sempre o português gramaticalmente correto como o tentado em toda a dissertação? Ou transcrever os discursos com erros de concordância, desaparecimento de sílabas e cacofonias que eles cometem todo o tempo? Acabei por decidir-me por um "meio-termo". Ou seja, reproduzir fielmente as gírias e expressões que fazem parte da sua linguagem peculiar, mas "corrigir" ou, por vezes, permitir a reprodução de "erros" que nós próprios cometemos numa conversa coloquial.

Assim, achei que a linguagem deles não se faria artificialmente distante da nossa a não ser naqueles momentos em que ela própria se afirma como tal: uso de gírias e expressões próprias da "raça da rua".

As anotações do diário de campo, na medida do possível, serão apresentadas tais como foram feitas logo após, e por vezes durante, o contato com os sujeitos no campo. As horas em que recolhia-me para o sono ou refeições eram os momentos também em que eu transcrevia todo o ocorrido durante o contato com as crianças. Muitas vezes, mesmo ao lado delas, fazia também anotações que me permitissem mais tarde desenvolver o diário. Como afirma Cicourel, "registrar informações e verificar pistas e palpites durante a observação intensiva é um trabalho duro e prolongado. As atividades do grupo podem não permitir o registro de eventos antes que tenha passado muito tempo entre a observação e o registro." (Cicourel, 1980:94) Era mais ou menos isto que acontecia em meu trabalho de campo. Não que ocorresse propriamente um longo período de

tempo antes que as anotações pudessem ser feitas, mas as atividades do grupo, o seu constante deslocamento e, principalmente, o seu dia bastante longo, faziam com que geralmente me sobrassem poucas horas para escrever.

As vezes esta escrita se dava de forma telegráfica, apenas o suficiente para anotar pontos e descrições a serem desenvolvidas mais adiante. Estas rápidas anotações se davam geralmente entre o final da madrugada e as primeiras horas da manhã quando as crianças finalmente adormeciam. Por vezes, quando alguns resolviam "varar a noite vadiando", nem mesmo havia este espaço de tempo, pois quando os notívagos finalmente buscavam um canto para dormir, os que haviam deitado mais cedo já estavam acordando para um outro dia. Assim, eu era forçada em certos momentos a interromper a observação para que pudesse dedicar-me ao diário, longe das crianças.

Mas, por ter escrito o texto em campo, numa forma linear e descritiva e sob o calor ainda dos acontecimentos, sem que a ruptura e o distanciamento entre o pesquisador e o seu objeto tivesse novamente se colocado, este acabou por impor-se com tanta força e independência. Respeitando essa "vida própria", essa "autonomia" do diário em relação às minhas anteriores e posteriores leituras e reflexões, é que pretendo dar início à mais esta "ficção" sobre "meninos e meninas de rua".

Capítulo IV

O Diário Aberto

1. Introdução

A exposição do diário de campo se dá sob a forma do agrupamento temático. Os dias e acontecimentos são agrupados de acordo com certos temas percebidos presentes na interação intra e extra-grupo.

A escolha de um ou outro assunto a ser discutido após a apresentação do texto é arbitrária e segue apenas a percepção da pesquisadora quanto à sua ocorrência no dia. Um respectivo tema é analisado buscando-se o cotejamento entre o fato ocorrido em campo e fatos similares descritos na literatura ficcional e autobiográfica, assim como jornalística. Ainda, faz-se um paralelo com pesquisas das ciências sociais na medida em que estas tiverem abordado as mesmas questões. Assim, diversos aspectos do cotidiano dos "meninos de rua" como: sexualidade, afetividade, liderança, relações com a família, com as drogas, com as instituições de atendimento, com a polícia, estratégias de sobrevivência, visão de mundo e da vida na rua, serão os temas pinçados do diário à medida em que forem aparecendo na narrativa dos acontecimentos observados em campo.

Na montagem do diário às reflexões pós-campo, utilizei-me do recurso gráfico de alternar os tipos e tamanho das letras, conforme a atitude de quem, e o lugar de onde se "fala". Estratégia utilizada como forma de distinguir os vários momentos do discurso, é importante não perder de vista no entanto, que ele é um só. Pertence e flue de uma única voz. A do autor.

O relato de campo onde, pretensamente, o pesquisador atua apenas como aquele que faz registros, é propositalmente grafado em tipos que visam a 'normalidade', a distância, a 'neutralidade'. Lendo-se o relato no entanto, percebe-se que ali, mais do que nunca, o pesquisador se encontra. As vezes quase como uma sombra que aparece aqui, desaparece mais adiante só para

novamente surgir, agigantada, porque garante o fluxo incessante do que é dito, contado, narrado. Ainda é a sua voz que, ao mesmo tempo dentro e fora dos acontecimentos descritos, se faz ouvir.

Na parte dos comentários ou reflexões que sucedem cada episódio narrado, visando sempre comentar um tema em torno do qual os acontecimentos supostamente se deram, uso propositalmente o tipo de letra 'intimista', próxima, artesanal, para que aí não haja dúvidas da presença do autor. Aqui a voz se assume como dominante e, sem pudor, debruça-se sobre o 'outro' - a narração- tendo como objeto de análise também o 'mesmo', a si mesmo, presente no texto lido agora, mas tecido por si em outro momento, o momento do campo, transformado agora em entidade distante e estranhificada.

2. Um Primeiro Encontro

Fins de abril (23.04.91)

Hoje encontrei três crianças que dormem na rua. Vi primeiro as meninas, dez e doze anos, enquanto fazia minha "ronda" de início de trabalho de campo.

Eram vinte e uma horas e, repentinamente, bem à minha frente, elas caminham ao lado de um homem. Vi que tentam convencê-lo de algo. Chama atenção a pouca idade, as roupas, o desembaraço diante do homem que aparentemente não conhecem.

A cena é de sedução. Mas quem seduz a quem?

O homem, assim que me viu observando-os, entre a surpresa e o constrangimento, disse que eram elas que o assediavam.

- Querem que eu pague um lanche - ele afirmou, reprovando com um gesto de cabeça toda a situação.

E, para as meninas disse, prometededor :

- Depois eu pago...

As garotas não me deram a menor atenção. Nenhuma culpa, nenhuma vergonha ou constrangimento, nenhum pedido. Flanavam, descalças e donas de si, pela rua escura.

É evidente que atrapei o desfecho natural da cena. Surpreendido em contato com as meninas, o homem afastou-se delas assim que me viu. (Por que ? O que é que estava fora de

ordem?) Olhei bem em seus olhos. Senti que percebeu do que eu desconfiava. Balançou novamente a cabeça, afastando-se: elas não eram problema seu.

Com a possibilidade imediata do lanche afastada, as meninas correram para um quiosque apinhado de homens, tentando uma nova investida. Em seguida atravessaram a rua e foram conversar com um menino. Fui ao encalço. Tive que passar também pelo quiosque. Ouvi as piadinhas masculinas de praxe dirigidas às mulheres que circulam desacompanhadas na noite. Suportei os olhares e segui em frente. Quando ia cruzando a rua, encontrei-as correndo de volta para o quiosque. Passaram tão rápidas e em alvoroço por mim que não havia como detê-las sem chamar ainda mais a atenção dos homens embriagados.

Abordei o menino que vinha devagar atrás delas. Perguntei se as conhecia. Ele disse sim balançando a cabeça e me olhando intrigado. Pedi que dissesse às duas que eu queria lhes falar. Ele perguntou o que eu queria. Achei que se dissesse somente "conversar" não as convenceria a vir, então disse-lhe que daria dinheiro. O menino demonstrou surpresa e satisfação. Sem perguntar mais nada saiu correndo chamar as meninas.

Fiquei pensando na fragilidade deles. Foi só oferecer o irrecusável. E fiquei pensando também na minha ambiguidade. Só porque estou insegura nesta primeira aproximação, prometi exatamente aquilo que procuravam. Senti-me um pouco como o etnógrafo em contato com um "povo selvagem": presentes em troca de aceitação. Senti-me também um pouco como os criminosos que atraem crianças para o sexo ou para a morte, oferecendo-lhes doces. Era apelar para o máximo da credibilidade infantil. Mas eu pretendia apenas fazê-las interessarem-se por mim. Mal sabia eu que aquele seria o início de um longo e intenso contato onde, nem sempre a "fragilidade" seria deles.

As duas voltam com o menino e me cumprimentam, curiosas. Olham-me de alto a baixo. Nunca nos vimos. Perguntam quanto dinheiro eu iria dar. Pergunto quanto gostariam.

- Muito... - elas respondem juntas e sorrindo.

- E quanto é muito? - pergunto eu, para ganhar tempo e saber se tinham uma noção de cifras altas. Cada um deles arrisca uma quantia:

- Cinco mil...

- Dez mil...

Falo que é realmente "muito" e por isso não posso dar. Elas sorriem. Já não estão tão interessadas no que eu posso oferecer, mas no que quero delas.

Aproveito para falar. Sentamos os quatro na grama, à beira da avenida de alta velocidade, que dá acesso à Ilha. É um local desconfortável e perigoso, pois estamos ao alcance de qualquer carro que perca o controle. Mas não sugiro que mudemos de lugar com receio de perdê-los. Com a promessa de recompensa afastada, tenho que apostar apenas em mim para mantê-los por perto.

Conversei quase só com Vanessa, a menina maior. Tem doze anos e é bastante extrovertida. Os seios, já evidentes, pedem um firme espaço sob a camiseta. Fala rápido, com ar de quem "sabe das coisas da rua". Disse que estava na rua há uma semana "direto" (sem aparecer em casa) e que Maria, a outra menina, "fugiu de casa hoje de manhã". Disse que o menino, Ricardo, seu irmão, está há mais tempo. Ele tem dez anos.

Vanessa afirmou que não ficava em casa por causa das surras que levava do padrasto. Pede a confirmação do irmão mas, antes que ele confirme, prossegue dizendo:

- Ah, eu prefiro a rua porque em casa eu era magrinha, passava fome, na rua eu até engordei! - E apalpava, em demonstração, os braços e pernas rechonchudos.

Contou-me que foi "em cana" hoje durante o dia porque a polícia pegou-a com a "raça" (turma) que cheirava cola no Aterro. Mas justificou que:

- Chero cola, mas nunca me piquei... - e mostrou a parte interna dos braços sem cicatrizes.

Fuma cigarro. Também Maria, que só entrou na conversa quando o assunto passou a ser a cola de sapateiro.

Maria tem dez anos, é delgada, pele clara, cabelos louros escorridos até a altura dos ombros. Tem um rostinho lindo que nem o jeito manhoso consegue enfeiar. Disse, quando perguntei sobre os efeitos da cola de sapateiro, que esta não lhe dá enjô, "só rateação". E contou que quando estão "rateadas" os rapazes aproveitam para lhes "agarrar". Vanessa mostrou-se indignada com a declaração da menina. Afirmou que era "mentira" dela. E que os rapazes "considerado da rua" (os "de confiança", "da raça", etc) nunca mexiam com elas; até as defendiam de quem "tentasse alguma coisa". Maria não se intimidou com a indignação da outra, e reafirmou que os meninos "se aproveitavam" delas quando "rateadas". Vanessa desmentia.

Cada informante tinha noção própria do que "rateação" significava. Mas, grosso modo, refere-se aos efeitos causados pela droga no momento da utilização: o alheamento ao meio circundante e alucinações ("visagens"). Quando numa sessão coletiva da droga, alguém começa a dar sinais de estar "fora de si" ou "vendo coisas", os colegas o apontam como "rateado". Quando a cola seca, costumam dispensá-la porque já "não rateia mais". A "rateação", pelo que pude observar, tem um significado ambíguo. Se por um lado é desvantajoso "cheirar" uma cola que não "rateia", por outro, "ratear-se" fácil demais ou com muita intensidade, é motivo de gozação e de um certo desprezo pelos colegas, já que a pessoa "rateada" não sabe de si, e torna-se presa fácil de muitos perigos, dentre os quais, a polícia.

Repentinamente um rapaz senta-se diante de nós. As crianças o cumprimentam e logo começam a conversar. Nos observamos. Fico pensando se ele será um "menino de rua". Ele já não é

propriamente um "menino". Aparenta ter dezesseis, dezessete anos. E está razoavelmente bem vestido: camiseta polo branca, bermuda colorida e tênis. O contraste com as crianças que estão ao meu lado é evidente. Além de serem bem mais jovens, estão descalças, com roupas sujas e inadequadas para aquela hora da noite.

Ao longo do trabalho de campo fui percebendo que o "visual" nem sempre é indicador de quem dorme ou não na rua. O modo de vestir e o asseio pessoal é ditado também pela idade e temperamento do sujeito. Com o passar dos dias de observação, percebi que os adolescentes maiores, quinze anos ou mais, é que têm maior tendência em se "produzir". A partir da idade em que começam a frequentar as "danceterias", a vaidade e amor próprios juvenis começam a manifestar-se: fazem tudo para adquirir roupas e calçados "de marca" ou "da moda". Conheci um adolescente, 17 anos, "especialista" em furtar tênis caros das lojas. Nunca vendia-os. Contou-me que guardava "os melhores" para ir dançar. Estava sempre bem vestido e penteado, assim como um outro companheiro "boa-pinta" da mesma idade. E no entanto ambos dormiam frequentemente na rua e viviam de furtos. Sempre que eu encontrava-os "bem produzidos", tênis da moda, "roupa de marca", perfumados e geralmente com as namoradas, não podia deixar de lembrar-me de "Gato": o personagem "boa-pinta" e namorador, membro do bando dos Capitães Da Areia (Amado, 1991).

O jovem que se aproximou é Peninha e tem 17 anos. Bem falante e extremamente bem-humorado, logo foi se enturmando. Visivelmente interessado na minha presença ali àquela hora, perguntou-me se eu era da ASA (Ação Social Arquidiocesana). Depois, se eu era da Prefeitura. Respondidas as suas perguntas, tratei logo de voltar ao episódio das meninas com o homem no quiosque. Perguntei se elas o conheciam e o que queriam dele. Vanessa, mais uma vez, foi quem respondeu. Disse que queriam que ele "pagasse alguma coisa", porque estavam "com fome". Percebendo minha preocupação, Peninha disse às meninas que não "se metessem" com os homens mais velhos, já que elas sabiam o que eles queriam. Vanessa retrucou rápida, que: "tava ligada", que sabia "de tudo", etc. Peninha visivelmente indignado com o assunto, sugeriu, sorrindo:

- O bom era fazê uma emboscada pr'esses caras que ficam de olho nas menina. E perguntou o que eu achava da idéia.

Em resposta, perguntei se da parte dos "meninos maiores" não havia também um interesse pelas meninas. Ele me garantiu veementemente que:

- Na nossa turma quando dormimo no 'mocó [esconderijo] é as menina de um lado e os rapaz de otro. E afirmou que "até dormimo tudo encostado", pois se alguém levantar durante a noite, os outros logo percebem.

Deu-me a impressão que o seu discurso era feito para me agradar. Ele falava aquilo que achava que eu iria gostar ou considerar correto. Também podia revelar uma forma idealizada de ver a relação entre seus companheiros de rua.

Respeitando o seu empenho em convencer-me do respeito e da amizade que havia entre eles, tentei no entanto, relativizar a noção de que as meninas "não podiam transar". Apelei para um outro ideal também muito defendido por eles, que é o da liberdade das ruas.

- E se elas quiserem - eu perguntei - vocês acham que têm o direito de proibir ?

Ele foi categórico em dizer que sim. Tentariam ao menos não deixar, se fosse com um "velho". No seu entender, um homem que tivesse "mais de vinte anos".

A essa altura, Vanessa e Maria voltaram a reclamar da fome. Pediram-me dinheiro. Dei algum a Vanessa que saiu correndo com Ricardo na direção do quiosque. Tentei conversar com Maria, mas ela permaneceu fazendo manha e não me deu muita atenção. Peninha no entanto, não parava de falar sobre "os cuidados" que os "maiores" tinham com os "menores" ali na rua. Também mostrava-se indignado com a velocidade dos carros naquele trecho da avenida. A ventania formada entre um e outro veículo quase nos arrastava dali.

Vanessa e Ricardo voltaram em seguida com dois pacotes de salgadinhos. Os dois irmãos e Maria começaram a comer. Dentro da embalagem havia aquelas figurinhas que as crianças colecionam. Comentei que meus filhos gostavam muito daqueles brindes. Eles imediatamente deram-me as figurinhas para que eu levasse para casa. Enquanto comiam, Peninha continuava falando, sempre ratificado por Vanessa, sobre a proteção que os "maiores" davam aos "pequenos" na rua.

Enquanto Peninha falava, Ricardo aconchegou-se a ele e colocou a cabeça em seu peito. O jovem não o afastou. Passou carinhosamente as mãos na cabeça do menino e me disse, sorrindo:

- O meu maió desejo é tê um filho.

Quando perguntei se teria condições de criar um filho, ele respondeu que os seus parentes tomariam "conta" dele.

Acabado o rápido lanche, as meninas começaram a reclamar do frio. Já eram mais de dez horas e a temperatura havia caído. Elas estavam de short e mangas curtas. A roupa de Maria lembrava aqueles "baby-doll" que as meninas usam para dormir no verão.

Vanessa pediu para usar minha jaqueta jeans. Falei a ela que era resolver um problema e criar outro: aí eu é que ficaria com frio. Pediu então para ir dormir em minha casa. Percebi que ela me testava, avaliando minhas reações. Peninha reforçou o pedido de Vanessa parecendo preocupado com o fato de que dormissem ali na rua. Falei que não seria possível. Perguntei onde é que costumavam dormir. Vanessa respondeu que "por aí". E para demonstrar-me talvez, o sentido literal da sua afirmação, deitou-se de bruços na grama, a cabeça entre os braços, a alguns metros de nós.

Ao jogar-se no chão descobriu ainda mais as pernas. Os homens que passavam diminuíam os passos para observá-la. O interesse dos "velhos" não escapou a Peninha que, indignado, chamou a atenção de Ricardo. Recomendou ao menino que "cuidasse da irmã". Ricardo levantou-se muito sério, e, fazendo um muxoxo ao homem que parou para admirar as pernas de Vanessa, arrumou enérgicamente o short da menina. Ela permaneceu imóvel.

A esta altura Maria também já deitara na grama, imitando a companheira. Ricardo também reclamou de sono. Peninha então sugeriu que fossem todos ao "mocó" que arranjava. Ofereci-me para ir até lá com eles. O rapaz explicou-me e a Ricardo onde era o local. Chamamos Vanessa que depois de algum tempo levantou-se e concordou em sair dali. Maria fingiu já estar dormindo. Quando estávamos há alguns metros, levantou e juntou-se a nós.

Elas caminhavam rápida e silenciosamente, transidas de frio. Cabeça baixa, os braços ao redor do corpo, para aquecer. O local que Peninha nos indicara era o "camelódromo" que estava sendo construído pela Prefeitura de Florianópolis, a uns quinhentos metros.

Chegamos rapidamente. A dificuldade foi encontrar o cubículo indicado. A maioria estava trancado a cadeado. Não encontrávamos o que deveria estar aberto, segundo Peninha, na "segunda fileira, da esquerda para a direita". Enquanto procurávamos o cubículo de alumínio certo, percebi que outras pessoas já usavam aquele local como dormitório. Pelo mau-cheiro, também como banheiro. Foi Ricardo quem encontrou o cubículo destrancado e abriu devagarinho a porta. Já havia alguém lá dentro. Um menino levantou quando a porta foi aberta. Devia ter a idade de Ricardo. Os pés de uma outra pessoa impediam a porta de abrir totalmente.

As três crianças entraram no cubículo. Maria e Vanessa ajeitaram-se para dormir. Fiquei imaginando como é que caberiam todos ali. Peninha dissera que mais tarde viria também. O local estava completamente às escuras. Despedi-me de Ricardo com um afago em seu rosto bonito e redondo. Ele permanecia de pé junto à porta entreaberta, esperando que eu me fosse para fechá-la. Maria e Vanessa já haviam desaparecido, deitadas na escuridão.

Fui embora. Era quase meia-noite e hoje foi a primeira vez que consegui contatar crianças que dormem na rua. No caminho para casa fui pensando na conversa que tivera com eles, nos seus rostinhos bonitos como o de qualquer criança que tivesse casa, cama, comida... E lembrei-me de não esquecer o pedido que Peninha me fez : trazer-lhe, da próxima vez que nos encontrássemos, uma calça comprida para o frio que se aproximava.

2.1 O Sexo na Rua

Numa de minhas primeiras incursões "ao campo" conheci uma menina de apenas doze anos de idade. Disse-me sussurrando, para não ser ouvida em volta, que fazia "ponto". Seus fregueses eram "os velhos". Queria dar-me dinheiro para contribuir com os "meninos de rua". Estava orgulhosa por "trabalhar" e poder ajudá-los.

Mais tarde, descobri nos boletins de ocorrência do 6º D.P., que sobre uma das meninas desta noite também pairavam suspeitas de prostituição. Depois vim a saber mais detalhes sobre a "vida sexual" de ambas. Pronto, aqui talvez já tenha descoberto algo que estava "fora de ordem" naquela noite. Aqueles dois "anjos" tinham sexo. E foi isto que assustou aquele homem: ser suspeito de relacionar-se sexualmente com aquelas crianças.

A acusação de relacionar-se sexualmente com crianças não assustou, durante o trabalho de campo, somente o indivíduo adulto. Até mesmo os meninos companheiros de perambulação e "vadiagem" das meninas, defendiam-se disto, quando "acusados".

Peninha, no relato acima, exagerou nos "cuidados" que eles têm com as meninas da turma, nos contatos que estas mantém com "os velhos". Note-se que, para o adolescente de 17, "velho" é todo homem com mais de vinte anos. Peninha também resguardou a imagem dos "maiores" na rua em relação ao desejo pelas meninas. Disse que se vigiam durante o sono. Quis, isentando-se de "culpa", tornar insuspeita toda "a raça". Com o passar do tempo, pude perceber que Peninha era sincero. Ele realmente agia assim. Não namorava as meninas "pequenas" que, para ele, eram as "menor de treze, quatorze anos". Mantinha relações sexuais com as companheiras de rua sim, mas todas de sua faixa etária. E sempre com o consentimento ou mesmo por sugestão (ou sedução) delas. Surpreendi-o certa noite "transando" num mocó com uma garota de sua idade ou pouco mais velha, que recém "entrara" na rua. Eles mantinham o intercursos sexual enquanto um grupo de colegas cheirava cola, ao lado.

Mas, na pressa de livrar-se de qualquer acusação, antes mesmo que eu chegasse a formulá-la, Peninha quis negar toda a possibilidade de sexo entre eles. Sabia que, de alguma forma, aquilo depararia a favor do "coletivo" da rua. Com o seu depoimento parecia tentar dizer-me que entre eles, no "mundo da rua", as coisas não eram tão "imorais" como "de fora" se pode supor. E que, na verdade, a "imoralidade", a "aberração" que ele considerava o contato sexual entre um "velho" e uma "menina", era cometido não por eles "da rua", mas pelos homens "de idade".

Note-se que o assunto dos "homens que ficam de olho nas meninas" partiu de mim. O rapaz percebeu que era algo que me interessava. Mais: que me "preocupava". Ao me ouvir

inquirir as meninas sobre o contato que mantinham com aquele homem naquela noite, quem era ele, o que ele queria ou o que elas queriam dele, Peninha imediatamente repreendeu as garotas como qualquer pai ou irmão mais velho normalmente faria. Mandou que as meninas "se cuidassem" já que sabiam qual era a realidade: muitos adultos gostam de fazer sexo com crianças. E aproveitou, percebendo uma provável desaprovação da minha parte em tal relação, para deixar também bastante claro o seu repúdio. E como, desta forma, compartilhava com a moral vigente. Sugeri uma "emboscada" pros "velhos". Pegá-los em flagrante, para castigá-los.

É interessante que toda esta defesa dos "princípios" da turma em relação ao sexo com as companheiras de rua, deu-se diante e apesar do depoimento contrário da menina Maria. Ela insistia que quando "rateadas", "os rapazes" aproveitavam para lhes "agarrar". A menina não fez-me a confidência em tom de queixa. Não se lamentava, apenas me contava algo sobre as suas libidos. Se queixa ou acusação havia, era mínima da parte dela. Só queria fazer-me saber "o que acontecia" quando cheiravam cola de sapateiro.

A sua declaração no entanto, indignou Vanessa. Ela fez questão, como Peninha, de afirmar uma "ética", um "código" de comportamento e solidariedade entre os "da raça". Entre os que ela chama "os rapaz considerado da rua" ou "os considerado da rua" ou simplesmente "os da raça". Afirmou que estes tais, não só não abusavam delas, como "até defendiam de quem tentasse alguma coisa".

Um outro dia, outro menino (Arlindo, 13 anos) negou qualquer possibilidade de envolvimento com a menina Maria com quem o vi dormindo no "castelinho" do Aterro da Baía Sul¹. Ele teve reação similar a de Peninha, quando indagado sobre a possibilidade de sexo entre eles. Alegou a pouca idade dela e, na defensiva, fez questão de explicar que :

- Ela é que às vezes pega no meu pé ! Vem o tempo todo atrás de mim... não sei porquê !

Perguntei se haviam "namorado": naquele dia em que os encontrei dormindo juntos. Ele se chateou. Parecia escandalizado:

- Ela tem só dez anos !! Ela é que foi atrás de mim prá dormi ali. Eu não chamei ela. Não levei ela! - Defendeu-se ele com veemência.

Eu disse que não o estava acusando de nada, e que só havia perguntado porque o próprio irmão da menina me havia dito, um outro dia, que ela "dava" para os garotos na rua.

Conheci Querubim, 13 anos, irmão de Maria, uma tarde em que ele dormia a sono solto num banco de pedra sob a centenária figueira da Praça XV no centro da cidade.

¹ Para localização no centro da cidade ver Anexo 2 : mapas (1,2) e fig. 4.

Eu estava com Tonho Grande que o conhecia e o apresentou a mim. Com o irmão de Maria diante de mim, resolvi saber finalmente a "verdade" sobre o seu paradeiro. Fazia uns dois meses que eu não a encontrava. As vezes em que pedi notícias dela à Vanessa ou outras crianças, me responderam que ela estava "no hospital, com Aids e gonorréia". Naturalmente não levei a informação ao "pé da letra". Sabia que quando uma "notícia" se espalha entre as crianças, elas a divulgam sem muita preocupação com a sua veracidade. As vezes o importante é apenas chocar, chamar a atenção, fazer as informações verdadeiras ou não, circularem. Ter algo a dizer, "saber" sempre algo sobre o outro².

Perguntei ao irmão da menina então, se ela está ou esteve mesmo doente. Ele respondeu, dando de ombros:

- Sei lá, da vida dela...!

Perguntei se não se preocupava com o fato dela, ainda tão pequena, andar assim pelas ruas. Ele respondeu que:

- Agora não ligo mais! Sempre que eu encontrava ela na rua, batia nela, mandava ela prá casa, mas ela não ia... agora não dou mais bola, porque ela é que sabe da vida dela!

E continuou, provocador:

- Ela é uma vaca... dá prá todo mundo! - E rindo, apontou Tonho ao meu lado, com o dedo em riste:

- Esse aí memo, ó... foi ele que tirô o cabacinho dela... vai dizê que não foi!?

Pego de surpresa, Tonho só soube dizer:

- ô cara... olha a tia aí, né, mais respeito!

Mas não negou o fato e tive a impressão de que, pudores à parte, ele até que se orgulhava da acusação bem-humorada que o amigo lhe fazia.

No entanto, mesmo ouvindo que o irmão da menina sabia que ela "transava", Arlindo negou acreditar que Maria fizesse sexo. Disse que os meninos "só passavam a mão", nela. Mas naquele momento foi desmentido pelo próprio irmão da menina que recém-chegara e entrou

² Outras vezes quando tentei me informar sobre o paradeiro de alguma criança "sumida do centro", me informavam de que ela havia sido adotada por um casal rico e ido "embora prá França". Também era comum responderem que a criança estava "presa" ou que tinha simplesmente ido "prá baía"(casa). A versão da adoção, apesar da veemência com que alguns a defendiam, nunca se confirmava. Algum tempo antes de eu chegar no campo, uma companheira deles realmente havia sido adotada por um casal francês e levada do Brasil. Obtive a informação no Juizado de Menores. Esta história tornou-se quase uma "lenda" entre os que ficaram: pobre e sem família, porém muito bonita (ênfatizavam a beleza), a menina transformou-se numa criança muito rica (ênfatizavam a riqueza) e amada num país distante.

intempestivamente na conversa dizendo que era verdade sim, que os "caras comem" a Maria e que o próprio Arlindo, apesar de negar, sabia que um dia, um cara :

-... chupou a buceta dela lá no mocó... um monte de cara... todo mundo mexendo !

Querubim falou alto e bom som, para quem quizesse ouvir. Arlindo, envergonhado, abaixou a cabeça e pude ouvir que concordou, constrangido, em voz baixa:

- É ... isso é verdade...

Querubim retrucou alto, novamente :

- Claro ! Foi tu memo que me contasse !

Sobre este episódio, eu ainda voltei a falar com Arlindo numa outra ocasião em que estava presente também o rapaz que disseram ter feito sexo oral com a menina. O rapaz, 14 anos, confirmou a história, também bastante constrangido. Tentou se eximir de "culpa" dizendo que não queria, mas que foi uma "tentação" que lhe deu. Que estava "todo mundo" mexendo nela e o incitaram a entrar na "brincadeira" também. Disse ainda que a menina incitava os garotos e que riu dele quando ele foi "de língua". Considerava a menina "muito pequena", e não a quis molestar, penetrando-a³.

O que assustava a todos ? Por quê tantas desculpas e disfarces? O que engendra tamanha dissimulação?

Com exceção do mais antigo, todos os romances analisados descrevem a descoberta do sexo pelo jovem. Embora tenha se permitido descrever em Oliver Twist(1837) crianças espertas como "raposas", Charles Dickens não permitiu-se descrevê-las sexuadas. Isso não surpreende em terra e tempos de moral vitoriana, mas, nos outros romances, a sexualidade está quase sempre à flor da pele. Homo e heterossexual . No entanto, sempre entre os pares. O adulto permanece "fora" do circuito.

Jorge Amado no entanto, quase cem anos depois de Dickens e, nos trópicos, ousou introduzir porém uma idéia perturbadora da moral vigente: uma senhora da sociedade, dessas

³ Martins(1992) observou que as meninas de rua de Goiânia parecem identificar a saída para a rua com a perda da virgindade: "A passagem de casa para a rua é, portanto, um marco equivalente à passagem da condição de virgem para a de mulher - esta última com o sentido de sexualmente ativa."(p.71) Observa também que "tanto a perda da virgindade quanto a saída de casa expressam formas de passividade e submissão das meninas à vontade masculina", já que estas não se assumem nem como agentes voluntárias do ato sexual, nem da saída de casa , que surgem interligados no discurso. Talvez pelo fato das meninas por mim contatadas serem bem mais jovens, consideradas ainda "crianças" pelos próprios companheiros de rua, esta questão da virgindade não se colocava. E, pelo contrário, a saída delas para a rua (caso de Vanessa, Maria, Leninha) ao invés de sugerir submissão à vontade de outrem, era a afirmação de suas "rebeldias", de sua "desobediência" ao grupo doméstico.

"caridosas" para com os pobres, relaciona-se sexualmente com uma criança abandonada descrita por ele em Capitães Da Areia.

Sobre o sexo entre crianças e adultos, Foucault analisa a intervenção médica e a ação judiciária num episódio de carícias trocadas "num dia qualquer de 1867", entre um trabalhador sazonal ("simples de espírito") e uma menina, nas "fimbrias de um roçado:

"O que é importante nesta história? Seu caráter minúsculo: que o cotidiano da sexualidade aldeã, os ínfimos deleites campestres tenham podido tornar-se, a partir de um certo momento, o objeto não somente de uma intolerância coletiva, mas de uma ação judiciária, de uma intervenção médica, de um atento exame clínico e de toda uma elaboração teórica. O importante está, em que dessa personagem comum, até então parte integrante da vida camponesa [ele obteve as carícias da menina, como já havia feito, como havia visto fazer, como faziam em volta dele os moleques da aldeia] se tenha tentado medir a caixa craniana, estudar a ossatura facial e inspecionar a anatomia, na busca de possíveis sinais de degenerescência; que o fizessem falar, que o interrogassem sobre seus pensamentos, gostos, hábitos, sensações, juízos. E que se decidisse, finalmente, isentando-o de qualquer delito, fazer dele um puro objeto de medicina e de saber- a ser enfiado, até o fim de sua vida, no hospital de Maréville, mas a ser revelado ao mundo científico através de uma análise detalhada." (Foucault, 1988:33)

Como nos romances, a sexualidade estava à flor da pele também entre meus informantes. Na verdade, ela transpira por todos os poros do convívio citadino. Entre todas as pessoas de todas as idades. As crianças e adolescentes na rua, no entanto, trazem-na mais à tona, não a escondem nem confinam, como é convencionado entre os adultos.

O sexo era apenas mais uma possibilidade lúdica/erótica que a não-vigilância sobre estas crianças na rua permitia. Não era algo que fosse incessantemente procurado, mas que estava sempre presente. Concordo com Vogel quando diz que o menino da rua, além da liberdade inconcebível que pode tomar com o tempo e o espaço em relação ao menino de casa, ainda consegue "alcançar uma antecipação considerável da capacidade de dispor do próprio corpo, no que se refere às relações sexuais e ao consumo de drogas." (Vogel, 1991:145)

Ao observar neste e em outros dias, as crianças tentando conseguir algo de um adulto (as vezes eu própria), não podia deixar de lembrar das "crianças espertas" a que Foucault se referiu. Não foi tanto a atitude do homem que surpreendeu-me naquela noite, e sim a das meninas: com que desembaraço e rapidez elas movimentavam-se por entre o grupo de homens embriagados no quiosque. Mas, não posso negar que, inicialmente, tal expressão chocou-me. Era como se o autor quisesse partilhar a "perversão" de um adulto com uma criança "inocente". Isto depunha contra a crença na "pureza nata" das crianças. Então elas também podem ser "perversas"? Meus preconceitos respondiam que não. A observação de uma turma de rua, no

contraste com a "normalidade" do nosso cotidiano, me mostrou que não se trata exatamente de "culpados" e "inocentes", de "pureza" ou "perversão". Mas de um cotidiano em que as nossas regras de sexo, idade ou propriedade, são frágeis, muitas vezes prosaicas e inadequadas demais para serem levadas à sério.

Percebi, entre eles, que a moralidade, a retidão de cada ato, está antecipadamente colocada para aquele que o entende como justo, necessário ou verdadeiro diante de suas necessidades.

Para Fischer Ferreira(1979) " a permeabilidade entre os atos legais e ilegais faz com que os meninos da rua usem os valores sociais de uma maneira muito instrumental ." Assim esta autora percebeu as crianças e adolescentes entrevistados, com um "amplo acesso aos valores da ideologia dominante", mas com uma estratégia de adaptá-los às suas práticas cotidianas conforme as circunstâncias se colocassem. E chama a atenção para o fato de que, era no contato com grupos e classes sociais diferentes da sua, e que também praticavam essa "manipulação de valores", que os meninos reafirmavam e até mesmo aperfeiçoavam esta instrumentalização. Tal atitude não é, porém, exclusiva dos menores ou das camadas marginalizadas da população. A mesma manipulação e uso dos valores sociais é feito por todos, conforme suas condições de classe e as circunstâncias em que ocorre cada caso, afirma a autora. (Fischer-Ferreira,1979:162-3)

Foi esta também uma das "conclusões" a que cheguei na observação da relação que as crianças estabelecem com os adultos na rua. Elas são perfeitamente capazes e aptas na criação e manutenção de laços que visam a sua afirmação enquanto indivíduos na rua. Ou seja, muito cedo aprendem a "se virar" sozinhos. De acordo com Martins(1992) que investigou um grupo de "meninas de rua" de Goiânia, a "menina de rua" possui plena consciência de sua capacidade em manter-se na rua e contornar as frequentes dificuldades, assim como descobrir uma nova forma de viver, diferente daquele do mundo da casa: " a facilidade de relacionar-se, de representar ora o sofrimento, ora a coragem e o destemor; as possibilidades de manipular policiais, assistentes sociais, pessoas comuns; a viabilidade de se ter o que se quer, bastando para isso tomar, assaltar."(Fenelon,Martins e outros,1992:60)

Na rua, longe dos responsáveis por si, a criança não só não quer, como muitas vezes não pode atuar estritamente dentro do que lhe é socialmente permitido fazer. E aqui, o uso do sexo para conseguir o que se quer, é apenas mais uma possibilidade. Nem mais, nem menos valorizada. Em alguns casos, apenas "mais fácil" ou "mais possível" sob certos aspectos. Estes aspectos são : geralmente há demanda e prazer, de ambos os lados. E, do ponto de vista das crianças, pode ser também mais "vantajoso". Significa menos "trabalho" e mais dinheiro. Vejamos, por exemplo, mais um pouco da história destas crianças e adolescentes, ainda sob o aspecto das maneiras encontradas para "se virá" na rua.

(12.06.91) Centro, madrugada. Na lanchonete em que entramos para tomar um refrigerante, Vanessa disse que "o homem lá da porta" ofereceu-lhe emprego, mas que ela recusou. Quando passamos pelo caixa, o homem que devia ser o gerente da lanchonete, interpelou a menina, reclamando que ela o "deixou na mão". Ou seja, prometeu vir trabalhar e não apareceu. Perguntei a ela, diante do homem, porque não aceitava o emprego. Ela deu-me uma resposta dúbia, que fez seu primo Raul, ao lado dela, sorrir :

- Ah, é qu'eu sô fácil...

Percebendo a risada do menino, retificou:

- Eu arrumo dinheiro fácil !

O homem ainda argumentou, dizendo que não "entendia" como ela preferia ficar andando "por aí, toda suja, rasgada, pelas ruas", quando podia usar um "uniforme bonitinho, passar um batonzinho" e ainda ganhar dinheiro. Perguntei qual seria a função dela ali, e ele respondeu que ela iria "ajudar os garçons": limpar mesas, servir lanches, etc. No caminho ao encontro do resto da turma, fui questionando-a sobre a proposta de trabalho que recebera. Ela me explicou que não via "vantagem" em aceitar a proposta. Disse que ganhava "muito mais" no trabalho que já tinha. Trabalhava apenas uma noite por semana e recebia 5 mil. Do seu ponto de vista, seria "burrice" trabalhar todos os dias para ganhar "dez mil" por mês se "dinheiro é fácil de arrumá". Ela trabalhava apenas uma vez por semana e ganhava vinte. Sem patrão nem horário. Só tinha que "í pegá o dinheiro".

Este seu "trabalho" era para mim uma incógnita. Falou-me nele numa das primeiras vezes em que nos encontramos, mas nunca quis explicar direito que tipo de serviço fazia. Havia dito que era numa "casa de família", onde lavava "uma loucinha" e também que era numa loja de móveis usados, onde ia uma vez por semana "tirá o pó". Me explicou que pegava o dinheiro por semana, porque tinha medo de ser roubada, se juntasse o dinheiro do mês. Disse-lhe que francamente não acreditava muito neste seu "emprego" e ela respondeu, tranquilamente, que "o homem da lanchonete também não", mas que ela tinha realmente "um serviço".

Um ou dois meses depois desta nossa conversa, num encontro com a assistente social responsável pelo regime de "liberdade assistida" de Vanessa e seus irmãos, um deles, Nêgo, pediu para falar a sós com a assistente, dizendo ter algo "muito sério" a falar sobre a menina. Embora um tanto constrangido com a minha presença, acabou desabafando o problema. Disse estar "desconfiado" de que o tal "trabalho" da irmã às quintas-feiras à noite, era "na casa de um homem". Disse que seguiu Vanessa e uma coleguinha quando foram até o "serviço" dela, e que elas correram quando o viram, tentando se esconder. Desconfiava que a irmã "dorme com o homem prá ganhá dinheiro".

Querubim segundo ele próprio me confessou uma noite em que perambulávamos pelo centro, também ganhava dinheiro para as coisas que precisava na rua, "comendo os viado". Perguntei quando começara a fazer isto. Ele respondeu que a "primeira vez" fazia "pouco tempo" e tinha sido :

-...com um cara, um viado que me viu de pau duro, aqui na praça e gostô...- disse rindo malicioso e debochado - daí me ofereceu cinco mil e eu fui !

Resolveu então me contar o episódio. Narrou o encontro com detalhes, e contou que Tonho Grande e Jefe tinham ido junto "prá vê a transa" e acabaram se masturbando. Divertia-se lembrando como os colegas haviam se excitado. Quando paramos num bar, o menino disse que ali era "um ponto de viado", e ficou me apontando os tais, afirmando que:

- Conheço eles de longe... só pelo jeito de andá !

Quando seguimos o passeio, ele demonstrava não ter pressa em reunir-se aos que nos esperavam no Aterro. Pelo contrário, parecia querer ficar o maior tempo possível sozinho comigo. Ele já não havia permitido que Tonho Grande viesse junto. Na Praça XV, deserta, sugeri que sentássemos um pouco "prá conversá". Sentado num banco, esfregava as mãos de satisfação:

- Aqui tá bom, né ?

Em seguida apontou um passante vestido de branco, à distância, dizendo que era :

-... um viado que a essa hora, tá aqui procurando coisa...!

Voltou a se referir à relação homossexual que tivera há poucos dias. Fiz-lhe algumas perguntas, ele respondia sem pudor, parecendo excitar-se com as lembranças, ou com o fato de estar relatando-as a uma mulher? Percebi que tocava disfarçadamente o membro sexual ereto sob o agasalho. Quando seguimos andando, aproximou-me da vitrine de uma banca de revistas dizendo que queria me "mostrar uma coisa". Apontou a capa de uma revista com fotos pequenas de um casal fazendo sexo em diversas posições. Queria que eu as observasse junto com ele.

Querubim era um que expressava abertamente a "vantagem" da prostituição e do furto em relação ao trabalho. Segundo ele, com o produto de um furto ou o dinheiro de uma "transa", ambos conseguidos em poucos minutos, ele "lucrava" muito mais que o obtido por muitas horas vendendo jornal, carregando peso ou fazendo outro "bico" qualquer. Ele mesmo se surpreendia em como podia ganhar dinheiro apenas deixando que algum "viado" o masturbasse por cinco minutos ou então vendendo, enquanto perambulava, algum objeto roubado.

Martins(1992) afirma que "No caso particular das meninas de rua, verifica-se que seu corpo, de modo muito frequente, é um instrumento de trabalho. Ele é entregue a qualquer um, por uma noite em um motel, por comida, por algum dinheiro."(op.cit.:71) As crianças que observei na rua também utilizavam seu corpo como instrumento de troca. Vanessa um dia "trocou-se" por

uma lata de cola oferecida por um adulto; Rosana "trocou-se" pelo mesmo objeto, oferecido pelos meninos da turma, em outra ocasião.

Recentes e "dramáticos" relatos na imprensa sobre prostituição infantil em cidades brasileiras, como os de Dimenstein (1990,1992), Medeiros (1992) e Carvalho (1991), chegam à conclusão de que são os adultos que geram a demanda perversa.

Um artigo jornalístico sobre a escravidão sexual de meninas impúberes na Tailândia, traz a mesma aterradora e óbvia conclusão. Neste artigo em especial, a pesquisadora choca-se quando desvela o fato de que os clientes dos prostíbulos infantis, pertenciam não a uma distante e "exótica" sociedade, mas à dela própria⁴.

Um outro artigo, sobre prostituição infantil masculina nas Filipinas também traz esta informação: os cidadãos de uma pequena cidade perto da capital Manila, descobriram o "dinheiro fácil" advindo da prostituição dos filhos pequenos, depois que gays norte americanos chegaram à cidade na equipe de cinegrafistas de "Apocalypse Now". As pessoas que estão tentando erradicar este "comércio" do leque de opções "turísticas" local, encontram dificuldades justamente junto aos pais das crianças envolvidas. Estes, com o apoio do prefeito, segundo o artigo, defendem a permanência da prostituição, descrevendo os benefícios econômicos trazidos por ela, tais como: estudo para as crianças, roupas, casas, ginásios de esporte e outros projetos cívicos patrocinados pela "generosidade dos estrangeiros"⁵.

Neste ponto, creio ser importante colocar que nunca, durante todo o trabalho de campo, fiquei sabendo de alguma criança ou adolescente ter sido forçado a manter relações sexuais. Não afirmo que isto não ocorresse, mas durante o tempo em que estive em contato com as crianças, nunca houve queixas. Mesmo o sexo (pago ou não) com adultos ou "velhos" era mantido de comum acordo entre as partes. Ou seja, em que pesem as coerções econômicas para a atividade da prostituição entre os sujeitos por mim investigados, no observado, o quadro em nada se assemelhava à escravidão ou violência sexual mencionadas nas denúncias acima.

Embora a tendência geral nos romances analisados foi a de manter o adulto fora do circuito sexual infantil, sabemos que a realidade não é bem assim. Muito se tem falado, ultimamente, em "abuso sexual" de crianças e adolescentes no Brasil e no mundo. Nosso país é tido, ao lado da Tailândia e das Filipinas, um país na rota do turismo sexual infantil.

Recentemente, foi amplamente divulgado pela imprensa que o número de crianças que sobrevive da prostituição no Brasil atinge a casa do meio milhão. Há quem conteste este

⁴ - Comércio de Meninas - Uma Mulher Contra a Prostituição Infantil na Tailândia. Por Rosely Forganés. Marie-Claire n. 20 -Sociedade. Novembro, 1992.

⁵ - "Philippine Town's Parents Battle Effort to Stop Their Children's Sex Trade" by Seth Mydans . The New York Times- International. Sunday, February 5, 1989.

número alegando não terem ainda sido realizadas pesquisas que levantem estatisticamente o problema⁶.

Nos romances analisados também não há referências à "prostituição infantil". Parece ser tema "pesado" demais para o entretenimento. Apenas Jean Genet e Mohamed Choukri em suas auto-biografias, tocam no assunto. Mas no romance-confissão de Genet, a prostituição, assim como outras formas consideradas "ilegais" ou "imorais" de ganhar dinheiro, como o roubo e a traição, não são tratadas como tais pelo autor. Jean Genet desdramatiza estas atividades e apresenta-as como algo que lhe fascinava e dava prazer. Ele nos fala do que sentia quando era jovem e miserável. Diz abertamente o que quase ninguém ousa confessar: tinha prazer na transgressão e "tesão pelo crime". A prostituição, confessa, era o seu crime-prazer predileto⁷.

Também Mohamed Choukri, assim como Querubim em meu relato, surpreendia-se com a descoberta de que o sexo podia ajudá-lo a sobreviver. Afirma nunca ter entendido a preferência dos velhos pelos garotos, "já que não faltam mulheres na terra", mas acabou aceitando que era "um trabalho como os outros, além do roubo e da mendicância." Só que com uma vantagem: "Trabalha e tem prazer." (Choukri, 1983:80-81)

A prostituição masculina de que tive conhecimento nesta pesquisa sempre esteve ligada ao homossexualismo. No entanto, não encontrei no campo, qualquer menino ou adolescente que fosse xingado pelos colegas de "bicha". Não encontrei nenhum menino com trejeitos ou características afeminadas⁸. Não havia, mesmo por parte dos que assumiam uma relação homossexual, qualquer consentimento na perda de sua masculinidade. A prostituição, quando existia, era reconhecidamente "viril". Sempre requeriam a parte ativa na transa. Assim, como me afirmava Querubim, eles é que "comiam" o "viado".

Numa noite em que alguns meninos conversavam num círculo, senti a falta de um deles e perguntei ao resto da turma onde se encontrava. Informaram-me de que havia sido

⁶ - É bom lembrar que a prostituição não é um "trabalho" exclusivo dos meninos e meninas "de rua". Sabe-se que adolescentes de classe média, estudantes, de ambos os sexos, morando ou não com a família, também usam o sexo como gerador de renda. Sobre a prostituição entre jovens de classe média ver o estudo de Gaspar (1985) e as reportagens jornalísticas sobre "garotas de programa" de Florianópolis, dos dias 23.02.92 e 02.12.92. do Diário Catarinense. As reportagens informam que "é cada vez mais comum a presença de estudantes universitárias e também de profissionais formadas" em agências especializadas no ramo da prostituição.

⁷ - Na p.43 de seu Diário, ele afirma: "Por algum tempo vivi do roubo, mas a prostituição agradava mais à minha indolência."

⁸ Não encontrei meninos afeminados, mas encontrei meninas masculinizadas. Uma delas, conhecida como "macho-fema", foi o maior e melhor "cabeça" (chefe) que a "raça da rua" já teve, segundo depoimento dos meninos.

convidado para uma reunião com membros da polícia militar para discutir a questão da violência dos policiais com os meninos de rua. Quando ele chegou, limpo e bem vestido, tentou relatar a reunião com os membros da polícia militar, mas Peninha não deixou. Nael ficou indignado. Queria comentar com o grupo o que havia visto e ouvido na reunião e falar-lhes sobre a possibilidade das coisas melhorarem para todos eles. Peninha porém, retrucava cada palavra de otimismo do colega com ironias e ceticismo. Cansado, Nael passou a ironizar também. Disse que então, o "melhor para todos" seria continuar fazendo assim como Peninha: "transar com viado prá sobrevivê" e, rindo, me disse:

- Ha... tia, precisa vê quando eles se encontram ! Esse otário - apontou Peninha-deixa até o viado beijá ele na boca !

Peninha diz que é mentira, que é só "amigo" de um "bicha", que o cara é muito legal com ele, que é um "cara inteligente", "é professor", mas que são "só amigos".

- Amigo nada ! Seu socadô de barro! diz Nael, rindo muito. E repete várias vezes o xingamento ao amigo:

- Ha, ha, ha, socadô de barro, socadô de barro, como é que pode...!

Alguns dias depois, quando inquiri Peninha a respeito dessa possível relação, ele confessou que era verdade. Que "transa" com o bicha, mas que não o beija na boca como Nael afirmou. E contou-me outros detalhes sobre a relação: disse que assim que chega na casa do homem, ele o manda tomar um banho através de gestos, pois é mudo. E prossegue dizendo que:

- ... enquanto tomo banho, tia, ele já botou um monte de coisa na mesa prá eu comê, quando saio, limpinho, cheiroso, tá aquela mesa ali, cheinha de coisa boa... aí ele me faz sinal prá comê à vontade...ele é muito legal, depois me traz de carro até aqui no centro de novo.

Houve uma época em que Peninha "sumiu" do "centro" e quando ele apareceu novamente, me afirmou ter passado "uns tempos na casa do mudinho, tia."

Mesmo Nael que criticava o companheiro por se prostituir com um homem, nem cogitou em xingá-lo de "viado". Xingou-o de "socador de barro". Embora depreciativo, o xingamento não atingia a virilidade do companheiro. Era ele ainda, que "metia" no outro homem. Era o "socador".

Esta necessidade da "certeza" ou "garantia" de permanecerem "homens" está de certa forma expressa numa conversa que mantive com um engraxate (17 anos) que se apresentou a mim como "ex-menino de rua". Na verdade, ele ainda "morava" na rua e não tinha família ou parentes em Florianópolis. Mas, ao contrário de outros adolescentes como Nael e Peninha, que

também já beiravam a maioria, fazia questão de deixar no passado a sua condição de "menino".

(18.06.91)Praça Fernando Machado. Enquanto conversava com o "engraxate" percebi que dois homens, já passando da meia idade, ao passarem por nós olharam de forma insistente e (que me pareceu) lasciva para o rapaz. Ele é um jovem forte e até mesmo atraente, apesar do desleixo e sujeira nas roupas e cabelos. Chamando sua atenção para o interesse dos homens que ele não havia percebido, perguntei se na rua já havia recebido propostas sexuais masculinas. De início, negou. Mas quando contei que um outro menino já me contara que ganhava dinheiro daquela forma, ele falou que também ganhava dinheiro assim "às vezes". Aproveitando o assunto sobre sexo que não parecia constrangê-lo, tentei saber como é que isso acontecia ali entre eles. Ele então, falou que "esse negócio é complicado", porque depois de "levar" o cara podia "querer metê também" e, com ele, isso não tinha vez, porque :

- ... não sô como os caras aí, que deixam rolar... ficam se trocando no mocó.

E então me afirmou que já viu " muitas vezes no mocó" os meninos "se trocarem" numa turma. "Trocar", ele me explicou, é "primeiro comer e depois levar". Assumir portanto alternadamente a posição ativa e passiva no ato sexual. Pediu-me segredo para falar "uma coisa". E então disse:

- Se a senhora qué sabê, até o Nêgo é !

- É o quê ? - perguntei.

- Assim... já peguei ele, o Ricardo irmão dele, e mais um galeguinho (não sabia o nome do menino) se trocando de noite lá no mocó... eles todos fazem isso... prá mim não dá !

A " acusação" que o jovem fazia aos meninos da turma dos "pequenos" não envolvia a prostituição. Nem a pedofilia. Era sexo entre os pares. Meninos que ao dormirem juntos no esconderijo ("mocó") mantinham relações sexuais. No entanto esta era uma acusação grave, e por isto pediu-me "segredo". Pois os meninos, segundo ele, tanto assumiam a posição ativa quanto passiva (faziam a "troca"). Mas, o mais grave, do seu ponto de vista, é que não era por dinheiro, mas por prazer. Por "gosto". Isto, no entender do informante depunha contra a masculinidade dos garotos⁹. E, principalmente de um garoto como Nêgo, que tinha fama de "valente" na turma.

⁹ Em relação ao status da masculinidade e a sua aquisição entre meninos e adolescentes, considero muito interessante a analogia que Carvalho(1987) traça ente as estratégias para se tornar um bom jogador de "bolinhas de vidro" e a resistência, entre os jogadores, ao comportamento homossexual passivo. Nesta questão também da identidade social ligada à identidade sexual, da diferença que se estabelece entre aquele que no relacionamento sexual assume a posição ativa e o "bicha"(passivo), ver o excelente estudo de Perlongher(1987).

Nunca consegui no entanto que qualquer um dos meninos confessasse tais "brincadeiras" na turma. Quando inquiri diretamente alguns deles, foram veementes em negá-las. Ricardo, um dos que o engraxate acusou, ficou particularmente escandalizado. Afirmou-me que "até agora"(ele tem dez anos) só tinha "transado uma vez" mas fora com uma menina da sua idade, a tal que foi adotada por um casal francês. Os outros meninos presentes concordavam com Ricardo: era mentira, eles não transavam entre si.

Nêgo não demonstrava muito interesse pelas companheiras de rua, embora houvesse uma que todos afirmavam ser sua namorada, mas nunca os vi em contato. Uma vez uma menina "da rua de Curitiba"(como se identificou), apenas "de passagem" por Florianópolis, tentou namorá-lo em vão. Teco, irmão mais velho de Nêgo, na mesma ocasião,apresentou-me a irmã da curitibana como sua "namorada". Os dois abraçavam-se e beijavam-se a todo momento, deixando bastante claro para todos que estavam "afim" de sexo. A menina que tentava seduzir Nêgo, tentou também, a exemplo da irmã, arrastar o "namorado" para longe da turma com o objetivo de ficarem "a sós", mas o menino desvencilhou-se de seu abraço e foi para junto dos companheiros envolvidos em outras brincadeiras. Furiosa com o "fora", a menina gritou para que voltasse. Mas Nêgo não lhe deu mais atenção naquela noite e dormiu cedo, no chão de uma pracinha, junto dos irmãos Ricardo e Vanessa.

Percebi que o menino apenas suportou, e com certa impaciência, os carinhos e investidas sensuais da bonita menina sobre si. Tão entediado ou dando a mínima importância, quanto da vez em que foi literalmente "chupado" no pescoço por Tataco, com quem se divertia, cheirando cola, um outro dia. Tataco beijou-o no pescoço na frente de todos nós, sem que surgisse qualquer sinal de constrangimento, ironia ou desaprovação por parte de ninguém.

Jean Genet, em sua autobiografia, faz questão de afirmar sua homossexualidade. Assume diante de todos que "gostava de homens" assim como gostava do crime. Mohamed Choukri amava as mulheres, mas relata ter forçado ao sexo um menino menor que ele ("uma criança") e, quando repreendido pela tia, confessa, como Genet, que: " amo o que é mau. Isso me dá prazer". Collen nega qualquer "envolvimento" nos dois assédios homossexuais que "sofreu". Embora num deles admita ter "permitido" se deixar acariciar por um companheiro de instituição à noite, na cama, faz questão de afirmar que durante o intercurso "não parava de pensar na Bruna Lombardi", como estratégia para não acabar se "habituaando" e ficar "igual aos meninos passivos". (Collen,1987:87) Se não interessava-se por sujeitos do mesmo sexo, Collen também não dá "provas" de práticas heterossexuais. Não há uma menção sequer sobre qualquer envolvimento sexual com meninas, o que faz de sua autobiografia um romance quase tão assexuado quanto Oliver Twist.

Ocorre exatamente o contrário na autobiografia escrita por outro adolescente brasileiro. Em A Queda para o Alto, a autora, transexual, descreve mimuciosamente - e com

claro (embora não declarado) objetivo de entender melhor tudo o que lhe aconteceu - toda a "perturbação" sexual de que foi vítima. Era, fisicamente, uma mulher, mas "psicologicamente" um homem. Era um dos "machos" mais "famosos" dentro das Unidades da FEBEM, na época. Tinha muitas "mulheres" e "filhos" na instituição. O único caso amoroso que teve com um homem não é sequer comentado em seu relato. Fala apenas de suas "paixões" pelas garotas das Unidades que frequentou¹⁰.

Em Capitães da Areia a homossexualidade entre os meninos do bando é encarada com naturalidade. Assim como o sexo praticado com "as negrinhas" do areial. Ninguém era discriminado por fazer sexo com o companheiro. Isto, até um padre convencê-los de que aquilo "era coisa indigna num homem, fazia um homem pior que uma mulher." A partir daí, a homossexualidade é motivo de perseguição e banimento dos que a praticam no grupo. O chefe dos capitães, Pedro Bala, encarrega-se de erradicá-la como a uma "doença contagiosa".

Leczneski que investigou "guris de rua"(engraxates) numa praça de Porto Alegre, observa que "Embora as práticas homossexuais não sejam mencionadas na literatura sobre meninos de rua, este é um tema central tanto do discurso quanto da prática destes garotos."(Leczneski,1992:143)

Ela afirma que todos os meninos que contatou na pesquisa afirmaram já ter se prostituído, especialmente com homens, cuja clientela é maior. E ainda que, tal como também observei, embora o constrangimento econômico desempenhe importante papel na decisão de recorrer à prostituição, "não se pode dizer que as experiências homossexuais dos garotos não contenham um componente erótico."(p.145)

Chamou-me a atenção no entanto, a existência entre os "guris" gaúchos, do denominado "amigo-de-meia". "Amigo-de meia", segundo a pesquisadora, é o companheiro da mesma faixa etária ou que trabalha no mesmo ramo (no caso, engraxates), e que se associa a outro para fins afetivos e sexuais. O curioso é que sendo a homossexualidade passiva também motivo de chiste e desprezo entre estes garotos, eles no entanto, encaram com normalidade a existência deste "amigo", afirma a autora. E argumenta que é porque, sendo "de meia", como o próprio termo sugere, "os sujeitos alternam, meio a meio, as posições de ativo e passivo." Assim, a posição de passividade (desprezada) não pode ser atribuída a nenhum deles de forma exclusiva.

¹⁰ Segundo Suplicy, que prefacia o livro, "Provavelmente porque preferia não ter mais a lembrança de se sentir mulher, (a autora) optou por não contar esse episódio em seu livro."(Herzer,1982:11) Ele, no entanto, não poupa sua autobiografia desta informação, sugerindo que a versão de Lia Junqueira para a transformação de Herzer em homem, fosse a mais plausível: Sandra Mara teria ficado tão triste com a morte do namorado que quis transformar-se nele, adotando seu apelido: "Bigode". Suplicy e Junqueira, talvez no intuito de conseguir uma explicação para o que não compreendiam, a transexualidade de Herzer, ignoram o que ela mesmo confessa: o desejo de ser homem acompanhava-a desde a primeira infância.

Era justamente esta "troca", esta "viração" sexual, que o engraxate por mim contatado condenava, e afirmava existir na turma dos "pequenos". Estes, no entanto, ao contrário dos "guris" gaúchos jamais assumiram tal relacionamento.

Na polifonia das vozes sobre quem fazia o quê com seu sexo, tanto nos romances quanto no diário de campo, pode-se perceber aquilo que Foucault anuncia na sua "história da sexualidade":

"A implantação das perversões é um efeito-instrumento: é através do isolamento, da intensificação e da consolidação das sexualidades periféricas que as relações do poder com o sexo e o prazer se ramificam e multiplicam, medem o corpo e penetram nas condutas ." (Foucault, 1988:48)

Cada informante requisitava para si saber a "verdade" sobre seu sexo e o sexo do outro. Não importa que, porventura, acreditassem estar "mentindo" por qualquer motivo: a defesa do ethos da turma, a defesa de si, a vergonha, o medo da punição ou do escândalo. Mesmo na "mentira" ainda aí, a busca da "colocação do sexo em discurso". A emunciação da sexualidade própria ou de outrem.

O mesmo acontece com as personagens nos romances. A "confissão" faz parte do impulso em toda a comunicação literária. Para Foucault, a "história da sexualidade" para ser escrita tem que, por princípio, entrar nesta consideração: o mecanismo da confissão faz, historicamente, parte de um grande procedimento para produzir "a verdade do sexo" no Ocidente.

Este mecanismo de incitação à fala, ao discurso, causa, segundo o filósofo francês, uma verdadeira

" metamorfose na literatura: de um prazer de contar e ouvir, dantes centrado na narrativa heróica ou maravilhosa das "provas" de bravura ou de santidade, passou-se a uma literatura ordenada em função da tarefa infinita de buscar, no fundo de si mesmo, entre as palavras, uma verdade que a própria forma da confissão acena como sendo o inacessível. " (op.cit.:59- grifos meus)

Mais, e para além da simples repressão e velhas interdições, este tipo de poder incitador, produtor (a que Foucault dá o nome de "dispositivo de sexualidade") para se exercer, requisita "presenças constantes, atentas e, também curiosas". Implica portanto, em proximidade, aproximação física e um jogo de sensações intensas:

" Requer um intercâmbio de discursos através de perguntas que extorquem confissões e de confidências que superam a inquisição".

O autor se refere aqui ao exame médico, à investigação psiquiátrica, ao relatório pedagógico e aos controles familiares, mas pode-se certamente incluir dentre estes mecanismos de poder e controle, também a investigação etnográfica.

Como ouvinte e ao mesmo tempo regente - porque incitador - das vozes, dos discursos, cabe ao investigador encontrar, não só no que é dito, mas também no que é feito, os "eventos minúsculos" que constituem as várias manifestações da sexualidade.

Por isto era necessário "estar junto", ver e ouvir tudo. Fazê-los falar ou observar seu silêncio. Mas estar sempre ali, como um efeito panóptico ambulante e ironicamente falho: eu também poderia e constantemente era observada, vigiada¹¹.

Conjugado à prostituição, à pederastia, ao homossexualismo, o exercício do sexo na infância implantou-se no domínio cientificamente (e, portanto, historicamente) construído, da libertinagem, das perversões, dos desvios. Pois aqui trata-se de campo "liminar" (como tudo que se refere à infância): um campo onde, segundo Foucault, configura-se a idéia de um sexo presente (anatomicamente) e ausente (fisiologicamente) ao mesmo tempo. Presente se é exercido, ativado, mas "deficiente" quanto à sua finalidade reprodutora. As crianças portanto, estão aquém e ao mesmo tempo já no sexo.

Trata-se assim, de "sexualidades periféricas", tornadas "perversas" ou "imorais" pela mecânica de um poder que ao perseguir ardorosa e incessantemente suas variadas e "despropositadas" formas, visa não a sua supressão, mas a especificação, classificação e distribuição regional de cada uma delas. Trata-se, através da sua propagação e tornadas "lugar-comum", de semeá-las no real e de incorporá-las ao indivíduo:

"Crianças demasiado espertas, meninas precoces, colegiais ambíguos, serviçais e educadores duvidosos, maridos cruéis ou maníacos, colecionadores solitários transeuntes com estranhos impulsos: eles povoam os conselhos de disciplina, as casas de correção, as colônias penitenciárias, os tribunais e asilos [e, eu acrescentaria, as pesquisas sociológicas], levam aos médicos suas infâmias e aos juizes suas doenças. Incontável família dos perversos que se avizinha dos delinquentes e se aparenta com os loucos."
(op.cit.: 41)

Preso aos eventos minúsculos do cotidiano ao investigador restava fazer ranger, gritar, aquilo que eram "gestos sem idade, prazeres pouco mais que furtivos". O quê então havia de tão interessante aí? Eis a pista de Foucault: é o próprio fato de algo até então perfeitamente cabível, perfeitamente cotidiano e habitual como as crianças em liberdade, o convívio social indiscriminado das idades, a atração carnal entre os seres, passe de um certo momento histórico para outro, a ser objeto de busca e indagação científica.

¹¹ O que fazia a todos objeto de observação, mas garantia também a todos o papel de sujeitos numa comunicação, coisa que um panoptismo bem acabado não permite.

3. O Encontro com a "raça".

Início de maio (08.05.91)

O "centro" está particularmente vazio esta noite. Procurei durante horas as três crianças que contatei na semana passada, e nem sinal de Vanessa, seu irmão Ricardo e Maria. Gostaria de saber se ainda estão na rua, se voltaram para casa ou onde estão no momento. Encontrei apenas quatro crianças de uma família em que todas mendigam, inclusive bebês e recém-nascidos. Mas não souberam ou não quiseram informar-me sobre o paradeiro das "outras" crianças. Os que eles chamam de "minino de rua".

A diferenciação que se estabelece entre os que "pedem" e os que "dormem" na rua , é uma questão delicada. Para os pedintes, que vivem em casa com a família, ser "confundido" ou identificado aos "de rua" é sofrer uma séria "acusação". Para evitar a identificação indesejada, negam-se a dar qualquer informação sobre os "outros".

Continuei a perambulação tomando a direção da Rodoviária Rita Maria, porque lembrei que foi lá que por duas outras noites alguns meninos pedintes levaram-me para "brincar". A "rodoviária", como eles chamam, é local bastante apreciado pelas crianças. Tanto pelas que dormem na rua (às vezes dormem lá dentro), como as que esmolam, que trabalham , ou as que simplesmente vêm "brincar" no centro da cidade.

Na entrada do prédio, encontrei uma menina, dez anos, que também pede esmolas no centro. Conheço-a de vista há algum tempo. Com ela estava uma anã que mendiga pelo centro da cidade também. Perguntei se haviam visto as crianças que eu procurava. A menina informou que havia "alguns por ali" , e apontou um local gramado sob uma árvore, ao lado do prédio. Aproximei-me : a sombra da árvore tornava-os invisíveis à distância.

Duas das crianças eram Vanessa e Ricardo, os irmãos que eu procurava. Com eles, um pequeno bando: Tonho Grande, doze anos, Alberto, onze, e Leninha, doze. Além destes, mais três meninos que eu não conhecia. Estavam todos sentados bem juntinhos no gramado, conversando. Vez por outra, um saía correndo atrás do outro, brincando, e voltavam a sentar-se com o grupo.

Fui com a menina e a anã até onde eles estavam. Mas não demonstraram interesse por mim. Apenas Leninha aproximou-se correndo e me disse em tom de "fofoca":

- A Van tá lôca prá dá pro Evandro! - e, antes de afastar-se novamente correndo, recomendou que eu "ficasse olhando". Um menino veio logo atrás, dizer-me que:

- O Evandro tá co'a Vanessa e eu tô co'a Leninha.

Contrariada, a menina negou. Algum tempo depois, o menino deixou o grupo, chateado. Saiu xingando e chutando pedras. Conheço Leninha há muito tempo. Há uns seis anos atrás, era impossível passar pelo calçadão da Felipe Schmidt (centro) e não ver ou ouvir no meio da rua, aquela menininha de cinco anos de idade. Sentada no chão, uma caixa de sapatos vazia à sua frente recolhia as esmolas enquanto ela tocava energeticamente um violãozinho de brinquedo. Cantava em voz alta e esgarçada, sempre a mesma música, um "hit" do momento em todas as rádios AM nacionais: "Fusão Preto".

Sentindo-me completamente deslocada com a falta de receptividade, sentei-me também na grama, com a menina e a anã., a alguma distância do grupo. Estavam entregues a algum tipo de jogo de empurra-empurra e com muita manifestação verbal. Provocavam-se, xingavam-se e riam muito. Algumas coisas eram sussurradas de ouvido em ouvido, outras eram gritadas para provocar riso. Vanessa estava realmente interessadíssima em Evandro. Seguia-o assim que se afastava dela e dependurava-se nele, passando os dois braços em volta de seu pescoço. Sentava em seu colo, beijava-o na boca com insistência, acariciando-o no rosto, cabelos, peito. O menino correspondia às suas investidas, beijando-a e acariciando seus cabelos, mas de forma mais moderada.

Deu para perceber que Tonho Grande desejava ardentemente estar no lugar de Evandro e ser o alvo das investidas carinhosas e sensuais de Vanessa. O menino seguia-a todo o tempo e observava embevecido as carícias que ela fazia à Evandro. Tentava, sempre que podia, tocá-la, trazê-la para junto de si. Mas a menina desvencilhava-se dele com firmeza, xingava-o e voltava a agarrar-se a Evandro. Tonho então sentava bem juntinho de Evandro, como se quisesse pegar as sobras dos carinhos de Vanessa. E ficavam assim os três, sentados muito juntinhos, Vanessa e Evandro namorando, Tonho Grande olhando e desejando Vanessa.

Conheci Tonho Grande também antes do início do trabalho de campo, quando abordou-me no centro da cidade, pedindo dinheiro. Estava descalço, completamente sujo e maltrapilho. Queria dinheiro para jogar "taito", mas não o disse na ocasião. Estávamos perto de uma casa de diversões eletrônicas e ele ficava por ali arrecadando dinheiro para as fichas. O jogo do taitorama é, segundo ele, o seu "vício" na rua.

Enquanto os observava, conversava com minhas duas companheiras, e pensava numa forma de estar mais junto deles, poder ouvir o que se diziam, conversar com eles... Foi aí que lembrei do rádio de meu gravador. Sintonizei música. Sabia que assim que ouvissem, o grupo iria se aproximar. Quando ouviu, Vanessa nos chamou e foi logo querendo segurar "o radinho". Entreguei-o a ela com as devidas recomendações de "cuidado" etc, e sentei-me ao seu lado. A menina pedinte sentou do meu lado e a anã permaneceu de pé à nossa frente. Começamos a conversar. Perguntei

quem eram os meninos que não conhecia e Vanessa apresentou-os, começando naturalmente, por Evandro, 13 anos, Tataco, 14 e o irmão deste, Lourenço, de oito anos.

Mais próxima deles, percebi que Leninha, embora mais discretamente, também participava do jogo amoroso de Vanessa, Evandro e Tonho Grande. Ela tentava de todas as formas chamar a atenção de Evandro. Dizia-lhe gracinhas, fazia-o rir. Passava o braço por detrás de Vanessa a fim de conseguir beliscar o menino sem que a amiga percebesse. E assim ficavam os quatro: o casalzinho "namorando" no centro, e um casal de crianças do lado, assistindo ao namoro e tentando sempre atrair o parceiro do outro para si.

Enquanto os quatro se entregavam a esse jogo, Ricardo e principalmente Tataco, de pé à nossa frente, faziam brincadeiras. Imitavam Vanessa e Evandro, fingindo beijar-se na boca, falavam palavrões, contavam piadas e casos ocorridos hoje ou em outro dia qualquer, empurravam-se nos carrinhos de bagagem, tudo com a intenção de nos fazer rir.

Em certo momento Vanessa desgrudou de Evandro, levantou-se e foi para a "linha de frente" da brincadeira: pegou a anã nos braços e disse que iam dançar "lambada". Para minha surpresa, a moça aceitou a brincadeira. A menina tinha quase que ajoelhar-se para ficar na altura da anã, e a cena seria realmente engraçada se não fosse grotesca. Mas as crianças não pensavam assim, e riram a valer das duas. Tataco, sentindo que "roubaram-lhe a cena" das brincadeiras, foi para trás das dançarinas, e, agachado nos calcanhares, imitava o modo de dançar e andar da anã. Todo mundo riu. Inclusive as duas que páram de dançar para observá-lo. A anã sai correndo atrás do menino que foge dando saltitos e ainda imitando-a. Todo o grupo observa a cena rindo muito. Dentro de pouco tempo os dois voltam a juntar-se a nós sem qualquer traço de ressentimento: era tudo brincadeira.

Atraído pelas risadas, um jovem funcionário de empresa rodoviária aparece. O grupo de crianças cumprimentou-o amigavelmente. Ele e a anã flertam, trocando gracejos. Intrigado com a minha presença, jogou-me também no "circuito" da paquera, dizendo que eu era "bonita". Fingi ser surda-muda. O grupo aderiu á brincadeira. "Ouviam" e "falavam" em meu nome. O rapaz, indignado com a gozação, ameaçou ir chamar "o sargento da P.M.". A Polícia Militar dá plantão nos fundos da rodoviária.

Leninha, acusou-o de "pagar-sapo" e diz que ele "já demorô " para ir chamar a polícia. Gelei. Sabia que a animosidade estava declarada.

"Pagar-sapo" é uma gíria muito utilizada pelas crianças nos casos de brigas e discussões. Não tem "tradução" muito exata. Mas no momento de minha pesquisa era o xingamento por excelência. Penso que posso arriscar "traduzi-lo" por : "mentiroso", "contador de estórias", "caluniador", "provocador", etc. Martins (1992) traduz esta gíria como: " expressão dos meninos de rua que significa dar conselhos, fazer sermões, etc." (Fenelon, Martins e outros, 1992:80)

O rapaz, enraivecido, afasta-se dizendo ir realmente chamar a polícia. O grupo não se abala. Ninguém faz o menor movimento para fugir ou esconder-se. Preocupada, sugeri que nos escondêssemos nas moitas do jardim. Com a escuridão, ninguém nos acharia se ficássemos bem quietinhos. Mas ninguém sequer deu ouvidos à minha proposta. Pareciam acreditar que o rapaz blefava. Voltaram a divertir-se. Fiquei impressionada e ao mesmo tempo nervosa com a calma deles. Já presenciara a expulsão de crianças da rodoviária, e não estava disposta a assistir novamente. Não hoje em que custara tanto a localizá-las. Se houvesse expulsão o grupo provavelmente iria se dispersar. O "clima" descontraído de antes, no entanto, já se desfizera, pelo menos para mim, que só consegui relaxar quando percebi que o tempo passava e a polícia não aparecia para nos tirar dali.

Passado algum tempo, o episódio do rapaz já no esquecimento coletivo, aparece outro homem. De mais idade mas com o mesmo uniforme do anterior. Devia ser motorista de ônibus. Postou-se ostensivamente ao nosso lado, em silêncio. Ficou observando as brincadeiras de Ricardo e Tataco. O resto do grupo, sentado, observava os dois meninos na mais perfeita calma. O carrinho de bagagens que usavam pouco antes já havia sido guardado, para evitar represálias por parte dos fiscais do Terminal. Naquele momento então, era um grupo de crianças como outro qualquer, se divertindo. Cientes de que não cometiam qualquer "infração", ignoraram, também ostensivamente, a presença do homem.

Percebi que era principalmente a mim que ele observava. Por isto quis esconder-me quando ouvi a ameaça do outro rapaz. Eu sabia que em caso de repressão, era entre mim e o agente repressor que as coisas iriam se resolver. As expectativas recaíam sempre sobre a minha pessoa: as crianças esperavam que eu as "defendesse" ou que "falasse" por elas. O adulto esperava que eu desse as "explicações".

Mas não senti vontade alguma de falar com o tal homem. Antipatia visceral, já que eu sabia o que ele representava: a negação do direito, meu e daquelas crianças, de permanecermos onde bem quiséssemos. Não podia tolerar que me importunassem de forma gratuita no decurso de meu trabalho, nem suportar ver as crianças serem discriminadas com base em "medidas de precaução" que apontavam para os "maus-costumes" e a "má-educação" daquele "tipo" de criança, como já ouvira muitos policiais e seguranças alegarem.

Como ninguém lhe deu atenção, o homem resolveu se pronunciar. Perguntou se eu era "a responsável" pelas crianças. Respondi que não. Então, intimidador, perguntou ao grupo que "bagunça" era aquela ali. Embora não devesse, não pude evitar de retrucar que não havia "bagunça" alguma, estávamos apenas conversando e brincando, sem nenhuma ameaça à ordem do seu local de trabalho. Nem ao menos estávamos dentro do prédio, mas num dos jardins externos. Acrescentei que se o estávamos "incomodando" não víamos problema algum em sairmos dali, embora aquele fosse

um local público. Em seguida levantei-me. As crianças me acompanharam, e fomos todos sentar uns vinte metros mais adiante, no estacionamento.

O homem ainda permaneceu por algum tempo ali, e quando já nos esquecêramos dele, alguém alerta que ele está "mijando" no jardim. Começam então a gritar, mandando que procure um banheiro, etc... Não posso negar que também participei da algazarra: afinal, quem ali, era o "transgressor"?

O homem suportou calado a gozação e logo entrou no prédio, encerrando o incidente.

Diante do "o quê fazer agora?" generalizado, Vanessa sugeriu que fossem até a "Beira-Mar". A turma acata imediatamente a sugestão. Ela me convida para ir junto. Aceito e nos levantamos em seguida para começar a caminhada. Mas a menina pedinte fica em dúvida se vai ou não conosco. Passa um pouco das onze horas e se ela for com a gente certamente terá que passar a noite na rua junto com os outros. Ela tenta fazer com que eu decida por ela se vai ou não. Eu esquivo-me de mais esta "responsabilidade". Ela é que deve decidir. A anã já havia ido embora sem que eu percebesse. O resto da turma não parece muito interessado no fato dela nos acompanhar ou não. Apenas Leninha e Vanessa dizem para ela ir, que vai ser "legal", etc.

A menina decide nos acompanhar, mas o faz por pouco tempo. Quando dou por sua falta e pergunto à turma onde ela está, alguns a apontam já voltando para a Rodoviária. Ela não se despediu de ninguém. Imagino que deve ter decidido tomar o ônibus de volta para casa.

Mas eu estava enganada. Dois dias depois, encontrei sua irmã que procurava por ela no centro da cidade. Ela não aparecera em casa desde aquela noite. Sua mãe, segundo a irmã, estava "preocupada". As outras crianças não sabiam do paradeiro dela. Um ou dois dias depois encontrei a menina novamente pedindo esmolas pelo centro.

Continuamos andando em direção à Beira Mar e quando chega o momento de atravessarmos a avenida é aquela loucura: os carros passando em alta velocidade pela via expressa e as crianças atirando-se pelo meio da rua, ziguezagueando, driblando os veículos que buzina, piscam os faróis, tentando alertar a meninada. Felizmente ninguém se machuca e logo estamos a salvo do outro lado da rua.

Vanessa larga os braços de Evandro e vem dependurar-se em mim. Seguimos um bom trecho de braços dados, ela cantando canções sertanejas que falam de amor e traição. Leninha e Tonho Grande cantam junto. Depois pedem que eu cante para eles. Eu canto. Eles ouvem em silêncio. Depois dizem que gostaram, eu então repito a canção.

Aproveitando que os meninos seguem na frente, pergunto a Vanessa, em tom de confidência, se ela arrumou um "namorado". Ela responde ironicamente, ainda abraçada a mim, mas sem me olhar, que:

- Ah..., eu sou fácil, né...se perco esse já arrumo outros. - E pisca o olho para Leninha, como a dizer "tu me conheces, né?". Leninha balança solenemente a cabeça concordando com as palavras da amiga.

Continuamos andando rapidamente. Alguns na frente, outros atrás. Há um momento em que Evandro caminha ao meu lado e aproveito para lhe fazer algumas perguntas: de onde é, quantos anos tem, se dorme na rua, etc. Ele me diz que fará treze anos daqui a dois dias e instala-se alguma algazarra diante da declaração. Pergunto a Vanessa se farão uma festinha de aniversário para ele e ela responde que vai comprar um "bolo" mas só depois de receber o seu "dinheiro". Disse que era o pagamento de uma casa em que trabalha. Tento saber mais detalhes sobre este trabalho, mas a menina responde com evasivas e muda de assunto.

Assim que passamos pelo hotel Baía Norte, vamos eu, Vanessa e Leninha fazer xixi numas moitas, já que não há banheiro perto. Demonstro alguma preocupação se os rapazes vão nos espionar. Vanessa me tranquiliza e diz que eles são "legais". Quando retomamos a caminhada, vejo que realmente todos os meninos nos esperam mais adiante. Ninguém sequer se aproximou do local que escolhemos para nos esconder.

Sinto imediatamente a mudança de temperatura e comento com eles que ali está "fresquinho". Vanessa me diz que no verão, quando faz muito calor no centro da cidade, é ali na "Beira-Mar" que eles vem se "refrescar". Um pouco mais adiante, Evandro, cansado, senta no meio-fio da calçada. Vanessa sugere, diante da indecisão geral, que paremos para descansar um pouco. O grupo concorda e todos sentam, com exceção de Tataco que fica de pé à nossa frente, novamente pronto para as brincadeiras.

Em certo momento observamos uma moça que tenta entrar em um dos prédios. Está na calçada, há alguns metros de nós. Não tem a chave para abrir o portão da garagem e não consegue atrair a atenção do garagista. Tataco, percebendo que observamos a moça, decide "mexer" com ela. Diz-lhe gracejos, nada ofensivo, tentando ser engraçado e galante. A moça entra na brincadeira, troca gracejos com ele que, estimulado por sua simpatia, pergunta a ela se casaria com ele. Ela responde sorrindo que sim, mas afasta-se em seguida, sem conseguir entrar no prédio. Tataco simula um desmaio provocado pela resposta positiva da moça. Todos caem na risada.

Tataco era todo carinho para conosco e para com as pessoas que encontrava pelo caminho. Empenhava-se em nos divertir, em ser engraçado e, portanto, "amado". Enquanto isto, Ricardo já há algum tempo, vinha perturbando a paz de espírito do menino Lourenço. Pouco mais jovem que Ricardo, parecia ser o seu oposto: enquanto o primeiro era audacioso, forte, e "velho de rua", Lourenço era franzino, quieto, nunca viera à rua sozinho, e, segundo Ricardo, era "chorão". Lourenço, no entanto, não se calava diante das provocações do outro, que não admitia réplica de alguém que sabia ser "mais fraco". Em certo momento, ali na Beira-Mar, Ricardo partiu para cima de Lourenço e o encheu de socos e pontapés, não parando de bater no menino nem quando este já

estava caído no chão e chorando muito. As débeis defesas de Lourenço só serviam para alimentar ainda mais a fúria desenfreada de Ricardo que queria que o menino "calasse a boca".

Como ninguém fazia algo para libertar o menino das mãos de Ricardo, não consegui deixar de intervir: o menino já estava completamente dominado, humilhado, e ainda continuava apanhando. Falei então para Ricardo parar, antes que o machucasse seriamente. Só aí, Vanessa que como todos os outros assistia impassível e sem muita atenção à "luta", resolveu ordenar a Ricardo que largasse Lourenço. Foi até eles, puxou o irmão e tentou tomar o outro menino nos braços para consolá-lo. Mas ainda xingando Ricardo, Lourenço desvencilhava-se com energia dos braços dela, demonstrando que a humilhação de ficar "no colo" de uma menina fosse talvez pior do que a surra. Sentou-se a alguma distância de nós e depois de algum tempo pareceu ir embora. Afastou-se um bom trecho, sumindo na escuridão. Tataco permanecia impassível. Uma das meninas chamou-lhe a atenção para "cuidar do irmão". Afinal ele, "mais velho", é que tinha trazido o menino consigo. Quando Lourenço já não era mais visível, Tataco caminhou na direção que o menino tomara e deu um forte assobio. Para minha surpresa, Lourenço que eu já imaginava longe, voltou sobre os próprios passos, lentamente, parando a pequena distância do grupo. Tataco caminhou até ele e então, sem gestos ou palavras, reconduziu-o até nós.

Nesse entretempo, alguns já de pé, ameaçam retomar a caminhada. Logo todos levantam e põem-se a caminhar. No trajeto, assim que começamos a passar pelos bares e restaurantes do "bairro nobre", as crianças vão abordando clientes dos restaurantes, pelas janelas. Aparentemente, já sabem que não lhes será permitido entrar para "pedir". Em alguns lugares, funcionários do estabelecimento mandam que se afastem. Os clientes, intimados a fornecer um "trocadinho" ou algo do que comem, fingem não vê-los ou gesticulam também para que se retirem das janelas.

Continuamos andando, sem que ninguém tenha conseguido nada. Passamos pela "Praça dos Namorados", no largo da igreja de São Sebastião. Há ali uma dessas casinhas de madeira com vários brinquedos acoplados, que a Prefeitura Municipal recentemente andou distribuindo pelas praças da cidade. Quase imediatamente todos se lançam ao brinquedo. Atiram-se aos balanços, às gangorras, às escadas da casinha... Brincam, gritam, falam alto, riem muito...

O jogo amoroso entre Evandro, Vanessa, Leninha e Tonho Grande retoma intensidade. Evandro e Vanessa são os disputados. Há um momento em que os quatro dependuram-se sobre o mesmo balanço. Uns sobre os outros, em algazarra, amontoados, abraçando, empurrando, mordendo, beijando... Há momentos de discussão, empurrões, ameaças, xingamentos, na tentativa de um expulsar o outro da brincadeira. Vanessa parece a mais irritada com a interferência de Leninha e Tonho, no seu "namoro" com Evandro. Irritada principalmente com as investidas de Tonho sobre si. Xinga-o de:

- Baleia assassina ! Bolo fofa! Sai! Coisa feia!

Tonho é o sapo da estória. Evandro, o principezinho.

Sentada num banco da pracinha, senti-me deslocada, intrujona, numa reunião que não necessitava de observador, apenas de participantes. Tive pudores de ali permanecer, analisando-os em atividade tão "própria" da idade, ainda que a realizassem em horário e circunstâncias completamente impróprias aos nossos olhos. Mas permaneci ainda um tempo olhando o quadro : aquele amontoado de crianças, em completa algazarra, dependurados em brinquedo único. Senti sono. Leninha percebeu e disse para a turma que "a tia" queria dormir. Falei que não se incomodassem comigo, ficassem "à vontade". Percebi que demorariam para "se recolher". Era perto de duas da madrugada. Desisti de esperar para dormir junto com eles, como havia combinado, e fui para casa que, no momento, não era longe dali.

3.1 Afeto e Desafeto na Turma

Para iniciar as reflexões sobre as relações afetivas entre as crianças que investiguei, coloco aqui uma anotação feita em casa, na margem do relato desta noite em que flanamos pela Beira-Mar:

Não é difícil perceber que em toda esta narrativa eu estou falando de "afetos". O tempo todo, sinto que é como se o que estivesse em jogo fosse sempre o plano mais imediato da afetividade: o alcance do olhar que envolve e aceita, ou a recusa dele, o toque do corpo ou a sua simples possibilidade, a certeza básica de uma aceitação física por parte daqueles que dividem o espaço sempre simbólico de se pertencer ou não a determinado local ou grupo de pessoas. Assim é que percebo estes meninos e meninas que formam comigo a "cena" desta pesquisa. Eles são, sob este ponto de vista, iguais a quaisquer outro grupo de crianças, não fosse a sua suposta "situação de abandono" que eles insistem em chamar "liberdade".

Ainda em início de trabalho de campo, estava cheia de expectativas quanto à coleta do maior número possível de informações sobre laços afetivos, organização grupal e hábitos cotidianos destas crianças. Por estarem fora de casa, supunha terem grande empenho em arrumar locais e apetrechos de pernoite alternativos. O que eu queria saber, era como se organizavam para ir dormir, se alimentar e realizar outras atividades.

Quatro dos sete romances analisados nos dão detalhes da organização diária de bandos de rua. Dois são autobiográficos e dois, ficção. Três deles, duas ficções e uma autobiografia, caracterizam a turma de menores nos aspectos práticos e afetivos, como "quase uma família".

Assim, Capitães Da Areia, A Infância Dos Mortos e Mais Que A Realidade, fornecem detalhes de um cotidiano tornado áspero pela privação de recursos e agravado pelo preconceito e discriminação social, mas amenizado pelos fortes laços afetivos entre as crianças e adolescentes, na rua. O "bando" ou a "turma" substitui quase sempre, nos romances, a família das crianças. E por isto, cada turma tem ou sonha ter, uma "casa" ("mocó") onde possa abrigar-se com os companheiros. Como toda família, tem também suas regras: um código de permissões e proibições estabelecido entre as partes. Nos bandos ou turmas há leis próprias sobre dignidade e a lealdade que cada membro deve ter em relação aos demais. A quebra destas regras implica numa severa punição. Por isto, Dito, Pedro Bala e Collen, costumavam banir ou ver banidos de seus grupos, os membros "desleais".

Em A Queda Para o Alto, a autora descreve a "organização familiar" que se formava dentro das unidades femininas da FEBEM. Eleita "chefe de família", Herzer ("Bigode") orgulhava-se não só de ter sob sua guarda muitos "filhos" e "filhas", mas, principalmente, diversas mulheres. O relato é quase que exclusivamente sobre a sua vida de interna. As passagens da vida na rua são raras. Em relação à existência da "amizade" entre elas, como sentimento desvinculado de interesses sexuais, a autora mostra-se bastante cética. E afirma que a amizade entre as meninas das Unidades femininas que frequentou, era "uma amizade muito frágil" devido à falta de "confiança" que havia entre elas.

Talvez seja interessante apontar para o fato de que, enquanto Herzer nos relata sobre a formação de "famílias" na FEBEM "feminina" como uma forma das internas se garantirem afeto, sexo e proteção, Arruda (1983) em estudo de campo, aponta para a formação, não de "famílias", mas de "sociedades", nas unidades masculinas da FEBEM. Estas "sociedades", além de garantirem solidariedade e proteção entre os "sócios", podia incluir ou não, atividades sexuais. Mas a principal "função" dessas associações, não era, como entre as meninas, o "amor", mas "políticas" como mecanismos de reivindicação por privilégios e melhorias nas Unidades e, principalmente, no planejamento e execução de fugas da instituição.

Fischer Ferreira(1979) considera que "de uma forma romântica", é comum que se pretenda atribuir aos grupos de rua um "comportamento ético meio aventureiro ao estilo de um por todos e todos por um". Ou seja, que ao vermos os meninos sempre atuando em grupos, na rua, costumemos "imaginar a existência de relações fortemente afetivas que tenderiam a um desempenho grupal coeso e integrado." Ela afirma que não foi o que observou no contato com os "meninos da rua" em São Paulo. E analisa que se assumissem tal postura, os sujeitos estariam

sendo "extremamente inconsequentes e ineficientes" do ponto de vista das condições de violência e insegurança que enfrentam diariamente. Assim, prefere entender que o grupo na rua tem funções essencialmente pragmáticas, que funcionam mais no nível do desempenho das atividades cotidianas visando a subsistência, do que como um órgão que vise suprir necessidades de proteção, afetividade e solidariedade. (Fischer-Ferreira, 1979:107)

Vogel (1991) considera que a turma " é o plano de organização social que mais contribui para tornar a vida na rua viável.". E que é através dela que esse modo de vida "alcança a sua configuração peculiar", aquilo que a distingue como " forma de vida sui generis." A existência da turma é então pré-requisito para a realização de qualquer das atividades próprias ao cotidiano da vida na rua. Atuando assim, esta impede a apropriação do espaço da rua de forma puramente individual. Para este autor, a turma constitui enfim, um caso de "communitas" normativa, pois " o grupo assim organizado , conserva, para além de sua funcionalidade e valor utilitário, o ideal da experiência de fraternidade e camaradagem que reuniu os seus membros nos perigos e peripécias comuns da saída para o mundo da rua."(Vogel, 1991:147)

Nas autobiografias, apenas a de Collen (Mais que a Realidade), requisita para a "turma da rua" uma função ao mesmo tempo pragmática e afetiva. Era entre os colegas de turma que ele encontrava forças para "concordar com essa vida " e era também graças às atividades desenvolvidas em conjunto pelo grupo, que conseguiam arrumar suprimentos e vestuário, além de uma "casa" ("mocó") como se fossem uma "grande família".

Um artigo jornalístico sobre laços afetivos e a organização do cotidiano de crianças nas ruas de Bogotá (os "gaminos") divulga a imagem de que entre eles tudo é solidariedade e companheirismo, onde os meninos mais velhos cuidam e protegem os mais jovens e todos repartem tudo entre si¹².

Não observei, na turma de "meninos de rua" que investiguei, organização semelhante a de uma "família" como os romances apontam. É certo que raramente agem sozinhos. A unidade mínima de atuação para a realização de atividades parece ser mesmo o par. É certo também que algumas das crianças eram efetivamente parentes entre si (irmãs ou primas), mas isso não as fazia "morar" ou dormir sempre juntas na rua. Elas andam juntas pelas ruas, brincam juntas, "batalham" a grana juntas, drogam-se em companhia umas das outras, mas não observei "acasalamentos" nem a procura de "mocó" único. No momento da pesquisa não havia nem mesmo "mocó" que elas estivessem utilizando para dormir. Dormiam ao relento. Havia uma divisão entre "os grandes" e "os pequenos". Preferiam não "misturar-se" para não dar problemas com a polícia, pois um bando muito grande de crianças logo chama a atenção. Os adolescentes maiores não

¹² Street Urchins of Colombia, by Kirk Felsman. Natural History, 90(4):41-48. (1981)

tinham muita paciência com os "pequenos" e então evitavam, sempre que podiam, o contato prolongado.

Havia a exceção de Nael, 17anos, que me disse ter dois "filhos" na rua. Que "cuidava" deles e dividia com eles seu cobertor. E que "assim que pudesse" iria "adotar" um deles. Os meninos tinham dez e onze anos. Peninha, (17, amigo de Nael) também era afetuoso e paciente com os "pequenos", mas os outros adolescentes maiores, pelo que pude observar, não tinham o mesmo comportamento, evitando apenas bater nos menores, quando fosse o caso, para não causar problemas com a policia, como um dia Goy (17) me afirmou. Neste dia, eu e ele observávamos a performance de um bando de "pequenos" perturbando o sono de um mendigo deitado na calçada. Goy mandou que parassem com aquilo mas, não sendo obedecido, desistiu de interferir porque disse que então "só batendo neles". Porém, explicou-me que não faria isto para "não arrumá confusão prá cabeça", ou seja, ser flagrado surrando um "dimenor".

No meu último dia de campo, na festinha que organizamos para a minha "despedida", Goy e mais dois adolescentes da turma dos "maiores" deram uma demonstração da forma como agem em relação aos "pequenos" e outros companheiros de turma. Em meio à festa, que reuniu uns vinte e seis deles, três (entre eles, Goy) simplesmente roubaram a comida que todos haviam ajudado a comprar, e que ainda estava sendo preparada. Nesta noite voltei para casa mais desolada do que nunca e como único consolo, só o imediato desabafo no diário:

Não posso deixar de confessar o que várias vezes já me ocorreu durante o trabalho de campo: ainda não estou agindo/atuando como uma antropóloga. Sou uma sentimental, passional, preconceituosa... Penso que não é à toa que os sujeitos não conseguem me diferenciar das outras duas mulheres que "agiram" junto deles. A "inesquecível" assistente social que passava com eles as madrugadas, hvrava-os do "pau" da policia, encaminhava-os ao médico, dentista, patrocinava festinhas, passeios em seu carro, sempre atuando como mãe, amiga e protetora e, para minha surpresa, nas últimas horas, com "Lôra" - homem/mulher, "macho-fêma" (como me disse Gordo), menina de rua que, por muito tempo, foi "o cabeça da raça da rua", segundo os meninos e "chefe de quadrilha", segundo os policiais. Peninha, só nesta tarde, em menos de duas horas, comparou-me ora a uma ora a outra, sempre em meu prejuízo. Em relação à "falta de organização" da festinha, ele disse que se fosse com "a tia baxinha" (a assistente social) ia ser muito diferente, ia ser "tudo organizadinho, tudo certinho". Depois que os rapazes sumiram com toda a nossa carne, ele disse que: "se fosse a Lôra, já enchia os cara de pau, fazia eles devolvê tudo!". Eu? Chorei feito uma criança. Chorei como chorou o Gordo quando Goy lhe surrupiou da mão o único pão que conseguiu pegar, e que ia começar a comer. Este pão patético, eu o reavi, talvez impressionada com a descrição de Peninha sobre Lôra. Fui até o Goy e o reavi, já pela metade, todo mordido, pois Rosana já se atracara ao mesmo pão. Goy me devolveu o pão ainda rindo e dando uma última mordida. Eu o

devolvi ao Gordo que, do choro sem defesa, passou aos xingamentos em altos brados. Mas.. e daí? Que significava uma metade de pão diante de todo aquele pão e carne que tínhamos comprado para distribuir a todos? A cena toda era patética. A festa estava no chão... E eu ali, guardando um último pão e uma lingüicinha que teimava, pacientemente, em assar para eu própria comer. Agora a minha fome também se transformara em uma questão de honra! Só que o meu coração também estava no chão... tanta correria (desde as sete da manhã quando Goy e Nael foram me acordar para escolher um local para a festa), tantas decisões, tanta discussão, preparativos, tanta expectativa para nada. Como me disse um amigo ainda há pouco, o que é que eu estava esperando? Algum acontecimento "revelador" que viesse confirmar as minhas próprias expectativas? Que viesse, por exemplo, me confirmar que aquelas crianças e adolescentes são como "irmãos" entre si? Que são, no fundo, bons meninos e boas meninas? Não sei... não sei... eu só queria reuni-los em torno deles mesmos, como se para isto eles precisassem de mim... Quanta ingenuidade! Quanto preconceito! Acho que chorei não tanto pelas caras de decepção que eu tinha à minha frente (os que não conseguiram sequer um sanduíche), mas pelo ridículo da minha posição: eu não devia nem poderia projetar minhas expectativas sobre eles. Eu acreditava, por exemplo, que eles não se "roubavam" entre si. Eles, muitas vezes, fizeram questão de afirmar que "não tiravam de quem não tinha" só de quem eles sabiam que "não ia fazer falta". Pois bem, quem estava ali era a "raça da rua", todos com fome, na batalha, etc... e no entanto, três sujeitos surrupiaram o lanche que seria coletivo. Não quero de forma alguma dizer com isso, que não há solidariedade entre eles, ou que ela é muito instável com já me sugeriu o Dênis. O que quero dizer, é que na verdade, entre eles, existe também, como em qualquer grupo social, as "preferências" e as "antipatias". Os que "não vão com a cara um do outro" vivem se sacaneando, e os que se dizem "amigos", fazem as coisas juntos, se "dão força", etc.

Um dia um menino de oito ou nove anos ofereceu parte das frutas que havia conseguido na feira à uma garota (17 anos) com fama de ser muito "boa de briga". Surpreendi-me com a recusa dela em aceitar o "presente", que me pareceu um gesto gentil e desinteressado do garoto. Quando ele se afastou ela me explicou porque recusara as frutas. Sorrindo diante do que me explicou ser uma espécie de tentativa de "suborno" do menino, disse:

- Ele qué me agradá, porque pensa que aí vou defendê ele dos grandes. E acrescentou:

- Mas não precisa...- dando a entender que, se fosse o caso, ajudaria o menino sem querer nada em troca.

Não tenho evidências muito concretas de que a existência da turma impossibilite uma "apropriação" individualizada do espaço da rua, como Vogel(1991) afirma. Mas uma espécie

de "acusação" ou "queixa" recorrente contra os "meninos de rua", feita pelos "outros" meninos (os pequenos pedintes e trabalhadores), parece apontar para a existência sim, de um certo domínio de "território" por parte dos "enturmados" (no dizer de Vogel). Esta "acusação" refere-se centralmente ao fato de que os "meninos de rua" não permitem que outros meninos, de fora de suas relações (que não sejam da "raça", que não sejam seus conhecidos) circulassem muito ou dormissem impunemente, na rua. As queixas referiam-se às "maldades" praticadas pelos "da rua" contra os que não eram. Estes últimos acusavam o roubo de dinheiro quando circulando ou dormindo na rua, roubo de tênis e cobertores quando dormindo e, o que consideravam mais grave, que fazia com que estes "aventureiros iniciantes" (ou "laranjas", "otários" no linguajar nativo) geralmente desistissem de "parar" na rua, era o fato de que durante o sono, eram constantemente "atacados": tinham os cabelos e outras partes do corpo ou da roupa queimadas pelos "meninos da rua".

A primeira vez em que ouvi esta versão foi numa das primeiras aproximações que fiz ao campo, tentando conhecer os "tipos" de crianças que circulam diariamente pelo centro da cidade. Os meninos que a ela se referiram, costumavam vir ao centro "brincar" e ocasionalmente "parar" (dormir) na rua. Um deles disse-me, no entanto, que desde que os "meninos da rua" queimaram o seu cabelo à noite, enquanto dormia, decidi não mais "parar" fora de casa.

É interessante observar que, neste caso, a ação agressiva da turma serve, não como sugere Vogel, para abrir caminho à "sedução" da vida na rua, ou como "corte de uma amarra, o desgarramento do caminho para casa", mas ao seu contrário: à recondução do "iniciante" da vida na rua, ao caminho de casa. De qualquer forma, à primeira vista, é o que transparece: os meninos não toleram "desconhecidos" atuando livremente em seu espaço. Não há, como bem coloca Vogel, "um vazio de poder" na rua. Cada qual tem que conquistar e manter, se preciso à força, ou pelo contrário, pela submissão à força de outrem, o seu lugar na rua e na turma que o reivindica.

Lembro que na época desta primeira aproximação, as crianças rotuladas de "meninos de rua" pelas outras crianças na rua, haviam estado presentes mais como "fantasmas" a rondar ameaçadoramente o espaço público e os meus informantes (que não se consideravam "da rua") do que como sujeitos reais. Ou seja, eu só ouvia falar (mal) deles, nunca os via ou encontrava. Segundo meus informantes eles apareciam geralmente ao anoitecer e aí então, faziam as "maldades". Muito tempo depois, já realizando o trabalho de campo e em constante contato com os chamados "meninos de rua" pude presenciar algumas destas "maldades" praticadas contra os que eram "de fora" do grupo. Mas também praticadas as vezes entre eles mesmos.

Uma noite, ao sairmos da rodoviária, o grupo que eu acompanhava acercou-se de um abrigo de ônibus, em frente ao prédio. Começa uma algazarra, gritos, risos, briga... Penso que é uma brincadeira entre eles, mas quando adentro o círculo formado pelo grupo em torno do

abrigo, vejo no centro, ainda deitado no banco de cimento, com ar assustado de quem acabou de acordar, um menino desconhecido. Fica evidente que o grupo o perturbou em seu sono. Queriam que ele saísse dali e o agrediram por isto. Sem razão aparente, apenas porque era "um otário", estava sozinho e ninguém o conhecia.

Uma outra vez, vi uma das meninas roubar os sapatos de sob a cabeça de um menino que dormia nos bancos do terminal urbano. E vi-os molestarem mendigos no sono e mulheres velhas e "loucas" no meio da rua. Presenciei também "assaltos" a jovens colegiais no caminho do colégio para casa. E furto de objetos entre eles mesmos, as vezes para serem jogados fora mais adiante. E comentado entre risos depois, diante do colega lesado. Uma noite, Nêgo e Ricardo queimaram com brasas as calças de dois companheiros que dormiam em torno de uma fogueira. Fazia dois dias que os quatro andavam juntos, brincando e cheirando cola. Eram amigos e se conheciam há bastante tempo. O susto e certa dor dos meninos adormecidos só fizeram Ricardo e Nêgo rolarem de rir. Os meninos voltaram quase imediatamente a dormir depois de sacudirem as calças, resmungando, sonolentos. Nenhuma queixa ou ameaça aos dois irmãos desmanchados em risadas. Era apenas uma (perigosa) "brincadeira".

Havia também muitas manifestações de afetividade entre eles. Preferências na companhia uns dos outros. Tataco era visivelmente dedicado aos irmãos Rocha: Vanessa, Ricardo e Nêgo. Tinha uma certa preferência pela companhia de Nêgo, mas também acatava e respeitava as decisões de Ricardo, embora este fosse bem mais novo que ele. Uma vez, confessou aos dois irmãos, que Vanessa era para ele "como uma irmã". Num dia em que ela estava particularmente "rateada" e sem os irmãos por perto, ele me disse que teria que ficar "tomando conta dela" para que não se afastasse demais de onde estávamos. Isto no entanto não impedia que Nêgo às vezes, mesmo sem "provas" de sua deslealdade, o espancasse na frente de todos. Tataco nestes momentos não reagia fisicamente, apenas negava as acusações que Nêgo lhe fazia. Afastava-se chorando então, mas dentro de pouco tempo, e embora houvesse jurado "vingança", relegava o episódio ao esquecimento, mantendo a postura de "amigo" dos irmãos. Naturalmente, poderia ser apenas "medo" o que Tataco sentia em relação a eles, conhecidos como "bons de briga". Mas o quê o obrigou, certa tarde em que ele e Nêgo cheiravam cola e riam de suas sombras num muro, beijar com todo ardor o pescoço do colega? Acredito que Tataco gostava dos irmãos porque permanecia todo o tempo com eles, na rua, enquanto que outros meninos também submissos à força de Ricardo e Nêgo, sempre que podiam, evitavam as suas companhias.

Vanessa também costumava manifestar carinho pelos colegas. Além do visível carinho e cuidado que tinha com os irmãos, especialmente Ricardo, mais novo que ela. Certa vez ela me disse que ia "dar um jeito" de ser pega pela polícia para ir para o CAP onde poderia encontrar-se com a sua "melhor amiga", recolhida lá. No dia em que foi ao hospital tratar de um ferimento, fez questão que Raul, seu primo, a acompanhasse. Na mesma noite, na volta do

hospital, embora tivesse, por sugestão da enfermeira, concordado em dormir na minha casa, disse depois que só iria se o primo pudesse ir também. Achei que ela estivesse colocando condições só por capricho e que, se eu aceitasse esta, ela inventaria outras. Então disse não, certa de que me acompanharia mesmo assim. Mas a menina decidiu dormir no chão da pracinha Fernando Machado, ao lado dos dois irmãos e do primo Raul, apesar da minha insistência. Mais tarde Nael me fez compreender porque a menina, mesmo machucada, preferiu dormir na praça, no frio do cimento, a dormir em minha casa. Nael me afirmou que ela não aceitou a oferta porque eu exigi que ela fosse só. Segundo ele, ela realmente queria a companhia de alguém da turma, naquele momento.

Rosana, na única entrevista que me deu, utilizou-se do gravador para reivindicar "mais rapidez" na implantação do Albergue que estavam lhes prometendo¹³. Disse que precisavam "muito" dele. Perguntei-lhe por que, então, recusou-se certa noite a dormir no Albergue Noturno da cidade ou na minha casa como lhe foi proposto. Ela deu-me resposta semelhante a de Nael.. Disse que se o novo albergue for construído, vai ser para "todos os da rua" e ninguém vai "sozinho" para lá. Justificou que naquela noite, ela não podia ir e "deixar todos eles, porque muitos menor que ficam, prá mim são como irmão, e se eu for prá lá, eu sei que vou só eu, eles vão passar o frio e aí eu prefiro passar o frio junto com eles."

Uma manifestação de carinho muito emocionada, foi também a que presenciei de Evandro para com Vanessa. Ele era seu namoradinho, mas quando ela resolveu fugir para o Rio de Janeiro com sua melhor amiga e um primo para irem "ver a Xuxa", eles já estavam "rompidos". Vanessa permaneceu fora da cidade por dois meses e muitas foram as versões (algumas trágicas) sobre seu paradeiro. Evandro nunca tocava em seu nome, mas quando, às vésperas do encerramento de meu trabalho de campo ela e a amiga voltaram de São Paulo (a cidade em que realmente haviam estado), eu o surpreendi sozinho, chorando muito, enquanto o resto da turma festejava a volta das meninas. Quando perguntei porque chorava, ele disse que era pela volta da amiga sã e salva. Nem mesmo os irmãos de Vanessa ou Tataco, que dizia considerá-la "como uma irmã", manifestaram emoção maior por seu retorno.

Martins(1992) escreve que entre as meninas de rua de Goiânia e entre elas e seus namorados, as manifestações afetivas são pouco usuais: "Em geral o tratamento que dispensam entre si é rispido e até agressivo." Quando desejam demonstrar algum afeto por alguém "dirigem-se a este com expressões ofensivas, invertendo, na linguagem, o sentimento que manifestam."(op.cit.:72)

Carvalho (1991) que também escreveu sobre crianças de rua de Goiânia à mesma época que Martins, curiosamente, embora tenha pesquisado a sua linguagem, não faz qualquer

¹³ Ver "instituições de atendimento", páginas 211 a 218

comentário no sentido enunciado acima¹⁴. Em seu relato porém, há várias passagens em que ela descreve situações onde exprime-se uma forte solidariedade entre membros de um grupo, nos casos de sumiço ou prisão de algum companheiro.

Interessante que é justamente baseado no estudo de Martins e não no de Carvalho, que Vogel sustenta a afirmação de que há uma espécie de forte solidariedade e de um "código de ética da turma" onde três "virtudes" se destacam: o silêncio, a independência, a coragem. Tanto Vogel quanto Martins, aliás, o primeiro sempre baseado no estudo do segundo, entendem que "o mundo" para os meninos de rua parece estar estruturado partir de dois valores fundamentais: a liberdade e a competição. A competição aqui, porém, não significando que prevaleça na turma da rua "a solidão moral do individualismo moderno" (Vogel, op. cit.: 146).

Não encontrei na rua, organização semelhante à dos romances (a turma como uma "família") e tampouco posso afirmar a existência de um "código ético" entre as crianças observadas. Creio que a diferença pode estar no fato de que a própria existência da "turma" enquanto célula de organização social das crianças, não existia de forma muito definida nem permanente. Os vários sujeitos perambulavam associados ora a uns ora a outros companheiros, cada qual permanecendo com mais frequência e por mais tempo ao lado daqueles que, em primeiro lugar, estavam "na rua" (não tinham "ido prá baía", nem pro CAP), ou seja, dos que estivessem "disponíveis". Em segundo lugar, associavam-se geralmente os irmãos e primos, e aqueles que simpatizavam entre si.

Do meu ponto de vista, o parecer de Fischer-Ferreira (1979) é bastante pertinente no sentido de que não se deve "romantizar" as relações de crianças na rua, sob pena de se ter uma visão distorcida do que ocorre na realidade com estas crianças. Tampouco, creio eu, pode-se partir para o entendimento oposto: tudo no meio destas crianças é competição e rivalidade. Não posso falar sobre as crianças de rua dos grandes centros urbanos, a não ser através de pesquisas realizadas por outros estudiosos, mas sobre as que eu própria investiguei posso argumentar que as suas manifestações afetivas não diferem muito das que são observadas em grupos de crianças com uma condição de vida "normal". Ou seja, são capazes de todo o afeto e de todo o ressentimento que o outro lhe despertar. Um aspecto que talvez as diferencie dos demais grupos de crianças, é a animosidade e violência com que tratam os "de fora" da rua.

Com o passar do tempo entre eles, no entanto, aprendi a relativizar a noção de "violência" que trazia comigo. Descobri que entre estas crianças "a luta" pode ser algo lúdico. Algo que diverte e faz "passar o tempo". Também é a forma que alguns encontram para se exercitar, demonstrar força física e então, de liderança no grupo. Por diversas vezes assisti bem-intencionados e/ou indignados cidadãos, esforçarem-se para "apartar" uma "briga" na rua que,

¹⁴ Também não percebi nada semelhante à esta inversão nas manifestações verbais de carinho. Quando queriam elogiar ou demonstrar a alguém seu afeto, faziam-no de forma clara e direta.

*embora aparentasse enorme violência, não passava de pura brincadeira (as vezes entre irmãos) ou simples exercitar de músculos para mais tarde ser comentada entre risos no grupo*¹⁵.

Werner (comunicação pessoal) chamou-me a atenção para o fato de que muitos menores fogem da FUCABEM por causa disto e que, deste ponto de vista, a luta nada tem de "lúdico". Não duvido: um meu informante recusava-se a ir dormir no CAP (Centro de Atendimento Provisório), embora afirmasse "não aguentar mais" dormir na rua, porque lá iria deparar-se com um desafeto. Mas as crianças que circulam pelas ruas, têm esta vantagem: se não desejam brigar, podem quase sempre, evitarem-se umas às outras. A rua é ampla o bastante para todos. Porém, "fugir" de uma briga nem sempre é o melhor, porque a alternativa pode ser a solidão.

Horários e locais das brigas eram anunciadas para que se testemunhasse a vitória do "melhor". Ricardo era quem mais comentava aquelas que vencia. A frase recorrente nas narrações, e que significava o máximo da sua destreza, era quando conseguia "tirar sangue" do adversário. Entre Ricardo e Nêgo, eram comuns as conversas em que contavam um para o outro as brigas com os outros meninos.

*Uma noite, uma cena que aparentava extrema violência transformou-se diante de meus olhos em beijos, em ternura, e no roçar sensual dos corpos de dois jovens que, reconciliados, afastaram-se para longe dos olhos da turma e para longe da pesquisadora que desejava entender "porquê"*¹⁶.

Leczneski também observa que "Ao analisar o fenômeno da violência entre os guris, os caminhos de interpretação tiveram que ser repensados." As constantes brigas no interior do grupo, a sério ou de brincadeira, não seriam entendidas na sua totalidade se vistas apenas como ato violento puro e simples, mas sim, como um elemento da dinâmica do grupo que evidencia valores e regras morais compartilhados pelos sujeitos (Leczneski, 1992:172). Ela afirma que "a fluidez do drama que geralmente se desfechava repentina e pacificamente", em brigas que "não davam em nada" deu-lhe muitas vezes, "a impressão de uma representação teatral.." Ou seja, o importante parecia ser somente disputar e medir forças.

¹⁵ Lecznieski em sua investigação sobre "guris de rua", observa que "Os apelos ao cômico, a presença do riso, do deboche e das gargalhadas caracterizam a dinâmica de grupo dos guris tão bem quanto os duelos, brigas e desafios." (1992:127)

¹⁶ Para uma maior compreensão da briga do casal, ver páginas 204-6.

4. As famílias das crianças e o "vício da rua".

21.05.91 (15:30h)

Dia de feira no centro da cidade. A praça Fernando Machado fica cheia de gente pobre que vem esperar o final para pegar sobras ou comprar mais barato. O trabalho de pedir ou catar alimentos do chão, fica a cargo das crianças. Muitas delas são as que pedem esmolas diariamente no centro da cidade. Num dia como hoje posso conhecer e observar parentes e responsáveis por elas.

É num dia como hoje que estas crianças pequenas, sempre aparentemente tão sozinhas ou "abandonadas", esmolando maltrapilhas pelas ruas do centro, sofrem uma significativa modificação. Quando assim cercadas pelos familiares, de "abandonadas" elas passam simplesmente a parecer o que em verdade são: crianças pobres que, desde tenra idade, treinadas na arte de comover, têm como tarefa produzir renda ("fazer dinheiro", na gíria nativa) para o grupo doméstico.

Entre os pequenos pedintes e os "de rua", estabelece-se, por vezes, uma diferença de "estratégia". Enquanto que para os "da rua" é vantajoso que as pessoas os saibam "acompanhados", pois assim dão a impressão de estarem sob vigilância e portanto, sob controle, para o pequeno pedinte ter completo êxito no que realiza, é necessário aparentar total abandono. É necessário que os possíveis contribuintes, imaginem-os completamente "sozinhos" no meio urbano. Por isto são orientados a dissimular quando estão acompanhados por adultos. Sabem que perderão a esmola.

Certa vez fui severamente repreendida por uma menina de oito anos porque entrei atrás dela numa loja para observá-la pedir algo à balconista. Quando me viu ao seu lado, já na saída da loja e com o donativo nas mãos, recriminou-me num sussurro: - A tia não devia ter vindo comigo! Aí eles pensam que a tia é minha mãe e então não dão nada!

Uma outra vez, presenciei a "dança" entre uma mulher que trazia as filhas pequenas da vizinha para esmolar no centro, e uma das meninas, de sete anos. A menina tentava entregar o dinheiro arrecadado à mulher, como vinha fazendo até eu aparecer. Queria ainda, saber desta, "quanto faltava" para poder ir brincar. Comigo agora ao lado, a mulher fugia da criança, recusando-se a pegar o dinheiro que a pequena, sem se dar conta da minha presença, insistia em lhe entregar. Em outra vez ainda, presenciei um menino de nove, dando instruções ao irmãozinho de cinco, para que passasse "direto" pela mãe que os esperava numa esquina, de forma que o comerciante que lhe havia dado alimentos e o observava da porta da loja, não percebesse a presença da mulher.

O adulto responsável pela criança que esmola, sabe da desvantagem em ser "descoberto". Aliás, dupla desvantagem: a criança perde a esmola e ele ainda ouve xingamento ou sermão da parte do transeunte indignado.

As crianças "da rua" que, devido à pouca idade ainda mendigam, adotam nestas ocasiões a mesma estratégia dos pedintes: não desejam qualquer adulto conhecido por perto.

Eles circulam muito por aqui nos dias de feira. Por vezes, ainda dormem nos bancos da praça quando os feirantes começam a montar suas barracas na madrugada. Os meninos não costumam pedir e sim retirar, rapidamente, das gôndolas o que lhes interessa. Assim os feirantes, como a maioria dos comerciantes locais, lhes têm antipatia.

Seus parentes também vêm até aqui. Geralmente, as mulheres da família: a mãe, a avó, as irmãs mais velhas, acompanhadas de crianças ainda muito pequenas, que "páram" em casa.

A feira, além de fornecer alimentos, também serve como ponto de encontro para os pobres: costumam passar o dia na praça, sob as amendoeiras, esperando "fazer" a feira. Quando desejam encontrar membros da família, as crianças que estão fora de casa vêm até aqui para trocar informações, dar e receber recados do grupo doméstico ou fornecer eventual ajuda ao parente que veio buscar suprimentos. Furtam ou pedem alimentos, carregam peso para as mulheres, etc. Os que correm o risco de serem "apanhados" para uma volta à casa, mantêm-se afastados do local nestes dias. Assim o fizeram por diversas vezes, os irmãos cujo padrasto vinha à praça na tentativa de levá-los "de volta prá casa."

Ontem, Vanessa marcou de encontrar-me aqui. Combinamos ir até o "Centro Piloto", onde estive internada, para buscar "umas roupas" que deixou lá. Duvidava que ela aparecesse, mas mesmo assim fui ao encontro.

Assim que pisei na praça fui abordada por Cecília, ex-"menina de rua". Tem agora vinte anos e dois filhos. Ao lado dela, estava a irmã de Leninha, com seu bebê de seis meses ao colo. Tem dezesseis anos e diz também ter sido "menina de rua" no "mesmo tempo" que Cecília.

Conversa vai, conversa vem, perguntei-lhes sobre Vanessa: se sabem quem é, se a viram hoje, etc. Cecília e Verinha desatam a falar sobre a menina. Dizem que a consideram "perdida na cola e com os home". Chegam a insinuar que ela "transa" com os irmãos que também estão na rua. Pedem que eu a ajude, pois ela é uma "menina boa", "bonita", e que já foi muito "ajeitadinha". Dizem que a "culpa" de Vanessa estar na rua é da mãe que tirou-a do orfanato em que estava. E que, desde que saiu de lá, a menina não voltou mais para casa e hoje vive pelas ruas da cidade.

Comentei que Vanessa disse não ficar em casa por causa das surras que ela e os irmãos levam do padrasto. As moças foram unânimes em afirmar que o atual marido da mãe de Vanessa era um "santo", "trabalhador", "bota de tudo dentro de casa" e que a casa deles era bem "ajeitada", "tem de tudo". Para elas, Vanessa não fica em casa porque já "viciô na cola e na liberdade da rua".

Cecília e Verinha lembraram o seu próprio "tempo de rua", que, segundo elas, era "bem diferente". Cecília, falando alto, rápido e gesticulando muito, afirmou ter "saudade" do seu tempo de "menina de rua". Disse que era "muito legal e bem diferente" embora não soubesse explicar

exatamente porquê ou em quê consistia a "diferença". Verinha, aproveitando as brechas da fala ansiosa da outra, concordava .

Cecília contou que "naquele tempo", a criançada de rua tinha guarida na "Casa da Liberdade". Eles iam para lá já de manhã cedo, ganhavam o café da manhã, brincavam, faziam doces para vender nas ruas, vendiam, depois voltavam para o banho, almoço e jantar , entremeados com atividades. À noitinha eram dispensados para voltar para casa. Ela me disse, rindo muito, que era aí que a meninada "se libertava": em vez de voltarem para casa como o pessoal da "obra" mandava, eles ficavam na rua, "fazendo bagunça" . Se fosse verão, dormiam na rua mesmo, indo no dia seguinte novamente para a "obra", como se estivessem chegando de uma noite em casa.

Perguntei porque não iam para casa. Ela respondeu que era porque na rua "era bom", podia fazer o que queria e que havia "um monte de colegas". E que, se ficasse em casa , teria que tomar conta dos irmãos menores para que a mãe pudesse trabalhar. Cecília não sabe ler nem escrever. Quando pequena, pedia esmolas para a mãe, como seus irmãos fazem hoje.

Perguntei se sua mãe não se importava que dormisse na rua. Ela respondeu que sim, que muitas vezes a mãe veio buscá-la "pelos cabelos", e que precisava esconder-se quando a via na rua. Hoje em dia, ela e uma outra irmã casada, substituem a mãe na repressão e busca do irmãos menores na rua. Muitas vezes presenciei-as ameaçando ou batendo nos pequenos, para que voltem para casa à noite depois do "expediente", ou mesmo durante o dia, para que não "percam tempo" com brincadeiras durante o "trabalho".

Verinha disse que, no seu "tempo", não parava em casa por causa das bebedeiras e da violência do pai. E que Leninha, sua irmã, está na rua pelo mesmo motivo. Manifestou preocupação pelo uso constante que Leninha faz da cola de sapateiro e também por sua ausência da casa da mãe. Cecília e Verinha admitiram também ter usado a cola de sapateiro quando andavam na rua, mas afirmaram que " não era tanto".

Aproveitei a conversa para dizer que gostaria muito de conhecer o morro onde moram. Cecília manifestou repúdio à interferência em suas vidas. Disse que não ia dar, porque:

- Lá no morro todo mundo é brabo... as mãe das criança não querem mais saber de pesquisa de assistente social !

Verinha disse que me levaria sem problemas à casa da mãe. Cecília então, atenuou sua negativa, e tentou justificar sua antipatia pelas assistentes sociais contando-me o que aconteceu com uma de suas irmãs: Marialva, doze anos, como todas as crianças da família, também pedia esmolas no centro da cidade. Uma assistente social, a serviço da Arquidiocese, com o objetivo de "tirá-la da rua", arrumou-lhe um emprego de doméstica na cidade de Itajaí. Segundo Cecília, a menina fugiu do emprego e não voltou mais para a casa da mãe: "aprendeu a chera cola", e "só pára na rua". Cecília disse que sua mãe, assim como ela , acreditam que Marialva "acabou por se perdê" depois que a assistente "se meteu na vida dela".

Esta assistente social tão criticada pela família de Cecília era como uma espécie de "fada-madrinha" para a garotada que dormia na rua. Ela era, no momento que cheguei em campo, a pessoa mais querida e comentada pela turma que acompanhei e, mais ainda, pelos adolescentes que beiravam a maioria (os famigerados "dezoito anos"). Minha entrada em campo coincidiu com a sua transferência para um outro Estado. As crianças acreditavam que eu tivesse vindo para ficar no "lugar" dela, por isto nunca perdiam uma chance de comparar-nos. Assim, muitas vezes fui severa ou docemente acusada, de não ser tão "boa", tão "simpática", tão "bonita" ou, tão "corajosa" diante da polícia, quanto a sua antiga "tia" era.

Enquanto conversávamos, Verinha e Cecília iam apontando-me parentes das crianças com as quais eu andava. Eles vinham chegando para a feira. A certa altura, mostram-me a avó materna de Vanessa e Ricardo, que trazia pela mão um outro netinho. Logo depois as moças me apontam também uma tia materna deles.

As duas mulheres, mãe e filha, aproximam-se de nós. Conversam com Cecília e Verinha. A avó deixou recado para que, se vissem Vanessa, avisassem-na de que voltaria logo e que precisava conversar com a neta.

Passado algum tempo, vejo sentado no chão da praça, Lourenço, que assiste junto à pequena multidão, a performance do vendedor de "ervas milagrosas do Amazonas". Como deixei-os todos juntos ontem à noite, a presença do menino ali pode ser um indicador de que o resto da turma logo vai aparecer.

Não demora muito, Cecília e Verinha me apontam Vanessa passando pelo outro lado da praça. Logo também vejo Leninha que vai falar com ela. Me aproximo das duas e aproveito o "gancho" do recado da avó, para falar com Vanessa. Tentei, ao dar o recado, não só aproximar-me da menina como também demonstrar minha "intimidade" ou meu "conhecimento" de um de seus familiares. Vanessa no entanto, mal me ouve, nem me olha, e se afasta puxando Leninha pela mão, para que consigam falar a sós.

Não desisto e me aproximo novamente, querendo saber o que cochichavam. Vanessa está acusando Leninha de ter contado algo que não devia, para sua irmã Verinha. A menina se defende e agora é ela quem puxa Vanessa para um canto a fim de lhe falar. Eu me aproximo novamente e digo que também quero saber do que se trata, que elas podem confiar em mim, etc. Sem mais resistências, passam a discutir o assunto que as perturba, na minha frente. Mas logo desistem de se entender, e eu fico sem saber exatamente o que aconteceu. Percebi apenas que se tratava de um episódio ocorrido hoje, em torno de uma transação para adquirir cola de sapateiro. As duas meninas, com dificuldades na respiração e na fala, exalavam um forte cheiro da droga. Sinais de que a estiveram usando recentemente.

Vanessa afastou-se dizendo ir procurar a avó. Os meninos não estão com elas. Pergunto à Leninha a que horas e onde, eles foram finalmente dormir depois que os deixei ontem à

noite na Beira-Mar Norte. Ela responde que "logo depois" que eu fui embora, assim que conseguiram "arrumá dinheiro prá comprá cola" com os fregueses do bar Yellows. Disse que dormiram ali mesmo, perto do bar, numa sorveteria.

Vanessa voltou e convidei-as para irmos até "minha casa". Elas aceitaram imediatamente pois é evidente que também têm muita curiosidade a meu respeito.

Em casa, pediram educadamente licença para entrar e para sentar. Conversam um pouco com o dono da casa. Percebo que tentam chocá-lo quando ele pergunta-lhes sobre o "vício" da cola. Dispensam educada mas firmemente seus conselhos. Sobem comigo até meu quarto e sentam-se sobre o colchão no chão, me pedindo "revistinha prá ler". Ficamos um bom tempo assim. Enquanto eu fazia anotações no diário de campo, elas liam deitadas no colchão. Vanessa pergunta se pode dormir e logo adormece profundamente. Verinha tenta imitar a amiga, mas não consegue e volta a ler. Convidei-a para conversarmos lá embaixo de modo a não atrapalhar o sono de Vanessa. Ela concorda e, diante de minhas lembranças sobre o tempo em que a conheci, ainda pequenininha, esmolando no calçadão da F. Schmidt, resolve me contar sua vida.

Leninha tem hoje doze anos. É uma menina alegre, loquaz, inteligente. Confessa que "naquele tempo" conseguia "bastante dinheiro", mas que depois seu violãozinho quebrou, ela cresceu e teve que arrumar dinheiro de outra forma para levar para a mãe. Passou a "pedir" no centro da cidade. Quando a interpelei sobre o motivo de hoje ficar na rua dias seguidos sem ir para casa, negou o que sua irmã Verinha me disse há pouco lá na praça. Leninha disse que seu pai não tem "nada a ver" com isso e que tanto sua irmã no "tempo dela", quanto ela agora, saíam para a rua "porque gostavam".

Mudando de assunto, peço a ela que conte o que foi que aconteceu nesta tarde envolvendo Vanessa. Ela conta então, que quando acordaram esta manhã, saíram em busca de alguém que lhes comprasse cola. A cola de sapateiro é produto tóxico e não pode ser vendido a menores de idade. Por isto, as crianças servem-se de adolescentes maiores ou adultos que a compram, em troca de dinheiro, direito de usar também, ou outros "favores" como este que Leninha me relatou.

Segundo Leninha, um homem, "amigo" de Vanessa, encarregou-se de comprar a droga. Perguntei a idade dele, e ela disse que o homem "devia ter" uns trinta anos e que é dono de um barzinho no Saco do Limões. Continuou o relato dizendo que o homem comprou o tanto que o dinheiro permitia e "mais uma lata cheia". Leninha disse que ele propôs dá-la "inteirinha" à Vanessa, mais cinco mil cruzeiros, se a menina aceitasse ir sozinha com ele para trás de uma pedra na praia em que estavam. Eles se encontravam em uma prainha do Saco dos Limões onde as vezes costumam ir, quando estão em bando, para cheirar cola sem serem incomodados pela polícia.

Leninha disse que Vanessa, "muito doida" (já sob o efeito da droga), aceitou e foi com o homem para trás de um rochedo. De repente ela deu um grande grito que "alertô" toda a

turma. Foram correndo ver o que tinha acontecido. O homem fugiu e eles ficaram consolando Vanessa que chorava. Leninha disse que o homem "estrupô" Vanessa.

A menina ainda conversou um tempo comigo, mas percebi que com o cair da tarde ela começou a mostrar-se impaciente, ansiosa para ir embora. Pediu que eu acordasse Vanessa. Quando subimos para chamá-la, ela já vinha descendo as escadas, também à procura da amiga. Quando se olham, depois daquela hora e meia de descanso, falam imediatamente que precisam ir buscar a cola que ficou "mocoçada" (escondida) no Saco dos Limões. Querem ir logo, antes que os meninos peguem tudo. Pressionam-me com a sua pressa, e tenho que sair correndo também, se quiser acompanhá-las. No caminho, pergunto à Vanessa sobre o ocorrido naquela tarde e ela nega que o homem a tenha estuprado. Afirma que : "ele só abaixô minha calcinha."

Vamos direto até a praça Fernando Machado. A feira havia terminado e alguns feirantes limpavam o local. Já anoiteceu. As meninas separam-se para dar uma rápida busca, ver se encontram "os menino". Pedem que eu fique ali para o caso de eles aparecerem. Elas é que desaparecem, e eu me sinto ludibriada. Depois de algum tempo, vou para casa. Penso em retornar mais tarde e ver se volto a encontrá-las.

Bem mais tarde, já de madrugada, encontrei Tonho Grande e Evandro, o namoradinho de Vanessa, dormindo nos bancos da praça Fernando Machado. Acordei-os, e assim que me vê, Tonho diz ao amigo que me conte "aquilo da Vanessa". O menino balançou negativamente a cabeça. Insisti, e ele acabou narrando o acontecido. A sua versão foi semelhante à de Leninha a não ser pelo fato de lamentar a falta de astúcia de Vanessa :

- Ela devia ao menos ter pegado o dinheiro e a lata de cola antes de ir com ele pra trás da pedra...! disse.

Quando perguntei se ele, como seu "namorado", nada fez para impedi-la de ir com o homem, ele respondeu dando de ombros:

- Se o Ricardo que é irmão dela, não fez nada!

Quando digo a ele que Vanessa garantiu que o homem não a estuprou, apenas abaixou sua calcinha, Evandro dá um meio sorriso, como quem diz que não acredita. E protesta que:

- Se fosse assim ela não tinha dado aquele grito, e nem tinha ficado chorando depois...!

Tanto Evandro quanto Leninha falaram no grito de Vanessa, que fez com que todos corressem em seu socorro. Evandro afirmou que o homem a "estrupô sim", porque viu que: "ele até gozô..." E acrescentou que por este motivo ia parar de namorar a menina já que não queria "pegar AIDS". Neste momento é apoiado por Tonho que acena positivamente a cabeça.

4.1 "Pai e mãe : ouro de mina "

(Djavan)

Em pesquisa de campo na cidade de São Paulo, Fischer-Ferreira(1979) observou que entre os meninos de rua o total afastamento da família é, na maioria das vezes, mera aparência. O abandono da casa e a interação com grupos de rua, não descompromete a criança da obrigação de contribuir com a manutenção da família e, para tanto, faz visitas periódicas ao lar ou é procurado na rua, pela mãe ou irmãos. Os pesquisados mantinham, numa proporção elevada, laços familiares de reciprocidade econômica embora os laços afetivos não fossem muito estreitos. (Fischer Ferreira, 1979:87)

Mesmo assim, surpreendeu-me a ligação que algumas das crianças que investiguei, mantém com seus pais e demais parentes, mesmo estando na rua e totalmente "livres" para fazer o que bem entendem. Isto me fez ver que estas crianças não se encontram propriamente "fugidas" de casa ou com paradeiro ignorado pelos pais. Talvez assim fosse mais fácil entender. Se ao menos não tivessem família, ou se a família não soubesse onde encontrá-los... haveria um álibi. Mas diante da "naturalidade" da situação em alguns casos, o crucial talvez seja descobrir como a família elabora o abandono da casa pela criança e como a criança percebe a situação que vive.

Leczneski(1992) também afirma que a maioria dos "guris de rua" contatados numa praça de Porto Alegre, possuíam algum tipo de vínculo com parentes. Todos sabiam, segundo esta pesquisadora, como e onde encontrar os parentes quando desejavam e vice-versa.

Nesta questão das relações da criança pobre com a família, concordo com Cláudia Fonseca (1987a, 1989) quando ela entende que não se trata exatamente de crianças "abandonadas" mas, "em circulação"¹⁷.

A autora, que estudou grupos populares de baixa renda em Porto Alegre, trata das relações estabelecidas entre a criança "em circulação", sua família de origem, lares adotivos e instituições de atendimento. Naturalmente, o conceito de "crianças em circulação" aqui utilizado, não coincide exatamente ao proposto por C. Fonseca. Não observei em campo, por exemplo, a

¹⁷ Foi baseada nas idas e vindas das crianças entre as várias instituições: a família, os albergues (que providenciam também a escola), que eu os entendo como estando "em circulação" e não simples e definitivamente "na rua", "da rua" ou "abandonados". Lecznieski também sugere que a categoria 'abandono' "é definitivamente inadequada para descrever a realidade dos guris de rua, especialmente por remeter diretamente a um abandono pela família, ignorando o contexto econômico e de exclusão social que, dinamicamente, interage com variáveis culturais específicas no processo de socialização das crianças e jovens pertencentes aos grupos populares." (Leczneski, 1992:86)

funcionalidade, apontada pela autora, desta "circulação" no fortalecimento de certas redes de relações entre as famílias de origem e as adotivas. Nos casos que investiguei não ocorria a adoção, tratava-se antes, de uma "auto-circulação": as crianças mesma decidiam onde e por quanto tempo desejavam ficar em determinado lugar. Fonseca também não se referiu à vida das crianças na rua, mas, no estudo dos casos que constituem este trabalho, a "parada" na rua faz parte do itinerário da "circulação" destas crianças¹⁸. E "parada" preferida por muitos deles que entendem a rua como um espaço "neutro" (livre de controle) e incomparavelmente lúdico. Nos seus artigos sobre a "circulação de crianças" Fonseca aponta ainda, para a involuntariedade desta "circulação": as crianças são passadas às famílias adotivas ou entregues às instituições de atendimento ainda na primeira infância. As crianças que investiguei afirmavam, no entanto, seu livre-arbítrio: "tô na rua porque quero" era a explicação mais ouvida.

Guardadas as devidas precauções em se aceitar tal resposta como a única e "verdadeira" explicação para o fato de uma criança passar a "morar" na rua, ela no entanto, traz luz sobre uma questão crucial: a rua, com todas as dificuldades que possa ter (frio, desconforto, fome, polícia,) ainda é, para estas crianças, mais "interessante" que a casa da família, a escola ou as instituições de atendimento.

Todos nos fazemos, centralmente, esta indagação: por que ?

Havia, na alegação dos motivos para terem saído de casa e ido dormir na rua, a recorrência a um elenco mais ou menos comum de "histórias tristes" a que Vogel(1991) se refere¹⁹. Foi numa destas "histórias" que Vanessa quis me fazer crer, da primeira vez em que conversamos. Disse-me que estava na rua porque seu padrasto batia muito nela e em seus irmãos. Com o passar do tempo esta afirmação demonstrou não ter fundamentos. Ela nunca mais tocou no assunto e seus outros irmãos na rua, nunca fizeram queixas sobre o padrasto. A menina, passado algum tempo de nosso primeiro encontro, alegava "não conseguir mais" ficar em casa, não por culpa do padrasto, mas porque em casa ficava "doente". E só "melhorava" se voltasse à rua. É do nosso primeiro encontro também a alegação de que "em casa eu era magrinha... na rua até engordei." Queria com isso, me fazer acreditar que o fato de estar na rua não lhe era prejudicial, muito pelo

¹⁸ Em um de seus artigos a autora refere-se à "auto-circulação" de menores que a partir de certa idade "não se conformavam mais com o papel de objeto(passivo) de barganha; impunham-se de uma forma ou de outra como 'atores'." (Fonseca, 1989b:122) Embora ela não tenha considerado a rua como possível "lar" de muitas destas crianças que buscavam a independência de pais e tutores, recentemente (ABA-novembro de 1993) admitiu que, mesmo não tendo considerado o assunto, possivelmente muitos destes menores passaram algum tempo de suas vidas vivendo nas ruas.

¹⁹ Martins(1992) neste sentido, também observou que "um primeiro contato com as meninas de rua, é marcado, em geral, pelo relato fantasioso de dramas pessoais, de injustiças vividas, de misérias sentidas, de proezas experimentadas e de um desejo incontido de mudar de vida, que muitas vezes é inteiramente referido à medida que é possível criticar as informações iniciais recebidas."(Fenelon, Martins e outros, 1992:79)

contrário, só na rua "passava bem" ²⁰. Numa das únicas vezes em que aceitou gravar um depoimento, fez questão de fazê-lo sozinha, sem minhas perguntas e sem a presença dos colegas. Tomou o gravador e afastou-se para falar. Eis como ela inicia a gravação, a forma como se apresenta e coloca a sua situação : "Meu nome é Van...Tenho doze anos. Sou de rua. Eu...eu...tenho casa, tenho..., não vou prá casa porque não quero. Hum... deixa vê...eu estudava na quarta série e era internada no... [orfanato para meninas], eu fugia tanto, tanto, tanto de lá que minha mãe me tirou de lá (...)"

É interessante que aqui, onde a menina achava que ninguém poderia "ouvi-la", ela confessa a sua "vontade" em ficar na rua e de como, associado ao fato de "ter uma casa" ela logo informa que frequentava a escola, quando interna num orfanato. O seu depoimento é circular: sou de rua - tenho casa- já tive escola(no orfanato) - fugia de lá para a rua.

Os pais de Vanessa, segundo o depoimento da mãe, separaram-se antes da morte deste, devido à sua "ruindade" (violência). Vanessa, assim como seus irmãos, desde pequena "fazia dinheiro"(esmolava) para o grupo doméstico. Internada por três anos num asilo para meninas órfãs, saiu de lá por intermédio da mãe, devido às constantes fugas. Começou, junto com os irmãos Nêgo e Ricardo, a dormir nas ruas do centro, desde que a casa em que moravam numa favela próxima ao centro da cidade pegou fogo. A mãe que casou-se novamente e teve outros filhos, mudou-se para uma favela da periferia, no continente. Seus filhos mais velhos, segundo ela, "foram ficando pelo centro", de início morando com a avó materna e vizinhos. Incendiada também a casa da avó, passaram a intercalar longos períodos de rua, com a casa da mãe (mais raramente) e instituições de atendimento (o Centro-Piloto e o C.A.P.) A mãe, no momento da entrevista, já encarava com normalidade a escolha dos filhos, embora afirmasse preferir tê-los por perto(à exceção do menor, Ricardo) para "ajudar em casa" ou "assumir um compromisso"(trabalhar fora). Abriu exceção ao menino Ricardo porque, segundo ela é o "mais difícil de lidar" e já não tem esperanças de voltar a ter domínio sobre ele²¹. Acrescentou ainda que quando os três, Ricardo, Nêgo e Vanessa encontram-se juntos em casa, Ricardo é sempre o primeiro a instigar os irmãos a voltarem para a rua, alegando que em casa "tá mau", e que ali "não tem nada prá fazer". Durante o trabalho de campo Ricardo foi o menino que mais tempo permaneceu na rua, sem voltar para casa ou procurar as instituições de atendimento.

Tataco também alegou desentendimentos com o pai como motivo de ficar na rua: assim escapa à servidão que, segundo alega, o pai lhe quer impor. Queixa-se de ser forçado a

²⁰ Martins também aponta esta tendência nas "meninas de rua" de Goiânia em acreditar que na rua estavam "mais protegidas" e tinham "mais recursos" que em casa. (op.cit.:75)

²¹ A tia materna das crianças, em cuja casa por vezes os irmãos se abrigavam, também disse que o "único" que não tolera "hospedar" é Ricardo, devido sua "desobediência".

exercer tarefas domésticas que considera muito frequentes e exaustivas demais. Além disso, sente-se "injustiçado" e "perseguido" pelo pai que só permite "folga" (brincar, jogar bola) a um de seus irmãos. Tataco no entanto, era um menino que ia com frequência para casa, embora afirmasse repetidamente : "Ah...eu gosto da rua, eu não gosto de casa... nunca gostei de ficar em casa, a rua é o meu lugar, é o meu valor."

Nêgo (irmão de Vanessa) numa rara declaração que me deu sobre os motivos de "parar" na rua, não culpou ninguém da sua família como responsável por esta "escolha", e confessou: "Rua prá mim é como se fosse um lar assim...tenho meus amigo, passeio onde eu quero, faço o que eu quero, tenho a minha amizade com todo mundo, e onde eu moro quase ninguém liga prá mim assim.." Não apontou culpados, mas reclamou que, "onde mora", ou seja, no seu bairro, na sua vizinhança, "quase ninguém liga" para ele. Ele viria então ao "centro" em busca de amizades, de um reconhecimento e notoriedade que não encontra no seu ambiente.

Nael apontou como acionador de sua "fuga de casa" uma surra que levou da mãe quando tinha por volta de cinco anos de idade, mas logo completa que na rua "encontrei uns amigos e comecemos a fazer algumas coisas diferentes da rotina de casa e eu gostei." Não se pode dizer com certeza aqui - nem ele mesmo sabe - quem realmente o "puxou" para a rua: se a surra da mãe ou a quebra da rotina, na rua. No seu discurso percebe-se que os dois momentos estão entrelaçados, ainda que aparentemente o momento da "surra da mãe" tenha precedido o "encontro" com o grupo da rua.

Os irmãos Silva - Jorge, Raul e Bauru - tinham um discurso (sempre raro e reticente) ainda mais controverso sobre os motivos de estarem na rua.

Conheci os três antes de iniciar o trabalho de campo, numa tarde em que bateram na porta de minha casa perguntando se eu tinha algo "prá dá". Estavam numa explícita missão familiar: esmolavam para a mãe que tivera mais um bebê. Neste primeiro encontro não mencionaram a vida na rua. Jorge, o irmão mais velho (12 anos) apenas mencionou uma "curiosidade" sobre seu irmão Bauru(10): ele era interno do Centro-Piloto e "preferia" morar lá. Só ia para casa nos finais de semana. Contaram que seu pai havia morrido e negaram que a mãe tivesse casado novamente. Nesta tarde dei-lhes as roupas que pediam para o irmão recém-nascido, e convidei-os a retornarem à minha casa para conversarmos.

Bauru voltou à minha casa sozinho, cerca de um mês depois. Quando perguntei-lhe o que havia de novo, timidamente, olhando embaraçado para as próprias mãos, disse que "a novidade é que a nossa casa tá caindo". Quando perguntei porque é que saíam à rua para esmolar, ele disse que era a mãe que mandava. Perguntei se ela mandava todos os filhos, e ele respondeu que não, que:

- É mais ou menos assim... quando a gente tem uns cinco anos, ela diz.

- Diz o quê? - perguntei.
- Diz que é pra nós í se virá sozinho...

Cerca de um ano depois vim a reencontrar os três irmãos durante o trabalho de campo. Raul (9) e Bauru (11) já "fugidos" de casa, dormindo na rua. Jorge ficava em casa, mas às vezes encontrava-o junto dos irmãos na rua. Numa destas vezes perguntei como era a sua ligação com os irmãos que ficam na rua. Ele respondeu, sempre de cabeça baixa e sem me olhar nos olhos, que não tenta mais levá-los para casa; mas que "antes" até tentava:

- eu ia lá... pegava e levava prá casa de volta... mas no outro dia eles voltavam prá rua de novo.

Decidiu então, não insistir mais, "porque não adianta". Perguntei se não sentia vontade de vir para rua também. Ele disse que não. Perguntei porquê e ele respondeu que era porque em casa dorme "quentinho", tem "roupa limpinha" e a comida que a mãe faz. Perguntei se ajudava a mãe de alguma forma e ele disse que sim, que é ele que "lava a casa" para ela e cuida "dos menorzinho".

Jorge tem mais cinco irmãos além de Raul e Bauru, todos menores de seis anos de idade. A única irmã que tiveram, a mãe "deu" para outra família criar, quando ela ainda era bebê. Eles nem a conheceram.

Parece, portanto, que nem só as meninas são levadas a assumir tarefas domésticas repassadas pela mãe, nestas camadas sociais. Na falta de uma menina, a quem geralmente é repassado parte da carga do trabalho doméstico, este menino, por ser o filho mais velho de uma mulher com muitos filhos, é levado a ajudá-la nos cuidados da casa e na guarda dos irmãos menores. Neste caso, Jorge deu a entender que "retribui" o trabalho que a mãe tem com ele (lavar sua roupa, fazer sua comida), ajudando-a em casa.

Porém, cerca de um mês após esta nossa conversa, Jorge passou a "parar" também na rua, como os irmãos. Quando lhe perguntei porque mudou de idéia em relação ao fato de ficar em casa, ele não me deu resposta. Olhou-me apenas com aqueles seus olhos enormes e negros. Quase insuportável mirar aquele olhar. Do fundo negro, um misto de revolta muda e acusadora me espreitava. Era infinitamente triste.

Quando visitei a casa deles, a mãe disse-me que, ao contrário do que os meninos haviam me afirmado em nosso primeiro encontro, ela tinha se casado novamente. E citou isto como uma das causas dos filhos não ficarem mais em casa. Disse que os meninos nunca aceitaram o fato dela ter-se casado quase em seguida à morte do pai deles. Como outra possível causa, citou ainda o fato de não terem televisão em casa. Disse que mesmo quando estão em casa, os filhos passam a maior parte do tempo na casa de vizinhos assistindo t.v. Já pediram muitas vezes que comprasse uma, alegando ser "chato" ficar em casa assim. Ela disse também que Jorge, o filho mais velho, se

ressente de ter que dormir na cama junto de todos os irmãos. Além do desconforto, ele queixa-se do fato dos menores molharem a cama à noite. A mãe disse que Jorge tinha planos de trabalhar para juntar dinheiro e fazer um quarto só para si, acoplado ao barraco.

O barraco em que moram tem apenas dois cômodos. Uma cozinha e um quarto. Não vi o banheiro, mas a dona da casa informou que ele fica "lá fora". A impressão que se tem, é que se todos os filhos decidissem morar na casa, não haveria espaço. As crianças menores têm sinais evidentes de desnutrição. A mulher e o atual marido estão no momento desempregados e são alcoólatras, o que é citado por uma das assistentes sociais que acompanha a família, como uma das principais causas para que os meninos Raul e Bauru não párem em casa. Segundo os meninos, em depoimento à mesma assistente, a mãe lhes espanca violenta e constantemente, quando alcoolizada.

Uma vizinha deles, tia materna de Vanessa, Ricardo e Nêgo, confirmou os maus-tratos que as crianças recebem dos pais. Disse que "cansa de ouvir" os espancamentos mas que não interfere porque "acaba sobrando prá gente também".

Embora se queixem à assistente social que apanham da mãe e do padrasto, sempre negaram para mim que isto fosse verdade. E defendem a mãe destas acusações.

Este foi o casal que encontrei diversas vezes, durante o trabalho de campo, no centro da cidade em busca dos filhos "fujões". A avó "postiça" dos meninos (mãe de seu padrasto), repreendeu-me certa noite quando encontrou-me junto deles e mais um grupo de crianças que já se preparavam para passar a noite ao lado de uma fogueira no centro da cidade. Ela disse que trabalhos como o meu só poderiam dar ainda "mais força" para que os meninos continuem nas ruas. Estava indignada com a "fuga" dos "netos" da casa do filho. Na sua opinião eles deveriam estar em casa, "ajudando o pai" (padrasto). Na noite seguinte o homem apareceu no local e levou-os para casa sem que os meninos esboçassem qualquer resistência. O padrasto prometeu a Jorge que, se fossem com ele, não lhes bateria desta vez.

Este foi o único homem, na qualidade de padrasto das crianças que teve um papel mais atuante junto a elas, nos grupos domésticos investigados. Se eu tivesse ficado somente nas ruas, sem nunca ir à casa das crianças, este teria sido o único "pai", portanto, que conheci na rua tentando contato com os filhos "fujões".

Os outros membros da família que tinham contato com as crianças na rua eram todos mulheres: mães, avós, tias, irmãs mais velhas. Mesmo como crianças supostamente "fora" do universo doméstico (materno-familiar), é ainda com os representantes deste universo (feminino, do "mundo da casa") que elas preferencialmente interagem.

O problema do "menino de rua" passa, no meu entender, também pelo problema da "mulher em casa". É sobre as mulheres, mesmo quando têm "marido" e "pai da criança", que recai, em extratos sociais de baixa renda, a responsabilidade de guarda e sustento da prole²².

Muitos estudos já se dedicaram a investigar a tendência à matrifocalidade de grupos domésticos em extratos sociais de baixa renda, e este seria, sem sombra de dúvidas, um importante fator a ser aqui analisado, não fosse o mesmo extrapolar em muito, os limites deste trabalho²³. Assim, tratarei apenas das estratégias utilizadas pelas mães das crianças que acompanhei, como forma de fazer com que estas produzissem renda para o grupo doméstico.

As famílias que costumam mandar ou mesmo obrigar suas crianças a esmolar, não têm qualquer interesse na permanência "direta" destas crianças na rua. É necessário que voltem à casa para entregar a renda. Mas este é um jogo perigoso que, uma vez iniciado, o grupo doméstico corre o risco de perder o controle sobre a criança enviada à rua "a trabalho"²⁴. A partir do momento em que a criança adquire alguma idade e principalmente experiência da "vida na rua", pode optar por ali permanecer. Um jogo tão perigoso que, das crianças que investiguei, todas, sem exceção, chegaram à rua desta forma: mandadas pequeninas, esmolar diariamente no centro da cidade, acabaram por adquirir independência e destemor. Para estas crianças, com tantas dificuldades e responsabilidades sobre os ombros, torna-se, com o tempo, muito mais interessante, muito mais "vantajoso" permanecer longe de casa. Longe dos pais e suas cobranças. E, longe também dos afazeres domésticos e a guarda dos irmãos menores. O depoimento de Cecília, ex-menina de rua, acima narrado, é exemplo disto.

Vejam os este, e outros casos:

²² Bonneto(1993) em pesquisa de campo sobre "o problema de supervisão de filhos" num bairro carente de Florianópolis, aponta três fatores que, conjugados, afetam a supervisão dos pais sobre os filhos: o alcoolismo dos pais, o trabalho fora e o desejo de independência, da mulher. Dos três fatores apontados, dois estão diretamente ligados à mulher/mãe, responsável pela criação dos filhos.

²³ O arranjo matrifocal, de acordo com alguns autores, não prevê uma emancipação ou maior valorização do papel feminino nos grupos domésticos em que ocorre. Fischer-Ferreira(1979), Martins(1992) e pelo que pude também observar no trabalho de campo, mesmo a mulher/mãe que desempenha funções tipicamente masculinas, caracterizando-se como "chefe-de família", não tem sua condição feminina emancipada frente os próprios membros do grupo doméstico e tampouco frente à sociedade envolvente. Como analisam alguns autores, apoiados no parecer de Durham (1981), este tipo de arranjo doméstico não fortalece ou amplia o poder doméstico da mulher que o utiliza. Ele é visto mais como uma sobrecarga da miséria do que uma liberação dos costumes. A respeito desta discussão ver: Neves(1983), Fonseca(1987b) e Woorthmann (1987), este último, demonstrando a "dominância" da mulher na "família matrifocal".

²⁴ Vogel apresenta bem esta questão quando aponta o trabalho das crianças na rua como uma "necessidade, virtude e risco". O risco diz respeito à possibilidade sempre presente e temida pelos pais, de que a criança venha a se "enturmar", o que implica "na perda da ascendência do grupo doméstico sobre o menor" ou "a substituição da ascendência da família pela ascendência do 'grupo de pares' que é a turma.(1991:138-140)

Cecília, que se auto define como "ex-menina de rua", assim que nasceu seu primeiro filho, deixou de esmolar para o sustento da família de origem, e passou a ter a ajuda desta. A mãe, segundo depoimento da moça, passou a permitir que durante uma parte do dia, seus irmãos pequenos esmolem para ela. Na infância, Cecília ajudou a mãe a sustentá-los também pedindo esmolas. Agora que formara um novo núcleo doméstico, eles é que a ajudavam. Perpetuaram assim, o seu modo de "ganhar a vida" adaptando-se aos novos membros e situação familiar. Meses após o nascimento, o bebê de Cecília já estava agenciando também o seu próprio sustento e o dos pais. No colo de criança maior, era a possibilidade de esmolas mais frequentes e generosas²⁵.

A família de Cecília, no que pude observar durante o período do trabalho de campo, orgulhava-se de não ter nenhuma criança "da rua". Elas mendigavam durante um período do dia, no outro iam à escola(com rendimento escolar precário) e, à noite, voltavam para casa. Estas crianças faziam questão de não serem confundidos com "os meninos da rua" pois, explicavam : dormem em casa, tomam banho, trocam de roupa, não roubam e não cheiram cola. Sua aparência no entanto, era tão descuidada e, em alguns casos, até pior do que a das crianças que dormiam na rua. Suas irmãs mais velhas, sempre muito nervosas e fazendo cenas em público, não permitiam que se descuidassem do "trabalho". As crianças eram geralmente impedidas de participarem das atividades de arte-educação que eu acompanhava, na Praça XV. Segundo Cecília, se passassem a tarde "brincando" conosco, isto afetaria o montante de esmola arrecadado no final do dia. Estas crianças eram também estritamente vigiadas para que não passassem a noite fora de casa ou que se demorassem até muito tarde sozinhas na rua. Das vezes em que presenciei as mulheres da sua família repreendendo ou lhes batendo, estes eram os motivos: medo de possíveis assédios sexuais por parte de meninos ou mesmo adultos, o pouco dinheiro "feito" e, "dar bobeira" para as assistentes sociais.

²⁵ Em campo, pude observar que a criança pequena (0 a 6 anos) desperta com mais facilidade e maior intensidade a "compaixão" e a "generosidade" do transeunte que, sensibilizado, dá a esmola. No caso da criança estar "trabalhando", capricham na gorjeta. Fischer-Ferreira já observou que "o próprio esmolar adquiriu técnicas novas - limpar o pára-brisas, passar flanela nos sapatos, abrir a porta do automóvel, que o transformaram numa categoria mais próxima do trabalho, e por isso, mais justificável e aceita numa sociedade industrializada e competitiva onde todo contato pessoal pressupõe uma relação de troca."* (Fischer-Ferreira, 1979:75). Esta forma apontada pela autora, de valorizar "a necessidade de que qualquer quantia de dinheiro seja trocada por algo, ainda que o comprador não vá fazer uso do que adquiriu" mostra-se aplicável, do meu ponto de vista, até mesmo na ocasião em que o sujeito "dá a esmola". Aparentemente, ele nada pede ou recebe em troca. Mas percebe-se que, ainda aí, neste ato aparentemente "desinteressado", o sujeito "compra" algo que a criança "vende". Compra da criança a oportunidade de uma "boa ação". Dá a esmola e recebe em troca a sensação de ter praticado "o bem". Compra um certo alívio de consciência e a benfazeja sensação de "generosidade". Compra, enfim, a própria "humanidade" tendo como refém a desumanização e a miserabilidade do outro: é a miséria como mercadoria. Para uma interessante leitura de como era vista a "exploração" de crianças na atividade de mendicância no início do século, no Rio de Janeiro, ver Rio(1951)

Entendo as críticas (descritas no relato acima) da família de Cecília a assistente social da Arquidiocese, primeiro: como uma forma de revolta contra a "intromissão" de um agente social, representante da "normalidade" e da "ordem", em suas vidas. Segundo: Como uma forma de garantir um de seus meios de sobrevivência, a criança.

Em relação ao primeiro ponto, há que se entender que, mesmo vivendo de esmolas, aquela família tem regras e dignidade própria. Basta ouvir a mãe delas discursando sobre como a educação que deu aos filhos vai orientá-los e lhes servir durante toda a vida. Um dia, Cecília apresentou-me à mãe, na pracinha da feira (pça Fernando Machado). A mulher repetiu-me a história de Marialva com ela agora ao lado, que nada dizia. A mãe fez questão de reafirmar o modelo de educação que dava às suas crianças como "correto" e muito "vantajoso" para as próprias crianças pois aprendiam, desta forma, a "se virar" sozinhas. Disse que foi "graças" ao fato de ela ter acostumado os filhos a "pedir", que Marialva conseguiu, quando sozinha numa cidade estranha (Itajai), safar-se "pedindo dinheiro" para voltar à Florianópolis.

Então, esta é uma sutileza a ser considerada. São pobres, miseráveis; sim, mas têm sua própria maneira de "querer bem" e "educar" os filhos. Para eles, o que a assistente social, também cheia de "boas intenções" fez, foi "roubar-lhes" um dos membros da família. Seguramente, a menina, assim como Cecília no tempo dela, já estava à beira do abandono do lar. Mas a família não admite isto. Prefere acreditar que a assistente social "causou-lhe um mal". Mesmo Cecília, que confessa ter preferido a rua à casa da mãe quando criança, hoje critica severamente a irmã por ter se "perdido na rua". E acusa a assistente social de tê-la ajudado nisto. No meu entender, a agente social só fez talvez, precipitar, ou melhor, proporcionar as condições de afastamento necessárias para que a menina, já com "um pé na rua", abandonasse de vez a casa da família e se entregasse, aos chamados "vícios": a rua, a cola.

Em relação ao segundo ponto, sugiro que não se pode desconsiderar os motivos práticos que tem o grupo doméstico para querer manter o domínio sobre seus membros. Neste caso particular, a família da menina, dizendo considerar "imoral" a vida na rua, sente-se prejudicada com a desobediência e ausência da filha rebelde, pois, na rua, a menina dificilmente prestará à família, assídua e sistematicamente, os serviços e/ou a renda que ela requisita aos membros desde o berço.

Assim também entendo o empenho dos pais dos meninos Jorge, Raul e Bauru, em vir buscá-los na rua. Acredito que se tratava mais da falta que eles faziam no grupo doméstico enquanto "fazedores" de dinheiro do que propriamente afeto ou preocupação com a sua vida na rua. Mas isto é apenas uma hipótese. Uma impressão que surgiu das vezes em que encontrei pais e filhos juntos. Mesmo poucas horas depois de "resgatados" da rua, Bauru e Raul, já desciam novamente o morro de sua casa escoltando irmãos menores na atividade da mendicância. Apesar de terem ordens expressas de não afastarem-se do bairro em que moram, e que por ter atividades

comerciais diversificadas, é considerado também "bom ponto" para esmolar, eles poderiam tranquilamente evadir-se novamente para o "centro".

Vanessa, Ricardo e Nêgo também foram desde bem pequenos utilizados na mendicância. Hoje, eles passam longos períodos sem voltar para casa. Porém, em nenhum momento, durante todo o período de campo, houve qualquer iniciativa por parte da mãe ou do padrasto, de buscá-los na rua. Eles iam para casa quando queriam e nos intervalos que achassem conveniente ²⁶. É interessante observar que, no entanto, sempre que empreendiam uma volta à casa da mãe, eles empenhavam-se em "fazer dinheiro" para levar à ela. Nêgo, que pela idade e por ser, como afirmava, "muito conhecido" no centro da cidade como "cheirador de cola", não conseguia mais ganhar esmolas, apelava então para o irmão Ricardo. Era este quem, nestas ocasiões, "fazia" o dinheiro para o irmão levar para a mãe. Esta mulher tinha outros filhos pequenos que esmolavam e que voltavam para casa à noite. Talvez por isto os filhos mais velhos não lhe fizessem tanta falta enquanto provedores. Nêgo, apesar de estar fora de casa, por diversas vezes, acompanhava o irmãozinho de seis anos enquanto este esmolava para a mãe de modo a não deixar que ele se "distraísse" da tarefa e a não permitir também, que ele "perdesse o ônibus" de volta para casa no final do dia.

Para Vogel, uma das causas da criança trocar a casa pela rua é a transformação da casa da família. Esta deixa de ser um espaço onde a criança encontra abrigo, cuidado, orientação, ocasiões de sociabilidade e tempo para si mesma, para tornar-se um espaço de conflito, risco, solidão e servidão; onde ao invés de lhe ser dada, a infância lhe é tolhida. Assim, a trajetória para a rua começa, sem sombra de dúvidas, na casa pobre, violenta ou vazia. Parte de uma situação de carência. Carência de recursos, de conforto, de atenção, na medida em que as privações impõem ora a ausência dos pais, ora uma tensão insuportável nas relações familiares, que acaba acarretando um rompimento do "pacto fundador da aliança familiar" (Vogel, 1991:148). A vida na rua seria então uma espécie de recusa da criança de submeter-se a estas condições.

²⁶ Vanessa, por exemplo, ausentou-se da cidade por quase dois meses sem que ninguém soubesse ao certo seu paradeiro. Sabíamos apenas que tinha viajado com uma amiga e um primo também "da rua" para o Rio de Janeiro afim de "ver a Xuxa". A mãe da outra menina acionou o Juizado e a policia atrás da filha, mas a mãe de Vanessa não tomou qualquer atitude para tentar encontrá-la. No entender de uma das assistentes sociais encarregadas pelo seu regime de "liberdade assistida", isto provava como, apesar de ter " família", na verdade a menina havia sido "abandonada" por ela. Quando voltou para a cidade, Vanessa foi imediatamente para casa, depois de apresentar-se aos irmãos e colegas na ruas. Fui visitá-la no dia seguinte. Quando cheguei, a mãe desembaraçava os cabelos da menina, rodeada pelos outros filhos e a avó materna deles. Quando inquiri a mãe sobre a sua tranquilidade diante do "sumiço" da filha, ela alegou não ter se "preocupado" porque a menina já fizera coisas "semelhantes", como esconder-se na casa de vizinhos e parentes. Desta forma, me afirmou a mulher, ela "não acreditou" que a menina tivesse realmente viajado e esperava que de um momento para o outro ela aparecesse.

Para este pesquisador, o que acontece em cada caso, independente das razões invocadas de cada lado (de um lado o filho "fujão", de outro, os pais), é a existência de uma família que se reproduz biologicamente, mas não consegue reproduzir-se socialmente.

Inverso à Vogel, Cláudia Fonseca acredita que o problema não está no declínio da instituição familiar enquanto tal, mas no fato da "moral dominante" não reconhecer a "circulação de crianças" como prática surgida dentro de um universo simbólico com lógica histórica própria e resultante da experiência acumulada de gerações. Assim como, entender a "família popular" não como mero antecedente da família moderna, mas uma forma de organização familiar diversa da considerada "ideal"²⁷. Ou seja, enquanto Vogel sugere "a transformação da casa da família" como uma das causas da criança trocar a casa pela rua, Fonseca e outros autores como Lovisolo (1987), apoiados nas teses de Ariés, acreditam que é justamente no fato da casa da família pobre nunca ter se transformado num agente privilegiado de socialização e educação das suas crianças que, a criança na rua não choca nem amedronta o seu grupo doméstico.

Talvez a disparidade nas conclusões destes autores tenha a ver exatamente com o modelo de família adotado pelas famílias investigadas e a camada social a que pertenciam. Vogel afirma que nas famílias contatadas não se verificavam os "sintomas clássicos" da desagregação familiar e nem se configurava a pobreza absoluta, embora as dificuldades econômicas fizessem com que os pais permitissem a saída do filho para o trabalho na rua, correndo os riscos de ter sua "cabeça virada" na "enturmação" e virar "menino de rua" (delinquente). Fonseca, embora descarte a possibilidade da miséria explicar por si só a circulação de crianças entre as casas e as instituições de atendimento, afirma que as famílias tomadas em sua análise são exatamente aquelas que, pela pobreza extrema, não foram atingidas pelo modelo de família conjugal estável. Pode-se sugerir então, que as famílias investigadas por Vogel, embora tentassem seguir o modelo preconizado como ideal pela ordem social vigente, não atingiam seu objetivo de guarda e educação dos filhos. Os pais unidos numa relação conjugal estável e expressando seu amor pelos filhos, como recomenda a moral atual, não eram "ricos" o suficiente para conseguir manter os filhos reunidos em torno de si. Em nome da "necessidade como mãe da precisão" viam seus rebentos partirem para uma viagem que talvez não lhes permitisse a volta: em busca de renda, corriam o risco de negarem a família, traindo aí, todo um projeto familiar de inclusão e ascensão social. (Vogel, 1991)

Do meu ponto de vista, Fonseca com seu estudo, contribui fundamentalmente para uma relativização de um certo modelo de família que se pretende "natural", ou seja, próprio à todas as camadas sociais do Brasil, mas que tem sido preferencialmente construído a partir da história e requisitos próprios apenas das camadas mais abastadas da sociedade. Aquelas atingidas

²⁷ Fonseca (1987, 1989a, 1989b).

pelas políticas de higienização, saneamento, controle de natalidade e os ideais modernos de individualização, escolarização e privacidade. Como bem coloca a autora, uma boa parte, talvez mesmo a maior parte da população brasileira não foi atingida por estas políticas persuasivas e tampouco beneficiada com a melhoria de condições materiais imprescindíveis para que tais valores e "formas de vida" conseguissem se impor.

Vogel no entanto, e aí surge o ponto que considero problemático em sua análise, afirma que nessas famílias onde se sucede o "drama" de uma criança sair de casa para viver na rua, ocorre "o rompimento do pacto fundador da aliança familiar". Para que isto não ocorra, ele afirma que "torna-se necessário aderir ao projeto da família nuclear", onde cada ator, agindo de acordo com as expectativas do outro - principalmente aquelas que as crianças acalentam em relação aos pais - imprime "regularidade" à reprodução do ciclo doméstico. (Vogel, 1991:148)

Acredito que reconhecer a não universalidade da forma de família nuclear estável, tal como é preconizada à população brasileira independentemente de sua situação de classe, é um avanço contra o estigma e o preconceito que se abatem sobre formas familiares distintas da imposta pela moralidade dos grupos dominantes. É um passo importante na luta contra o etnocentrismo. A família moderna (nuclear, conjugal) não pode ser pensada como meta a se alcançada por todos os grupos sociais. Sua ausência não significa, concordo com Fonseca, um "vácuo cultural", tampouco uma anomalia social.

Pode-se argumentar porém, que sempre há o perigo de se mergulhar num extremo oposto. Ou seja, considerar "válida" todo e qualquer tipo de norma familiar, só porque este é passível de descrição na sociedade, implica o risco de cair-se num relativismo exacerbado. Cláudia Fonseca (1989b) pondera, para tanto, que o fato de se reconhecer determinada "lógica histórica" em um determinado modelo familiar, não implica idealizá-lo, nem defender sua preservação, mas trabalhar para que o reconhecimento de lógicas alternativas ajudem a relativizar a imposição da lógica dominante, e contribuir para a articulação de uma identidade histórica própria em grupos populares no Brasil contemporâneo²⁸.

Nos romances analisados, as referências aos laços familiares dos "meninos de rua" são escassos. Nos trabalhos acadêmicos, com poucas exceções, a tendência é a mesma. De acordo com Alvim e Valadares, praticamente inexistem trabalhos de pesquisa que "pensam" a criança em relação à família e à vizinhança, no bairro ou favela, e as articulações aí presentes²⁹.

²⁸ Lecznieski (1992) e Martins (1992), também apontam para uma necessária relativização do modelo da família conjugal moderna e, por extensão, da concepção moderna da infância, por entenderem que as concepções que se tem hoje de "família" e "criança" têm-se limitado em ser a representação de um determinado tipo de família e criança, pertencentes a determinada classe social: a burguesa. Tais modelos são adotados hegemonicamente como "padrões" a serem seguidos por todos, negando-se a possibilidade de existência de outras formas concretas de estrutura familiar e de reconhecimento da criança.

²⁹ Alvim e Valadares (1988:220)

Dos romances analisados, apenas dois, ambos autobiográficos, retratam as relações que os jovens protagonistas - um internado em instituição de atendimento e outro vivendo ocasionalmente na rua -, mantinham com suas famílias. Nos dois casos, a marca da narrativa é o ressentimento e a revolta contra membros familiares, mais especialmente o pai ou a mãe.

Em A Queda Para o Alto, Herzer (1982) inicia seu relato de vida dentro da FEBEM referindo-se aos "motivos" de ter ido parar lá. Mostra-se ressentida por seu abandono pelos pais biológicos e pais adotivos e, principalmente, ressentida pela incompreensão e pouco afeto que ambas as famílias sempre lhe dedicaram. Relata só ter conhecido "lares inseguros e insinceros". Confessa ter sido vítima, ainda menina, de assédio sexual por parte do pai adotivo, enquanto era testemunha silenciosa do adultério da mãe. Esta mãe adotiva foi responsável por muitos de seus internamentos..

Em O Pão Nu (Choukri, 1983) o jovem protagonista nos faz ver que havia algo que o atormentava ainda mais que a fome e a miséria de que foi vítima desde o nascimento. Era a presença do pai. Um ódio mortal o ligava ao progenitor. Por outro lado, dedicava grande carinho à mãe e a um de seus irmãos que foi estrangulado pelo pai diante de seus olhos. Teve ainda outros irmãos que via nascer e morrer antes mesmo que pudesse afeiçoar-se a eles. Ao contrário da história de vida de Herzer, que teve por lar adotivo uma família razoavelmente "bem de vida", a família de Choukri vivia entre a miséria absoluta e os poucos recursos conseguidos pelo trabalho da mãe no comércio, a quem o menino auxiliava. Mesmo depois de sair de casa, indo morar num emprego arranjado pelo pai, este o procurava para receber o seu salário. No prefácio do relato lê-se que "é imediata a associação com o relato de Galvino Ledda, Padre Padrone (Pai Patrão), com a diferença, no caso de Choukri, de que em nenhum momento, se instala alguma relação pedagógica entre pai e filho"³⁰.

Ao contrário de Herzer, Choukri manifesta aquilo que os informantes dos relatos etnográficos, não somente os meus, mas também os informantes de Vogel e Martins, manifestavam quando falavam sobre a sua estadia na rua: o "prazer de dormir ao relento", "o gosto" pela vida na rua.

Segundo Vogel (1991), há algo comum no discurso dos pais quando procuram explicar os motivos que levaram os filhos a preferir a rua. É quando mencionam, tentando eximir-se da responsabilidade do abandono da casa pela criança, o encontro da criança com a "turma" na rua. Ai indaga: se é verdade que a criança troca a convivência com a família pela convivência com a "turma" na rua, o quê esta proporciona a esse "trânsfuga", que a família não pode proporcionar-lhe?

³⁰ Choukri (1983: Prefácio)

Para este autor, somente uma etnografia sistemática desse encontro pode responder esta pergunta. A "retórica dos motivos" dada pelos pais para justificar o abandono da casa pela criança remete, segundo Vogel, à idéia de uma "conversão" ou "incorporação iniciática" desses meninos dentro do grupo da rua, já que é recorrente no discurso das famílias, a alegação de uma "viração" ou "feitura" da cabeça dos filhos "enturmados".

Essa alegação feita pelos pais entrevistados por Vogel, assemelha-se à alegação feita pelos meus próprios informantes quando tentavam explicar-me o motivo de sua "preferência" pela rua. Eles costumam afirmar que são "viciados" na rua. Assim, não apontam outros prováveis "culpados" ou "responsáveis" por sua situação a não ser eles próprios. Eram vítimas sim, de algo muito mais forte que eles, mas que não podia ser, paradoxalmente, encontrado fora deles mesmos. Eram os únicos "culpados" por preferirem viver nas ruas. O "vício da rua" é o que está, então, por detrás da sua unânime alegação de que estão na rua "porque gostam", "porque querem", "porque sim". Esta auto-acusação, no entanto, tem também um lado de inimizabilidade, de pedido de indulgência, pois, no seu entender, "vício" é algo que se apossa do sujeito mesmo contra a sua vontade, algo do qual não se consegue libertar, ainda que se queira. Quase como se fosse uma "doença". Assim, são e não são, ao mesmo tempo, totalmente responsáveis por sua "escolha".

É interessante observar que esta auto-acusação serve também como acusação que os atinge de fora, no discurso dos sujeitos que já foram "da rua", como os casos de Cecília e Verinha (ex-meninas de rua) e de algumas das mães das crianças. Isto nos leva a considerar que talvez seja então, um discurso que adquiriram sobre si mesmos, a partir de uma acusação externa. Assim, assemelha-se à acusação dos pais entrevistados por Vogel, com a diferença de que aqui, a "culpa" não cabe à turma, à "enturmação", às "más companhias", a algo ou alguém enfim, que lhes "fez a cabeça", mas cabe, fundamentalmente à própria criança que "se viciou na liberdade da rua", como afirmam Cecília e Verinha a respeito de Vanessa, e as mães dos irmãos Rocha e dos irmãos Silva, a respeito de seus filhos.

Similar à esta noção de "vício", de força incontrolável que arrasta para a rua, Maria Avelina Carvalho(1991) em pesquisa sobre os meninos de rua de Goiânia, reflete que o ambiente da rua possui uma espécie de "magia" que mesmo "cruel", como adjetivou Affonso Romano de Sant'Anna, a impedia de parar o trabalho, fazendo dela sua "prisioneira"³¹.

Seja "vício", "feitura de cabeça" ou "magia", uma vez fui doce, mas firmemente "alertada" para o "perigo" de contrair essa mesma "moléstia" que os acossa na rua.

³¹ Affonso Romano de Sant'Anna foi correspondente de Maria Avelina durante seu trabalho de pesquisa, e escreveu uma série de crônicas sobre a experiência dela nas ruas, no jornal carioca O Globo, em julho de 1987, sob o título: "A Magia Cruel das Ruas".

Foi na primeira noite em que deitei-me na rua junto com um grupo de crianças e alguns adolescentes, no centro da cidade. Era noite fria de julho e vento sul. Ao lado de uma fogueira que havia ajudado a fazer, ajeitei-me sobre uma placa de papelão, como eles fazem. Mochila sob a cabeça, como um travesseiro, desfrutava da tranquilidade do momento quando Nael, uma espécie de "grilo falante" que acompanhou-me durante o trabalho de campo disse, à queimadura, entre a censura e a ironia:

- Só toma cuidado tia, prá não pegá também, o vício da rua... - e riu seu riso rouco, malicioso e cúmplice ao mesmo tempo. Senti-me observada. Pega em flagrante.

Tem-se a impressão de que, embora todos os sujeitos considerados "'da rua" possam, num primeiro momento, fazer uso de um repertório mais ou menos comum de motivos sempre tristes ou trágicos para terem ido "parar" na rua, eles todos apontam também para um "gostar" da rua. Num primeiro contato com as insistentes perguntas do pesquisador, acionam as "histórias tristes", o fato de terem sido "forçados" a abandonar a casa da família. Com o passar do tempo e da convivência com o investigador, começam a "assumir" o "gosto" que, pela sua "involuntariedade", eles classificam de "vício". Talvez com receio de assumirem uma postura "anormal" em relação aos demais, talvez como parte da estratégia de apresentarem um alibi para sua "desviada" conduta, talvez ainda, por estarem sendo "acusados" disto pelos outros: os pais, irmãos que estão em casa, vizinhos, e (porque não?) a própria pesquisa, já que tomando-os como alvo de investigação, atesta-lhes a sua "diferença".

Há que se considerar também o papel das instituições de atendimento a menores "abandonados" nesta ciranda de "circulação de crianças". Pelo que pude observar, desde o momento em que são internados em qualquer que seja a instituição de guarda e atendimento, estas crianças passam a ter outro referencial de pertencimento. Já não "pertencem" mais aos pais da forma inequívoca que até então. Alguns, nesta situação, adquirem um distanciamento estratégico e oportuno. Estratégia que, via de regra, dependendo dos interesses, os pais também adotam³². Mas isto ocorre apenas com as crianças mais ousadas e autosuficientes, ou seja, as mais "espertas". Estas são as que "optam" por preferencialmente habitar as ruas.

³² A criança que pára de voltar para casa no final do dia, geralmente envolveu-se com drogas, desordens, furtos, etc. Isto acarreta problemas com a polícia e o Juizado de Menores. Nos processos do Juizado de Menores em que pesquisei as passagens dos irmãos Rocha e dos irmãos Silva pelo órgão, em ambos os casos, as famílias, afirmando a impossibilidade de retê-los em casa e diante da constante presença da polícia e funcionários do Juizado em suas portas, pediram urgentes providências de um efetivo internamento dos filhos. Fonseca(1987a) aponta o fato de que as instituições de atendimento governamentais são mais "um elemento no sistema comum entre pobres urbanos, de circulação de crianças". Ou seja, a FEBEM como "internato dos pobres".

Da turma de crianças que conheci, foram estas que marcaram com toda a força a narrativa, pelo fato de que era principalmente com elas que eu deparava-me todos os dias. A sua "opção" pelo "fora de casa" era evidente. E isto, inclusive no nível do seu discurso, pois não tinham qualquer melindre em "assumir" o estereótipo do "menino de rua". Muito pelo contrário, faziam questão de assim se identificar, demonstrando até um certo "orgulho" de uma situação que acreditam dominar. Para elas, a rua não tem a conotação negativa que o senso comum atribui: pelo contrário, a rua aparece em seu discurso como foco de positividade, lugar onde todas as "aventuras" podem ocorrer. Pelas dificuldades encontradas, eles não culpam a rua e sim a "ganância" dos adultos (quando lhes recusam dinheiro ou alimento), a polícia, pelas perseguições, a "tara" dos "velhos" pelo assédio sexual e, enfim, o ambiente da casa da família e das instituições que não lhes proporcionam a mesma emoção e liberdade.

Estas crianças, enquanto símbolos da não-submissão ao grupo doméstico, enquanto desterritorializações do universo familiar e disciplinado, preferem a diluição e horizontalidade das relações de violência e dominação que se estabelecem na rua, ao clima denso da autoridade vertical que se estabelece dentro de casa, das escolas, das instituições de atendimento.

Quando sentem, por qualquer motivo, a necessidade do recolhimento, elas navegam pelo leque de "opções" ao redor. Cada um com um custo que analisam poder se dispor a pagar ou não. Assim, as vantagens e desvantagens de "i prá baía" (ou "i prá casa"), "i pro Abrigo" ou "i pro Centro-Piloto", ou prá casa da avó ou de uma tia, são trabalhadas pelas crianças que investiguei, sempre de forma provisória e de acordo com seus interesses de momento.

O mais violento nesse processo era o fato de que, às vezes, eles não tinham "escolha". Depois de ter-lhes negado a própria possibilidade de uma família que pudesse arcar com a sua sustentação e guarda, a sociedade nega-lhes também o direito de decidir onde e quando querem ficar. Foram muitas as vezes em que presenciei-os sendo retirados das ruas de forma violenta, simplesmente porque ali não era o seu "lugar". Sempre percebi ali a mesma assimetria de forças, o mesmo abuso de poder da violência doméstica. Só que aqui ela é exercida pelo Estado.

5. As Crianças e a Polícia

24.05.91 - Sexta-feira. Hoje Tataco perguntou porque é que eu estava com um "cara da polícia" na quarta-feira à noite, lá na Beira-Mar, quando fui encontrá-los. De início, achei que ele brincava, mas depois vi que falava sério. Então pedi que me descrevesse o policial e o momento em que ele me acompanhava, pois eu não sabia ter estado com um.

O menino referia-se à noite em que fui à busca deles acompanhada de dois rapazes que conheci num bar do centro da cidade. Eu não havia perguntado suas profissões. Um deles apenas, comentou que era confeitoiro numa padaria ali do centro.

Tataco me disse que o policial era aquele que foi chamá-lo para vir falar comigo. Que ele trabalha no 6º D.P. (delegacia de polícia para onde são levadas as crianças e adolescentes encontrados na rua em "situação irregular") e que "é um dos mais atrevidos (atrevidos) que tem lá", porque sempre bate neles.

Fiquei chocada. Eu que tivera tanta dificuldade para convencê-los que não era da polícia, havia me deixado acompanhar por um policial que as crianças especialmente antipatizavam. Lembrei que, naquela noite, o rapaz mostrou-se especialmente sensível ao tema de meu trabalho e ofereceu-se para me acompanhar na busca das crianças. Não me falou no entanto, que trabalhava diretamente com a questão. Será que teve algum motivo especial para não se identificar? Lembrei também, a forma desenvolta com que foi atrás de Tataco e a forma como o trouxe até mim, embora eu não tivesse pedido.

Agora entendo o ar assustado do menino e a sua "imprudência" em detalhar informações sobre o homem que supostamente "estuprou" Vanessa e o embriagou no Saco do Limões : ele estava agindo sob coação.

29.05.91 - Quarta-feira. Vinte e duas horas. Encontro Ricardo, Nêgo e uma adolescente que eu ainda não conhecia, dentro de um expreso da Beira-Mar. Ricardo me disse que estavam "brincando no Yellows", um bar da Beira-Mar onde costumam "pedir" nas madrugadas. Eles cheiravam cola disfarçada dentro dos blusões. Íamos para o "centro". No Terminal Urbano, me mostraram um material que haviam encontrado no lixo, lá na Beira-Mar : cadernos velhos, apostilas de 2º grau, outros papéis.

Ricardo me pediu que eu o ajudasse a entender as equações químicas das apostilas, Nêgo me desafiou para uma partida de "pontinho" num dos cadernos. Jogamos.

Os policiais a cavalo se aproximam sem que percebamos. Quando os vêem, os meninos ficam tensos, agitados. Mergulham ainda mais a cola para dentro das roupas, com gestos rápidos e disfarçados. Fingimos não tê-los visto, até que um dos policiais pergunta se o material didático que está sobre o banco é meu. Para evitar maiores transtornos e explicações, respondo que sim. O policial explica que roubaram a mochila de um estudante na Praça XV, minutos atrás. Quando convencido de que aquele não é o material roubado, tenta me "advertir" para o "risco" que corroo permanecendo na companhia daquelas crianças.

O homem não perguntou quem eu era ou o que eu fazia junto delas. Foi logo supondo que eu era uma provável, ingênua e desavisada, "vítima". Senti, nas entrelinhas, que ele também me criticava por estar "tão à vontade" com eles (eu e Nêgo continuávamos nosso jogo). Mesmo assim, assumi ares de quem estava tentando "proteger" um cidadão de maus acontecimentos, passando a proferir uma enxurrada de xingamentos e ofensas contra Nêgo.

O policial, muito irritado, de cima de seu cavalo branco, não parava de xingar o menino. Dizia:

- Aquele ali eu não conheço.. - e apontou Ricardo - ..mas se está junto desse outro - e apontou Nêgo- não deve prestar também ! E ainda:

- Aquilo ali...- e apontou novamente Nêgo - não presta, não vale nada, é um caco!!

E, continuava :

- A senhora não sabe o risco que tá correndo dando trela pr'esse vagabundo, cheradô de cola...!!

O menino não se defendia, não dizia uma palavra. Parou de jogar e ficou andando de um lado para outro, como um animal enjaulado. O policial cuspiu ofensas, em voz alta, para que todos ouvissem. Referiu-se a Gina também, dizendo que não a conhecia ainda, mas que tudo aquilo "servia" para ela também, já que estava junto dos meninos.

Quando finalmente os policiais se vão, Nêgo e eu voltamos ao nosso passatempo. Mas Gina cochicha com insistência algo no ouvido do menino, até que ele me diz que vai "até ali" e já volta, afastando-se com ela. Antes, porém, pergunta se eu lhe guardaria uma cola. Diante de minha cara de espanto diz:

- Não, não é essa cola, tia... não tô doído, é um tubo de cola Tenaz que afanei lá no super, prá fazê pipa. Amanhã é feriado, tem nada prá fazê...vô fazê umas pipa, prá brincá e prá vendê.

Conta que já fez muita pipa para vender lá no bairro em que mora e que muito menino da vizinhança, que não sabia fazer pipa, vinha comprar das suas. Diz também que, amanhã sendo feriado, vão "vadiá" ali no "aterro", soltar pipas e jogar futebol. Orgulha-se de que já conhece "um time bom". Ricardo logo faz questão de dizer que pertence ao time, mas Nêgo o convence de que não é tão bom quanto ele. Ricardo, um pouco triste, concorda, mas diz que ainda vai ser.

Quando Nêgo e Gina se afastam, ficamos eu e Ricardo, agora entretido com algumas somas no caderno. Ajudo-o a manejar os números, até que minutos depois Nêgo chega correndo, esbaforido:

- Pegaram a Gina !!

Olho na direção que o menino aponta, do outro lado do terminal, na última plataforma. Gina se debate, tentando se livrar das mãos do policial que a segura fortemente pelos braços. Os policiais haviam descido dos cavalos e um deles segurava os animais, enquanto o outro (o que xingara Nêgo) segurava a menina.

Pergunto porque a prenderam. Nêgo responde que é porque viram ela tentando pegar mais cola de uma lata que tinham consigo. Então era uma lata de cola que tinham naquele saco de papel pardo! Por isso não o largavam...e eu cheguei a pensar que fosse comida! Nêgo diz que a "culpa" foi da garota que não quis ir "mais pro escuro" para abrir a lata. Os policiais viram, tomaram a lata de cola e ainda prenderam-na.

Ricardo imediatamente diz pro irmão que é preciso ir até lá pegar o dinheiro deles, que está com ela.

- Si ela fô em cana - ele diz - tá salvo o nosso dinheiro.

Nêgo manda Ricardo ir até lá, e o menino vai. Volta em seguida, dizendo que :

- Ela deu só uma parte.- E insiste que Nêgo deve ir até lá para que ela entregue o restante. Não entendo. O menino que cheirou cola até agora, e acabou de escapar de um flagrante, ainda tem coragem de ir para junto dos policiais? Quando ele chegou correndo ainda há pouco, pensei que estivesse fugindo para não ser preso.

Vou com eles até onde estão os policiais. A menina está fortemente segura, com os braços torcidos para trás. Tenta, com força, se desvencilhar e não pára de xingar o policial, gritando para que a solte.

Quando me vê , começa a dizer para o policial largá-la, porque :

- Eu tô co'a tia...me larga ! Eu tô co'a tia !

Percebe-se que o policial não tem a intenção de levá-la presa. Parece se divertir em dar-lhe uma "lição", em assustá-la. Provoca-a, zombando dela, dizendo que não vai soltá-la enquanto não disser seu nome, de onde é, e o que estava fazendo. Diz que não a "conhece" mas quer "conhecer". Ela se recusa a responder às perguntas e diz que ele não pode mantê-la assim já que é "dimenor", que ele "vai se dá mal", etc.

O policial, sempre apertando os braços da garota, se vangloria de sua "esperteza" dizendo:

- Pensavam que iam me enganar ali, fingindo que tavam escrevendo... pois se o cobrador me disse que vocês tavam com cola... era só ficá esperando...e eu peguei,não peguei !?

Foi aí que soubemos que os rapazes que haviam tentado um flerte com Gina, lá na outra plataforma, aconselhando-a a "largar" a cola, "deduraram" para a policia.

O policial continua insistindo para que a menina fale seu nome e que só vai largá-la se ela falar. Ela se recusa, sempre se debatendo para tentar livrar-se das mãos do homem. Resolvo interferir. Digo ao policial que o nome dela é Sandra. Minto para que ele a largue. Mas a menina me desmente para o policial:

- Não. Meu nome é Gina.

Sorriso triunfante, o policial me diz:

- Tá vendo? Ela já tinha mentido prá senhora...isso não presta mesmo!

Nem lhe passou pela cabeça que eu é que estava mentindo. Preferia acreditar que todo o " erro" vinha dos menores.

Alguns funcionários de empresas de ônibus aproximam-se, fazendo uma roda em volta da cena. O policial consegue fósforo com um deles. Sorrisos espocam nos rostos, prevendo sua intenção. Ele ateia fogo à lata de cola no chão. Uma grande e vigorosa chama amarelada surge no asfalto.

A lata arde por vários minutos. Um funcionário do terminal, que particularmente parece se divertir com o " espetáculo", diz à Gina que vai queimá-la com a cola. Abaixa-se e, com uma estopa, pega a lata incandescente, aproximando-a do rosto da menina. Ela grita, se debate, apavorada. Chuta o homem, que recua e deixa cair a lata. No desespero, ela consegue desvencilhar-se das mãos que a seguravam. O policial a deixa ir, rindo como todos que assistem à cena. Ricardo e Nêgo olham tudo sem mover um músculo.

Livre, a menina sai correndo enquanto xinga, aos gritos, os policiais e todos que se divertiam com a cena. Os meninos e eu voltamos ao lugar de antes. Gina vem também. Ainda está nervosa, falando muito, xingando os homens. Nêgo pega um cigarro e olha em volta alguém que possa acendê-lo. A menina diz:

- Me dá aqui que eu mesma quero tê esse prazer !

Pega o cigarro e vai até a lata que ainda queima no chão. Acende o cigarro na chama, olhando desafiadoramente os policiais e funcionários ainda reunidos. Volta para perto de nós com o cigarro nos lábios, sorrindo, mas ainda nervosa, trêmula. Continua falando em voz alta, para que ouçam que aquilo não ia adiantar, que nada ia impedi-la de cheirar cola de novo, quando quisesse.

Na sequência da noite, já de madrugada, no Aterro da Baía Sul (30.05.91):

Sem que percebamos, uma viatura policial estaciona subitamente à nossa frente. Faróis apagados, aproximaram-se com a intenção do flagrante. Meninos e saquinhos de cola pulam para todos os lados. Os policiais saem do carro. Três ou quatro meninos pulam de onde estão e vêm

sentar-se ao meu lado, abraçam-me, seguram meus cabelos. De novo, utilizam a estratégia do "tamo co' a tia", para tentarem livrar-se da polícia. Nêgo é um dos que se dependura em mim.

Os dois policiais se aproximam. O que dirigia o carro pergunta o que estamos fazendo ali. Ninguém responde. Ele se aproxima mais da mesa em que estamos e abaixa-se para pegar um saco plástico jogado no chão. Examina-o por algum tempo. Com resquícios de cola seca, já deve estar ali há vários dias. O policial pergunta o que estou fazendo ali. Respondo que o mesmo que ele: trabalhando. Surpreso com a resposta, quer mais detalhes sobre o tipo de trabalho que realizo. Pergunta se estou tendo algum "resultado positivo" com meu trabalho e "quantos" eu já consegui "recuperar". Devolvo-lhe a pergunta, depois de explicar que o meu trabalho não tem qualquer fim imediato de "recuperação" das crianças. Ele me diz que:

- Eu já não recolho mais ninguém... porque não adianta. No máximo, queimo a cola que eles tão usando.

Às minhas costas, de pé sobre a mesa, Querubim fica provocando os policiais. Diz para irem embora, porque: - O CAP tá lotado, e vocês não têm prá onde levá a gente...!

O policial que fala comigo se exaspera e ordena, dedo em riste, que é para o menino "baixar a bola" porque senão leva-o "com Cap ou sem Cap" e que :

- Não é porque a tia de vocês tá aqui, que você pode abusar !

Olho por sobre os ombros e vejo Querubim, ar desafiante, pernas afastadas, pronto para fugir num salto, se necessário. O policial fica ainda algum tempo falando sobre a incontrollabilidade do "vício" daquelas crianças e depois entra no carro, seguido pelo companheiro que chegou mudo e afastou-se calado.

Ampla o bastante para "todo mundo", dentro do Terminal Rodoviário Rita Maria (ou, a "rodoviária" como as crianças chamam) não chove e é um abrigo para o frio ou calor muito intenso. Bem iluminada, tem cadeiras, som ambiente, vitrines, banca de jornais, televisão sempre ligada, lanchonetes, restaurantes, bombonière e muitas pessoas circulando. É quase como uma "micro-cidade" onde as crianças podem abrigar-se, ver tv, pedir dinheiro e comida, correr e brincar à vontade. Acontece que, apesar de "público", é um local que vem sistematicamente sendo interdito às crianças e adolescentes pobres, especialmente as que esmolam ou dormem na rua.

Segundo os fiscais e policiais de plantão, elas roubam os usuários, furtam das lojas, "perturbam a ordem" de uma forma geral. Por diversas vezes presenciei expulsões ou tentativas de, por parte dos fiscais que, quando não conseguem expulsá-las, acionam a polícia militar que ali dá plantão.

Numa mesma noite ouvi versões completamente opostas para um carpet chamuscado num salão de eventos da rodoviária, que as crianças também utilizam para dormir. Os policiais levaram-me para ver a marca do fogo, como prova de que elas realmente "aprontavam" ali. As

crianças afirmaram, indignadas, que os próprios policiais haviam queimado o carpet na tentativa de expulsá-los quando dormiam ali. Segundo as crianças presentes naquela noite, os policiais acenderam isqueiros próximos a seus pés e partes do rosto para forçarem-nos a se levantar. Contam que, nesta mesma noite, um dos policiais enfiou os dedos na vagina de uma das meninas pequenas, o que deixou a todos bastante indignados.

Naturalmente não me foi possível apurar a "verdade". Mas minha tendência é acreditar nas crianças. Em primeiro lugar, pelo seu depoimento. O tom de voz, expressões faciais, a indignação demonstrada principalmente pelo ataque à menina que consideram "muito pequena" e a unanimidade com que se pronunciaram, dificilmente poderia ser fingida de forma tão convincente. Em segundo lugar, pelo que eu já conhecia daquela "turma". Se houvessem realmente queimado o carpet, acredito que isto me seria relatado, entre risos e mútuas gozações, como mais uma de suas "proezas" entre tantas que ouvi e vi. Sei que alguns deles fazem coisas parecidas e costumam "brincar" com fogo, mas nunca preocuparam-se em me esconder o fato. Porque o fariam desta vez?

13.06.91. Esta noite, ao sairmos da rodoviária fomos seguidos por uma viatura policial. Um grupo de crianças queria me "levar para casa". Percebi a viatura passar lentamente e ficar nos observando, mas ignorei o fato. Nós comíamos chocolate que eu comprara. Ao chegarmos perto de casa, parei para despedir-me. Atravessei a rua e, do outro lado, lancei-lhes, por brincadeira, bolinhas feitas com o papel do chocolate. Eles me devolveram as bolinhas, também tentando atingir-me. Ficamos algum tempo naquela brincadeira até que finalmente nos separamos.

No dia seguinte, vieram reclamar comigo:

- Tia, por tua causa a gente apanhò da polícia...

Contaram então, que a brincadeira que iniciei na noite anterior, acabou mal. Os policiais da viatura que nos rondava, acercaram-se deles assim que eu me fui, afirmando terem recebido denúncia de que eles estavam apedrejando um edificio abandonado.

Alguém viu os meninos atirando as bolinhas de papel e imaginou que fossem pedras. Chamou a polícia. Os que resistiram à ordem de recolhimento, foram espancados.

As crianças me afirmaram ter tentado explicar aos policiais o que havia acontecido e que tinham como provar: era só ir até a "casa da tia" ali perto. Mas os policiais não lhes deram ouvidos. Foi um caso de prestidigitação: bolinhas de papel viraram pedras em suas mãos.

11.06.91. Meia-Noite. A turma estava reunida, namorando e "vadiando" pelo centro: rua Conselheiro Mafra, Aterro da Baía Sul, Praça XV, Catedral Metropolitana. Três irmãs adolescentes, 15, 16 e 17 anos, da "rua de Curitiba" - como elas se identificaram - estão junto com a turma hoje. Teco me apresenta uma delas, a mais velha, como sua "namorada". A mais nova, eu vi de namoro com o Nêgo lá na Conselheiro Mafra, onde os encontrei.

Uma e meia da manhã. Estávamos sentados na escadaria da catedral, defronte à Pça. XV. Ricardo e Nêgo, exaustos, haviam adormecido na praça Fernando Machado, ali perto. Teco chega correndo esbaforido, ao mesmo tempo em que uma viatura policial estaciona ao pé da escadaria, e vários policiais descem, começando um cerco. Teco avisa que eles estão atrás das curitibanas. Conta que elas zombaram de policiais na pracinha Fernando Machado, quando eles mandaram que elas saíssem dali, por estarem "perturbando a ordem".

As duas meninas aparecem correndo e vão para trás da igreja, tentando se esconder. Os policiais continuam lentamente fazendo o cerco à catedral. A namorada de Teco decidiu ir avisar as irmãs que os policiais já estavam ali para pegá-las. Chamou-as para perto. Elas vieram, ar assustado, quietas, pela primeira vez nesta noite. A irmã aconselhava-as em voz alta, que não corressem, já que "não deviam nada". As meninas, mais calmas, sentaram-se um pouco afastadas de nós, junto à parede da igreja. Assim que se acomodaram, os policiais se aproximaram, encurralando-as contra a construção.

Eram cinco homens da tropa de choque. Um deles, o comandante daquela ronda, dirigiu-se a elas ameaçadoramente. Disse que iria prendê-las por perturbação da ordem e desacato à autoridade. Segundo o policial, elas "debocharam" deles. A menina mais nova fez menção de chorar, mas a outra continuava a discutir e a reclamar da atitude policial. Insistia no fato de ser "de menor". Eles discutiram longamente. O comandante falava, a menina retrucava, dizendo não ter medo, pois ele não poderia lhe bater. O homem impacientou-se e ordenou que seus subordinados "tirassem todo mundo dali". A esta altura, todos, com exceção de Ricardo e Nêgo, já estavam ali observando tudo.

Os policiais mandaram-nos embora. Teco, a namorada, Raul, Bauru, Jorge e Gordo obedeceram lentamente. Zico, que veio da praça com as meninas, e Vanessa, reagiram à ordem policial, vindo segurar em minhas mãos. Falaram aos policiais que "nóis tamo co'a tia". Eu disse a Zico para descer com os outros e fiquei só com Vanessa.

Tive, desde o início, a impressão de que o comandante iria bater nas meninas. Ele parecia seriamente irritado com o "desacato" sofrido diante dos subordinados. Assim que todos desceram as escadas, ele disse àquela que o revidava, que iria surrá-la ali mesmo. Dito isto, braço erguido, partiu para cima da menina encostada à parede. Antes que ele descesse o braço, se é que realmente o faria, e eu acreditei que sim, falei que era preciso que ele soubesse que eu estava naquele momento sendo testemunha da agressão, e que não hesitaria em denunciá-lo às autoridades competentes.

O policial parou o gesto no ar, e dirigiu sua fúria contra mim. Ordenou bruscamente a um subordinado que verificasse meus documentos e, principalmente um documento que comprovasse a situação universitária que eu alegava. Enquanto o policial examinava meus documentos, o comandante ficou falando de "como era fácil" eu ficar "ali sentada observando os menores", enquanto eles é que tinham que lidar com os "problemas", etc. etc.

Vanessa, abraçada a mim, comentou, surpresa:

- Tia, como a senhora tá tremendo !!

Fiquei sem graça, pois o policial que anotava meus dados ouviu o que certamente soava como a prova de minha fragilidade e despreparo emocional diante da força bruta. Logo eu que estava me esforçando para falar firme e demonstrar confiança! Disse à menina que só estava com frio. Mas ela, não me dando ouvidos, falou:

- Tudo bem tia, eu também tô com medo.

Descemos as escadarias, até perto da viatura. O comandante ainda reclamava da minha presença. Enquanto as meninas se acomodavam no interior da viatura e o policial que examinara meus documentos passava os dados ao COPOM, os outros policiais, solidários com o comandante, reclamavam da minha "defesa" às meninas. Falaram que nada disto teria acontecido se estivessem "cada um na sua casa". E, entre si, mas de forma que eu também ouvisse, comentavam que se eu estava "tão preocupada com a saúde dos menores" deveria "levar todos" para minha casa e dar-lhes "proteção", "comida", "roupa e sapato".

Percebi que qualquer discussão seria inútil. Para aqueles policiais a questão não era, de forma alguma, "social". Ela é, antes de tudo, uma questão "pessoal" e de "poder". Os que obedecem passivamente, não terão nenhum tipo de "problema", ainda que permaneçam sem casa para morar, alimentação, escola, etc. Como me disse o comandante, os meninos que estavam dormindo na pracinha (ele se referia a Nêgo e Ricardo), ele não "incomodou". Mas as meninas haviam "rido de sua cara", e desobedecido às suas ordens. Para os policiais também nada disto aconteceria se todos os menores fossem para as suas casas. Ou seja, a "culpa" é das crianças que não voltam para suas casas à noite, quando "a paz e o silêncio" é que devem reinar.

O comandante me informou que os motoristas de táxi da Pça. XV, serviriam como testemunhas da "perturbação da ordem" que "os menores" praticavam ali "todas as noites". Os motoristas portanto, deram força à intervenção policial pois desejavam a retirada das crianças das imediações do seu ponto de trabalho.

A viatura se foi, levando as duas meninas para o 6^oD.P. Vanessa e eu fomos andando devagar até a pracinha Fernando Machado onde se encontrava o resto da turma. Agora ela mancava e reclamava de "um machucado" no pé. Me pediu para ir até a farmácia de plantão defronte à Praça XV, fazer "um curativo".

O atendente da farmácia sugeriu que ela fosse ao HIJG na Agrônômica, tomar uma injeção antitetânica e fazer um curativo adequado. Saindo da farmácia, Vanessa foi direto para o meio da rua e parou uma viatura policial que vinha contornando a Praça XV naquele momento. Pediu para a polícia levá-la até um hospital. Fiquei perplexa. A menina que até a pouco estivera agarrada a mim, também "tremendo de medo" da polícia, agora pedia a sua ajuda.

“(Lembrei-me de estudos anteriores, onde já percebera a “ambiguidade” da presença policial junto aos cidadãos de baixa renda. Uma hora representam força bruta e repressão, outra, podem significar ajuda e proteção. Assim, deixei que Vanessa decidisse o que fazer. Ela faz parte da camada da população que tanto “foge” da polícia como requisita a sua presença.))

O policial ao volante quis saber se eu era “a responsável” pela menina. Expliquei-lhe a minha presença e perguntei se forneciam aquele tipo de “atendimento”. O policial respondeu que aquela viatura não, mas havia outras que sim. Solicitou uma pelo rádio do carro. Perguntou meu nome e falou no rádio que “eu” estava “solicitando atendimento á menor”.

Pelo rádio, perguntaram se se tratava ainda do mesmo “incidente” no qual “a universitária estava envolvida”. O policial respondeu que não, mas desceu do carro para perguntar-me o que havia ocorrido na escadaria da igreja. Informei-o do episódio e ele nos disse para esperar ali, que em breve um carro viria nos apanhar.

Quando o carro da polícia chegou, todos queriam entrar. Gordo e Bauru ficaram. Fomos, Vanessa, Raul, Jorge, Zico e eu. No caminho para o hospital pudemos ouvir o rádio do carro dando os informes sobre as meninas “recolhidas” naquela noite: naturais de Campos Novos, “sem residência fixa” em Florianópolis.

Atenderam Vanessa apesar da greve no hospital. Os policiais esperaram cerca de uns vinte minutos para nos trazer de volta ao centro, mas foram chamados para uma outra ocorrência. No caminho, se mostraram muito simpáticos e falantes. Não lembravam em nada os colegas de profissão que nos ameaçavam há uma hora atrás, lá na catedral. Um dos policiais, sorriso largo, reconheceu Raul como seu ex-vizinho, brincou com ele e deixou que o menino fosse deitado no console atrás do carro. Tensa, eu imaginava que toda a “simpatia” e “bondade” dos policiais estava por um fio. Qualquer deslize, a qualquer momento, podia fazer virar o jogo. As crianças, no entanto, pareciam completamente à vontade.

22.05.91- Beira-Mar Norte. Duas horas da manhã. Eu, Evandro e Tonho Grande estamos de carro, à procura de Vanessa e Leninha. Encontramos as duas com um grupo de meninos, cheirando cola, no estacionamento de um bar já fechado. De repente, a poucos metros de nós, pára uma viatura policial. Fico apavorada pois imagino que os policiais pararam ali por causa daquele aglomerado de crianças a esta hora da madrugada. Imagino o que vai acontecer se resolverem revistar as crianças que, neste momento, também surpreendidas, jogaram-se todas para dentro do meu carro com a droga escondida sob as roupas.

Não sei o que aconteceria se os policiais flagrassem as crianças com cola dentro do carro. Como iria explicar a situação? É óbvio que irão dirigir-se a mim para as explicações. Como explicar estar assistindo passivamente a uma “sessão de cola”? Será que serei considerada

"cúmplice"? Neste momento, não tenho qualquer documento que prove o tipo de trabalho que estou realizando junto deles. E isto me faz pensar na necessidade de logo arrumar um.

A minha reação, com todas estas dúvidas na cabeça e a total falta de disposição em enfrentar a polícia, fez com que eu pedisse e, logo em seguida, ordenasse, nervosamente, quase aos gritos, que saíssem todos de dentro do meu carro. Disse a eles que enfrentassem a situação que haviam criado, que saíssem do carro, que jogassem fora a cola, etc. Eles não obedeciam, amontoando-se mais ainda uns sobre os outros. A situação já os divertia. Gritavam e empurravam-se, em algazarra.

Quando finalmente consigo esvaziar o carro, para minha surpresa, as crianças cercam a viatura. Vanessa e Leninha vão até uma das janelas e abraçam o policial ao volante, cumprimentando-o efusivamente. Os policiais respondem sorrindo aos cumprimentos e em seguida se vão, sem molestar a quem quer que seja ou fazer qualquer pergunta. As duas meninas se aproximam e me dizem com ar de triunfo :

- Viu? Eles eram nossos amigos !

Respirei aliviada e já envergonhada de ter tratado as crianças daquela forma histérica. Mas não posso deixar de pensar que, já que estavam ali, os policiais bem que poderiam ter lhes tirado a cola, como é sua obrigação. É improvável não terem percebido que as crianças usavam a droga , pois suas roupas e hálito exalavam forte cheiro.

5.1 *"Polícia para quem precisa..."* (Titãs)

Como no caso em que Vanessa pediu a uma viatura policial que a levasse ao hospital tratar de um ferimento depois de termos tremido de medo diante de uma outra viatura, também nesta noite, depois de esconderem-se dentro do meu carro para fugir da polícia que chegou inesperadamente, Vanessa e Leninha, fizeram questão de provar que conhecem e são "amigas" dos policiais. Ou seja, nem todos lhes significam uma ameaça. Conheci uma adolescente que no momento em que "parava" na rua, tinha por namorado um jovem policial militar. O namoro com o rapaz lhe dava até um certo "status" entre as colegas da rua. Mas, por outro lado, "revoltava" os rapazes que diziam ser "contra a lei" o policial "comer uma menor". Leninha, nesta noite mesmo, também deu uma demonstração de como conseguia "enganar" ou "negociar" com as autoridades.

22.05.91. Beira-Mar, madrugada. Diante de Vanessa que afirmava que ia parar de cheirar cola por causa de um "conselho legal" que recebera, Leninha ficou exasperada. Revidou o discurso de "regenerada" da companheira, dizendo alto e bom som, para que todos ouvissem:

- Pó pará, Van ! Pó pará ! Eu não acredito! Eu também sempre digo isso e depois vô correndo cherá cola !

E então, fazendo uso de sua desinibição "artística" - exercitada desde o tempo em que, pequenina, tocava e cantava em seu violãozinho de brinquedo em pleno calçadão da Felipe Schmidt - ajoelhou-se no chão do estacionamento, entrelando e erguendo as mãos para o alto, em atitude de súplica. Disse que "foi assim" que implorou, dias atrás, ao Juiz de Menores que a "liberasse" do CAP (onde estava detida por ter sido flagrada com cola) para poder ver a mãe e a irmãzinha, de quem já "não aguentava mais de saudades". Entre irônica e surpresa consigo mesma, acrescentou:

- ... E quando o juiz me soltou, fiquei só um dia em casa com a mãe (frisou com a voz, e gestualmente, **um dia**), e no outro, já tava na rua , correndo atrás da cola!

A imprensa nos últimos anos, está repleta de denúncias de abusos e maus-tratos de policiais contra menores de rua. Dimenstein(1990,1992) e Carvalho(1991), entre outros, também denunciam fartamente a situação.

Recentemente, a opinião nacional e internacional foi violentamente chocada com a execução sumária de oito "meninos de rua", enquanto dormiam no centro histórico da cidade do Rio de Janeiro, pela polícia militar. Há suspeitas de que comerciantes locais tenham encomendado o crime, incomodados com a presença dos "menores infratores" nas imediações. Mesmo que não o tenham feito, tornou-se público e notório que apoiaram a ação "saneadora". Não só eles, mas boa parte da população que se sente "ameaçada" pelos muitos "pixotes" na cidade.

Quando inquiria os policiais sobre a legalidade da brutalidade usada na retirada dos menores da rua, invariavelmente, os "agentes da lei" respondiam-me que, se aquelas crianças "ficassem em casa" nada daquilo (a violência deles) seria necessário. E chegavam a sugerir, entre irônicos e esperançosos, que eu levasse a todos para minha própria casa. Isto certamente os pouparia de um árduo "trabalho". Ao "ficar em casa", ao "dormir em casa", as crianças estariam se conformando aos padrões estabelecidos pela ordem pública. "É preciso ter um local, uma localização, uma inserção obrigatória", afirma Foucault. Dai por diante nada mais é problema do Estado. Uma casa, uma moradia, seja esplêndida ou miserável (em qualquer sentido), pouco importa: não é ao Estado que cabe provê-la. A força do Estado é apenas encarregada de obrigar a isto todos os indivíduos. (Foucault,1987:255-6)

Marginalizados num processo "sócio-passivo" como diria Guatarri, não será permitida a estas crianças uma identidade minoritária³³. Só aquela que se apresentar sob a tutela do Estado. Por isto, quando recusam ou não possuem mais, a casa da família, o Estado recolhe-os para dentro das instituições: as "casas-lares", os "abrigos", as pequenas e disfarçadas prisões juvenis³⁴. O importante para a sociedade é que toda e qualquer possível força sócio-política destes sujeitos-margem seja neutralizada. Mary Douglas(1966), Foucault(1987), Genet(1949) e Jorge Amado(1937), cada um a seu modo, nos falam disso.

Foucault talvez tenha sintetizado como ninguém esse caráter de subversão da ordem estabelecida, de indisciplina, colocada pelas crianças e adolescentes que insistem em ficar nas ruas. Em "Vigiar e Punir" ele evoca o confronto colhido num noticiário policial da França em 1840 entre, "uma criança de treze anos, sem domicílio nem família, acusada de vadiagem e que uma condenação a dois anos de correção sem dívida colocou por muito tempo nos circuitos da delinquência", e um juiz de Direito:

" Era apenas a figura passageira das ilegalidades menores (...) Teria com toda certeza passado sem vestígios, senão tivesse oposto ao discurso da lei que a tornava delinquente (mais em nome das disciplinas que em termos dos códigos) o discurso de uma ilegalidade que permanecia rebelde a essas coerções . E que valorizava a indisciplina de uma maneira sistematicamente ambigua como a ordem desordenada da sociedade e como afirmação de direitos irredutíveis. Todas as ilegalidades que o tribunal afirma como infrações, o acusado reformulou como afirmação de uma força viva : a ausência de habitat em vadiagem, a ausência de patrão em autonomia, a ausência de trabalho em liberdade ,a ausência de horário em plenitude dos dias e das noites. Essa defrontação da ilegalidade com o sistema disciplina-penalidade-delinquência foi percebida pelo jornalista que lá se encontrava como o efeito cômico da lei criminal às voltas com os fatos miúdos da indisciplina. " (Foucault,1987: 254-255)

Foucault vê num caso tão cotidiano como o desse jovem vagabundo retido nas malhas da lei, um jogo de forças fundamentais que se opõem reciprocamente. De um lado, a força da "civilização" representada pelo juiz; de outro, um jovem que nega adequar-se aos moldes da disciplina social. Aqui, " A ruptura se dá mais pela indisciplina do que pela infração" , sentencia Foucault (1987:256).

As infrações cometidas pelas crianças e adolescentes por si só, não justificam as agressões policiais que presenciei ou tomei conhecimento durante o trabalho de campo. Não

³³ Ao diferenciar "marginalidade" de "minoría", Guatarri (1986) faz, do meu ponto de vista, uma distinção fundamental entre o que chama de fato mais "sociológico", mais "passivo" que é a constituição da marginalidade, e um "devir" (um movimento, uma re-ação) que é a "minoría". O autor liga o processo de marginalização (vitimização dos 'párias' pela segregação, pelo controle, vigilância, assistência social) à sua verdadeira fonte: não a compaixão e o humanitarismo, mas o totalitarismo, o movimento de unificação cultural, processos de enquadramento e classificação do que é 'singular' em espaços pré-determinados, na tentativa de tornar dominante a subjetividade a que cada um deve se conformar.

³⁴ Sobre as nada "disfarçadas" prisões para crianças rebeldes e/ou delinquentes na França do século XIX, ver o artigo de Michele Perrot (1988/89) onde ela trata do universo carcerário para a infância no quadro de uma experiência única, a Petite Roquette, uma das primeiras e raras tentativas de arquitetura panóptica na França, destinada à "correção paternal" de crianças.

pretendo aqui, inocentá-los ou fazer deles todos, anjos. Queria apenas que fossem vistos como são, e não através de estereótipos que os condenam antes de qualquer contato, apenas por estarem "na rua". Na rua, como em qualquer escola, casa, prisão, convento, fábrica, há "bons" e "maus" sujeitos. Encontrei policiais e monitores torpes, viciados no sofrimento alheio, e "meninos de rua" gentis e respeitosos. Mas desempenhavam papéis estereotipados. Foucault dá novamente uma pista: " Não há então, natureza criminoso, mas jogos de força que, segundo a classe a que pertencem os indivíduos, os levarão ao poder ou à prisão"(1987:254)³⁵.

Estou perfeitamente "informada" da "criminalidade e alta periculosidade" dos "meninos de rua" em grandes cidades brasileiras, que a mídia tão bem se esforça em divulgar. Mas não posso falar deles. Falo dos que conheci em meu trabalho, e tão somente destes. Nem ao menos ousar falar nos "meninos de rua" de Florianópolis. Será que existem aqui, da forma estereotipada que a mídia nacional os descreve? Quem os viu? O que os faz assim? Ouso não acreditar cegamente no que leio e ouço nos jornais. Os daqui, posso garantir, divulgaram durante a minha pesquisa, algumas falsas notícias sobre os sujeitos pesquisados. Acusaram-nos de atos que não haviam praticado. Estando lá, no meio deles, eu sabia o que se passava. A polícia, nem sempre. E chegava batendo, xingando e detendo. Os repórteres policiais vinham atrás "noticiar" a versão policial. Havia uma busca mórbida de casos que vendessem jornais. De casos que alarmassem a população, fazendo-a sentir-se "em perigo" e, em seguida, "protegida" pelo eficiente trabalho da polícia e o atento acompanhamento da imprensa.

Um caso exemplar da desinformação e truculência policial e jornalística, envolveu dois adolescentes da "turma dos grandes" e a menina Marialva, irmã de Cecília, de quem já comentei a história³⁶. Certa noite, junto com a "turma dos pequenos", encontro Goy(17) e Xico (17) na pracinha Fernando Machado. Estão cobertos de hematomas e com dificuldades para se locomover. Contam que apanharam de um grupo de policiais lá no Aterro. Estavam sendo acusados pela irmã mais velha de Marialva, de terem tentado estuprá-la. A moça levou a polícia até onde eles estavam e os apontou como autores do "estupro" da irmã. Os policiais, segundo os rapazes, não esperaram explicações: "desceram o pau". Um funcionário do parque de diversões que assistia à pancadaria e que tentava intervir em favor dos rapazes foi ameaçado com um

³⁵ Sobre uma análise do funcionamento e a dinâmica do aparelho policial na cidade de S.Paulo, do início do século até os anos 30, ver o artigo de Netto(1988/89) onde ele conclui que: "Assumindo o caráter curativo e encamando a prevenção de maneira restrita aos interesses das elites dominantes, a polícia atuou como um organismo depurador da ordem social, de caráter designatório, principalmente quando assumiu o sentido da escolha de quem deve ou não passar da inquirição para a detenção; adquirindo portanto características de justiça de primeira instância." (Netto, 1988/9:133-4, grifos meus)

³⁶ Ver páginas 121-2.

revólver para entrar em seu trailer e permanecer quieto até tudo acabar. Foi ele quem socorreu os rapazes após a surra e confirmou a versão que eles me deram para o fato:

No final da tarde anterior, estavam no Aterro combinando de tomar umas cervejas ali mesmo no bar do parque, quando Marialva se aproximou e perguntou se poderia beber junto. Consentiram. No meio da noite aparece a irmã mais velha da menina, muito nervosa, procurando por ela. Aos gritos, tapas e empurrões, leva a irmã para casa. Logo depois, aparece com os policiais e os rapazes são então, agredidos. No dia seguinte, olhando a coluna policial, onde volta e meia alguns dos meus informantes eram citados, li a "notícia" do "estupro" da menor no Aterro da Baía Sul por "dois vadios" e a "eficiente ação policial" na busca dos "criminosos".

Em agosto de 93 li, na mesma coluna policial, que um "funcionário público", 42 anos, foi "flagrado ao tentar praticar atos libidinosos com três meninas de rua" ali mesmo, no Aterro. Também aí, destacou-se a "eficiente" ação policial que não permitiu a consumação do fato. Distante já dos informantes, fiquei pensando em quem seriam as meninas e em quais circunstâncias os fatos realmente ocorreram.

A "verdade" dos fatos, segundo Foucault é uma questão eminentemente política:

" O importante, creio, é que a verdade não existe fora do poder ou sem poder. (...) A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças às múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade : isto é, os discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; (...). " (Foucault, 1989:12)

Em outro lugar, já assinalei a consciência de que este texto inscreve-se, por sua própria natureza, nos circuitos do que o pensador francês chama a "economia política" da verdade. Ele pertence ao reino do discurso científico e, portanto, ao próprio substrato onde, segundo a "genealogia do poder", a verdade está centrada. A "verdade" como sendo produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns aparelhos políticos ou econômicos (universidade, exército, escritura, meios de comunicação).

Aqui, quero chamar centralmente a atenção para um dos principais aparelhos em que a "verdade" é construída. Mecanismos de uma imensa difusão e consumo. E, diria ainda, de uma imensa "credibilidade": os aparelhos de comunicação e informação de massa. É necessário ter-se clareza da dimensão e do papel econômico-político que a "notícia" enquanto "verdade", desempenha no cotidiano social.

Para Foucault(1987), a notícia policial, por sua redundância cotidiana, torna aceitável o conjunto dos controles judiciários e policiais que vigiam a sociedade. Para tanto, fez também necessário erigir o povo como "um sujeito moral", torná-lo "bom e honesto" de forma a separá-lo nitidamente dos delinquentes. Estes passam a ter também contornos bem determinados:

estão por toda parte e bem próximos de nós. Assim, pode-se mostrar facilmente onde está o "perigo". Perigo que não ameaça mais somente os ricos, que podem ser roubados, mas também os pobres a quem podem atingir de várias formas. Carregados de todos os "vícios", são responsáveis por todo o "mal" praticado na sociedade. Diz Foucault que vem daí "o nascimento da literatura policial e da importância, nos jornais, das páginas policiais, das horríveis e detalhadas narrativas de crimes."(Foucault, 1989:133)

Em nossas cidades, para o senso comum, "menino de rua" é sinônimo de delinquente. Aliás, não fosse este, todo o "problema", eles certamente chamariam bem menos atenção e nem reteriam tanto espaço na mídia. Sabe-se no entanto, que a imagem de delinquente do "menino de rua" nas grandes cidades brasileiras, também não corresponde exatamente à realidade dessas crianças. Segundo Lusk e Mason (1993), muitas pesquisas feitas sobre meninos de rua do Brasil,

"têm deixado claro que a prática de atividades ilegais por parte das crianças de rua não é uma característica predominante. Na verdade, as crianças envolvidas com delinquência como tática de sobrevivência são uma minoria (furtos, assaltos, venda de drogas), embora seja a imagem desse sub-grupo que se sobreponha ao trabalho diário e às táticas de sobrevivência da maioria." (Lusk e Mason,1993:162)

As pesquisas realizadas pelas ciências sociais a partir da década de 70, quando a questão da "infância abandonada" já era identificada como um "grave problema social", segundo Alvim e Valadares(1988) também contribuíram na geração de uma imagem quase que universal da criança pobre brasileira "enquanto menor abandonado e delinquente em potencial". O título de vários dos livros de pesquisa publicados nos últimos anos, expressa a contribuição dada para o reforço dessa imagem negativa³⁷.

Uma analogia interessante entre a forma como sujeitos marginais em nosso próprio contexto são pensados e tratados, e a forma como são tratados os sujeitos marginais no contexto ritual de outras culturas, é fornecido por Mary Douglas(1976). Os noviços em rituais de iniciação à vida adulta, durante o período marginal ou liminar, que separa a morte e renascimento rituais,

³⁷ As autoras citam como exemplo desta contribuição, os títulos dos livros: Pequenos Bandidos(Arruda,1983); O Mundo do Menor Infrator (Queiroz et alii,1984); Abandonados(Junqueira,1986); Trapaceiros e Trapaceados(Cheniaux,1986); O Dilema do Decente Malandro(Violante, 1983),etc. Tenho consciência de que o título do meu trabalho pode também ser encarado desta maneira, já que "esperteza" e "vício" são termos negativizados, que apontam para um desvio. Esclareço porém, que "espertas" aqui, se opõe simplesmente à um outro preconceito sobre as crianças: a imagem absolutizada da "ingenuidade" infantil. "Vício" é um termo ambíguo utilizado pelos informantes: sintetiza culpa e prazer. Considerarei válido iniciar a discussão sobre o seu modo de vida a partir do modo como eles próprios colocam o "problema", embora correndo o risco de reforçar um estigma.

são proscritos. Durante a tramitação do rito, eles não têm lugar na sociedade. Algumas vezes vão mesmo morar um tempo longe, fora da sociedade. Nesse interim, se em contato com sujeitos sociais plenos(não-marginais), podem e até mesmo devem, comportar-se anti-socialmente: são autorizados a roubar, assaltar e saquear. Segundo Douglas, esta é a expressão própria de sua condição marginal, porque "Ter estado nas margens é ter estado em contacto com o perigo, é ter ido à fonte do poder." (Douglas, 1976:120)

Às demais pessoas comuns cabe a evitação, o não-contato com estes seres marginais³⁸. Há uma passagem no livro de uma jornalista carioca sobre os "meninos de rua" do Rio, certa na constatação de algo que já vem sendo alertado por outros jornalistas sensíveis a esta questão social, e por intelectuais em crônicas do dia-a-dia nas grandes cidades brasileiras: o medo que a maioria das pessoas demonstra em relação a ser assaltado, acaba por enclausurá-las em suas próprias casas, condomínios e apartamentos nas grandes cidades brasileiras. Vejamos o que ela reflete:

"Ninguém parece agüentar mais, então que se coloque os ladrões nas cadeias, os loucos nos hospícios e nós em nossos apartamentos... Até por questões puramente egoístas, as classes favorecidas deveriam estar empenhadas em promover o bem-comum. Para que elas mesmas pudessem desfrutar melhor de seus bens. Para segurança delas próprias e de suas famílias. Mas, estranhamente, elas preferem contratar seguranças, gradear os condomínios, colocar cadeados super resistentes e morrer de medo, preferindo transferir o medo e o preconceito de pai para filho, até que seus próprios filhos morram de medo da pobreza, dos meninos de rua que os assaltam. Eles acham isso mais fácil do que olhar de frente essa criança(...)." (Medeiros, 1992:41-42)

Mas, voltemos às atitudes dos policiais diante das crianças e adolescentes que vivem nas ruas do centro de Florianópolis. Elas certamente não diferem muito da opinião popular sobre estes sujeitos: são todos "semente de bandido", "ladrões", "viciados", "vadios" e,

³⁸ Interessante que Vogel cite em seu artigo que, a "evitação" em relação aos "meninos de rua" é a atitude que os pais recomendam aos filhos que trabalham nas ruas: "Assim, podemos compreender a insistência das mães quando conjuram os filhos a não reagir, a não retrucar, propondo-lhes diante dos meninos de rua, uma atitude de evitação, (...)." (Vogel, 1991:139) Embora neste caso o autor aponte o motivo da evitação não tanto pelo medo da agressão física, mas pelo receio de que "qualquer relacionamento", mesmo conflituoso, com os de rua, venha a se transformar em "cooperação", transformando o jovem trabalhador em mais um "enturmado"; o interessante é que a atitude descrita evoca a "relação de poluição e contágio" apontada por M. Douglas. Martins(1992) também utiliza-se das considerações de Mary Douglas em "Pureza e Perigo", embora não no sentido da "contaminação" dos "outros" pelos da rua, mas para compreender a utilização das drogas pelas meninas que investigou.

"irrecuperáveis"³⁹. E certamente refletem a opinião e atitudes que a própria população tem ao se deparar com eles nas ruas.

Em defesa de sua corporação, um policial certa vez me disse que muitas vezes, se vêem "forçados" a tomar atitudes mais drásticas ou violentas em relação às crianças na rua, porque as pessoas lhes cobram tal postura. Reclamam a seus superiores se não o fizerem. Ou seja, a intolerância policial diante às vezes de um "fato miúdo, passageiro, de indisciplina", como diria Foucault, reflete a intolerância daqueles que, mesmo não envergando a farda, portam-se como rigorosos defensores da "ordem" e do patrimônio. No centro da cidade, os policiais, segundo eles próprios me informaram, são especialmente pressionados pelos comerciantes de grandes e pequenas lojas, que sentem-se ameaçados pelos furtos e algazaras destas crianças e adolescentes, diante ou dentro de seus estabelecimentos comerciais.

Durante o trabalho de campo e mesmo antes e depois dele encerrado, foram várias as oportunidades em que me deparei com a má-vontade e intolerância de cidadãos comuns, em contato com as crianças na rua. Seria exaustivo descrever todos os casos aqui, mesmo porque alguns já se encontram no corpo deste trabalho. Basta apontar para a tendência geral do comportamento dos cidadãos que se defrontam com a diferença enquanto sinônimo de ameaça, contaminação, perigo. De uma forma geral, as pessoas que tentavam uma aproximação com as crianças e adolescentes que eu acompanhava, quando se viam frustradas em sua tentativa de "aconselhamento" ou de "flerte"(geralmente com as meninas e até comigo), acionavam a polícia. Quer dizer, uma aproximação que se pretendia amistosa, "bem-intencionada", transformava-se, diante do fracasso de seus propósitos, em ameaça e violência. E isto, vejam bem, entre os que pretendiam "conversar". Os que nem se aventuravam a tentar qualquer contato "amistoso", partiam direto para a ameaça do acionamento policial, ou tinham eles próprios seus "meios" de rechaçar as crianças perambulantes, à porta de suas lojas e restaurantes. Era o caso, entre outros, de uma senhora dona de uma loja de brinquedos no centro da cidade, que tinha pendurado bem à mão, entre a multicolorida mercadoria destinada à infância rica, um rêlho (destes de tocar

³⁹ A versão da "irrecuperabilidade" dos "meninos de rua" atingiu-me de frente no episódio em que um grupo de meninos e eu nos envolvemos com dois jovens marinheiros bêbados, numa madrugada. Ao final de muitas horas de conflito, aglomerado de curiosos na rua, chegada da polícia, ida ao distrito errado, ida a outro distrito e, finalmente ida à Escola de Aprendizes-Marinheiros de S. Catarina, no Estreito, para uma conversa com o oficial de plantão, fui, em poucos dias, convocada oficialmente por esta Escola, na "qualidade de trestemunha", a dar meu parecer sobre "o incidente envolvendo militares desta Escola em distúrbios ocorridos em recinto público". Lá chegando, depois de submetida a uma acareação com um dos aprendizes que mentia descaradamente, fui obrigada a ouvir do oficial que tomava meu depoimento, o quanto o trabalho que eu realizava era "inútil" do seu ponto de vista. Ele fez questão então de, citando dados sobre a criminalidade em Rio de Janeiro e São Paulo, afirmar que as crianças e adolescentes que eu investigava faziam parte de uma "raça sub-humana", eram "refugio social" e, portanto, "absolutamente irrecuperáveis".

animais) para "assustar" segundo ela, os "pivetes" que entravam na pequena loja para roubar ou mexer nos brinquedos.

A tendência geral do comportamento de adultos, policiais ou não, observado em relação às crianças pobres, mendigas, infratoras ou "vadias", é a da anti-pedagogia: a intolerância, o preconceito e, frequentemente, o uso da força bruta⁴⁰.

⁴⁰ Minha posição em campo sempre foi de extrema revolta e repúdio às arbitrariedades policiais que presenciava. Difícil, portanto, manter neste trabalho uma postura mais "favorável" ao trabalho da polícia. Os próprios policiais, no entanto, ofereceram-me uma chance de mudar de idéia sobre a sua truculência e despreparo. Durante um debate sobre violência policial em que participei como depoente, sugeriram que eu me dispusesse a "ver também o outro lado da questão". A proposta, que acabou por não se oficializar, era de que eu trabalhasse como policial militar feminina "disfarçada" e acompanhasse-os nas rondas diárias pelo centro da cidade, de modo que pudesse observar, sem ser identificada, o comportamento que os "menores" têm diante da polícia. Segundo eles, este comportamento é de pura agressão, xingamentos, deboche, desacato. Sinceramente, gostaria muito de poder realizar este trabalho, embora não acredite que a minha opinião possa modificar-se substancialmente.

6. As Crianças e a Política

22.05.91. Quarta-Feira. 15:00 horas. Fui novamente ao enalço das crianças. Era o primeiro dia da "paralisação geral" convocada para protestar contra a política econômica do governo. Acreditei que as crianças iriam encarar as manifestações grevistas com simpatia, já que as passeatas e atos públicos modificam o ritmo e a "paisagem" do centro da cidade, tornando-o mais populoso, mais musical, mais carnavalesco.

Acreditei que a movimentação fora do normal poderia ser-lhes vantajosa: poderiam manifestar-se na sua forma cotidiana, ruidosa e provocante, sem chamar tanto a atenção dos transeuntes e da polícia.

Mas fui surpreendida com o silêncio das suas ausências. Não encontrei ninguém durante toda a tarde. Apenas soube que, manhãzinha cedo, Vanessa e os irmãos foram vistos dormindo na Fernando Machado, sob a amendoeira.

À noite também não os achei ali pelo centro. Num dos poucos bares abertos (a maioria fechou, temendo a manifestação dos "piquetes"), encontrei dois rapazes que se dispuseram a acompanhar-me na busca das crianças.

Fomos até a Beira-Mar Norte, onde supus haver mais movimento e maiores chances de encontrá-las. Assim que estacionei em frente ao bar Yellow's, avistei Tataco circulando por entre as mesas da calçada, pedindo dinheiro. Descemos do carro e ocupamos uma das mesas.

Tataco não me percebe chegar e posso observá-lo na interação com os clientes. Aponto-o para os rapazes que estão comigo, como um dos meninos que tenho acompanhado em meu trabalho, mas não lhes avisei que hoje iria observá-lo à distância. Um deles, querendo ser prestativo (?), levanta-se e segue o menino quando ele se afasta. Logo depois, traz Tataco pelo braço. Apontando-me com um dedo, pergunta ao garoto:

- Conhece essa moça?

O menino, assustado, olhando-me sem compreender, acena que sim.

Só dias depois é que soube o motivo de seu ar incrédulo e assustado. E porque, intuitivamente, senti-me tão constrangida com a atitude do desconhecido. Ele era um policial e eu não sabia.

Quase ao mesmo tempo em que Tataco se aproximou, monitorado pelo rapaz, aparece Evandro com o rosto amarfanhado, cara de quem acabou de acordar. Fiquei sem graça por

ter nas mãos uma situação que absolutamente não me interessava. Repreendi o desconhecido por ter ido importunar os garotos sem necessidade. Mas Evandro diz que: " acordei sozinho" e, Tataco, mais calmo, não parecia chateado em me ver.

Eu e Tataco não nos encontrávamos desde a noite em que nos conhecemos, quando deixei toda a turma ali na Beira-Mar brincando em uma pracinha. Ele ainda estava com a mesma roupa, mas agora, descalço. Perguntei por onde andara nestes dois dias em que não nos víamos e ele me respondeu que "tava preso". Perguntei porquê e onde. Ele disse que "no CAP, porque tava bêbado".

Fiquei surpresa. Ainda não os vira bebendo ou falando sobre bebidas alcoólicas. Ele contou que "um homem lá do Saco dos Limões, dono de um bar", deu-lhe muita bebida. A referência ao "homem do Saco dos Limões" fez-me lembrar do episódio do "estupro" ocorrido com Vanessa. Perguntei ao menino se tratava-se do mesmo sujeito. Ele confirmou. Contei para os rapazes que me acompanhavam, o ocorrido com a menina Vanessa. O rapaz que o trouxera até mim, quis saber do menino quem era este "homem" e onde, exatamente, localizava-se o bar mencionado.

Tataco não hesitou em descrever o homem e a localização exata do bar. Enquanto falava, arrumou um cigarro com um freguês do bar e acendeu-o. Um outro freguês, indignado com o fato da criança fumar, exigiu que o menino jogasse fora o cigarro. Ele se recusou, irritado. O freguês insistiu também irritado com o pouco caso que o menino fez de suas advertências. Um dos rapazes que estava comigo, interveio para acalmar os ânimos. Tataco ficou com o cigarro.

Perguntei a Evandro pelo resto da turma. Ele disse que: " tão ali... na sorveteria, dormindo." Fui até lá para vê-los. Tataco seguiu-me, reclamando dos companheiros adormecidos. Disse que ainda era cedo, que não quis deixar que dormissem pois ainda não tinham "batalhado" o suficiente, mas que eles dormiram assim mesmo.

Há uns trinta metros do bar, do outro lado da ruela, Vanessa, Ricardo e Tonho Grande dormiam profundamente, no parapeito largo de madeira de uma confeitaria, ao lado da sorveteria (para localização no centro da cidade, ver Anexo2: mapa 1 e fig.6). Dormiam encolhidos, as cabeças de encontro aos joelhos, as mãos entre as pernas, de forma a manterem-nas aquecidas. Nenhum cobertor, nenhuma proteção sob ou sobre os corpos. Vanessa e Tonho estavam deitados próximos. Ela de costas para ele. A boca do menino quase tocando seus cabelos. Ricardo estava no outro canto da vitrine. Entre Ricardo e Tonho e Vanessa, um espaço vago. Provavelmente o lugar de Evandro. Pensei que ele devia estar cumprindo a promessa de se afastar da menina, depois do episódio do "estupro". Tonho é que estava ao seu lado. Era enternecedora a forma como seu corpo estava todo voltado para o dela, muito próximo, sem no entanto tocá-la.

Amanhã é aniversário de Evandro. Disse a eles que viria cedo para fazermos uma festinha. Eles queriam acordar a todos naquele momento para combinarem os detalhes. Falei que não era preciso. Relutantes, concordaram em me deixar ir embora. Eram duas horas da manhã.

6.1 "A greve não tá com nada "

Eu imaginei, como Jorge Amado em Capitães da Areia, que as crianças encarariam as manifestações grevistas nas ruas do centro, quase como uma "festa", um "agito". Havia música, passeatas, "buzinaço", bandeiras, apitos e muita, muita gente.

Havia também um policiamento ostensivo, que visivelmente triplicou nos dois dias da paralisação, mas nenhuma criança citou isto como motivo de seu afastamento do centro da cidade. Mostraram-se sim, antipáticas à greve. Nos dias seguintes à paralisação geral, ouvi comentários negativos das crianças a este respeito:

- A greve não tá com nada...! - foi o comentário geral.

E:

- Esse negócio de greve não precisa! - disse-me Vanessa, contrariada ao se deparar com um dos muitos cartazes espalhados pelas ruas, convocando a população à aderir ao movimento.

Assim, arrisco-me a supor um certo comportamento "conservador" das crianças em relação ao que acontece de "novo" em seu "território". Será que se sentem "invadidas"? De toda forma, saí dali frustrada com as suas ausências naquele evento político de protesto. Talvez pelo fato de não se utilizarem do espaço aberto pela sociedade civil para manifestarem também sua revolta com as condições de vida a que estão submetidas. Mas, seu protesto na rua não é diário e sem tréguas? Vivem na rua. Que protesto pode ser maior? Se tomarmos o seu comportamento diário, de fuga à casa e comportamento turbulento na rua, como uma forma de protesto e indisciplina aos padrões sociais vigentes, parece natural que, quando os demais cidadãos decidem também protestar nas ruas, o seu protesto de "ser da rua" perca, momentaneamente, a força. Entra para a "normalidade" dos demais que, hoje, excepcional e temporariamente, apoderaram-se também da rua para protestar e reivindicar "mais justiça social".

Em Mais que a Realidade, o autor confessa que quando vivia na Praça da Sé em São Paulo, gostava muito de assistir e participar de todas as passeatas e manifestações grevistas como uma das muitas "atrações" que a praça oferecia. Afirma tê-las sempre considerado justas nas reivindicações. Resta perguntar se já pensava assim na época em que vivia na rua, ou se esta "consciência política" foi adquirida já sob a tutela dos professores que acabaram por lhe sugerir e auxiliar na construção de sua autobiografia?

Também Pedro Bala, líder dos "capitães da areia" acha que, quando há greve na cidade, "é como uma festa ... e tem vontade de entrar, de se misturar com os grevistas, de gritar e lutar ao lado deles." (Amado,1991,p.220). À certa altura do romance, o bando dos "capitães" é chamado para debandar um grupo de "fura-greves" durante uma greve de motorneiros de bonde. E passam a atuar como uma brigada de choque. Já moço, Pedro Bala "sente a revolução" lhe chamar e segue o caminho do pai, líder sindical morto em confronto com a polícia. Seu destino agora, era "ajudar a mudar o destino de todos os pobres". (p.228)

Os sujeitos que acompanhei durante o trabalho de campo estavam longe de identificarem-se com os trabalhadores grevistas, quaisquer que fossem as categorias. Ouvi de um adolescente (16 anos) que dorme e trabalha nas imediações da Praça XV, que não tinha sentido uma passeata por melhoria de salário. Uma passeata de pessoas que tinham "carro, roupa limpa e salário". Segundo ele, não havia "necessidade" da greve, porque ali (na passeata) não estavam pessoas realmente "precisadas". Compreendi então que os miseráveis, adultos e crianças que eu costumava encontrar pelas ruas todos os dias, não "engrossavam" a passeata porque não viam a manifestação como algo do qual pudessem ou desejassem participar. Estavam à margem até mesmo desta possibilidade. Assim me esclareceu o rapaz :

- Não sou igual a eles (os manifestantes) ! Prá começá , não tenho emprego prá faltá, hoje. Fazê greve como ?

A posição destes rapazes e meninos nem de longe lembra a do líder dos capitães, Pedro Bala:

- A greve é a festa dos pobres. Os pobres é tudo companheiro, companheiro da gente. (Amado,1991:223)

A idéia de que os "meninos de rua" constroem uma questão política, persegue, ou antes, precede as minhas observações.

Numa pesquisa sobre marginalidade e delinquência juvenil realizada nos arquivos do Juizado de Menores em Porto Alegre, Leda Schneider reflete que o seu estudo constitui um primeiro esforço no sentido de não pensar a delinquência juvenil como um segmento de jovens cujo comportamento anômalo em relação às regras da sociedade os distancia dela e os faz permanecer fora do sistema. Mas sim, de analisar a atuação dos infratores como parte intrínseca de um posicionamento frente o sistema sócio-político e econômico de que participam. Esse comportamento, considerado delinquente ou criminoso pela sociedade, na medida em que infringe normas estabelecidas, é visto pela autora mais como um posicionamento crítico frente a uma sociedade inequitativa e excludente, do que como um posicionamento liberal frente uma sociedade onde todos teriam "direitos e deveres iguais" e onde tendo "oportunidades iguais", os sujeitos as aproveitariam conforme suas "capacidades".(Schneider,1982:151)

Posicionando-se francamente contrária ao que chama os "profetas da violência", artigos jornalísticos que descrevem os "meninos de rua" das grandes cidades como verdadeiras "tropas de choque" dispostas a destruir os valores que baseiam a sociedade, Fischer Ferreira(1979) afirma que, na verdade, estes meninos os defendem, a ponto de traçar uma prática fundamentada nestes mesmos valores. Ao organizarem seu trabalho e mesmo sua delinquência, ao estabelecerem seus relacionamentos e planejarem seu consumo, usam estritamente, segundo esta autora, os padrões vigentes. Isto, a ponto de assumirem preconceitos e internalizarem estigmas criados por esses padrões, sem cogitar contestá-los ou transformá-los. Pelo simples fato de que os meninos precisam, de alguma forma, sentirem-se inseridos no padrão social. Já dele excluídos, econômica e socialmente, só lhes resta a inserção cultural e ideológica. (Fischer-Ferreira,1979:168)

Meninos de rua "revolucionários", como Jorge Amado idealizou, parecem não ter uma correspondência no real. E nem ser mais, o espaço da rua, um possível espaço de contestação, revolta e formação de uma consciência libertária, como o autor e o governo da época, chegaram a acreditar ⁴¹.

Assim como esperava encontrar no campo "meninos de rua" com alguma consciência política, esperava também poder colher suas impressões e discursos sobre a desigualdade social de que são vítimas. Pretendia obter a sua opinião sobre as crianças e adolescentes "ricas". Como as vêem? O que pensam sobre a diferença entre si e os outros? Sentem revolta ou inveja destes sujeitos?

*Já foi visto como esta questão é construída nos romances analisados. Tanto na ficção como nas autobiografias, os protagonistas têm consciência sobre a distância e a desigualdade social entre si e os "burguesinhos" como Collen (*Mais que a Realidade*) classifica. Alguns manifestam a mais pura revolta e desprezo como Sem-Pernas(*Capitães da Areia*) e tudo fazem para atingir estas pessoas: enganam, dissimulam, roubam-nas sem qualquer remorso. Collen também apresenta uma revolta muito grande com o fato de "os ricos" não darem "oportunidade" para "os que não têm". Mas, em sua revolta, afirma que não costumava atacar a propriedade alheia: preferia pedir e catar no lixo, a roubar. Seus ressentimentos e revolta contra os meninos que tinham família era manifestada pela "inveja" que sentia, por exemplo, de um menino que, mesmo não sendo rico, tinha um pai ao seu lado.*

*Dito (*A Infância dos Mortos*) também não pretendia trilhar a vida do crime, mas a isto se vê obrigado quando entende que ninguém o ajudaria e a sua turma a se livrarem de tal*

⁴¹ Alvim e Valadares observam que "não por acaso" a primeira edição de "Capitães da Areia", publicada em pleno Estado Novo foi apreendida e queimada em praça pública: "Ressaltando, por um lado, um problema social de amplo reconhecimento, [Jorge Amado] chamara, por outro, a atenção para a rua como espaço de vadiagem e socialização política, podendo levar à contestação do regime vigente."(Alvim e Valadares,1988:78)

"destino". Muito pelo contrário, as pessoas com quem entravam em contato, os forçavam a transgredir. É contra estas pessoas que o menino decide se vingar, na tentativa de "justiçar" a morte de companheiros e as torturas a que foi submetido nas mãos da lei e de outros criminosos. Choukri (*O Pão Nu*) evidencia uma consciência crítica sobre a miséria que se abatia sobre a sua família e comunidade, em contraste com a opulência e boa-vida apresentada por outras famílias. Era tranquilo na resposta a estas pessoas. Considerava-as "tratantes" e "trapaceiras", assim, sentia-se à vontade em roubá-las também.

Esta mesma tranquilidade apossava-se de Genet (*Diário de Um Ladrão*), mas ele garante que a revolta, a amargura, a raiva "ou qualquer outro sentimento deste tipo" jamais influíram na sua "escolha" de levar uma vida criminosa e desregrada. Para ele, o único "motivo" realmente presente foi dos "mais simples": a necessidade de comer. Herzer (*A Queda para o Alto*), ao lado de *Oliver Twist* é um dos protagonistas que menos se queixa das diferenças sociais. Talvez se explique por não ter tido infância muito miserável, nem passado fome. Sua revolta se volta toda para o lado afetivo, familiar. Culpa "os lares sem carinho e insinceros" por grande parte de seus infortúnios e dificuldades na adolescência. Esta revolta contra a família, Choukri a possuía toda voltada contra a figura do pai colérico, assassino de seus filhos. *Oliver Twist*, criança ainda, nada percebia, nem se queixava, a não ser da grande solidão e falta de carinho, por parte de todos que o cercavam.

As crianças com que entrei em contato durante o trabalho de campo, nunca referiram-se às diferenças entre elas e as crianças "ricas". Quando inquiridas, negavam que houvesse maiores desigualdades: afinal, juravam de pés juntos que estavam na rua "porque queriam". Nunca consegui que me falassem sobre a imagem que têm destas outras crianças, que vão à escola, têm pais "ricos", boas roupas, carro, brinquedos caros. No entanto, percebi que, ao invés de inveja, os da rua sentem até um certo desprezo por elas. Menosprezam-nas por tudo que são "obrigadas" a fazer: ir à escola, obedecer aos pais, não sair muito de casa, ter horários, não usar drogas, não ter, enfim, a "liberdade" de que se acreditam possuidores, na rua.

Nada disto me foi textualmente dito, era apenas perceptível na forma como apontavam as "vantagens" e "alegrias" da vida na rua.

Uma outra forma de se perceber a relação que mantinham com as outras crianças era observar como agiam em contato com elas, na rua. Nestas ocasiões, evidenciava-se ou um total desprezo pelos sujeitos, não se dando nem ao trabalho de percebê-los ou, inversamente, os observavam atentamente, com o intuito de tomar-lhes algo.

Uma noite a turma estava especialmente eufórica. Os "grandes" e os "pequenos" estavam, excepcionalmente, "vadiando" juntos. Fui com o grupo dos "pequenos", encabeçado por Ricardo e Nêgo, até o "mocó" da casa branca. Os dois irmãos estavam especialmente eufóricos por que Vanessa havia aparecido no final da tarde, depois de dois meses ausente da cidade sem

dar qualquer notícia. Ela viajara de carona até São Paulo com sua "melhor amiga" e um primo. O plano era ir até o Rio de Janeiro "ver a Xuxa". Chegaram a São Paulo e lá ficaram até a data de ontem. Vanessa e a amiga (o menino voltou dias depois) trouxeram de São Paulo um "souvenir": uma "menina de rua da Praça da Sé", com a qual conviveram estes dias fora de Florianópolis. A paulistinha, muito agitada, sentindo-se "dona do pedaço", agitava ainda mais o clima de euforia dos garotos, felizes com a chegada delas.

Na saída da "casa branca", Ricardo e Nêgo atravessam rapidamente a rua e atiram-se sobre um colegial de mochila e uniforme de colégio particular, das redondezas. Devia ter por volta de onze, doze anos, a idade dos irmãos Rocha. Eram sete horas da noite, o garoto ia para casa.

Ricardo e Nêgo queriam sua mochila e dinheiro. Mas cometeram o erro de atacar o menino bem diante da porta de um hotel. O porteiro viu a cena e interferiu, livrando a pele do garoto e pondo os irmãos para correr. Cheguei com segundos de atraso e vi apenas o garoto assustado, cara de choro, recompondo as roupas e a mochila. Nêgo e Ricardo sumiram rua baixo, o resto do grupo cercou o menino. Evandro pôs-se a conversar com ele, perguntando se lembrava de um dia em que jogaram futebol juntos, no Aterro. Evandro falava rápido e com segurança ao menino atordoado, que confirmou que se lembrava dele e do dia em que jogaram bola. Satisfeito, Evandro saiu andando com o grupo e, quando me viu ao seu lado, antes que eu fizesse a pergunta que ele já adivinhava, falou:

- A senhora tá vendo tia, é assim que se engana os trouxas! Eu nunca vi esse menino, nem ele me conhece, mas assim eu já sei que dá prá confundir ele... ele nunca vai se lembrá da nossa cara!

"Trouxas", "otários", "gado", estes são algum dos apelidos que os meninos que acompanhei, usam para se referir às crianças e adolescentes de outra classe social.⁴²

18.06.91 Na pracinha Fernando Machado, "o engraxate" (17 anos) que se dizia "ex-menino de rua", falou durante algum tempo sobre como fazia para assaltar as pessoas. Disse que "escolhia" as crianças que usavam relógios, óculos de sol e mochilas. Disse que as assaltava "com a mão limpa" (sem armas) mas que levava "uma navalha" para o caso da pessoa querer reagir e ele precisar então, "meter medo". Confessou que ontem mesmo, tinha roubado um relógio de um

⁴² As "meninas de rua" de Goiânia, admitem uma certa reciprocidade da sociedade envolvente, em relação às suas ações infratoras. Porém, fazem questão de afirmar que são "mais espertas" do que os "ricos, velhos e otários" (estes os apelidos depreciativos usados) que se deixam enganar, roubar e iludir por elas. (Fenelom, Martins e outros, 1992:60)

menino que voltava da escola. Em pouco tempo, apontou-me a uma certa distância um colegial com mochila às costas, dizendo :

- Ó lá, tia... ali vai um 'gado'.

Perguntei o que era "gado" e ele disse que é a pessoa que se deixa roubar sem reclamar, "que a gente pode levar prum canto, como o gado pro açougue". Informou que, no entanto, antes de assaltar alguém é preciso tomar certas precauções, como por exemplo., descobrir onde o garoto mora. Perguntei porque. Ele respondeu:

- E se for do Mocotó...? Daí não dá...!

Ele se referia ao fato de poder sofrer retaliações por parte de parentes e amigos da vítima, "do morro do Mocotó", favela no centro da cidade. Só se podia roubar, portanto, gente "rica", não morador de favela, e pessoas que podem te reconhecer. O engraxate subia sempre o morro em busca de drogas, assim, segundo ele, não seria "otário" em roubar alguém do lugar⁴³. Pela primeira vez pude vislumbrar como é que esses meninos e adolescentes vêem os sujeitos da mesma faixa etária mas de outra classe social. Este adolescente nunca teve possibilidades de ganhar ou comprar os objetos que porventura desejou ou precisou, assim, ele vê o outro que "tem de tudo" como um alvo ("gado") a ser atingido, uma pessoa a ser destituída de seus pertences. Não manifestou mais nenhuma emoção a respeito da perda que a criança sofreria, ou qualquer preocupação em saber onde ou como a criança conseguiu o objeto, se poderia ou não adquirir outro, etc.

Goy era o único que me chama de "perfessora" e não de "tia" como os outros meninos. Uma noite, no entanto, ele é que estava se fazendo de "professor". E a "aluna" em potencial era eu.

Ele ficou durante um tempo dando-me "dicas" de como eu poderia escrever o "livro" sobre a vida deles. Disse-me, entre triunfante e penalizado, que :

- Eh... A perfessora não viu ainda nem a metade do filme... se a senhora quisé ficá memo pru dentro, não pode ficá assim, só cos pequeno, tem que se ligá, tem que tá junto... ó prum exemplo, assim ó... quando argum de nós convidá o otro pra dá uma banda, prá dá um rolé, a senhora tem que i atrás prá vê... seguí a gente memo, sem a gente nem sabê que a senhora tá seguindo... prá vê o que a gente vai fazê... prá vê cumé qui nós arrocha, tá ligada?

Mais tarde, ainda neste seu rompante de confidências me disse que :

⁴³ Martins observa que "Os ricos e os 'mais ou menos' formam a categoria dos que devem ser roubados, uma vez que as meninas e os meninos escolhem suas vítimas a partir de sua aparente condição econômica-financeira."(op.cit.:64)

- A senhora sabe qual é a maior vontade de todo mundo qui tá assim na rua? Eu memo, um dia qui eu tivé assim muito injuriado memo, pego um treisoitão e arraso um banco... é isso.. é só esperá um dia de tá muito injuriado... é a vontade de todo mundo qui tá aqui na rua !

Goy sentia a necessidade de "estar muito injuriado mesmo", a necessidade de uma redundante revolta com a falta de perspectiva, de dinheiro, de comida, de conforto na vida. Há que se notar que estes rapazes (Goy e o engraxate), estão já à beira da maioridade. Ambos, dezessete anos, há muito que já não se utilizam da mendicância para sobreviver, e as "paradas" que fazem (roubos, furtos, assaltos) começam a ter a concreta possibilidade de acabar na cadeia pública. Acabou-se para eles, o àlibi da menoridade. "É a vontade de todo mundo que tá aqui na rua!" ele garante, categórico. Mas esta não parece, de forma alguma ser a opinião de Nael, outro adolescente, também já completando dezoito anos.

Nael que, segundo me confessou, já assaltou residências e pessoas à mão armada, não pretende voltar a fazê-lo. Muito pelo contrário. Naquela mesma noite, quando dei por sua ausência e perguntei onde andava, informaram que tinha ido à uma reunião com membros da policia militar que faziam tese de mestrado sobre os "meninos de rua". Peninha disse que também foi convidado mas que na "última hora" não foi. Perguntei porque, ele respondeu que porque "não tava afim".

Quando, mais tarde, Nael apareceu e quis relatar a reunião, Peninha não deixou. Desmentia ou ironizava cada colocação do companheiro sobre a possibilidade de um melhor relacionamento entre eles e a policia. Quando Nael foi embora perguntei a Peninha porque tratou o amigo daquela forma, e ele respondeu que era porque:

-... a policia fala uma coisa pela frente, manda a gente denunciá, dizê se teve violênça, e por trás manda deçê o pau! - E arrematou: - Por isso não adianta ele ficá de papo furado dando recado dos homi... só vai iludí a gente.

Se fui a campo esperando declarações sobre os 'motivos' de viverem na rua como manifestação de uma consciência política e revolta acerca das diferenças sociais, sai frustrada. Martins(1992) observa que, embora as "meninas de rua" de Goiânia não apresentassem qualquer forma de expressão política em seu discurso, manifestavam no entanto, uma identificação com os pobres e "uma certa revolta contra a injustiça das diferenças sociais entre eles e os ricos". Eram a favor de uma forma de igualdade social, embora reconhecessem sua incapacidade e impotência para mudar essa situação a partir de seu ponto de vista radicalmente individualista.(Fenelom, Martins e outros,1992:65). Lecznieski, embora afirme que teve muitas dificuldades em fazer com que os "guris de rua" de Porto Alegre se pronunciassem a respeito das suas percepções políticas e

do governo, observa que eles percebem muito bem a situação desprivilegiada e de exclusão social em que se encontram. Assim, a "revolta", a "raiva" e a "indignação" que por vezes a pesquisadora presenciou entre os meninos, decorrem, segundo ela, da percepção da desigualdade sócio-econômica e da humilhação constante a que estão expostos num contexto onde "o roubo pode aparecer como a forma mais simples de compensar a situação desigual profundamente sentida." (Leczneski, 1992:75)

Os meus pesquisados nunca se referiram às diferenças entre si e os "ricos", tampouco justificavam suas infrações apoiados na desigualdade social de que eram vítimas⁴⁴. Não creio que não percebessem esta desigualdade, mas que, talvez, se recusassem a admiti-las, como uma forma de manifestarem sua "superioridade" em relação aos outros: "trouxas e otários" ricos. Eles, "da rua" eram os mais "espertos". Não admitiam as diferenças sociais no nível do seu discurso, mas não podemos esquecer porém, que existia uma "prática" muito pouco mencionada e nunca justificada diante do pesquisador: esta era a de tomar para si o que desejassem, sem se importar com a legitimidade daquela posse.

Seria interessante comentar aqui, uma brincadeira que eles faziam exclusivamente entre si, os da "raça": a brincadeira do "toque-deixa-não-se-mexa" (descrita nas páginas 171-2) Como o nome da brincadeira sugere, o "toque" daquele que vai me tirar algo, não deve ser revidado. Não devo me mexer, devo deixá-lo levar o que ele quer e que me pertence, até que eu consiga retomar o objeto através do mesmo expediente, onde será o outro que não terá o direito de revidar, e assim sucessivamente. Esta era certamente uma forma que eles tinham de fazer as posses, sempre poucas, circularem entre si: alimento, calçados, roupas, etc. Levando-se em conta que eles consideravam "legítimo" tomar um "empréstimo compulsório" do companheiro, porque não realizá-lo com um estranho, não mais como uma "brincadeira" que previa a reciprocidade da "doação", mas como um ato "verdadeiro" ou a "sério", de provocar uma reciprocidade negativa naqueles que certamente poderiam reaver, em outro lugar, por outros meios, o objeto furtado?

⁴⁴ Havia a exceção de Nael, que tinha um discurso político bastante articulado. Mas, na turma dos "pequenos" que é a aqui descrita, ninguém tinha a mesma percepção. E, quanto à "consciência política" de Nael, fui informada de que o seu discurso não poderia ser outro, já que "há anos" os militantes do MNMMR vinham trabalhando com ele.

7. A "raça" e a cola

23.05.91 - Quinta-feira : 08:00 horas.

O dia amanheceu maravilhoso. Um sol suave e cálido de inverno dourava as casas , a ponte Hercílio Luz e as pessoas que haviam acordado cedo. O ar era extremamente puro e a paisagem, postal.

Desci a parte alta da cidade em direção à Beira-Mar Norte. Caminhava rapidamente para encontrar as crianças que deixei dormindo ontem à noite numa confeitaria. Elas já deviam estar acordando. Sabia que se perdesse-as naquele momento, só o acaso saberia onde e quando iria encontrá-las novamente. Depois que começam a andar é impossível adivinhar o trajeto que percorrem.

De longe, avistei o grupo se espreguiçando ao sol. Pareciam ter acabado de acordar e já deixavam a ruela em que dormiram, para aquecerem-se na avenida central, à beira-mar. Vou me aproximando e elas me vêem. Dão o alerta: a tia ! Mas não há entusiasmo nas vozes. Estão com as caras fechadas, sonolentas, parecem não ter espantado ainda o frio da noite. Sensação inversa á que se apoderou de mim diante da monumental ponte ensolarada: sinto-mal por estar feliz com a luminosidade do dia, diante destas carinhas tão desanimadas, desorientadas, cansadas...

Vanessa é a mais desanimada. Sentada no meio-fio da calçada, mantém a cabeça sobre os joelhos, os braços em torno. Feito animadora de programa infantil, tento "levantar o astral". Fui até Evandro e lhe dei os parabéns pelo aniversário. Perguntei aos outros se lembraram de cumprimentar o amigo. Vanessa ergue a cabeça e diz :

- Fui a primeira a dar os parabéns prá ele - E volta a encolher-se.

Perguntei a Tataco se ele e Evandro falaram para os outros sobre a festinha que nós combinamos ontem à noite. Ele responde que sim, e Vanessa diz que a festa tem que ser à noite:

- Porque só de noite é que vou buscá o meu dinheiro , prá podê comprá o bolo. Ela está se referindo ao pagamento de serviços que afirma prestar uma vez por semana na casa de alguém.

Os meninos discordam. Dizem que à noite não vai dar. Só se limparem o local da festa antes, porque a "casa branca" não tem luz elétrica e "tá cheia de vidro quebrado no chão". Eu digo que estou disposta a ajudar na limpeza e que temos bastante tempo já que vou passar todo o dia com eles hoje.

Mas Ricardo balança a cabeça, desanimado:

- Não dá, tia... porque a casa tá cheia daquilo que a gente faz...

Pela risada geral, percebo que ele se refere à fezes. Mais descontraídos, perguntam se sei porque Tonho está sentado na calçada sem coragem para se levantar. Arrisco um palpite:

- Ele tá com frio.

Rindo, dizem que não, que é porque quando eu estava chegando, ele estava fazendo xixi, e que quando o avisaram que eu já estava perto, ele fez xixi nas calças:

- Tá todo molhado ! dizem gargalhando. Tonho permanece sentado, fazendo de conta que a gozação não é com ele.

De qualquer forma, eles não parecem muito animados com a idéia da festa. Pergunto então o que é que vão fazer em seguida. Se vão tomar café, ou o quê. Ricardo diz que está com fome. Mas ninguém mais se manifesta. Vanessa queixa-se de "dor na garganta" e diz que está com duas ínguas. Uma no pescoço e outra na virilha.

Decidem ir "pro centro". Começam a se movimentar para iniciar a caminhada. Vou indo com eles. Pergunto a Tataco se ainda demorou muito ontem à noite para ir dormir, depois que fui embora. E ele responde que foi dormir assim que conseguiu "interá o dinheiro".

Ele diz que têm 650 cruzeiros na sua carteira. Pergunto se é sempre ele quem fica com o dinheiro. Ele diz que pode ser com "qualquer um" desde que seja "de confiança". E que o dinheiro está consigo porque a turma "bota fé". Perguntei se o dinheiro pertencia a todos e ele disse que cada um tinha a sua parte: uns mais, outros menos. Cada um tinha direito ao que conseguiu arrecadar junto aos fregueses do bar ontem. E na hora de comprar alguma coisa? eu perguntei. Se é "prá todo mundo", entra o dinheiro de todos, ele respondeu.

Saindo da Beira-Mar em direção ao centro da cidade, as crianças tomaram a Bocaiúva, cruzaram a Gama D'Eça e enveredaram por uma de suas laterais, atingindo a Esteves Junior. Achei curioso o trajeto, porque para chegar no "centro", o caminho mais curto seria ter seguido sempre pela Gama D'Eça. Mas eles davam voltas e mais voltas, entrando em uma rua, saindo em outra. No caminho, pararam em vários bares e lanchonetes. A cada vez, eu imaginava que eles iriam comprar algo para comer. Mas a primeira coisa que compraram foi alguns cigarros a varejo. Tataco e Tonho fumaram. Em outro bar, pediram balas. Ricardo comprou outro cigarro. Ninguém mencionava pão ou café.

Ao contrário também do que eu esperava, ninguém sequer tentou surrupiar qualquer guloseima, dessas que ficam bem à porta dos bares e lanchonetes para atrair a atenção do freguês. Seria fácil para qualquer um deles, agarrar um pacote de balas ou biscoito e sair andando sem que o vendedor notasse. Mas não o fizeram.

Eles tinham seiscentos e cinquenta cruzeiros e eram cinco crianças. Não era muito dinheiro, mas daria muito bem para terem tomado um bom café. Eles, no entanto, já tinham planos para aquele dinheiro e mais tarde somente, é que eu perceberia isto.

Estávamos passando em frente ao casarão em que reside o Bispo e que abriga a sede da ASA (Ação Social Arquidiocesana). Pelo portão aberto, as crianças entram. Através do extenso jardim da casa, elas foram decididamente até uma de suas laterais. Perguntei o que iriam fazer ali e eles responderam que iam "tomá café". Perguntei se vinham sempre ali. Responderam que "às vezes". Perguntei se sempre que vinham, ganhavam café. Responderam de novo : "às vezes".

Pararam diante de uma porta, no porão da casa. Disseram que ali tinha uma "irmã" (freira) que dava café. Bateram muitas vezes, ninguém atendeu. Sentamos todos, menos Tataco, diante da porta fechada. O menino permaneceu de pé, á nossa frente, para as costumeiras brincadeiras. Depois de um certo tempo e mais algumas batidas na porta, apareceu uma moça na janela sobre as nossas cabeças. Perguntou o que queriam. Disseram que queriam tomar café. A moça se afastou da janela para voltar logo em seguida dizendo que a "irmã" tinha dito que eles já tinham um outro lugar para tomar o café. Ricardo, suave, mas firmemente, retrucou que :

- Se fosse assim, nós não tinha vindo aqui !

A moça afastou-se novamente, mas antes perguntou o que eu estava fazendo ali também. Respondi que estava acompanhando os garotos. Passados uns dez minutos, a porta à nossa frente se abre e surge uma freira em trajes eclesiásticos, com uma cesta de palha e algumas "bananas da terra" dentro. A mulher, de idade avançada, disse que " hoje não tem café " e começou a distribuir as bananas, duas para cada um. Na minha vez, recusei e agradei. Feita a distribuição, a freira se foi, fechando a porta atrás de si.

As crianças começavam já a descascar as bananas quando a moça da janela aparece novamente e diz, sorridente:

- Hoje não tem cafezinho, né ? E, vendo que eu fazia anotações no caderno, perguntou-me quem eu era. Respondi novamente que estava acompanhando as crianças e levantei-me para segui-las. O jardineiro que varria o caminho de acesso à casa, pediu às crianças que não jogassem as cascas no chão. Elas obedeceram prontamente. Vanessa que já havia atirado algumas pelo caminho, voltou para recolhê-las, pressionada pelo irmão.

Saindo dali, ainda em direção ao centro da cidade, foram brincando de " toque-deixa-não-se-mexa".

Assim que começamos a caminhar em direção ao "centro", Evandro, ao meu lado, queixou-se por estar descalço. Perguntei que fim haviam levado os chinelos que tinha ontem à noite. Ele respondeu que estavam com Ricardo. Perguntei porque não os tomava de volta, já que estava precisando. Ricardo, ouvindo a conversa, respondeu que não podia, porque tinha ganho os chinelos no "toque-dexa-não-se-mexa".

Explicaram-me que a brincadeira vale exclusivamente para todos que estivessem "ligados" entre si. Ou seja, comprometidos a respeitar as suas regras. Para estar "ligado", bastava juntar o dedo mínimo com o dedo mínimo da mão do companheiro com quem se quer brincar. E as

regras são as seguintes: Uma pessoa que está "ligada" com outra pode, com um tapa, derrubar qualquer objeto que esta tenha nas mãos. Se o objeto cair no chão, passa a pertencer a quem o derrubou, até que seja devolvido espontaneamente ou reconquistado da mesma forma.

Depois da "explicação", Vanessa insistiu em "ligar" a brincadeira comigo. Evandro quis também. Seus alvos eram: minha caneta, meu gravador ("radinho" como eles chamavam) e meu caderno de notas.

Entre eles, todos "ligados", os alvos eram as bananas recém-adquiridas com a freira. Foram, ao longo da rua, derrubando as bananas uns das mãos do outro. Muitas vezes nem se davam ao trabalho de recolhê-las. Tonho Grande perdeu todas as suas bananas para Ricardo que teve que carregá-las dentro da camisa. O que de início me pareceu um "desperdício", logo teve uma explicação. As bananas iam ficando pelo chão, enquanto Tonho ainda não conseguira comer nenhuma. Quando me ofereceram um pedaço, provei e também joguei o resto fora. As bananas não eram próprias para serem comidas cruas. Travavam na língua como se estivessem verdes.

No ir e vir da brincadeira, percebi que uma funcionária da ASA, que eu conhecia dos trabalhos manuais com crianças na Praça XV, nos seguia já há algum tempo. E embora ela me conhecesse também, não devolveu meu cumprimento quando a surpreendi. Fez um afago em Ricardo que se encontrava do outro lado da rua junto dela, e entrou rapidamente em um estabelecimento comercial. Não posso provar, mas pelo "clima" acredito que ela deve ter sido incumbida de identificar quem é que estava junto das crianças e o que pretendia com eles, na casa do Bispo.

Já chegando na Tenente Silveira, umas das principais ruas do centro da cidade, as crianças ainda dão pequenas paradas, pedem balas e compram cigarros nos bares. Entram rapidamente nos estabelecimentos de jogos eletrônicos. Destes, são invariavelmente expulsas pelo encarregado. Outras crianças, não-maltrapilhas, jogam à vontade.

Os cinco consumiram até agora, na busca do "café da manhã", algumas balas, seis cigarros e duas ou tres bananas verdes. São nove e meia da manhã.

Já em plena Tenente Silveira, percebo-as fazendo uma outra brincadeira. Segundo Vanessa, é a brincadeira do "tapa-tapa". Consiste em se atingir com um tapa mais ou menos forte, os órgãos genitais do colega que caminha ao lado. O objetivo é pegar o companheiro desprevenido, mas dentro de pouco tempo, todos já protegiam o sexo com as mãos. Vanessa avisa que não está mais na brincadeira, porque "dói", ela me diz.

Passamos pelo Palácio Cruz e Souza defronte à Praça XV. Estamos no que as crianças chamam de "centro" e que coincide com o denominado "centro histórico de Florianópolis". Elas seguem descendo a calçada do palácio e páram defronte à praça Fernando Machado. Sentam-se diante da vitrine de uma padaria, tentando aquecerem-se ao sol, ainda escasso nesta parte da cidade.

Pergunto se vão finalmente comprar algo para comer. Pelas evasivas, começo a perceber que os seicentos e cinquenta cruzeiros que possuem, estão destinados a uma compra que

nada tem de alimentícia. Pelas conversas de pé de ouvido entre Tataco, Ricardo e Evandro, percebo que a intenção é comprar cola. Tonho Grande e Vanessa não parecem muito interessados na droga, ou fingem que não estão. Com a minha insistência sobre a alimentação, Vanessa me pede que compre um litro de leite e alguns pães. Entro na padaria e trago o pedido, pois percebi que eles mesmos não o fariam.

Apenas Vanessa e Tonho pegam os pães. Tonho Grande começa imediatamente a comer. Vanessa entrega um pão ao irmão Ricardo. Ele recusa. Lembro a ele que dissera estar com muita fome. Ele diz que não está mais, porque já comeu. Pergunto onde e quando, já que o observei apenas chupando balas e fumando. Mas dou-me conta que a "operação café" terminou, e que começava uma outra, chamada "cola". Evandro me confirma essa impressão, aproximando-se e me perguntando baixinho, se eu por acaso iria embora ou ficaria "brava" se comprassem "um pouquinho de cola".

Percebo que os cochichos e a indecisão de comprar ou não a cola, se deve à minha presença. Como pesquisadora do seu modo de vida seria muita incoerência de minha parte, impor-lhes qualquer modificação em sua maneira de ser, como "preço" de meu interesse ou minha companhia. No entanto, já se deram conta de que não aprovo este seu "hábito". Hoje, creio que em consideração ao meu declarado mal-estar diante de algo que lhes dá tanto prazer, disseram-me que esperariam "a tia í embora primeiro" para depois comprar a cola. Diante do sutil aviso de que dispensavam a minha incômoda presença, disse-lhes que ficaria com eles, não importando o que fizessem. Pareceram satisfeitos e aliviados. Eu sabia que apesar de sua aparente satisfação com minha companhia, se fosse para escolher entre a cola e eu, eles escolheriam a cola.

Dois adolescentes que conheci ontem à noite dormindo "nos camelôs", aproximaram-se. Pareciam ter acordado a pouco. Perguntei se queriam comer também. Um aceitou prontamente. O outro agradeceu, recusando com um balançar de cabeça. Conversaram um pouco mais com as crianças, trocaram algumas informações, mas logo foram embora sem aceitar fazer o que os pequenos haviam pedido: comprar-lhes a cola.

Tonho Grande começou a sugerir que fossem até a "rodoviária" pedir dinheiro "prá jogá Taito". "Taito" é como chamam esses jogos eletrônicos, e que, segundo me informaram, é ao lado da cola, o "vício predileto" das crianças de rua.

Tonho tinha cinquenta cruzeiros naqueles seiscentos e cinquenta que a turma guardava com Tataco. Assim, embora não estivesse muito interessado na compra da cola, o seu poder de decisão do que iriam ou não fazer com o dinheiro, era muito pequeno. Vendo esgotadas, nas imediações, as possibilidades de encontrar alguém que lhes comprasse a droga, começaram a se perguntar uns aos outros se iriam então comprar "bombinhas" para explodir no "aterro" ou uma bolinha de borracha para jogar "taco" como Ricardo sugeriu. "Taco" é um jogo semelhante ao cricket.

Evandro e Tataco, apesar de apreciarem o jogo, eram contra a compra da bola por dois motivos: um, era o seu alto preço (350 cruzeiros), se comparado ao das "bombinhas"; outro, era o fato de que a bolinha perdia-se facilmente na imensidão do aterro devido à força com que os arremessos eram feitos. Relataram que um outro dia em que compraram uma bolinha, perderam-na quase em seguida. Segundo eles, era perdê-la ou ficar durante "horas" procurando pela bola. Os meninos eram favoráveis à compra de bolinhas de gude, mais baratas e que não se perdiam facilmente.

Como não chegavam a qualquer conclusão, Tataco insistia em que alguém fosse chamar Ricardo, para decidirem finalmente o que comprar. Ricardo permanecia sentado em frente à padaria, sonolento, ao sol, a uns cinquenta metros. Nós já caminhávamos em direção ao Aterro da Baía Sul.

Perguntei a Tataco, porque não compravam o que a maioria ali decidisse, em vez de ficar esperando a decisão de Ricardo. Perguntei se era pelo fato de a maior parte do dinheiro pertencer a ele. O menino respondeu que não, que "todo mundo tem mais ou menos igual". Então tive a impressão, pela urgência com que Tataco pedia a presença de Ricardo, que o consentimento deste último para fazer esta ou aquela aquisição, era muito importante, e certamente extrapolava a quantia de dinheiro que lhe pertencia.

Esta deferência para com o menino, justamente o mais novo dos cinco ali presentes (Ricardo tem apenas dez, para doze de Tonho e Vanessa, treze de Evandro e quatorze de Tataco) pode ter alguma coisa a ver com uma espécie de liderança do menino no grupo. Se essa liderança existir, ela deve se ater à força física de Ricardo que é, no consenso geral, "bom de luta". O menino não poupa esforços para demonstrar essa habilidade: vive provocando outros meninos ou simplesmente contando as "lutas" em que "tirou sangue" dos adversários.

Quando Ricardo resolve juntar-se a nós, decide pela compra de "bombinhas" e rojões para estourar no "aterro" ali em frente. Feita a compra, as bombinhas permanecem nos bolsos dele que mais tarde as distribue conforme vão sendo solicitadas pelos demais. Tataco contabiliza o dinheiro que restou, calculando a quantidade que ainda daria para comprar de cola. Não desistiram da droga, portanto. Durante mais ou menos hora e meia as crianças ficaram tentando achar alguém que lhes comprasse a cola ali em frente, no Mercado Público. Alojaram-se sob uma das barraquinhas de camelôs vazia, abrigando-se do sol que a esta hora já se fazia bem forte, e passaram a contatar os possíveis intermediários para a compra do produto.

Percebi que a minha presença afastava uma eventual transação. Ninguém seria "otário", como eles dizem, de aceitar comprar a cola na frente de uma desconhecida. Aos poucos, com as repetidas recusas por parte das pessoas que procuraram, as crianças voltaram-se para a tentativa de convencer-me a fazer a compra. E insistiram, posso afirmar, até a exaustão. Naturalmente muito mais minha que deles. Os insistentes eram especialmente Evandro e Tataco.

Evandro investiu em um apelo emocional, dizendo que "de jeito nenhum vô passá meu aniversário de cara". E que, "não custava nada" eu fazer aquilo por eles. Tataco também insistia. Tonho, Vanessa e Ricardo, permaneciam aparentemente alheios à questão.

Enquanto eles tentavam convencer-me, ou conseguir outra pessoa que lhes comprasse a droga, ficamos sentados sob a barraquinha de madeira, ouvindo música em meu rádio-gravador e conversando... Foi a primeira vez que consegui gravar depoimentos deles. Nenhum quis ser entrevistado, mas Vanessa aceitou "falá sozinha no radinho". Depois de ouvir atentamente como é que se fazia a gravação, tomou meu gravador, afastou-se de nós uns metros e passou a falar com a boca colada no aparelho.

Quando voltou, pediu-me para deixá-la "entrevistar" os colegas. Fez perguntas a Evandro e Tataco que responderam entusiasmados com a possibilidade de poder ouvir as suas vozes gravadas. Ricardo e Tonho não quiseram saber da "brincadeira".

Ricardo chegou a cochilar por um tempo, deitado sobre a mesa. Tonho deitou a cabeça em meu colo enquanto ouvia as gravações dos amigos. Houve muita algazarra em torno das vozes saídas do gravador. Todos queriam segurar o aparelho. Foi um momento divertido e de grande intimidade. Este, na verdade, foi o primeiro dia em que me senti razoavelmente integrada ao grupo. Fiquei com eles todo o tempo, seguindo-os pelas ruas, observando tudo, sem no entanto me sentir intrusa, como das outras vezes. Me chamavam espontaneamente para acompanhá-los, me explicavam o que eu não entendia, me contavam coisas ou simplesmente sentavam-se bem pertinhos de mim, aconchegados, como neste momento, esquentando o dia. Com as nossas risadas, alguns camelôs chegaram a se aproximar para ver o motivo do "barulho" e, por algum tempo, enquanto lidavam com o aparelho, as crianças esqueceram o desejo da cola.

Quando finalmente convenceram-se de que eu não iria, sob hipótese alguma, comprar a droga, decidiram ir até o "aterro" estourar as "bombinhas". Lá, ficamos cerca de hora e pouco, fazendo as explosões. Os mais ativos eram Ricardo, Evandro e Vanessa. Tataco e Tonho permaneceram junto de mim, sobre uma das mesas de cimento, ouvindo música no rádio e observando os amigos fazerem as explosões. Tonho voltou a deitar sua cabeça em meu colo, até que percebi piolhos passeando sobre meu jeans. Eram o que ele chamava "meus camundongo e meus buldogue". Pelo tamanho dos insetos, deu para entender porque ele os apelidou assim.

A brincadeira com as explosões chegou ao auge quando Ricardo teve a idéia de colocar os rojões dentro de umas latinhas vazias de cola, jogadas ali pelo Aterro. Com a força do explosivo, a latinha subia vários metros. Pedi que me dessem uma daquelas latas para ver de perto. Evandro trouxe uma para mim, dizendo que era uma daquelas que queriam que eu comprasse para eles. Li o rótulo. Era a primeira vez que eu via uma daquelas latas. Antes, só havia visto a cola nos saquinhos plásticos que eles usavam para aspirar. No rótulo, além dos componentes químicos, havia a advertência de que o produto causava risco de morte se ingerido ou inalado "acidentalmente".

Aconselhava, por isto, que o produto fosse utilizado em ambientes arejados e nunca manuseado por muito tempo. E, ironia das ironias, que fosse mantido "fora do alcance de crianças". Fiquei estarrecida. As crianças, como eu já presenciara, só faltavam comer este produto às colheradas. Pedi a atenção de todos e li o que estava escrito no rótulo. Deram de ombros. Já haviam lido. E argumentaram :

- Ainda não morremo. E também :
- Se matasse, a gente já tava morto !

Toda aquela conversa sobre a cola, pareceu reavivar-lhes o desejo por ela. Voltaram a insistir comigo para que fizesse a aquisição. Neguei mais uma vez e lhes disse que não haviam ainda cumprido o prometido: levar-me para conhecer o "mocó da casa branca". Vanessa me disse que talvez fosse melhor não ir até lá, porque a casa era "mal-assombrada". Mas os meninos garantiram que se eu comprasse a cola, nós iríamos até lá em seguida, " para cherar".

Com a aproximação do horário do almoço, perguntei se, além de não terem tomado café, também não iriam almoçar. Responderam que não tinham fome. Falei que não acreditava. E acrescentei que já que eles estavam mesmo decididos a comprar cola, deveriam pelo menos se alimentar primeiro. Ficamos algum tempo naquilo: eles querendo que eu comprasse a cola, eu querendo que eles almoçassem. Passou por nós um homem de uns trinta anos. Tonho cumprimentou-o, chamando. Disse que era um "homem que trabalha no parquinho" e que o ajudava muitas vezes, em troca de "gorgeta". O "parquinho" a que Tonho se referia era o parque de diversões instalado permanentemente no Aterro da Baía Sul, ao lado do "castelinho", local que as crianças frequentam muito.

Quando o homem se aproximou, pediram que fizesse a compra. Ele, intrigado com a minha presença, perguntou-me se eu cheirava cola também. Com a minha negativa, aproximou-se mais, colocando uma perna sobre o banco em que estávamos. Parecia indeciso se aceitava ou não o pedido dos meninos. Tomou o dinheiro que lhe estendiam , contou e, em seguida, disse que aquela quantia daria para comprar alguns pães e um litro de leite. Concordei e disse que estava há um bom tempo tentando convencê-los disto. Então, ele disse que faria a compra, mas só se eles fossem almoçar "primeiro". Aceitaram a condição imposta pelo homem que se afastou em seguida, dizendo que "depois" voltava. Assim que o homem se foi, recuaram na questão do almoço porque se gastassem o dinheiro com comida, não teriam o suficiente para comprar a cola. Sugeri então, que "inteirassem" novamente o dinheiro após o almoço. Depois de alguma relutância, concordaram.

Quando vi que iam se dirigindo aos quiosques da pracinha Fernando Machado para adquirir os "ovos empanados" e " salsichas" de costume, resolvi convidá-los a ir até um restaurante natural onde eu costumava fazer minhas refeições. Lá, a comida era muito melhor, vinha em maior quantidade e não era cara. Aceitaram a sugestão e então fomos andando. Quando íamos nos aproximando do restaurante, eles o identificaram como sendo um dos locais em que "o dono não

deixa a gente entrar". Diante disto, estancaram na calçada, pensando em voltar. Eu disse que comigo entrariam, sem problemas. Na porta, um dos funcionários aproximou-se, barrando a passagem com os braços abertos. Disse a ele que os meninos estavam comigo. Surpreso, o funcionário deixou-nos passar, mas lembrou-lhes de que estavam proibidos de pedir esmolas ali dentro.

As crianças escolheram uma mesa retirada e sentaram. Perguntei o que gostariam de comer e fui até o balcão fazer os pedidos. Quando voltei, manifestaram preocupação com a despesa. Tataco que ainda tinha o dinheiro consigo, me informou o montante. Falei para não se preocuparem pois eu pagaria metade da despesa. Comemos pizza, pãezinhos de queijo, iogurte e salada de frutas. A quantidade comprada porém, logo mostrou-se insuficiente. Da "falta de fome" que afirmaram lá no "Aterro", passaram a afirmar que "tamo com uma fome danada", assim que começaram a comer. Tonho, como sempre, era o mais faminto. Assim que acabou de comer a sua parte na refeição, passou a catar rapidamente restos dos pratos nas outras mesas. Uma cliente deu-lhe a fatia de pizza que comia. Depois de um breve acordo, decidiram comprar mais comida, mas viram que o dinheiro seria insuficiente. Decidiram então, pagar a conta.

Ricardo, Tataco e Vanessa fizeram as contas, somando a despesa de cada um e pagando no caixa. Percebi que eram rápidos e certos nas somas que fizeram "de cabeça". Embora Ricardo tenha me dito que não sabia ler nem escrever, flagrei-o diversas vezes lendo e fazendo contas muito bem. Feitas as contas, Ricardo aproveitou o fato de que não havia nenhum funcionário do restaurante por perto e rapidamente percorreu as mesas ocupadas, pedindo um "trocadinho". Ali mesmo, já reuniu algum dinheiro para a desejada compra da cola. Percebi que Tataco estava mais quieto, triste. Perguntei se era porque ainda estava com fome e ele disse que não. Que era porque agora haviam gasto quase todo o dinheiro que tinham.

Fora do restaurante, Ricardo ziguezagueou rapidamente através da rua estreita, entrando e saindo de lojas e bares, atrás de dinheiro. O menino, por ser o menor da turma, tinha mais chances de conseguir esmolas. Logo veio até Tataco lhe trazendo trezentos cruzeiros para que guardasse no bolso. Vanessa entrou em um empório de produtos naturais e se demorou por lá. Seguimos andando, em direção ao Mercado Público Municipal. Quando já atingíamos a Felipe Schmidt, ela nos chamou com um grito.

Olhamos para trás e vimos Vanessa com um saco plástico cheio de tangerinas "para a sobremesa", ela disse, sorrindo. Trazia também uma latinha de pastilhas para a sua dor de garganta. Parecia bastante contente com a aquisição. Distribuiu entre nós as tangerinas e também as pastilhas medicinais, que, segundo ela, eram "balinhas". Perguntei onde conseguiu aquelas coisas e ela respondeu que na loja em que havia entrado. Perguntei se pediu as pastilhas e ela disse que não, que a moça do balcão viu seu pescoço inchado e lhe ofereceu o remédio. Disse ainda, que a moça queria lhe dar mais duas latinhas, mas que ela preferiu deixar para buscar depois, se a dor não passasse. Perguntei se ela sempre ganhava coisas com essa facilidade e ela disse que sim. Contou que um dia

foi "nos camelôs" e falou para uma mulher que sua calcinha estava rasgada e a mulher lhe deu uma nova.

Quanto ao fato da menina ter recusado mais latas de "balinhas" para a sua dor de garganta, suponho que o motivo é que as crianças não suportam ficar carregando qualquer tipo de apetrecho que não seja de consumo imediato. Por isto não carregam consigo: sacolas, roupas extras, cobertores. Certamente isto lhes tiraria a mobilidade física que tanto apreciam e, ainda, sabem que dormindo na rua, podem ser facilmente roubados durante o sono.

Quando finalmente Ricardo, Evandro e Tataco conseguiram "interar" o dinheiro para a lata de cola, disseram que iam procurar o homem que prometeu comprá-la, se almoçassem. Já tinham almoçado, portanto... Tonho disse que "não vô nessa", porque preferia ir jogar "taito". Convidou mais uma vez o grupo para irem até a "rodô" (rodoviária). Como ninguém aceitou, se despediu e foi sozinho ver se arrumava dinheiro para jogar. Era meia hora da tarde. Havíamos levado apenas uns vinte e cinco minutos na "operação almoço" e já estavam na rua novamente atrás da cola. Me pediram que ficasse "por aqui", "porque se a tia fô, o home não compra". Eles então, foram sozinhos até o "Aterro" contatar o "canal" para a compra da cola.

Cerca de uma hora depois, eu estava novamente ao encalço deles. Sentei-me em um ponto da Praça XV, de onde podia observar também o movimento da pracinha Fernando Machado. Em quinze minutos, avisto Vanessa do outro lado da rua, apressada, vindo do "Aterro". Quando me vê, faz um aceno para que eu suba a rua atrás dela. Pelo seu alvoroço, suponho que finalmente conseguiram a cola. Fui ter com ela, e ela confirma que haviam conseguido comprar a droga e que estava indo encontrar o resto da turma "lá na casa branca". No caminho até o "mocó", perguntei se foi "o homem do parque" que fez a compra. Ela respondeu que: "não, foi otro" e não fez mais comentários.

Caminhamos rapidamente até a altura da praça Pereira Oliveira, passamos pelo Teatro Álvaro de Carvalho, subimos mais um trecho e atravessamos a rua defronte o Floph (Florianópolis Palace Hotel). Vanessa dirigiu-se a um enorme casarão abandonado que ocupa quase toda a esquina do outro lado da rua. Entrou por um buraco existente na grade de ferro que cerca o jardim e me incentivou a fazer o mesmo. Olhei para um lado, para o outro, e enveredei pelo buraco da cerca também. Estávamos no jardim da casa. Mas Vanessa não me deu tempo para maiores observações. Contornou a casa quase correndo, indo para a parte dos fundos. Quando já íamos entrar pela porta dos fundos da casa, Tataco aparece em uma janela do segundo pavimento, chamando nossa atenção com um assovio. Depois, fala para alguém que está com ele lá em cima: "São elas..." e nos joga um beijo galante. Deu para perceber que já estava "alto".

Entramos na casa pulando por sobre a porta da cozinha que tinha sido arrombada. Assim que entrei, entendi porque Ricardo me alertou sobre a impossibilidade de uma "festinha" ali. Eu não suportaria o ar que se respirava ali, por mais de segundos. Coloquei a gola de meu blusão sobre o nariz e fui seguindo Vanessa, que fez questão de me mostrar todo o primeiro pavimento antes de subirmos para encontrar os garotos. A menina alertou-me apenas, diante do meu entusiasmo com a imensidão do casarão, para não ir até as varandas da frente, para que eu não fosse vista por quem passava na rua. A casa toda estava às escuras, com as janelas fechadas. Ninguém lá de fora diria que ela era "habitada".

Eu mesma, tendo passando por inúmeras vezes diante do casarão abandonado, em pleno centro da cidade, nunca percebi qualquer movimento na casa. Sempre me chamou a atenção, no entanto, o seu tamanho, seu estilo arquitetônico e o fato de permanecer tanto tempo fechada.

O casarão, que visitei muitas outras vezes durante o trabalho de campo, abriga, tanto "os pequenos" como os adolescentes maiores, também adultos sem residência fixa e até mesmo "turistas" de baixo poder aquisitivo que, não podendo pagar hospedagem na cidade, são levados até lá pelas crianças para que não durmam ao relento. Esta casa é o seu maior e mais importante "mocó" no momento. No entanto, as crianças já não dormem mais aqui. Preferem fazê-lo na rua, pois acreditam que a casa seja "mal assombrada". Mas ainda usam-na para outras atividades como cheirar cola e namorar, durante o dia. A casa é enorme, possui três salões, vários quartos, salas menores, diversos banheiros, corredores, varandas, etc, parecendo mais um clube ou hotel do que uma casa comum. (Para localização no centro da cidade, ver mapas Anexo 2)

Enquanto Vanessa me mostrava o andar de baixo, Tataco desceu para nos encontrar. Estava cambaleante e com a voz arrastada. Na mão, o saquinho de cola. Subimos para o segundo pavimento e no alto da escada encontramos Evandro, encostado à parede, esfregando a boca do seu saquinho de cola contra o cimento. "Prá tirá o `sêlo'" ele me disse. Seus olhos estavam injetados, a fala também arrastada. Mas explicou que "sêlo" é quando a cola seca e gruda no saco plástico, impedindo a aspiração.

Tataco entrou no quarto que estavam utilizando. Completamente vazio, uma parte da janela aberta, aquela pela qual ele nos chamou, e o carpete imundo, como em toda a casa. Mas ali o cheiro de cocô estava ainda mais forte. Falei que não entendia como é que as pessoas podiam fazer aquilo no local que também utilizavam para dormir. Evandro, rindo, concordou com o que eu dizia, e foi indo em direção à porta, tentando encobrir alguma coisa com os pés, usando um pedaço de papelão. Tataco olhava seus movimentos, rindo também. Percebi que o que ele escondia, enquanto

balançava a cabeça concordando comigo, era o cocô que ele mesmo fizera ali, no canto do quarto, antes de nós chegarmos.

A casa toda estava suja de excrementos. Não havia local em que o ar fosse respirável, ao menos para mim. Manifestei desejo de sair dali e Vanessa, percebendo meu mal-estar, disse que ia me levar "num lugá limpinho, que não tem chero, tia", e acrescentou que às vezes, até dormiam lá.

Senti-me muito mal. Mal por não estar suportando aquele cheiro horrível, e mal por estar evidenciando de forma tão pouco sutil a "diferença" que havia entre nós. Eu não era capaz, física nem psicologicamente, de permanecer num local que, para eles era "ótimo". Afinal de contas, era seu "mocó". Mas as crianças nunca reclamaram desta minha "fraqueza". Tanto que evitaram ao máximo levar-me lá, só cedendo diante de minha insistência. Apenas uma vez, um adolescente repreendeu-me quando percebeu que eu permanecia com o nariz encoberto dentro de um outro "mocó" que ele me levou para conhecer. Disse que eu estava muito "mal-acostumada" com o "cheirinho bom" que tinha na minha casa. E que eles já nem sentiam mais o "cheiro ruim". Nesta ocasião, percebi que o rapaz me criticava por não ser como eles. Eu deveria, "por educação" e "respeito" ao seu ambiente, respirar normalmente ali, como todos eles faziam.

Descemos as escadas e atravessamos o pequeno pátio acimentado dos fundos da casa. Vanessa dirigiu-se até a edícula, uma construção pequena mas também de dois pavimentos ao lado da casa. Entramos pela porta também arrombada e subimos um pequeno lance de uma estreita escada que levava, segundo Vanessa, a um "quartinho". A menina tentou forçar a porta do quarto, que não abriu. Então percebeu que havia alguém lá dentro. Bateu na porta, pedindo para abrir. Uma voz perguntou quem era. Vanessa respondeu que queria mostrar o "quartinho" para "uma colega". Percebi sua hesitação antes de decidir como me anunciar para a pessoa que estava lá dentro. Se ela dissesse que estava ali com "a tia", como sempre se referia a mim, talvez a pessoa não nos deixasse entrar. Significaria que alguém "estranho ao meio" estava querendo conhecer um local próprio deles. Apresentando-me como "uma colega", ela estava me colocando como uma "igual", alguém que a pessoa por detrás da porta não precisava temer.

É bom lembrar que "tia" é geralmente o tratamento usado pelos menores para designar alguém que não pertence à sua faixa etária. Mas é principalmente usado para designar pessoas de outra classe social. Alguém de quem podem esperar "alguma ajuda" ou que tenha alguma "responsabilidade" sobre eles: monitor de obra assistencial, policial, assistente social, jornalista, educadora de rua, pesquisadora, etc. "Tia", nestes

casos, significa alguém distante socialmente, que tanto pode fornecer "ajuda" quanto "repressão".

Um rapaz tendo entre vinte e vinte e poucos anos, abriu a porta. Estava visivelmente embriagado, ou fortemente drogado. Era óbvio que não ficou nem um pouco satisfeito com a nossa "visita". Dava a impressão que o tínhamos acordado. Tinha os olhos inchados, semi abertos. Ficou de pé diante da porta, com uma espécie de porrete na mão. Talvez fosse a tranca da porta. Vanessa entrou no quartinho, ignorando a postura do rapaz. Eu, Tataco e Evandro, nessa ordem, entramos atrás dela.

O quarto realmente estava isento de mau-cheiro, embora fosse pouco ventilado. Havia apenas uma pequena abertura lateral e o teto era baixo (o suficiente apenas para uma pessoa de altura mediana permanecer de pé). Entramos e sentamos no chão forrado por placas de papelão, o que caracterizava o local como "dormitório". O rapaz permaneceu de pé à porta, nos olhando, cambaleante. Parecia esperar que saíssemos novamente. Ainda tinha o pedaço de pau na mão. E não o largou durante o tempo em que permanecemos ali. Para aliviar um pouco a tensão, eu disse a ele que "ficasse à vontade" se quisesse dormir novamente, e que nós não iríamos demorar muito. Ele não deu mostras de haver me ouvido. Impassível, não movia um músculo sequer. Permaneceu de pé, esperando a gente sair. Parecia "fora de si", não atinando com nada que disséssemos ou fizéssemos. Uma expressão distante num rosto fechado.

Comecei então a conversar com as crianças para desviar a atenção do rapaz de nossa chegada e a atenção das crianças da postura pouco amigável do rapaz. Distribuí algumas roupas que tinha trazido de casa para dar a elas e a caixa de chocolate que comprei para dar de presente de aniversário à Evandro. O menino ficou bastante contente com a "surpresa" e fez uma careta de quem estava diante de algo delicioso. Estava cada vez mais drogado, não conseguindo emitir som, embora contorcionasse expressivamente a boca, tentando falar. Estava com dificuldades na respiração, os gestos cada vez mais lentos e confusos. Os olhos esbugalhados alteravam drasticamente a expressão do seu rostinho bonito. Tataco parecia menos alterado pelos efeitos da cola. Escolheu para si uma calça comprida e uma camiseta, entre as roupas que eu trouxera. Vestiu-as por cima da roupa que usava.

Perguntei onde estava Ricardo. Vanessa disse que ele "ficou dormindo lá nos camelô", mas pediu que guardassem a "parte dele da cola" que depois ele viria buscar.

Vanessa ainda não tinha começado a aspirar a cola. Tentava conversar com o rapaz que não correspondia às suas investidas. O único momento em que ele esboçou movimento, foi quando abaixou-se para pegar uma calça jeans entre as roupas que eu espalhara pelo chão. Quase em seguida, com o dedo da mão em riste, ainda segurando a calça de encontro ao peito, apontou a porta aberta à Vanessa. O gesto teve a intenção de ser enérgico, mas o movimento saiu lerdo, lento. Achei

melhor levantar e começar a preparar a retirada, pois a situação estava bastante imprevisível. O rapaz poderia a qualquer momento ter uma reação violenta, inesperada, se não fosse atendido no que nos ordenava. Ele continuava de pé com aquele pedaço de pau na mão. O quarto pequeno, possuía uma única saída: a porta guardada por ele.

Evandro e Tataco não estavam aptos a qualquer reação de defesa se fosse necessário. Por isto, decidi ir saindo e chamei-os para vir junto. Antes, porém, numa última tentativa de diálogo com o rapaz, perguntei se ele iria ficar mesmo com a calça. Eu acreditava que ela não serviria nele e, no fundo, achei que não merecia nada de nós, já que foi tão pouco receptivo. Sugeri que ele a provasse para ver se servia. Mas, apertando ainda mais a roupa contra o peito, deu a entender que o assunto estava encerrado: ia ficar com a calça.

Sem mais demora, fomos saindo, um a um, sob os olhos dele. Tataco chamou a atenção de Evandro para que não esquecesse o seu "presente". Mas o menino, embora olhasse a caixa de chocolate esquecida no chão, não conseguia esboçar gesto para erguê-la. Tataco então pegou a caixa para ele. Vanessa saiu primeiro, mas na escada parou, deixando que passássemos por ela, de modo a poder voltar alguns degraus para falar com o jovem.

" Não precisa ser agressivo !" disse a ele, em tom de recriminação . Estava bastante chateada com o jovem por ele ter nos tratado daquela forma. Afinal, ela fora mostrar a "uma colega" um lugar que considerava "seu" também. Ele não tinha, segundo ela, o direito de nos mandar sair dali assim.

Pedi que ela deixasse o assunto "para lá", afinal eu já conhecera o quarto, e se tinha alguém dormindo nele, era melhor voltar outro dia.

Estávamos novamente no pátio cimentado nos fundos da casa. As crianças queriam entrar nela novamente, mas eu me recusei dizendo que iria ficar ali fora mesmo. Eles então decidiram ficar ali comigo. Antes, porém, Vanessa pediu aos meninos que "arrumassem" um saquinho de cola para ela também. Os dois entraram na casa e voltaram pouco depois com o que a menina pediu. Ela imediatamente começou a inalar a droga.

Pediram-me se podiam ouvir de novo as gravações feitas hoje de manhã. Sentamos em círculo no chão do pátio. Eu tinha a expectativa de fazer mais gravações. Achei que o estado em que se encontravam poderia facilitar o afloramento de declarações e confissões mais íntimas . Mas, infelizmente, não conseguiam sequer articular os pensamentos, muito menos as palavras. Tataco tentou responder a algumas perguntas. Vanessa pegou novamente o gravador e afastou-se de nós para falar, mas não conseguia se expressar e acabou desistindo. A cada vez que voltava para junto de nós, no entanto, vinha com alguma espécie de alucinação: alguém ou alguma coisa a estava sempre "perseguido". Tataco então, me disse que ia ter que ficar "tomando conta" dela e, a cada vez que a menina se afastava, ele ficava atento para que ela não se distanciasse muito.

Dei-lhes papel e lápis para que desenhassem o que "viam" sob o efeito da droga. Tataco e Vanessa aceitaram a proposta, mas Evandro continuou completamente alheio. Tentava com grande esforço, comer os bombons que lhe dei, mas seus movimentos estavam desarticulados. Dentro de pouco tempo o chocolate estava todo espalhado em volta dele sem que conseguisse comer um sequer. Tataco logo desistiu da proposta do desenho e Vanessa, tentando inicialmente desenhar a "casa branca", acabou por escrever uma lista, com a ajuda de Tataco, dos nomes de todos "os da rua" que cheiram cola. Escreveu uma dúzia de nomes e a meu pedido assinalou os que eu já conhecia e passou a falar sobre os que eu ainda não conhecia.

Evandro, a esta altura, já entrara novamente na casa e de vez em quando vinha até a porta da cozinha, chamar Vanessa. Pedia insistentemente que ela fosse ter com ele. Pelo seu tom de voz e a reação da menina, percebi que ele a chamava para um encontro sexual. Vanessa se recusava dizendo que "agora não, agora vou ficá aqui fora co' a tia".

Depois de algum tempo, surgem no pátio, duas garotas que deviam ter entre quinze e dezessete anos. Eu já havia visto uma delas esta manhã com um dos adolescentes que dormiam ontem na barraca dos camelôs. A outra mocinha eu nunca havia visto, mas Vanessa me diz, assim que a vê, que é ela a pessoa de quem me falava a pouco. Vanessa havia colocado o seu nome na lista "dos viciado" e se surpreende porque esqueceu de colocar o nome da outra menina. Sem cerimônias, escreve-o vagarosamente no papel, diante do ar surpreso das duas.

"Paraíba", a moça mais velha, se manifesta: "O que é que o meu nome tá fazendo aí?" Vanessa diz que está escrevendo o nome de "todo mundo que chera cola". Diante do ar insatisfeito da moça, digo que não precisa se preocupar e que pode ficar com a lista se quiser. Mas a garota relaxou as defesas, e, dando de ombros, disse que não se importava.

"Paraíba", nordestina, afirmou ter 17 anos. Bastante simpática e loquaz, sentou-se conosco e começou a conversar. Apesar de dizer que "também gostaria de cheirar um pouco de cola", a garota não estava tão ansiosa quanto sua companheira, Rosana, 14 anos. Rosana logo convenceu Tataco e Evandro a irem buscar uma "carinha" de cola da lata que haviam escondido lá em cima. O rosto de "Paraíba" iluminou-se quando descobriu que tinha uma "lata cheia lá em cima", mas permaneceu sentada, enquanto a outra seguia os rapazes para dentro da "casa branca" atrás da cola.

Vanessa queria que "Paraíba" também "falasse" em meu gravador, mas apesar da garota concordar, o gravador decidiu não funcionar. Então ligamos o rádio e ficamos conversando.

A recém-chegada, incentivada por mim, começou-me a contar sua vida. Disse que tinha vindo da Paraíba há uns seis meses por causa da dificuldade de arrumar emprego. Mas que já estava disposta a voltar para lá. Contou que na Paraíba também há muito tempo já não morava com os pais, vivendo pelas ruas da cidade, nos "mocós". Quando perguntei se havia arrumado algum emprego aqui, respondeu que não, porque não tinha os documentos necessários. Disse que gostava

muito de Florianópolis por aqui ser "bem mais calmo", mas que pensava em voltar para sua cidade porque aqui "quase não conheço ninguém que pode me ajudar".

"Paraíba", um ano depois, ainda em Florianópolis, teve seu primeiro filho. A criança, segundo ela, era filha de Goy (17), também "da rua", com quem "Paraíba" já fora "casada". Conheci o bebê numa tarde em que visitei as instalações provisórias do recém-inaugurado "Albergue". Paraíba e Vanessa conversavam num dos quartos, enquanto preparavam a criança para ser levada naquela mesma tarde, para a sua internação na FUCABEM.

Este era um fato preocupante. As "meninas de rua", já mocinhas, começavam a ter seus primeiros filhos. Filhos também de adolescentes de rua. As crianças já nasciam então, na rua. Uma outra adolescente de rua, grávida, voltou para a casa dos pais e teve seu filho lá. Mas a falta de condições e o despreparo das meninas para a maternidade, muito dificilmente manterá estas crianças em condições adequadas de guarda. Muito provavelmente logo estarão também nas ruas "fazendo dinheiro" com, ou para a mãe, como a família de Cecília vem fazendo há três gerações. Reportagens jornalísticas em todo o Brasil já vêm apontando, nos últimos três anos para este problema que chamam de "2ª geração de menores abandonados" ou "os bebês dos meninos de rua".

Desde que "Paraíba" chegou, Vanessa não parou de lhe fazer carinhos e lhe dizer coisas gentis, como :

- Paraíba como tu é linda! - alisando os cabelos da moça e pedindo:
- Me leva junto quando tu fôr embora?

A garota sorria, dizendo com carinho à Vanessa que não seria possível levá-la junto.

E, para mim, disse:

- Não sei porquê, ela me adora, sempre fica assim quando me vê...

Passado algum tempo, Vanessa começou a ficar preocupada com a demora dos meninos dentro da casa. Reclamou algumas vezes, e como não lhe déssemos atenção, decidi ir até lá para chamá-los. Dentro de pouco tempo, ela retorna, olhos arregalados, a boca aberta, quase sem ar, gesticulando muito e dizendo:

- Eu vi! Eu vi ! Ela tirô a calcinha ! Ela tirô a calcinha prá eles! Eu vi!

Fez uma pausa para retomar fôlego e continuou :

- Eu cheguei quando o Evandro ia subí nela...eu vi !

A menina parecia realmente escandalizada com a cena que presenciara entre o menino, seu "namorado", que até momentos atrás tentava convencê-la a entrar na casa com ele, e a menina Rosana.

Mal Vanessa termina de falar, Rosana sai correndo da casa, seguida por Evandro e Tataco que tentam retirar de suas mãos o saquinho de cola. Ela já estava bastante alterada pela droga, pois cambaleava e falava com dificuldade, num tom muito alto, brigando com os rapazes. Dizia que ia ficar com a cola, porque:

- ... ganhei ela tirando a calcinha prá vocês. Agora é minha !

Todo o clima de tranquilidade em que passáramos praticamente todo o dia havia se quebrado. Uma grande confusão se instalou. Vanessa, escandalizada, não parava de dizer que "vi tudo" e dirigia-se a Evandro em tom vingativo, dizendo que :

- Deu, Evandro, deu!... não chega nunca mais..!

Achei curiosa aquela sua revolta já que ela mesma deixara um desconhecido tirar-lhe a calcinha pelo mesmo motivo que Rosana. E, na ocasião, Evandro também estava presente.

Rosana girava em torno do pátio, gritando que a cola era dela, enquanto os meninos esforçavam-se para tentar tirar o saquinho de suas mãos. Como a garota era bem mais alta que eles, ficavam pulando ao redor dela, tentando alcançar o saco que ela mantinha em torno da boca, aspirando. Rosana pede à "Paraíba" que intervenha na briga a seu favor. A moça diz à amiga que então, primeiro quer dar uma "cheradinha também". Rosana lhe passa o saquinho por sobre a cabeça dos meninos e pede que eu lhes diga de quem é a cola, insistindo na versão de que os rapazes haviam prometido lhe dar o saquinho se ela tirasse a roupa. "Paraíba" ordena a Tataco que conte " a verdade" e ele acaba confessando o acordo que fizeram com Rosana: a cola seria dela se tirasse a roupa para eles, mas como Vanessa chegou " na hora", não deu tempo para fazer o que queriam. Rosana intervém e diz que o acordo era "só tirá a ropa" e que isto ela havia feito.

A certa altura da discussão, Rosana que era fisicamente bastante superior aos meninos, dá um empurrão em Tataco e o lança com força contra a parede da casa. O clima de tensão aumenta e "Paraíba" tenta segurar a amiga para que se acalme. Vanessa, em represália aos meninos, passa a lata de cola que estava em poder deles, para "Paraíba". Os meninos então, voltam-se contra esta, tentando recuperar a lata que, segundo Tataco, era de Ricardo. Tataco diz à Vanessa que seu irmão "vai ficá uma fera" com ela. A menina dá de ombros, aparentemente vingada da "traição" sofrida. "Paraíba" começa também a alterar-se devido à aspiração da cola. De mediadora do conflito, passa a ser agressiva com os meninos que estão em desvantagem física.

A confusão é geral e eu fico apenas observando... Desagrada-me ver Rosana bater nos meninos. Parece-me que foi ela que iniciou a confusão. É a mais alterada, cambaleando e gritando muito. Em um certo momento, ainda agarrada ao saquinho de cola, atira-se contra uma das paredes da casa, batendo com as duas mãos e dizendo:

- A casa tá pegando fogo !

Tataco simula "entrar" na alucinação da menina, e se põe a ajudá-la a "apagar o fogo", batendo também com as mãos na parede, no local indicado por ela. A menina "vê o fogo"

iniciar ainda por uma ou duas vezes e, depois de "apagá-lo" com as mãos, sempre auxiliada por Tataco, se tranquiliza. O menino, ao se lançar "contra as chamas", sorria e piscava um olho para nós.

Dentro de pouco tempo, os ânimos acalmados, decidem ir para dentro da "casa branca". Vanessa diz que não vai. Ela ainda não perdoou os meninos pela cena que assistiu. E diz que :

- Vô embora co'a tia .

Fiquei surpresa, porque não havia dito que queria ir embora, mas como ela me tomou decididamente pelo braço e foi me levando para a parte da frente da casa, deixei que me guiasse. Sei que está magoada com os meninos e decido ir com ela. Mas, alguns metros adiante, ela estanca os passos, fica na ponta dos pés e, me dando um beijo estalado no rosto, diz:

- Tchau, tia ... té manhã.

Ela me pegou desprevenida e aí percebo que me usou para fazer "pirraça" a Evandro, fazendo de conta que ia deixá-lo sozinho. Como ela se afasta correndo em direção à casa, fico sem jeito de ir atrás. Não sei se foi só uma brincadeira com os colegas, ou se queria mesmo livrar-se de mim. Sei que me "dispensou" com a maior desenvoltura. Decido então, deixá-los à vontade. Afinal estava com o grupo desde cedo e já começava a escurecer. Penso em ir embora e encontrá-los mais tarde novamente. Eu descia à calçada da rua, pelo buraco aberto na grade do jardim, quando vi Ricardo atravessando a rua na direção da casa.

Com ele estavam dois meninos que não consegui identificar, pois tinham os rostos encobertos por capuzes improvisados com as camisetas. Eles vinham andando rapidamente e ouviam com atenção alguma coisa que Ricardo lhes contava. Fiquei indecisa entre seguir indo embora, ou "pegar uma carona" com os meninos para voltar ao "mocó".

Chamei a atenção de Ricardo que não havia me visto e tento entabular conversa com ele. Perguntei onde estava até agora e aonde ia com tanta pressa. Mas ele não responde às perguntas, demonstrando pressa em entrar logo no jardim da casa. Digo então que "o pessoal está lá". Somente aí ele parece me ouvir e pergunta: "Quem ?" Mas nem espera pela resposta, enfiando-se rapidamente pelo buraco na grade do jardim, atrás dos companheiros encapuzados.

Novamente sozinha, vou para casa. São seis da tarde. Saio novamente por volta das oito, ao enalço das crianças, mas não as encontro nas ruas do centro, e nem na Beira-Mar, como nas últimas noites.

Dia seguinte, à tarde, na feira da pracinha Fernando Machado:

Vanessa encontra-se com Cecília e amigas, que também se dizem "ex-meninas de rua". Antes, quando havia perguntado às moças pela turma de crianças, me informaram que "tá todo mundo no CAP, porque pegaram eles cherando cola ontem de noite." Então, o final da "festa" na

"casa branca" foi o recolhimento de todos pelos policiais da ronda noturna. Por isso não os localizei na noite passada nos lugares habituais.

Esta tarde, Vanessa havia ido "pedir" com o bebê de Cecília no colo. Agora, entregava-lhe o dinheiro e a criança. Cecília pega o dinheiro, conta, e dá uma parte à menina que parece ansiosa para desembaraçar-se do bebê. Com o rosto vermelho e transpirando muito, Vanessa parece outra: está com roupas limpas, calçada, cabelos penteados e um recente curativo no dedão do pé. Chamei-a, mas ela mal me olha quando a cumprimento. Parece até que nem me conhece. Não lembra em nada a menina maltrapilha rescendendo à cola, que se despediu de mim com um beijo carinhoso, ontem à tarde.

Mesmo um tanto sem-graça com a sua indiferença, tento fazer com que ela fale sobre o que aconteceu depois que os deixei na "casa branca" ao anoitecer. Quero saber sobre o recolhimento pela polícia e de que forma ela já estava novamente na rua. Mas ela parece pouco disposta a falar comigo, e só me diz, rapidamente, que foram presos depois que saíram da "casa branca" e ficaram "rateando" pelas ruas. Quanto às roupas limpas, disse que tomou um banho e trocou de roupa "no CAP", que foi "liberada" hoje de manhã, mas que ia voltar para lá hoje no final da tarde, às cinco e meia. Perguntei se ia voltar por livre e espontânea vontade ou se era obrigada a isto, e ela respondeu que ia voltar porque queria e porque seus irmãos Ricardo e Nêgo também estavam lá. Quase em seguida, afastou-se. Eu fiquei por ali para ver se encontrava mais alguém da turma que pudesse me falar sobre o ocorrido ontem.

Passado pouco tempo, Tataco aparece na pracinha e se põe a fumar displicentemente um cigarro, bem à minha frente. De costas para mim, fingia não ter me visto. Chamei-o e ele vem falar comigo imediatamente. Perguntei se ele também estivera no CAP e ele disse que sim, que "todo mundo" tinha ido para lá, menos Rosana e "Paraíba", que tinham ido embora antes. Perguntei sobre o episódio da polícia. Ele diz que tentaram resistir, mas que estavam "muito rateados" e não conseguiram escapar. Disse que Vanessa até se machucou, na tentativa de fugir. Isto explica o curativo em seu pé. Perguntei onde tudo tinha acontecido, e ele disse que no Estreito. Contou que atravessaram a ponte Hercílio Luz à pé, cheirando cola, e quando chegaram do outro lado, a polícia "veio atrás". Perguntei se também ia voltar para o CAP, e ele disse que não, que foi liberado hoje pela manhã e que Ricardo e Vanessa "escolheram ficar mais tempo lá".

Enquanto conversava com Tataco, avistei Ricardo e seu irmão Nêgo chegando na pracinha. Nêgo está com a cabeça raspada. As crianças já haviam me contado que a polícia espalhou cola em seu cabelo quando o pegou "cheirando" um outro dia. Ricardo e Nêgo parecem muito apressados, como se tivessem algo urgente a fazer. Com medo de perdê-los, pergunto se querem lancha comigo. Ficam indecisos. Ricardo diz que hoje não tem dinheiro. Falo que é um convite. Tataco se entusiasma e, lembrando do almoço de ontem, diz a Nêgo que "foi bem legal". Ricardo também incentiva o irmão a aceitar o convite.

Vamos ao mesmo restaurante de ontem. No caminho tento puxar conversa com Nêgo. Ele sempre me deu a impressão de ser arredoio ao tipo de trabalho que faço, e por isto vou com calma. Não deixo transparecer de uma só vez, todo o interesse que tenho na aproximação com ele. Além de ser irmão de Vanessa e Ricardo, tenho percebido que possui certa influência sobre as outras crianças na rua. Acredito mesmo que tenha alguma liderança sobre a turma que acompanho, ainda que ninguém o admita abertamente. Como Ricardo, Nêgo "é bom de briga". Pergunto, inicialmente, porque esteve sumido do centro da cidade todo este tempo, dando a entender que a sua "ausência" se fizera notar. Ele me responde que estava "recolhido" no Cap e que ele e os irmãos, Vanessa e Ricardo, estavam sob o regime de "liberdade assistida" do Juizado de Menores. Ele me explicou que "liberdade assistida" significava que podiam ficar durante o dia na rua, e de noite ir dormir no CAP. Perguntei se gostava deste esquema. Ele respondeu, com ar entediado:

- Aqui na cidade não tem nada memo prá fazê... hoje, por exemplo, só vim arrumá um maço de cigarro e vou voltá prá lá as cinco e meia.

Tanto ele quanto Ricardo estavam com roupas limpas. O jeans de Ricardo tinha um enorme carimbo do CAP. Perto do restaurante, Nêgo teve a mesma reação dos outros, ontem, e disse ao irmão:

- Mas tu sabe que ali eles não deixam nós entrá... - e já se dispunha a voltar, quando Ricardo, confiante, disse:

- Co' a tia a gente entra.

O funcionário que distribui fichas na porta do restaurante, tentou novamente impedir a passagem com o próprio corpo. Tataco e Ricardo esperaram eu passar á frente para falar com o funcionário. Entramos sem mais problemas. Não arnei uma discussão com o homem, por dois motivos: sabia que ele cumpria ordens e sabia que mesmo que eu levasse a melhor na discussão hoje, nada impediria que amanhã, ao tentarem entrar no restaurante sozinhos, fossem barrados novamente.

Pedimos salada de frutas e pão de queijo. Comemos devagar, conversando. Eu queria muito que Nêgo sentisse que eu era uma pessoa amiga e que já desfrutava da confiança de seus irmãos e colegas. Por isso, puxei conversa com Ricardo e Tataco, sobre o dia de ontem. Eles passaram a falar com entusiasmo de nossas andanças pela cidade, sobre o aniversário de Evandro, a ida à "casa branca", as "bombinhas" no Aterro, o almoço aqui, etc. Tataco e Ricardo, não sei bem porque motivo, referiram-se a Evandro de uma maneira bastante negativa. Dizendo que ele não era "de fé", que era "furão". Tataco, lamentando aos dois irmãos que ele fosse o namorado da "irmã de vocês" afirmou que Vanessa, que para ele "é como uma irmã", merecia "coisa melhor". Ricardo concordou.

De repente percebi que a mão de Nêgo estava enfaixada. Perguntei o que é que havia acontecido. Ele me disse que se machucou com o soco que deu "na cara" da Rosana ontem, "lá na casa branca". Apressou-se em dizer que ela tinha ficado com a "boca inchada". Fazia questão de

afirmar que o ferimento dela era bem pior que o seu. Perguntei a que horas ele havia estado na "casa branca", já que eu passara a tarde lá, e não o havia visto. Ricardo diz que encontraram comigo quando eu estava indo embora. Lembrei do encontro com Ricardo e os meninos encapuzados. Nêgo, então, era um deles. Agora eu entendia a razão do turbante: era para esconder a cabeça completamente raspada na retaliação policial. Perguntei quem era o outro. Me disseram que era Renato, um amigo deles, também "careca".

Rosana havia se "dado mal", então, com toda aquela confusão que criou por causa da cola. E Nêgo, certamente, reafirmado sua fama de "brigador". Sendo fisicamente inferior à garota, conseguiu no entanto, acertar-lhe um soco na boca. Nêgo não admitiu que Rosana quisesse ficar com a cola que era de Ricardo e que ele e o amigo Renato tinham vindo cheirar também. Por isto bateu na garota, ou, segundo ele:

- Toquei-lhe a mão na cara, pr'ela deixá de perturbá.

Tive de concordar que a menina estava "de folga" (fazendo provocações) e parecendo mesmo afim de briga. Conversando sobre o fato de serem em tantos irmãos na rua, Nêgo disse que "ainda tem mais um": Teco, seu irmão mais velho, de dezesseis anos. Mas acrescentou que ele já está "um tempão no Centro Piloto" e que "esse não sai mais de lá".

7.1 A "visagem" e a "rateação"

A primeira vez em que observei as crianças cheirando cola, era madrugada e estavam numa pracinha da Beira-Mar Norte. Vi que eles não "cheiram" a cola, eles a aspiram com a boca. Sopram o saco plástico, como se fosse um balão de aniversário, e em seguida puxam com força e de uma só vez, todo o ar, aspirando junto com ele a resina amarela. Todos naquela noite tinham um saquinho com cola dentro. Fediam à distância. Alguns enfiavam o saco por dentro da roupa, pelas mangas ou na gola da blusa, de forma a disfarçar a inalação. Outros a inalavam abertamente. Todos mexiam o tempo todo no saco plástico, abrindo, fechando, espremendo a cola para baixo, pondo o saco na boca. Ricardo é quem parecia mais afetado pelo uso da droga. Estava com a fala arrastada, raciocínio lento, falava imitando um personagem humorístico da televisão. Em certo momento, Leninha e Vanessa, as únicas meninas do bando, decidem afastar-se, indo sentar na calçada do outro lado da praça, sob um abrigo de ônibus.

Fui atrás delas e sentei-me ao seu lado. Fiquei observando-as, de forma indireta. Vanessa estava bastante "alta". E não era para menos. Elas disseram que estavam "cheirando sem

parar" desde o entardecer. Perguntei se haviam comido alguma coisa e responderam que não lembravam. Depois de algum silêncio, Vanessa teve uma "visagem". O termo, que é uma mistura de "visão" com "miragem", significa ter uma alucinação provocada pela droga⁴⁵.

17.05.91. Beira-Mar Norte. Vanessa, com os olhos muito brilhantes e uma expressão distante, como se me falasse mas não me visse, disse para mim prestar atenção na "teia de aranha" que havia na nossa frente. Ela apontava a parede de um prédio em construção do outro lado da rua. Fazia gestos com a mão direita erguida à frente, enquanto com a outra segurava o saquinho de cola. A mão em forma de concha, desenhava círculos no ar. Insistia para que eu olhasse:

-...a teia na nossa frente e a aranha que tá nela...

Leninha olhava entretida o desempenho da amiga. Vanessa veio trazendo a mão cada vez mais para perto de mim até que de repente seu rosto se iluminou, enquanto gritava:

-Ali! Ali! Viu a aranha? Bem nos teus cabelos! E bateu com a mão em minha cabeça como que para retirar o inseto.

Foi um gesto suave e enérgico ao mesmo tempo, para me livrar do "perigo". Mesmo assim, assustei-me levemente. Não sei se devido à convicção estampada em seu rosto ou ao movimento de sua mão em direção a mim. Sei que sacudi com força a cabeça. Será que para retirar a "aranha" de meus cabelos...? Leninha gritou que também tinha visto, e que a aranha subiu a coluna do abrigo de ônibus, bem atrás de mim. Vanessa ficou satisfeita com o apoio da amiga e as duas pareceram muito satisfeitas por terem "visto" ou "feito aquilo".

Em outras ocasiões, pude presenciar dois ou mais garotos, de porte de seus saquinhos com cola, reunirem-se para "ver" certas coisas que um deles afirmava já ter visto numa alucinação. Assim, dragões, diabos, sereias, cobras e outros "bichos" eram "vistos" e, toda vez que conseguiam uma "visagem" em conjunto, era a euforia total, a embriaguez completa, era Dioniso mostrando sua cara.

Há muitas atrações e "vantagens" que o ambiente livre e desregrado da rua oferece às crianças com problemas em casa. O fácil acesso à drogas é certamente um destes fascínios. Eis aí um motivo que arrastava as crianças de dentro das casas ou das instituições de atendimento para o encontro na rua : a "cola de sapateiro". A droga preferida por dez entre dez crianças aqui investigadas.

⁴⁵ Os principais efeitos agudos dos solventes (cola de sapateiro) são caracterizados por uma depressão do sistema nervoso central., depois de nas fases iniciais, induzir a um estado de euforia e excitação. Para um determinado número de usuários, os solventes produzem também processos do tipo delirante, ilusórios e/ou alucinatorios.(cf. Masur e Carlini, 1989)

Para a maioria destas crianças, na verdade, a vida na rua e o uso da "cola" são indissociáveis. Já assim o entendem as "outras" crianças: aquelas que esmolam ou trabalham na rua mas que voltam para casa no final do dia. Se for perguntado, como fiz muitas vezes, ao pequeno pedinte ou ao pequeno trabalhador, porque não se considera "menino da rua", eles invariavelmente tinham entre suas razões, o fato de "não cheirar cola". Esta era uma "diferença" crucial entre eles, além das que já citei alhures: dormir em casa e não roubar.

O uso da cola de sapateiro pelas crianças que dormem na rua está profundamente associado ao seu "estilo de vida"⁴⁶. Tanto que, para os informantes, o uso da cola e a permanência na rua, são substantivados de forma idêntica. Para eles, ambos, - a cola e a rua - são considerados "um vício". Algo do qual não conseguem se libertar e que está profundamente interligado. Sabem que é um "mal" que lhes dá muito "prazer".

Segundo Vogel (1991) "Não é infundado supor que o ato de 'cheirar cola' seja emblemático da condição de menino de rua, constituindo-se talvez, em um dos mais importantes princípios de afiliação a esse tipo de grupo." (p.144)

Vanessa, na primeira declaração gravada que me fez, assim se identificou :

"Meu nome é Van. Tenho... doze anos, (...) sou de rua, chero cola, fumo cigarro... eu chero cola porque eu quero. Nunca, nunca apliquei...nunca...ah, baseado já fumei, um dia só, lá no morro do Mocotó, com o marido da, o nome dele é"

A menina ao se identificar como "da rua" imediatamente cita os "vícios" que o fato de ser "da rua" lhe permite : cheirar cola, fumar cigarro, fumar maconha. Da primeira vez em que conversamos, embora não tenha gravado seu depoimento, o discurso foi idêntico: sou de rua, não me "pico", mas cheiro cola e fumo cigarro.

Entre as crianças e adolescentes que investiguei, havia um notável empenho diário na aquisição da droga (quase que exclusivamente a cola de sapateiro). Quando em bando, todos "batalhavam" o dinheiro para "inteirar" a compra. Geralmente conseguiam-no pedindo aos transeuntes, mas também furtavam objetos em lojas para serem vendidos e o dinheiro aplicado igualmente na compra da cola. Havia uma movimentação constante e frenética então. Muitas vezes, iniciavam a "coleta" do dinheiro na noite e madrugada anteriores para, no dia seguinte, efetuarem a compra. Quando não juntavam o suficiente na noite, acordavam no dia seguinte já

⁴⁶ Um estudo comparativo sobre o uso de drogas entre "meninos de rua", "menores internados" e "estudantes de primeiro e segundo grau", todos de baixa renda, observa que o consumo de solventes entre os meninos de rua e os internados, não somente foi maior do que o dos estudantes, como também apresentou "um padrão de uso distinto". Enquanto que para os estudantes o uso da droga ocorreu principalmente em suas próprias casas e solitariamente, caracterizando-se pela "utilização experimental de produtos" disponíveis no ambiente, nas outras duas populações " ela apareceu como um fenômeno grupal, crônico e de rua" sendo os produtos adquiridos intencionalmente para fins de inalação. (Carlini-Cotrim e Carlini,1987)

dispostos a "inteirar" o dinheiro. Depois de conseguido a quantia suficiente para a compra, começava uma outra busca: conseguir alguém que lhes fizesse a compra da droga. Isto quando o "canal" (o traficante de cola) não estava à mão. Os "traficantes" de cola de sapateiro eram geralmente adultos mendigos, alcoólatras, mulheres pedintes que dividiam com as crianças o espaço da Fernando Machado, do Aterro da Baía Sul, da Praça XV.

Conseguida a droga, tratavam então de esconder-se para cheirá-la, quando estavam em bando. Senão, bastava que os dois ou três companheiros, "andando juntos", camuflassem os saquinhos de cola sob as roupas para aspirá-la sem chamar a atenção dos transeuntes. Assim, usando a droga, flanavam pela cidade a pé ou de ônibus, escondiam-se por entre os arbustos da Praça XV. Quando em bando, procuravam o mocó da "casa branca", o "castelinho" no Aterro, ou qualquer outro lugar isolado como uma praia ou um terreno baldio.

Entre meus pesquisados, a cola corria solta. Mas nunca observei nenhum caso de "pressão" sobre membro do grupo para que a usasse. Pelo contrário, os que tinham a cola, geralmente recusavam-se a reparti-la com os que vinham pedir uma "carinha". Admitiam que só usassem a cola, aqueles que haviam "batalhado" a compra. Quando os que não haviam participado da "inteiração" ou da "batalha" para a compra da cola, queriam cheirar também, geralmente os "donos" da lata não cediam o produto. As exceções eram para os casos de uma forte amizade e somente se a reciprocidade estivesse garantida. Geralmente o comportamento sobre a cola era o de avareza e parcimônia⁴⁷. O "dono" da lata - aquele que havia dado mais dinheiro para a compra - era quem servia os saquinhos dos colegas com a substância fresca, na quantidade e regularidade estabelecidas por ele. Geralmente, na turma que eu acompanhava, os "donos" da lata eram Nêgo e Ricardo:

Aterro da Baía Sul, 21.06.91, final de tarde. Reunidos no "castelinho" estão os irmãos Silva, os irmão Rocha, Tataco, Rosana, Peninha e mais um garoto que não conheço e que logo vai embora. Nêgo e Ricardo, com uma lata de cola, dividiam-na parcimoniosamente com Tataco. Permitiam, de vez em quando, que ele "cheirasse" de um de seus saquinhos. Os outros, com exceção de Jorge que "não cheirava", estavam ali na "fissura". Os irmão Rocha não queriam dividir a droga com ninguém, porque tinham-na "batalhado" sozinhos. Raul e Bauru, seus "primos", insistiam. Até que Nêgo, enfática e terminantemente disse:

- E se eu não tivesse a cola, vocês não iam batalhar?

- Ia - Respondeu Raul.

⁴⁷ Martins(1992:76) observa que, tendo "por hábito ou vício o consumo de drogas, como a maconha, a cola, o esmalte, o xarope" as meninas de rua de Goiânia drogam-se sempre em grupo, "partilhando cada saquinho de cola, cada gota de Eritós" (xarope). O comportamento em relação a esta "partilha" da droga, difere frontalmente com o dos sujeitos que investiguei.

- Pois, então! Vão à luta - Retrucou Nêgo, encerrando assunto.

Assim que Nêgo recusou de vez dar-lhes um pouco da droga, Raul passou a procurar alguém que fosse com ele até a Panvel. Ninguém quis. Ele então foi sozinho à farmácia, defronte à Pça. XV. Vinte minutos depois voltou com dois tubos de shampoo sob o blusão. Mostra ao pessoal que faz a avaliação. Raul já retirara o preço: 198,00 cruzeiros casa um. Decidem que dá para vender os dois por trezentos. É o suficiente para comprar uma lata de cola como a que Nêgo e Ricardo têm. Raul se afasta novamente para vender a mercadoria. Quando volta, entrega o dinheiro a Peninha, que é o maior ali da turma. Ele tenta disfarçar para que eu não saiba que é quem vai fazer a compra pois, momentos antes me afirmara "que não compro mais cola pros pivetes". Mas vai, e na volta, entrega a lata a Raul que age idêntico a Nêgo: diz que só divide a droga com Peninha que "batalhou" com ele. Não quer dar nem para o irmão, Bauru, nem para Rosana, pois não foram "à luta". Peninha é quem acaba cedendo cola aos dois, o que provoca uma discussão com Raul que é o "dono" daquela lata.

A aquisição da cola era uma atividade para o qual desempenhavam bastante esforço. Creio que era a atividade em que mais os percebia atuando em conjunto. Dormir, comer, passear, furtar, eram atividades que até podiam ser feitas individualmente, mas "cheirar cola" implicava na relação com pelo menos mais um companheiro⁴⁸. Talvez por motivos práticos: era cara e necessitava intermediários na compra. Um ou mais companheiros juntariam em menos tempo que o indivíduo sozinho, a quantia necessária para a compra. Depois, havia a "caça" ao intermediário que também requisitava esforço e negociação. Além destes aspectos práticos, no entanto, acredito que havia algo mais na "necessidade" de juntarem-se para cheirar a cola.

Este, acredito, é o seu aspecto lúdico. Pode parecer perverso, contraditório, ver no uso de drogas um divertimento, uma brincadeira infantil. Mas a cola faz, sem dúvida, parte dos "jogos" destas crianças na rua. Enquanto desfrutavam da droga, geralmente se dedicavam às brincadeiras, à conversa ampla com o grupo, a narração de "casos" (narrativa de brigas ou furtos) e a gozação generalizada. Foi o que percebi nas diversas vezes em que presenciei "sessões coletivas" do uso da cola. Vejamos certa noite...

Aterro da Baía Sul, 30.05.91, feriado de Corpus Christi. Uma hora da manhã, Nael e Peninha, no meio da roda formada pelas crianças, vão de um lado para o outro, tentando pegar os saquinhos que os pequenos lançam por sobre suas cabeças, uns para os outros. Como se fosse a

⁴⁸ Lecznieski também observa que entre a turma de engraxates que investigou em Porto Alegre, "Uma primeira característica apontada pelos garotos que falam sobre drogas é que trata-se de uma atividade feita sempre em grupo, jamais isoladamente."(1992:102)

brincadeira do "João Bobo", com outro tipo de "bola". A cena é tragicômica. Os dois rapazes estão "rateados" demais para conseguir pegar o que desejam e são motivo de riso e muita diversão para a garotada impiedosa. Em certo momento Nael e Peninha chegam a andar de joelhos e, em um outro, de quatro, procurando um saquinho que caiu no chão. Depois arrastam-se de um arbusto ao outro, tentando encontrar o esconderijo de uma lata de cola que os meninos afirmam ter "mocoçado" por ali. Os meninos dão falsas pistas e riem a valer. Nael e Peninha os xingam durante todo o tempo, com a voz arrastada dos drogados : - Regulão ! - é o xingamento mais ouvido⁴⁹. Ameaçam "dar um pau" nos garotos. Eles não acreditam e continuam a provocação. Nael jura a um dos meninos nunca mais emprestar ou dividir seu cobertor com ele. Apesar das ameaças, dos empurrões, da perseguição encenada pelos dois rapazes, dá para sentir que nada daquilo é "a sério". Os maiores poderiam, se quisessem, conseguir a cola à força, já que são fisicamente superiores. Por vezes chegam a segurar um dos pequenos entre os braços, mas ao invés de lhe tirar a droga, continuam pedindo que a "empreste um pouquinho". Dá para perceber que apesar da aparente zanga dos maiores, eles não machucarão os pequenos. Os garotos parecem saber disso e prolongam a brincadeira ao máximo, exasperando Nael e Peninha. Já passam das duas horas quando os dois desistem da cola e dizem que vão dormir. Antes de afastar-se porém, Nael jura mais uma vez ao menino nunca mais dormir com ele ou emprestar-lhe o cobertor quando estiver frio. O garoto, aquele que Nael afirmava ser seu "filho" na rua, dá de ombros.

Havia também a afluência de uma certa eroticidade, de um jogo sexual, aliado ao uso da cola. A menina Maria afirma isto já no nosso primeiro encontro. Diz que quando estão "rateadas" (sob o efeito da cola) os rapazes que estão com elas "aproveitam para lhes agarrar". No relato maior, o menino Evandro, apesar de aparentemente sem coordenação motora (não conseguia falar nem pegar ou segurar objetos) fica insistindo para que Vanessa entre com ele no casarão. Como ela não vai, ele seduz uma outra menina que aparece em busca da droga. Diz que só lhe dará a cola se "tirar a calcinha" para ele. Vanessa é testemunha de que Evandro "ia subir" em Rosana já despida, quando flagrou-os no interior do "mocó".

As meninas, por seu lado, no afã de conseguirem um pouco da droga, não hesitam em ceder o corpo em troca dela. Rosana procedeu assim no relato acima, e Vanessa, embora demonstrasse indignação com a cena assistida, agiu ela mesma, de forma idêntica no caso em que um homem exigiu que ela fosse, em troca de uma lata de cola, sozinha com ele "para trás de uma pedra" numa praia em que o grupo cheirava cola.

⁴⁹ "Regulão" é aquele que "regula", que não dá ou não empresta suas coisas, que não sabe dividir; é o mesmo que "fominha", mesquinho, "unha de fome", etc.

Este aspecto lúdico/erótico está também evidenciado na tarde em que Ricardo, Nêgo e Tataco dividiam uma lata de cola. Os primeiros recusavam-se a dividi-la com o resto da turma, mas quando Raul "batalhou" sua própria lata e Peninha acabou por "liberá-la" aos demais, as brincadeiras e conversas antes só realizadas pelos três que cheiravam a droga, generalizaram-se:

Quando cheguei, Nêgo ouvia sorrindo, atentamente, uma história que Ricardo lhe contava. Era sobre uma briga da qual saíra vitorioso. Tataco é quem me recebe e se aconchega a mim. Está especialmente carinhoso e carente. Os meninos permaneceram toda o resto da tarde cheirando cola e brincando. Faziam-se gozações, provocavam-se, simulavam brigas, disputavam chineladas em dupla, contavam histórias de brigas "reais". Nêgo e Tataco, embora todo o grupo já estivesse sintonizado, mantinham-se a dois. Estavam cheirando há mais tempo e já estavam bastante "altos". Sentados pertinho um do outro, no chão do "castelinho", riam muito e por qualquer ou nenhum motivo visível. Estavam em alta sintonia. Houve um momento em que se puseram a observar e rir das próprias sombras projetadas no muro de cimento. Riam, riam, abraçavam-se, rolavam no chão, abraçavam-se novamente e, em certo momento do êxtase, Tataco dá uma espécie de "chupão" no pescoço de Nêgo. Como se não houvesse resistido à extrema proximidade e bom-humor (raro) do companheiro. Aparentemente, ninguém se surpreendeu com aquela desenfreada demonstração de "paixão". Nem mesmo Nêgo, que pareceu não tê-la percebido.

Com relação ao uso de drogas, há uma clara distinção entre os romances "de ficção" e os de "confissão" (autobiografias) aqui analisados. Nos primeiros há um silêncio absoluto a respeito. Em Oliver Twist este silêncio é compreensível pela época em que foi escrito, mas em Capitães da Areia e, principalmente, A Infância dos Mortos, isto aproxima-se da irrealidade, apesar do estilo "realista" dos dois romances.

A Infância dos Mortos, por ser mais recente, tem um silêncio ainda mais inverossímil. Às vezes, beira a pieguice, como a passagem em que Dito, quinze anos, não ousa pedir bebida alcoólica em um bar, porque "sabe" que o comerciante não venderia a um menor de idade. Nas adaptações que ambos os romances sofreram para o cinema e a televisão, os roteiristas "corrigem" este silêncio sobre as drogas, de modo a aproximar mais da realidade das ruas, as trajetórias de "Pixote" e dos "Capitães da Areia".

Nas autobiografias, os depoimentos das ex-crianças de rua apontam para o lado oposto ao da ficção. Herzer, Collen e Choukri nos dão impressionantes depoimentos neste sentido. Todos conheceram bebidas alcoólicas e drogas desde cedo na infância. Herzer e Choukri eram adeptos das drogas. Choukri de forma mais esporádica e casual. Herzer de forma constante e quase diária. O alcoolismo e o uso de drogas, acabou por se tornar um dos principais motivos de sua internação em instituições de atendimento. Era um dependente. Collen afirma nunca ter sido

usuário de drogas, mas que sempre esteve em contato com elas na turma da rua. Conta que uma de suas dificuldades junto ao grupo era justamente o fato de não ser "viciado". A droga fazia parte do ethos da turma. Não usá-la era correr o risco de ser tachado de "laranja" (iniciante da vida na rua) e desprezado pelos demais. Assim, costumava fingir-se já drogado, ou fisicamente impedido de usar (simulava doenças no pulmão, cabeça, etc), para poder escapar ao assédio dos companheiros. É testemunha da assiduidade com que estes usavam a cola de sapateiro e a facilidade com que a droga era adquirida no comércio local, pelas próprias crianças⁵⁰.

A imprensa brasileira nos últimos anos não deixa dúvidas sobre o hábito disseminado entre os chamados "meninos de rua" de usar todo tipo de droga a seu alcance: cola, esmalte, xaropes, comprimidos, querosene e, mais recentemente, o crack. O livro-denúncia de Carvalho(1991) e Medeiros(1992) sobre as "histórias dos meninos de rua", também apontam com veemência este problema.

Fischer-Ferreira(1979) em seu trabalho sobre "expectativas e valores" de meninos de rua em São Paulo, embora não tenha dado qualquer destaque à dimensão do problema na época em realizou a investigação, confirma que havia entre seus entrevistados uma "ambivalência" em relação ao uso de drogas. Valorizado e geralmente preconizado pela turma ao mesmo tempo que proscrito e estigmatizado pela sociedade envolvente, o uso de drogas era assumido ou não, por seus entrevistados, dependendo do contexto em que se desse a confissão. Essa ambivalência apontada pela autora é semelhante a que é narrada por Collen em sua autobiografia. Vivendo na Praça da Sé, onde precisava da convivência com o grupo, tinha que aceitar suas normas para ser aceito, mas, ao mesmo tempo, opor-se a estas regras para não sentir-se de todo excluído da sociedade mais ampla. Neste sentido de pressão exercida pelo grupo para que todos os membros usassem droga, Lecznieski também observou que "Compartilhar ou não as conversas e o uso de drogas demarca distinções internas no grupo"(Lecznieski,1992:102). O garotos que não eram favoráveis ao uso ou às conversas sobre drogas eram xingados e menosprezados pelo grupo. Um dos recursos usados pelos não-adeptos, para escapar ao julgamento da turma era, segundo esta autora, alegar doenças que impossibilitassem o uso da droga ou "experimentar" ao menos, para não mais ser acusado de desconhecer a "sensação".

Em campo, nunca testemunhei este tipo de "pressão interna" do grupo sobre os membros no tocante ao uso da cola. Certa vez, presenciei na verdade, algo inusitado em relação a isto, se levarmos em conta as informações da literatura consultada.

O episódio deu-se entre Tonho Grande e Nêgo numa noite em que um grupo de meninos cheirava cola no Aterro da Baía Sul. Tonho manifestou nesta noite, excepcionalmente,

⁵⁰ Caiafa (1985) a respeito de uma música punk chamada "Now I wanna sniff some glue" comenta que "a cola é a droga mais barata e de fácil acesso para os meninos." (p. 33)

"vontade de cheirar" também. Mas Nêgo não deixava. O menino queixou-se a mim. Perguntei a Nêgo o motivo da proibição. Ele, assumindo uma atitude protetora e paternalista, disse que era porque Tonho "ainda" não era viciado e que era "pro seu próprio bem". E passou a discursar, de forma clara e didática, sobre os prejuízos que a droga causava aos "viciados", lamentando o fato de não conseguir largar de tão poderoso "mal"⁵¹. Passado o surto demagógico, no entanto, permitiu que Tonho usasse a cola de seu saquinho, mas sob a sua supervisão, para que o menino não "cheirasse demais"⁵².

Algumas pesquisas acadêmicas sobre o modo de vida de meninos de rua e, mais comumente, artigos jornalísticos apontam para o uso de drogas por menores de rua, como uma forma encontrada por estas crianças de encontrarem "forças" para o enfrentamento do cotidiano vivido nas ruas, e de criarem "coragem" para a realização de certas atividades que implicam perigo e ousadia como o roubo, o furto, o assalto. Assim entende especialmente Vogel(1991:149) quando afirma que, perguntados sobre a experiência de "cheirar cola", seus entrevistados eram unânimes em afirmar que, quando cheiram "se sentem poderosos, fortes e destemidos, como Rambo e Hulk".

Martins(1992) também afirma que é comum o fato dos menores de rua entrevistados, dizerem que "vão fazer uso da droga para melhor agir." E a autora busca em Mary Douglas(1976) a analogia entre o procedimento destes meninos e os procedimentos rituais entre povos primitivos "que, como os meninos de rua, associam a situação de estar à margem da sociedade à de alcançar regiões mentais inacessíveis à ordem, em busca de maiores poderes."(Fenelon, Martins e outros,1992:76) Poderes que detêm as condições de desafiar a ordem através de atos ilegais ou infracionais⁵³. Martins afirma que entre as "meninas de rua" de Goiânia, a teatralização dos efeitos da droga, além de responder à necessidade de ordem psíquica ou orgânica "cumprir a função social de enfatizar a liminaridade". Por isto, aquelas meninas não procuravam esconder dos transeuntes o uso que faziam das drogas.

⁵¹ Aqui ocorreu algo semelhante ao que Martins (1992) observou em pesquisa sobre as meninas de rua de Goiânia e que também observei em outros momentos no discurso dos meus pesquisados: eles reproduzem o discurso assistencial sobre si mesmos, dando a impressão de que estão completamente convencidos de sua exatidão e veracidade, embora não o exerçam na prática.

⁵² Este comportamento contrasta com o observado por Martins (1992) e retomado por Vogel(1991) sobre um dos princípios que regem o intercuso social no âmbito da turma : "a soberania na vontade de agir". Ou seja, o sujeito tem o direito de fazer o que quiser, mesmo que isto lhe seja prejudicial. Ninguém, no grupo, tem o direito de interferir.

⁵³ Lecznieski observou que entre os "guris de rua" de Porto Alegre "Falar em ou usar drogas parece causar, em alguns garotos, uma sensação de poder, uma prova de esperteza, um ato invejável de desafio à polícia que, quase diariamente revista suas caixas em busca deste gênero de coisas."(Lecznieski 1992:103)

As crianças por mim investigadas, nunca afirmaram sentir qualquer sensação semelhante ao "poder", quando drogados. Pareciam usar a cola pelo simples prazer de usar, de "viajar", ter "visagem" e nunca mencionaram precisar da droga para conseguir "coragem" ou mais "força" para roubar. Também não faziam questão alguma de mostrar às demais pessoas que cheiravam cola. Muito pelo contrário, escondiam-se para usá-la, ou disfarçavam-na dentro das roupas porque sabiam que a polícia logo seria acionada. Tentavam proteger-se da detenção e proteger também a lata de cola, geralmente conseguida com grande esforço. Seria, no mínimo, contraditório "mostrar -se" com a droga, arriscar-se a perdê-la, a ir preso ou ter a cabeça encharcada com o produto, na retaliação policial. Mesmo assim, não duvido no entanto, que em alguns casos a "teatralização"(conforme Martins,1992) pudesse ocorrer, como uma forma, talvez inconsciente, de "provocação" às regras e à "normalidade" dos demais cidadãos. Lembro de diversas vezes em que um menino acusou o outro de ficar "se mostrando" para a polícia e isso acarretar, no mínimo, a perda da droga.

O certo é que a maioria das sessões coletivas de cola, acabavam com as crianças sendo flagradas pelos policiais. A euforia e algazarra da turma era tal que tornava-se impossível não serem percebidos e abordados pelos policiais em sua ronda, ou então acionados pelos cidadãos que se deparavam com o bando em frenesi. Não posso afirmar que eles "mostravam-se" drogados às demais pessoas, como uma forma de chamar a atenção ou de acentuar a sua "diferença", mas é um aspecto a ser investigado. Todos "culpavam" a "rateação" para o caso de quando eram flagrados cheirando cola. A "rateação", segundo eles, deixa-os fora de si e fora do que os cerca.

Uma tarde os meninos cheiravam cola sentados no "castelinho" do Aterro quando, de repente, fomos surpreendidos por policiais à cavalo que chegaram às nossas costas. Somente Nêgo, que estava de pé, havia percebido a aproximação policial. Quando perguntado por que não deu o "alerta", o menino, sempre sorrindo maravilhado, disse que era como se "aquilo não estivesse acontecendo", como se nós não estivéssemos ali e como se a polícia "não fosse de verdade". Os demais meninos, indignados com a perda da droga para a polícia, acusaram-no de estar "rateado".

Sempre que eles reúnem-se para "fazer bagunça", "brincar" ou "vadiar" como denominam atividades lúdicas, eles partem para o excesso. Nunca é tarde demais para "descolar" uma lata de cola ou um pouco de benzina; nunca estão cansados o suficiente para parar de circular. Porém, quando o "cansaço" se dá, é de forma abrupta, imperativa, total. Houve uma noite em que encontrei-os já de madrugada "fazendo bagunça" na Conselheiro Mafra. Havia um bando de meninos, e a presença de três meninas "da rua de Curitiba" servia para deixar o ambiente ainda mais movimentado. Estavam todos alvoroçados com a novidade trepidante das três adolescentes "de fora" e as brincadeiras-provocações se generalizavam por todo o bando. Quando

decidem sair da Conselheiro e ir para o Aterro em frente, Teco me chama para ir junto. Ricardo e Nêgo porém, permanecem sentados na calçada, indiferentes ao movimento do grupo. Permaneci parada também, ao lado deles. Quando me vê ali, Ricardo pede 50 cruzeiros. Perguntei para quê.

- A senhora sabe prá quê... - ele respondeu.
- Não sei não, prá quê?
- A senhora sabe... - insistiu o menino.
- Prá comprar cola ? - eu estava realmente surpresa - a essa hora? Onde?
- Não... prá comprá benzina...um rapaz vende... - explicou, relutante.
- Já disse, Ricardo, que não dou dinheiro prá droga nem prá cigarro.
- Ah, tia... a senhora vai vê... não custa nada!

Insistem, ele e Nêgo, choramingando e me chantageando emocionalmente. Ambos estão visivelmente extenuados. Ricardo, especialmente, parece muito cansado.

- Já disse que não e não adianta insistir! - eu encerrei.

Teco me chamou novamente. Fui andando. Nêgo e Ricardo me seguem. Porém, mal atravessa a rua, Ricardo estatela-se de bruços no meio da calçada. O resto do grupo não dá a menor atenção. Continuam andando. Voltei para ver o que havia. Ele me disse:

- Tô com sono... quero dormi.
- Mas aqui? Vamos procurar um lugar mais quente... - eu sugeri.
- Não... quero dormi... - o menino murmurava, olhos fechados.

- Mas aqui !? No meio da calçada? Vai ficar aqui sozinho? - Eu estava angustiada com a possibilidade dele ficar ali, deitado no meio do passeio. Qualquer um poderia tropeçar nele. Além disso estava frio e ele não procurou nenhuma proteção para o chão de pedra, nem um lugar mais escondido, nada. Deitou ali, em plena calçada. Simplesmente desabou no chão. Como se de repente, a sua energia tivesse se esvaído toda.

Teco voltou para saber o motivo da minha demora e quando lhe disse que não iria deixar Ricardo dormindo ali no meio da calçada, ele pegou o irmão no colo. Ricardo protestou, esperneando. Teco o segurou com mais força, dizendo:

- Meu nenê, bilu, bilu.

Ricardo ficou possesso, mas não conseguiu livrar-se do rapaz, que carregou-o até junto do grupo que aguardava adiante. O menino deu alguns passos, sempre protestando, e jogou-se no chão novamente. Teco pegou-o no colo de novo e levou-o até a praça Fernando Machado. Jorge fez menção de continuar carregando-o, mas desiste quando vê que ele já adormecera no chão da pracinha, ao lado de um quiosque. Nêgo que vinha se arrastando atrás do grupo, decide deitar também, ao lado do irmão. Apóia a cabeça em sua perna e também adormece, enquanto o resto do

grupo sai andando. (Para visualização do grupo de crianças que mais tarde juntou-se aos dois irmãos para dormir na praça, ver Anexo2 : fig.5)

Mesmo extenuados, Ricardo e Nêgo recusavam-se a encerrar o dia, as brincadeiras, a vadiagem com a turma. E por isso precisavam do estimulante da droga. Queriam cheirar benzina, "comprável" àquela hora, para continuarem ativos. A possibilidade da droga afastada, deixaram-se cair no sono, em qualquer lugar, a céu aberto, no chão frio, sozinhos. Nenhum cuidado com a escolha do local, nenhuma busca de proteção, nada. Apenas deitar e dormir. Houve noites em que aconteceu exatamente o contrário. Enquanto a turma toda já aquietara no sono, Ricardo e Nêgo ainda procuravam o que fazer, dando "bandas" pelo centro. Numa outra noite, Nêgo e um bando, na madrugada, enquanto alguns companheiros já dormiam no Aterro depois de uma longa sessão de cola, foram arrombar uma marcenaria no Estreito em busca de mais cola de sapateiro. Acabaram aquela "aventura" algemados pela polícia e surrados por um "tio", no CAP. Ficaram o dia seguinte detidos na instituição e no próximo foram liberados. Quando os encontrei, já estavam com cola novamente.

Leczneski(1992) afirma que suas observações de campo levam-na a crer que na praça investigada, a disponibilidade e o uso de drogas pelos garotos era pequeno. Afirma que em quase um ano de pesquisa, em apenas duas únicas ocasiões presenciou episódios que evidenciavam a presença de drogas entre os meninos. Um quadro muito diferente foi o que pude observar aqui em Florianópolis. Depois que entrei em contato com os chamados "meninos de rua", era quase diária a oportunidade de encontrá-los aspirando cola. Se não estivessem usando, estavam então tentando conseguir comprar o produto.

Percebi que quem gasta dinheiro com cola, quase não gasta com "taito" e vice-versa. Mas, de qualquer forma, o dinheiro que conseguem "pedindo" (ou roubando), muito raramente é destinado, como deve acreditar o doador, à compra de comida. O dinheiro é geralmente destinado ao sustento de um dos "vícios": a cola ou o "taito". Quando tentei entender porque nunca compravam alimento, me responderam que era porque comida alguém sempre dá, mas cola não. Eles é que têm de "batalhar" para conseguir.

Esta observação, em especial, me faz lembrar do sensacionalismo de jornais locais sobre "a fome" que se abate sobre estas crianças. Acredito que se os jornalistas se dedicassem um pouco mais a investigar o que estas crianças que fotografam cheirando cola, realmente estão sentindo, chegaria à conclusão de que não é "só comida" que desejam ou precisam. A foto em chamada de capa que vi no jornal após meu trabalho de campo, chamou-me em especial a atenção, porque, apesar do rosto escondido entre as mãos que seguram o saco de cola, reconheci Ricardo⁵⁴.

⁵⁴ Diário Catarinense, 8.07.93

Coincidentemente, três dias antes havia encontrado com ele no centro da cidade. Tinha algum dinheiro e disse queia comprar bombinhas e rojões. Perguntei se não era para comprar cola. Ele fez questão que eu fosse junto comprar os explosivos. Disse-me que estava sem cheirar cola porque tinha passado uns dias em casa. Tinha voltado "prá rua" no dia anterior.

Sei que muitos motivos podem ter levado Ricardo a voltar a cheirar cola, mas certamente a "fome" não foi um deles. Ouso afirmar que na verdade, um dos "bons motivos" que teve para voltar à rua foi a possibilidade de cheirar cola. Em casa, ele me disse que "não dá". Entendo, no entanto, que o bordão jornalístico sintetiza o desconhecimento da mídia local acerca do cotidiano vivido por estas crianças. E, mais ainda, demonstra que estão longe de supor a complexidade do problema. Talvez devam descobrir que não basta "matar a fome". Dão à estas crianças um bom e complacente álibi (a miséria) diante de si mesmas e dos leitores que vêem a foto. Não duvido que Ricardo tenha dito ao jornalista que cheira cola porque tem "fome". Mas, o repórter esqueceu de se perguntar: "fome de quê?"

Ainda durante o trabalho de campo, fui surpreendida por uma outra foto de Ricardo, na capa do mesmo jornal⁵⁵. Não pela foto, que mostrava-o dormindo de madrugada, sobre os bancos da praça Fernando Machado; mas pela legenda que a acompanhava. Sob a foto, o jornalista comentava que, algumas crianças, muito pobres, "chegam a adormecer na praça, à espera da feira" para levar os alimentos para a família. Na época, Ricardo dormia na rua há várias semanas e não estava, naquela madrugada, "à espera" da feira. Ele estava "na cama". O jornalista e o eventual leitor nem de longe supunham que o "drama" daquela criança pudesse ser ainda mais complexo.

Sobre a dramaticidade do uso constante da cola de sapateiro pelas crianças que investiguei, tiro do diário de campo mais uma passagem em que presenciei esta verdadeira "praga" que consome os meninos em busca de algo que não lhes deixe "de cara" para a sua realidade.

Aterro da Baía Sul -26.06.91- Encontro com a turma ao anoitecer. Estão no "castelinho" novamente cheirando cola. Ricardo, Nêgo, Peninha, Goy, Tataco e um menino de uns onze anos: Gaúcho. Estão bastante drogados. Parecem um bando de zumbis, andando atarantados de um lado para o outro. Ou simplesmente deitados, de barriga para cima, sem mais nenhuma reação a não ser a de continuar levando o saco plástico com a droga à boca. Quase não conseguem se mexer e murmuram coisas ininteligíveis.

Hoje é o terceiro dia consecutivo em que os encontro assim. Eu chego, vou embora, volto horas depois e eles continuam aqui, aspirando cola.

⁵⁵ Diário Catarinense, 23.05.91

Noite já feita, umas oito horas, chegam os trabalhadores do parque de diversões instalado permanentemente no Aterro. Três funcionários do parque se aproximam do "castelinho". Um deles, conhecido como "Joaçaba" diz que sempre traz comida aos meninos. Ricardo já me falara dele. Veio ver quantos eram, para pedir os pratos na cozinha do parque. Conta os meninos que no momento são uns oito ou nove. Dá um assobio, olhando significativamente para um dos companheiros: ia ser difícil conseguir comida para todos. Mas mesmo assim, diz que vai ver o que "pode fazer".

Os homens se vão e, como demoram para voltar, muitos dos meninos que não estão "rateados", saem dali tomando diversos rumos. Quando "Joaçaba" volta, acompanhado por mais um homem e trazendo dois pratos repletos de comida ainda fumegante, apenas Nêgo, Tataco, Ricardo e Gaúcho ainda estão ali. Nos pratos tem arroz, macarrão e carne de gado ensopada. O homem se desculpa por não ter conseguido arrumar mais pratos, mas diz que aquilo ali deve ser suficiente para "matar a fome dos garotos". Dá um prato a Ricardo que combina dividi-lo com Tataco. O outro será dividido entre Gaúcho e Nêgo.

Joaçaba se aproxima de Gaúcho que está deitado no chão de cimento, completamente inerte, e lhe põe diante dos olhos o prato fumegante. O menino ergue-se lentamente e, num esforço para conseguir sentar, aproximando os olhos esbugalhados do prato, diz :

- Comida!

Em seguida, sem forças, volta a escorregar o corpo para o chão. Era como se a visão do alimento bastasse para saciá-lo. Era também, como se tivesse chegado "tarde demais". O menino já não tinha forças para realizar o simples ato de levá-lo á boca. Passou todo o dia ali, cheirando cola e, perguntado, nem lembra se já comeu hoje.

Ricardo, por sua vez, ataca o prato que lhe cabe, com voracidade. Come cerca de metade da refeição e depois, saciado, passa-o a Tataco que inicia também a sua "janta". Joaçaba, diante da reação de Gaúcho, não tem dúvidas: pega a cabeça do menino entre as mãos e lhe fala delicadamente, incentivando-o a levantar para comer. Como o garoto não reage, o homem ajuda-o a sentar-se e enfia-lhe três ou quatro colheres de comida boca a dentro, para que ele saia do torpor. O outro homem, que só observa, ensaia algumas ironias. Joaçaba, preocupado em alimentar o menino, não lhe dá ouvidos.

Gaúcho, reanimado com o alimento quente, logo depois consegue segurar a colher que Joaçaba lhe oferece, e passa a se alimentar sozinho, vagorosamente. Há um momento em que, já parcialmente refeito, tenta intercalar colheradas de alimento com aspiradas de cola, mas Joaçaba o repreende. O menino põe então a droga no chão ao seu lado, e diz:

- Vô dexá aqui prá depois.

Terminada a refeição e passado o prato para Tataco, Ricardo pede um cigarro a Joaçaba. O homem dá, mas diz que vai começar a "racionar" os cigarro que o menino lhe pede a

todo momento, para o bem de sua própria "saúde". Ricardo dá de ombros, esticando insistentemente os lábios com o cigarro, para que o homem o acenda.

Enquanto os meninos acabavam de comer, Joaçaba e eu, um pouco afastados, conversamos. O homem diz que para ele, Ricardo é "como um filho", que seu desejo é um dia adotar legalmente o menino e que, sempre que pode, alimenta-o e leva-o para dormir em seu quarto. Contou que o menino quase sempre acorda à noite, gritando e chorando muito, mas que nunca conseguiu fazer com que ele falasse sobre os gritos, no dia seguinte.

Mais tarde, no "castelinho", estamos apenas Tataco, Ricardo, Nêgo e eu. Pediram que eu ligasse meu "radinho" para ouvirem música. Perto dali, numa pista, alguns garotos manobravam seus skates. Fomos ver de perto. Quando nos aproximamos, os rapazes vão embora. Ricardo e Nêgo, rádio no ouvido, sob o embalo da música e da cola, dançam "break" na pista de cimento. Dançam juntinhos, movimentos sincronizados, concentrados, sorrindo. Levam de vez em quando o saquinho de cola à boca. Tataco e eu, para escaparmos ao frio e vento sul que entra impiedoso pela baía, nos agachamos junto a um dos canteiros da pista, observando a dança dos irmãos.

O menino Gaúcho, que me pareceu a ponto de ser levado a um hospital, algumas horas depois, aparentemente "recuperado" da "rateação" passeava pela cidade queixando-se do "nada a fazer" ali no centro, um tédio que lhe apontava a necessidade, como afirmou, de ir para uma cidade maior, onde ainda "não se conhecesse tudo". Era como se ele tivesse exaurido as possibilidades de diversão e novidade em Florianópolis. Mais tarde, completamente recuperado do torpor em que a cola lhe mergulhou, ele tentava, sexo ereto, seduzir uma adolescente, abraçando-a e comprimindo-se contra ela, apesar da menina estar acompanhada. Ela deixava que ele a assediasse, mas quando percebeu suas reais intenções de fazer sexo, desvencilhou-se dele com safanões, dizendo que ele era "muito pequeno" para ela.

Considero interessante como ponto de investigação a ser aprofundado, o parecer de Martins de que "os meninos e meninas de rua, ao ostentarem a sua condição de drogados, podem estar tentando demonstrar uma forma específica de poder, própria de sua condição marginal, impossível de ser alcançada pelos que permanecem sob 'o controle de si mesmos e da sociedade' ". (op.cit.:76-7)

Estariam afirmando assim uma identidade comum aos "da rua"? Afirmando assim, sua frontal "diferença" ?

8. Liderança na Turma

29.05.91- 23:00 horas.

No Aterro, muitas crianças e adolescentes conhecidos. A metade tinha saquinhos de cola, a outra metade tentava conseguir "uma bolinha". As crianças eram : Renato, Fininho, Zico, Bauru e seu irmão Raul, Tonho Grande, Querubim, Nêgo e Ricardo. Os adolescentes: Gina, Peninha e Nael.

Gina insistia com Nêgo para que fossem comigo até uma lanchonete.

- A tia tá com fome! - ela dizia .

Falei que não havia pressa, mas ela retrucou que:

- Também tô afim de dá uma volta.

Nêgo mandava esperar. Ele e Ricardo, envolvidos na "vadiagem" com a turma. Alguns simulavam lutas, outros contavam histórias de brigas, nomeavam quem batia mais em quem. Outros corriam atrás dos que tinham cola, para tirar-lhes o saquinho.

Cansada de esperar, Gina decide ir sozinha comigo até a lanchonete. Avisa Nêgo. Ele concorda, mas assim que nos afastamos um pouco, grita para ela:

- ó... só até uns trezentos !

Ela responde, também em voz alta, sem se voltar:

- Não...eu não vô gastá nada! - e me diz, em voz baixa:

- No máximo um refrigerante.

Ela estava com o dinheiro de Nêgo e Ricardo.

Um pouco mais adiante encontramos Ringo que, quando vê Gina, agarra-a pelos cabelos. Junto com Ringo vem Nael. A menina grita de dor, e pede que ele a largue. Tudo muito rápido, Ringo tenta arrastar Gina com ele, dizendo que quer "conversar", enquanto ela se debate e grita :

- Não vô ! Vô sai co'a tia !

O rapaz insiste, puxando-a. Ela resiste. Então ele começa a socar e a chutá-la rápida e ininterruptamente. A menina não esboça reação, apenas protege, alternadamente, o rosto e o abdômem com as mãos. Embora pudesse, por ser bastante forte, não revida os golpes do franzino e enraivecido rapaz.

Começo a perceber que há algo mais por detrás de toda a "raiva" que os dois aparentam. Com a sequência de golpes que começam a machucá-la, a garota pede que ele pare antes que ela fique "brava de verdade". Mas ele não a escuta e prossegue batendo.

A turma toda, a esta altura, já se aproximou e fez uma roda em torno dos dois. Nêgo, talvez para comprovar a fama de "valentão" que afirmava momentos atrás, nos relatos de luta, ou por se sentir no dever de defender uma companheira, tenta intervir na briga, peitando Ringo. Mas o rapaz nem o considera e, desviando-se dele, volta a atingir a garota que o menino tentava proteger atrás de si. Nêgo é retirado da briga pelos demais. Fica então ao lado dos outros, só observando.

Se alguém tentava interferir em favor da menina, Nael dizia:

- Deixa o Ringo ! Deixa ele... ! - como a dizer que o rapaz estava com a razão e que a menina merecia aquilo.

Fiquei surpresa e ao mesmo tempo mais tranquila. Surpresa por ver Nael, sempre calmo, deixar que o amigo batesse daquela forma na garota. Mas, aliviada, porque se ele apoiava a cena de aparente brutalidade, então talvez a briga não fosse mesmo prá valer. A atitude de Gina também era estranha. Passiva, dos gritos ela passara aos sorrisos mal disfarçados, a cada novo golpe a que tentava esquivar-se.

Eu já desistira de perguntar a todos porque é que o rapaz estava batendo na garota, quando Querubim finalmente me responde:

- Ah... é que ele qué transá com ela !

Ato contínuo, pega-me pelo braço, tentando me levar para longe dali. Quer que eu vá com ele até a lanchonete como eu pretendia antes de tudo começar. Tonho diz que quer ir junto, mas Querubim diz que não, que vamos só nós dois.

Peninha, até então também só observando a briga, decide intervir. Diz para mim que sempre foi o "cupido" da turma, que não gosta de ver ninguém brigando, e que por isso ia resolver aquela briga. Pedi que me explicasse o que estava acontecendo, mas ele balançou negativamente a cabeça :

- É coisa deles...

Foi até os dois ainda engalfinhados, separou-os com firmeza, segurando um em cada braço. Depois aproximou as duas cabeças e meteu a sua no meio. Cochichou algo em seus ouvidos. Ringo se acalma um pouco, mas logo desvencilha-se de Peninha e volta a agredir a menina. Deu-lhe mais uns socos, alguns empurrões, e então a agarra, beija na boca, abraça a garota com força, levando-a para fora daquela roda de espectadores.

Pronto. Tudo parece resolvido. Gina, abraçada ao rapaz, sorri, parecendo orgulhosa daquela demonstração viril de ciúmes. Uma cena de ciúmes. Fiquei sabendo que a crise foi desencadeada por amigos de Ringo - entre eles, Nael - que lhe contaram que Gina, sua namorada, havia "transado" com outro. A garota não se defendeu porque " no fundo", como me confidenciou depois, sabia que o namorado "tinha razão".

Um "acerto de contas", uma briga de casal, dessas em que "não se mete a colher" como diz o ditado. Tudo calmo, Gina vem e se desculpa comigo, dizendo que não vai mais poder ir até a lanchonete.

- Amanhã a gente se vê... - ela me diz, sorrindo

Em seguida, os dois afastam-se abraçados, em direção à parte escura do Aterro. Vão se beijando, reconciliados...

Enquanto Gina e Ringo brigavam, aconteceu algo curioso e que no momento não entendi, mas que me foi explicado por Querubim.

Enquanto apanhava de Ringo, Gina ainda segurava um material escolar que ela, Ricardo e Nêgo, haviam encontrado no lixo. Quando sente que o rapaz bate nela "prá valer", foge dele momentaneamente, e entrega o material para que Tonho Grande o segure. Assim pode defender-se melhor dos golpes.

Tonho segura o material sem protestar, por algum tempo, mas começa a cansar-se do peso. São vários livros, apostilas muito grossas e cadernos. Reclama que está muito pesado. Sugiro que coloque o material no chão. Ele vai até onde o casal briga e deposita o material aos pés de Gina que o recolhe e o entrega a Nêgo. Observando tudo, Tonho Grande, ao meu lado, suspira e resmunga para mim :

- Qué vê como ele vai dá prá mim de novo?

Digo que se recuse a segurar novamente o peso, se não quer. Mal acabo de falar, Nêgo lhe põe novamente o material nos braços, sem que Tonho diga qualquer coisa em contrário.

Fico surpresa, pois além do material não lhe pertencer, já o segurara uma vez, e não estava mais disposto a fazê-lo. Então porque não recusou? Porque Nêgo não o entregou para um dos outros que assistiam à briga? Querubim respondeu-me seco e preciso:

- É porque o Tonho tem medo !

- Medo de quê? - perguntei.

- Medo do Nêgo, ele surra o Tonho se ele não fizer o que ele manda... - disse

Querubim.

Lembrei que nesta tarde mesmo, Querubim também ameaçou de contar a Jefe, um companheiro deles, que Tonho queria desobedecer a uma ordem sua, ao querer me contar "uma coisa" que aconteceu com eles, envolvendo sexo. Intimidado, Tonho calou-se imediatamente, e nunca mais tocou no assunto. Quem acabou me contando o episódio foi o próprio Querubim, demonstrando independência em relação ao que um companheiro de rua dizia que ele podia fazer ou não. Uma independência que Tonho não tinha, por não saber, segundo unanimidade da turma, se defender, nem "brigar".

Mais tarde , na volta da lanchonete onde Querubim me levou, encontramos novamente com a turma no Aterro. Havia grande algazarra. Todos cheiravam cola, cada qual com

seu saquinho. Mas, em certo momento, Tonho aproxima-se de mim, queixando-se que Nêgo não o deixa cheirar cola.

- Todo mundo tá cherando tia, só eu que não posso... - ele diz, choramingando.

Realmente, os saquinhos circulam de mão em mão. Só Querubim e Tonho não cheiram. Mas Querubim não quer, e Tonho, Nêgo não deixa..

Perguntei a Nêgo porque não deixava Tonho cheirar cola. E ele responde:

- É que ele ainda não é viciado, tia, e eu não quero que ele se acabe como nós tamo se acabando... Isso mata a gente, tia...-diz, enquanto olha para a droga nas mãos e que aspira sem parar. E diz ainda:

- Se eu pudesse, parava de cherá, mas não consigo! Já tentei e não dá...

Comento com Querubim a obediência cega de Tonho a Nêgo, e o menino diz que :

- É ...mas não é só ele não...

E me conta que Nêgo domina muitos outros meninos e que a maioria não esboça qualquer reação porque :

- Eles sabem que é pior prá eles... - Mas acrescenta que com ele isso não acontece, porque Nêgo:

- Não é bobo de se metê comigo... ele sabe que apanha também!

Querubim é um garoto forte e apesar de terem a mesma idade, é mais alto e mais encorpado que Nêgo. Eles, segundo Querubim, "se respeitam", se evitam, um não interferindo na vida do outro. Segundo o menino, eles nem mesmo "andam juntos", só se encontram "de vez em quando".

Passado algum tempo, Nêgo decide mandar comprar balas, e fica pensando em quem irá. Tonho, sabendo que será o escolhido, diz que não está "afim" de chupar bala e tenta sair de perto. Mas Nêgo chama, lhe dá o dinheiro e o manda ao quiosque da praça Fernando Machado. O menino vai, sem esboçar resistência. Depois ele me diz que Nêgo prometeu deixar que cheirasse cola, se obedecesse.

Quando volta, Tonho entrega as balas a Nêgo que as distribui entre os garotos. Requisita então, o saquinho de cola. Nêgo dá o seu, mas manda que o menino sente do seu lado. Tonho obedece e passa a aspirar a cola sob a supervisão de Nêgo que o segura com um dos braços em torno do seu pescoço, para evitar que o menino "cheire demais".

8.1 "O Cabeça "

Nos romances analisados, a liderança dos protagonistas sobre seus companheiros de turma, é apenas sugerida nas autobiografias, mas bem evidente e demarcada na ficção.

Confesso que fui a campo esperando encontrar turmas ou bandos mais ou menos organizados, com seus "líderes" ou "chefes" mais ou menos respeitados e/ou amados por seus companheiros.

Em campo, defrontei-me com uma aparente difusão da liderança. Na verdade, deparei-me com uma difusão dos sujeitos na rua. Não havia uma "turma" constituída por membros fixos. O pequeno número de crianças que se auto-define como sendo "da rua" provavelmente colabora para isto. Dentre estes poucos, é ainda menor o número daqueles que estão "sempre" na rua. A "prisão" (como muitos definem) no CAP, a ida "prá báia", o intermamento no Centro-Piloto, faz com que haja um movimento constante, um "entra-e-sai" da rua que provavelmente dificulta a consolidação de um grupo fixo e, conseqüentemente, a liderança que por ventura se estabeleça nele.

Esta liderança é, portanto, difusa, assim como a própria "turma". O grupo mais ou menos fixo que acompanhei era constituído em torno dos três irmãos que permaneciam a maior parte do tempo na rua : Vanessa, Nêgo e Ricardo. Destes três, era Ricardo o mais "resistente". Raramente ia para casa (e, quando em casa, era o primeiro a incitar os irmãos a voltarem com ele para a rua, alegando uma espécie de tédio, de falta de emoção, de "algo" para fazer). Os três irmãos eram visivelmente muito unidos. Nunca presenciei-os brigando. Nem verbal nem fisicamente. Pelo contrário, estavam sempre em posturas cúmplices, conversavam muito, contavam-se coisas, planejavam atividades. Entre os três, era evidente a liderança de Nêgo. Uma liderança que se estendia aos demais membros da turma, quando juntos. A dominação de Nêgo sobre os demais dava-se através da força física. Considerava-se e era considerado por muitos, como "bom de briga". Os mais fracos e sem habilidade para se defender, submetiam-se a ele, quando juntos. Com os irmãos, Nêgo não usava a força. A sua supremacia dava-se em função de ser "o mais velho". No entanto, Nêgo e Ricardo viviam confrontando sua força física em "lutas" simuladas. Algumas, assistidas pelo resto da turma, serviam para comprovar a maior "força" de Nêgo. Outras, eram usadas pelos dois irmãos como "brincadeira", mas serviam também para estabelecer entre os dois quem era "o melhor". Ao longo do trabalho de campo, e assistindo aos vários "desafios" entre os irmãos, pude perceber que Ricardo, com um porte físico mais sadio e avantajado que o do irmão, ameaçava superá-lo. Nêgo, percebendo a derrota iminente, já não se

dispunha mais a lutar com o irmão na frente dos outros meninos. Quando não podia fugir à provocação dele, lutava por pouco tempo e, antes que Ricardo o vencesse, pedia para parar, alegando não querer machucá-lo.

Quando Nêgo não estava presente, era Ricardo quem assumia seu lugar junto aos companheiros de rua. Todos o ouviam e geralmente acatavam suas decisões: o que fazer, aonde ir, o que comprar com o dinheiro arrecadado, etc.

A "liderança" de Nêgo no entanto, não era reconhecida. Com exceção talvez, de Tataco, que tinha por Nêgo e seus irmãos uma grande afeição, os outros meninos recusavam-se a ver nele um "líder". Os meninos que equiparavam forças com Nêgo não gostavam dele porque ele vivia provocando-os e tentando dominá-los. Constantemente desafiava-os para "lutas". Mesmo os que se submetiam às suas ordens e caprichos, faziam-no por interesse de momento: não ser surrado, não ficar sozinho. Mas quando inquiridos sobre sua possível liderança, negavam-na. Uma vez falei sobre isto com Gordo, um frequente companheiro de Tonho Grande e que, como este, também não gostava de Nêgo. Gordo também era considerado "um fraco" pela turma. Apanhava frequentemente de Nêgo e Ricardo. Gordo negou veementemente e com desdém, que Nêgo tivesse qualquer "liderança" sobre eles na rua, e me falou que o único "cabeça" que tiveram até então foi uma menina "macho-fema" que ele conheceu quando "chegou" na rua aos oito anos de idade. Segundo Gordo, era ela que liderava a "raça", planejava os roubos, cuidava deles e enfrentava a polícia. Gordo me disse que ela foi a pessoa "mais corajosa" que ele já encontrou na rua, e que "todo mundo, até a polícia", a respeitava. Disse que Nêgo não chegava "nem nos pés dela" e que depois que ela "saiu" da rua, ninguém mais os liderou. Outros meninos também se referiram à esta líder como o único "chefe" que tiveram na rua até agora. Referiram-se ao "tempo dela" com um certo saudosismo.

Tive a impressão que, no relato acima, quando Nêgo proíbe Tonho Grande de cheirar cola como os demais companheiros faziam, ele estava mais exercitando o seu "domínio" sobre a vontade do outro, do que realmente, como alegava, tentando "protegê-lo" do "vício". Não fosse assim, não teria colocado como condição para o acesso à droga, que Tonho cumprisse mais uma "tarefa" determinada por ele. Ou seja, obedecesse-o ainda uma vez. O fato de prender o menino junto a si enquanto este usava a droga, demonstrava aos demais companheiros o seu poder sobre Tonho, que aqui, travestia-se. Não era mais só violência, força física, agora ele era também o "protetor" e "conselheiro" de Tonho. Com a sua "maior" experiência da rua, acreditava poder dizer o que era "melhor" para o companheiro.

Embora ninguém admitisse abertamente a liderança de Nêgo sobre a turma, me parece que ele tinha uma certa consciência e orgulho desse papel. Ele certamente sabia que os meninos menores ou "fracos" lhe obedeciam por medo. Pedi muitas vezes para fotografá-los, mas nunca concordaram, até que um dia Nêgo disse-me para levar a máquina fotográfica. Queria que

eu fotografasse um "salto mortal" que só ele sabia dar. Nesta tarde disse que iam "vadiá" ali no Aterro. Subiu num dos parapeitos mais altos do "castelinho" e mandou que Ricardo limpasse o chão lá embaixo. Ricardo obedeceu, meio a contragosto. Tudo pronto, Nêgo deu vários saltos bem sucedidos até que, após um mal calculado, caiu com um dos braços sobre pedregulhos que Ricardo não retirara. Apesar de um pouco envergonhado pela queda e sangue das escoriações, olhou para mim, dizendo alto e confiante: "Não tem ninguém aqui tão corajoso como eu !" A façanha era sempre muito admirada pelos demais: ele saltava de costas, de cima do muro alto de cimento, dava uma cambalhota no ar e caía de pé no chão. Era este salto que ele queria que eu fotografasse.

Nos romances analisados, a liderança quando evidente e reconhecida pelos companheiros, está ligada à afetividade. Não se trata aqui da força bruta ou do mais forte. A liderança retratada nos romances aproxima-se da que Weber(1986) tipifica de "dominação carismática", porque se deve à devoção afetiva à pessoa que domina. Isto é evidente na figura carismática de Pedro Bala(Capitães da Areia) e na figura andrógina de Herzer (A Queda...).

Para Vogel(1991:147) o chefe da turma "não é o mais velho, o mais forte, o mais antigo na rua ou o mais amigo, e sim o mais 'tora' de todos." 'Tora' é aquele que reúne as qualidades ou virtudes capituladas no código de ética da turma. Ser 'tora' é uma qualidade que só a turma tem o privilégio de atribuir aos membros assim considerados. Para Vogel, o chefe reconhecido por seus companheiros, é o ponto de referência em torno do qual todas as atividades transitam. Assim, "cada turma é conhecida como a turma de seu chefe"⁵⁶.

Não encontrei nada semelhante entre o grupo de crianças que investiguei. Evidente, no entanto, uma certa obediência ou submissão dos "fracos" aos mais "fortes"(bons de briga). Ricardo e Nêgo, assim caracterizados, reuniam ao redor de si um número mais ou menos constante de pares. Havia ainda Jefe, um menino que era admirado e citado como "melhor amigo" por outros meninos que não gostavam de Nêgo. Mas nenhum admitiu que ele fosse seu líder. Nem mesmo Jefe tinha consciência de uma certa deferência para consigo, perceptível nos momentos em que falavam dele quando ausente, ou lembravam-se uns aos outros, as advertências ou conselhos emitidos pelo companheiro.

⁵⁶ Os demais estudos sobre "meninos de rua" não referem-se à questão da liderança. Apenas Martins(1992), em seu estudo sobre "meninas de rua" refere-se "a uma certa liderança" que uma delas exercia sobre as demais. A autora observa que "os companheiros e conhecidos de Ana, que sabem da sua liderança sobre o grupo de meninas, parecem dotá-la de um pênis simbólico que faz a sua imagem adquirir características andróginas."(op.cit.:75, grifo do autor) Ou seja, seus companheiros, não admitiam que ela pudesse ser "chefe" sendo "apenas" mulher. A autora também observa que a liderança da menina não era formalizada, mas apenas perceptível na forma como a tratavam no grupo.

9. As Instituições de atendimento:

28.06.91. Nael estava entusiasmado com as notícias que tinha sobre a organização do Albergue para os "meninos de rua" que a primeira-dama do Estado estava querendo fundar. Ele insiste em que :

- Cada um tem que participar, colocar suas idéias, prá que as coisas saiam do jeito que nós queremos e não só como o governo quer !

Ele e o "engraxate" discutem pacificamente, cada qual dizendo como deveria funcionar a instituição. Faziam referências à "Casa do Jornaleiro" de Curitiba, que ambos frequentaram. Nael fez um discurso emocionado. Disse que os menores não deveriam fazer "disso" um "albergue" somente, mas a "sua própria casa" onde estivessem " compartilhando com a família". E ainda:

- ...que seja um lugar prá parar e pensar: o que é que tá acontecendo comigo? Já que não consigo conviver com a minha família, vou tentar conviver com os meus iguais, meus colegas aqui... Brigas, discussões, são normais em qualquer família, isto vai acontecer, e devemos superar !

Outro ponto da discussão, era sobre a necessidade da instituição ter " horários". A questão da "entrada" e "saída" dos menores. O engraxate referindo-se á sua experiência na "Casa do Jornaleiro" em Curitiba, disse que:

- Sem horário, tudo vira bagunça... é uma coisa que tem que tê!

Nael era francamente contra. Disse que assim, os "da rua" não iam frequentar o albergue, e que também era contra a contratação de "monitores" para "cuidá da rapaziada". E acrescentou:

- Não funciona... não adianta! Não funciona com monitor. Tia, a senhora pode vê, a minha vida toda eu vivi com monitor no meu pé: eles tão na Fucabem, tão no Cap e o que que acontece? Não adianta, não funciona, ninguém gosta do seu monitor !

9.1 *Entre o CAP e o Centro-Piloto*

Na época em que esta pesquisa se realizou, a nova política de desinstitucionalização do "menor" já estava legalmente implantada. Creio que é um dos fatores que fez com que eu pudesse recolher exíguo material sobre acontecimentos ou imagens envolvendo as instituições de

atendimento. As crianças já não estavam mais sendo "internadas" com a mesma frequência e o C.A.P (Centro de Atendimento Provisório), na Trindade, era o órgão com que as crianças mais tinham contato na época. Lá, elas ficavam sempre poucos dias, à espera da liberação pelo juiz, da internação(agora menos provável) ou de chances de fuga (sempre frequentes)⁵⁷. Para o CAP elas eram levadas pelos policiais do 6 D.P. depois de lá terem sido entregues por policiais militares responsáveis pelo patrulhamento no centro da cidade. Quando o juiz decidia-se pela internação ela era feita no chamado "Centro-Piloto" (Centro Educacional Dom Jaime de Barros Câmara), em Palhoça, que abriga menores sem conduta infracional ou com conduta infracional leve, em regime de externato, semi-internato e internato.

Este Centro Educacional no entanto, era ineficaz quanto à sua função de manter, por exemplo, os irmãos Rocha em regime de internamento. Assim se expressa uma promotora de Justiça em parecer ao Juiz de Menores em 02.04.91 [como consta dos Autos de Verificação de Ato Infracional (para adolescentes) e da Ação de Verificação da Situação Irregular(para menores de doze anos) do Juizado de Menores de Florianópolis]:

" Verificou-se que os adolescentes embora internos do Centro-Piloto, não o frequentam, uma vez ou outra aparecem, quando conduzidos pela Polícia e, em seguida, fogem. A obra tem perfil arquitetônico e pedagógico aberto, não sendo capaz de conter as fugas. Por tudo isto, esta promotria tem dificuldades em ver êxito na continuidade da medida de internamento no Centro-Piloto. Assim, por ora, enquanto não há alternativa de atendimento para menores cuja rua é o melhor lugar, e que por isto fogem das obras, sou pela liberação dos adolescentes."

Em 17.04.91, ante o parecer da promotora de justiça, o juiz autoriza o desligamento de Nêgo e Ricardo da obra assistencial. Desligamento, que durante todo o correr do ano de 1991, vai ser visto e revisto várias vezes pelo Juiz de Menores, de acordo com os pareceres e as solicitações feitas tanto pela promotoria de justiça como pela equipe de assistentes sociais encarregados do regime de "Liberdade Assistida" dos irmãos.

⁵⁷ Importante observar que o CAP era o órgão assistencial com que as crianças mais "simpatizavam". Creio que por diversos motivos: sua localização era próxima ao centro da cidade, tanto no caso das liberações quanto das fugas, era fácil para retornarem ao "centro". Era também muito próximo(quase ao lado) do Juizado de Menores, de forma que tinham fácil acesso a seus assistentes sociais ou, no caso dos irmãos Rocha e dos Silva, à equipe responsável por sua "liberdade assistida". Segundo eles, era no CAP que tinham tratamento menos violento. Algumas das crianças procuravam o órgão espontaneamente e, as vezes, mesmo sendo levados contra a vontade pela polícia, lá permaneciam de bom grado. Tudo, naturalmente dependendo de seus interesses do momento, como no caso de Vanessa que disse que ia "dar um jeito de ir pro CAP porque lá se encontrava detida sua "melhor amiga" ou o caso de Nêgo que uma vez justificou sua permanência espontânea no órgão como uma alternativa ao "marasmo" do centro da cidade.

O caso de Ricardo e suas frequentes internações e fugas da obra assistencial, é ilustrativo do que acontecia com a maioria das crianças por mim investigadas, de acordo com a pesquisa realizada nos arquivos do Juizado de Menores. Embora Ricardo e seus irmãos, assim como os irmãos Silva (Bauru e Raul) fossem vistos pelos funcionários do Juizado como os "campeões" em número de passagens pelo órgão, como atestam os grossos volumes de seus processos, acredito que o caso dele ilustre com justiça o que acontecia com as demais crianças investigadas porque todas estavam, de igual forma, entrando e saindo do CAP e do Centro-Piloto com a mesma regularidade e utilizando-se, na maioria das vezes, também da fuga.

O primeiro processo de "verificação de situação irregular" de Ricardo data de 24.04.89, portanto, exatamente dois anos antes de iniciada a pesquisa de campo. Na época, ele tinha 8 anos. O seu primeiro B.O (Boletim de ocorrência) do 6 D.P. data de 08.03.89, por motivo de "abandono". Nesta ocasião, é enviado juntamente com mais três menores ao CAP, dois sob igual "acusação" de abandono, e um por furto. Começa aí a sua longa jornada por entre papéis, carimbos, números de processos, boletins de ocorrência, pareceres de especialistas, entrega aos pais, internações, fugas, liberações, novos internamentos e novas fugas. Por ocasião desta primeira apreensão, consta do relatório da entrevista no setor de pré-triagem que o menino declarou que : "estava no centro da cidade pedindo esmolas quando foi recolhido pela polícia." Consta também a observação de que o menino tem já dois irmãos sendo atendidos pelo setor de L.A. (Liberdade Assistida). O técnico sugere que Ricardo passe a ser também atendido por este setor e entregue aos pais naquele mesmo dia. Ricardo é entregue em casa à mãe, ficando esta "intimada e advertida para cumprir melhor seus deveres de vigilância e educação do menor sob sua responsabilidade." Quem assina o documento é a avó materna do menino, por constar que a mãe é "analfabeta".

Eis uma amostra da sequência de internamentos, liberações e fugas do menino, do Centro-Piloto, nos meses de fevereiro e março de 1991:

27.01.- ofício do Juizado de Menores ao delegado do 6° D.P para que apreenda e apresente o menor Ricardo Rocha ao Centro-Piloto, do qual se acha evadido.

02.02 - retorno de Ricardo ao C.P. através do 6° DP

03.02- nova fuga

fevereiro 04.02- retorno

05.02- nova fuga

06.02-. encaminhamento ao CAP por uso de tóxico

07.02 - entrega ao Centro-Piloto

05.03- retorno de Ricardo ao CP e fuga no mesmo dia

março 06.03- retorno

08.03- nova fuga

14.03- ofício do Juizado ao del. do 6º DP pedindo apreensão e apresentação do menino ao C.P.

18.03- retorno ao C.P através do Juizado

19.03- nova fuga

29.03- retorno através do Juizado

31.03- nova fuga

Em 09.09.91 comparece em audiência o padrastro de Ricardo e queixa-se de que "é impossível retê-los em casa, pois vão para a rua cheirar cola. Disse que dá muito conselho, mas que não surtem efeito; que o mais velho chega bêbado de madrugada em casa, que não consegue mais descansar, porque é pedreiro e quando se dispõe a descansar, a polícia aparece trazendo um de seus enteados para, minutos depois, reaparecer trazendo outro, que sua vida virou um inferno e que quer por fim nisso. Pede que se realize uma audiência em que esteja presente o juiz para definir a internação de seus quatro enteados rebeldes, ou seja, Teco, Nêgo, Vanessa e Ricardo."

Em 29.11.91 uma das assistentes sociais encarregada do setor de Liberdade Assistida do Juizado de Menores, assim se manifesta em relação aos irmãos Rocha, perante o Juiz de Menores:

" Há anos que se repete o atendimento aos menores Rocha , sem obtenção de grandes resultados. Estes pertencem a uma parte da população brasileira caracterizada como "meninos de rua" cuja história de vida é marcada por intensa miséria e desorganização da vida familiar e embora tentem retornar ao lar não mais conseguem porque não possuem condições de adaptação. A rua passou a se constituir no seu universo, e universo extremamente atraente, com estímulos embasados na liberdade, na afetividade grupal, no suprimento da carência entre eles próprios. É importante porém, considerar também os aspectos intensamente negativos, como a convivência com adultos envolvidos com infrações e delinquências, com a falta de limites, a fome, as dores, o frio e outros sentimentos e situações vividas como as agressões policiais, a falta de alternativas de sobrevivência, etc.."

A seguir a profissional elenca as várias tentativas de solucionar os problemas dos menores sob responsabilidade de sua equipe no setor de L.A., onde se destacam : visitas à família, entrevista com os pais, concessão de subsídios familiares e apoio assistencial por ocasião do incêndio na residência da família, matrícula das crianças em creche e escola pública, encaminhamento dos menores ao Centro-Piloto a nível de profissionalização, em regime de semi-internato e de internato, adequação à famílias substitutas, "negociação de liberdade" por ocasião de suas passagens pelo CAP, encaminhamento ao "mercado de trabalho", etc.

A assistente social afirma que destes, poucos procedimentos surtiram efeito e sempre de forma transitória. Alerta ainda, que as quatro crianças da família que ainda estão no lar, já estão iniciando o mesmo processo dos irmãos, na rua. Assim, como "solução possível" sugere " à Instituição e Governo, a criação de abrigos com condições de atendimento a esta população ou implementação de casas-lares. Cabe porém ressaltar que adolescentes de rua possuem características próprias e necessitam principalmente de vínculos afetivos para suprirem suas carências, precisando de algo que se aproxime do contato familiar ideal e não do atendimento formal-burocrático, comumente oferecido pelas instituições." Assina a funcionária do Juizado.

A reivindicação da assistente social de que um novo "abrigo" ou "casa-lar" tivesse seu atendimento caracterizado por normas que se aproximassem do "familiar ideal" vem de encontro ao que Nael reivindica acima, em relação às normas do novo "Albergue" a ser fundado pela primeira-dama do Estado, na época⁵⁸. O adolescente é bastante enfático em seu parecer de que ele e seus companheiros não devem fazer da instituição a ser criada, um "albergue apenas" mas a "sua própria casa" onde "vão compartilhar com a família". Para caracterizar este modo "familiar" da instituição, ele reivindica a não existência de horários nem monitores, já que estes métodos, segundo ele e sua larga experiência em instituições de atendimento, não "funcionam". Neste ponto porém, é contrariado por seu interlocutor que defende tais normas sob pena da nova instituição "virar bagunça". Esta vontade de que a instituição seja como o "lar" que não tiveram, que abrigue todos os "irmãos" da rua, é expressada também por Rosana numa entrevista em que ela pede urgência na fundação do Abrigo que lhes está sendo prometido por funcionários do Estado (mais precisamente do CAP e do Juizado)⁵⁹.

No trabalho de Lecznieski, numa também curta passagem sobre "imagens" que os "guris de rua" têm sobre as instituições de atendimento, a autora afirma que os " guris estão sempre atentos e realmente temem as intervenções institucionais."(Lecznieski,1992:93) Em nota de pé de página, esclarece que "parte considerável das crianças recolhidas pelo Juizado de Menores terminam sua institucionalização pela fuga." No discurso dos meninos gaúchos eram comuns as críticas em relação aos maus-tratos sofridos, má alimentação, falta de higiene, excesso de disciplina, nenhuma delas porém, com a "mesma ênfase crítica", segundo a autora, daquelas que

⁵⁸ A instituição a que os adolescentes estavam se referindo é hoje o chamado Albergue Santa Rita de Cássia, localizado na Agrônômica, pertencente ao complexo da Fundação Vida que visa atender crianças e adolescentes vítimas de maus-tratos, carência e abandono, fundada em 15.11.91. Sobre objetivos, clientela e funcionamento da citada obra assistencial, ver Marcon (1992).

⁵⁹ De certa forma, a reivindicação da assistente social pode ser considerada como reivindicação feita pelas crianças pois, no período em que eu estava em campo, ela realizou diversas reuniões sobre o futuro Albergue, anotando sugestões e queixas, tentando sempre mobilizá-las para que dessem suas opiniões de como a instituição deveria funcionar.

denunciavam a privação da liberdade. Segundo os gurus, este era o principal motivo das fugas das instituições. A reivindicação deles em relação a uma forma "ideal" de instituição, já que também as consideravam "necessárias para a manutenção da ordem" era de que não funcionasse "como uma prisão, deixasse as pessoa livre para sair quando quisesse, pra trabalhar e ganhar a vida, pra se divertir também(..)." (Leczneski, 1992:94)

A reivindicação por "liberdade" parece consenso entre as crianças e adolescentes alvo das instituições de atendimento⁶⁰. Ricardo também assim se manifesta sobre suas constantes fugas do Centro-Piloto, em relatório de entrevista à assistente social do Juizado de Menores: " não gosto do internato porque lá estou trancado."

É interessante observar que o único grande consenso presente nos romances, tanto de ficção quanto autobiográficos, diz respeito às denúncias sobre as instituições de atendimento a menores "abandonados". Todos são contundentes na descrição das torturas, repressão, disciplina exacerbada e total ineficiência das propostas institucionais em relação à "recuperação" e "educação" de crianças e adolescentes sob a tutela do Estado. De Carles Dickens(Oliver Twist) a Jorge Amado(Capitães da Areia) , passando por Louzeiro, (A Infância dos Mortos), Herzer(A Queda..) e Collen (Mais que a Realidade), coincide o diagnóstico da falência das instituições de atendimento.

Lentamente gestados a partir da década de vinte, em "prol da solução do grande problema nacional" (Alvim e Valadares, 1988), os diversos processos de intervenção institucional, sobre os chamados "meninos de rua", podem ser entendidos como processos de sua fabricação. Se a prisão foi o grande instrumento de recrutamento da delinquência, as instituições de atendimento a menores no Brasil agiram da mesma forma perversa: alimentar incessantemente aquilo mesmo que se propunham eliminar. Ou seja, se a ação institucional apontava para uma preocupação com o combate e prevenção da criminalidade infanto-juvenil, assim como para uma prevenção contra formas "autônomas" de existência entre jovens das camadas populares, o resultado foi completamente diferente do esperado. O SAM foi substituído em 1964 pela FUNABEM, por causa das denúncias na imprensa da época, que o caracterizavam como uma "verdadeira escola do crime". Segundo Alvim e Valadares, a substituição de uma entidade pela outra,

"Era como que o reconhecimento oficial da falência da ação das agências governamentais: destinado a tirar as crianças da rua, o SAM as havia internado para ressocializá-las na marginalidade, 'formando' vários dos bandidos da época." (1988:9)

A própria FUNABEM, como visto no breve histórico deste trabalho, foi recentemente substituída sob as mesmas acusações. Herzer e Collen, ambos com largos períodos de

⁶⁰ Arruda(1983) e Violante (1984) também enfatizam a "perda da liberdade" como motivo central, apontado por seus informantes, das fugas da Febem-SP.

internação na Febem abrem suas autobiografias lamentando e implorando providências contra isto.

Arruda, em seu "estudo sobre a gestação dos menores infratores na cidade de São Paulo" considera que a vida nas ruas e sua estigmatização como possíveis delinquentes, tornam os menores "clientes potenciais do circuito: Polícia, Juizado de Menores e Febem". E que a passagem por este circuito se torna decisiva para sua constituição definitiva como "infrator"(1983:19). Considera ainda que, "a nível da proposta, a prática institucional é ineficaz", tornando-se eficaz apenas

*"no nível das relações de dominação entre as classes sociais, na medida em que dá sustentação e reproduz a estigmatização dos dominados apresentando-os como anomalias. O menor infrator é mostrado como um doente social, resistente até mesmo aos esforços humanitários e técnico-científicos desenvolvidos para curá-lo."(Arruda.1983:137)**

Assim, para este autor, as instituições de assistência ao menor orientadas pela Política Nacional do Bem Estar do Menor (PNBEM), apenas servem como meios de uma intervenção que visa infundir no menor pobre e de comportamento insubmisso, os conteúdos ideológicos necessários ao "consentimento espontâneo" da dominação.⁶¹

Violante, em seu estudo sobre a questão da identidade do menor infrator enquanto interno da FEBEM(SP), também conclui que:

"A FEBEM tem sua experiência legitimada na medida em que, socialmente, se lhe atribui uma função mediadora entre o menor e a sociedade da qual ele foi alijado. Contudo, a "ressocialização" e "reintegração social" via institucional, produzem efeitos contrários àqueles a que se propõe." (Violante,1984:191)

Altoé(1993) em estudo sobre quem são os presidiários egressos de estabelecimentos de assistência a menores, chega à conclusão de que "nem o internato, nem o sistema penal" voltado aos jovens, infratores ou não, possibilitam a promoção ou o redirecionamento na trajetória de vida destas pessoas. Ela argumenta que, não conseguindo "apoia-los", o sistema de internamento "os condena à reclusão social, sem trazer qualquer benefício para eles, nem para o conjunto da sociedade."(p.227)

Martins(1992) ao apurar as versões correntes no discurso institucional (Juizado, Delegacia de Menores, e instituições de atendimento) sobre as "meninas de rua", chega à conclusão de que "tais discursos assentam-se sobre a ideologia da prevenção, da recuperação e da

⁶¹ Faleiros (1987), utilizando-se também do estudo de Arruda (1983), argumenta que o "menor", entre outras fontes de "fabricação", encontra na "dinâmica institucional" uma grande forma de adentrar aos circuitos da delinquência: "A instituição, ao invés de recuperar, perverte, ao invés de reintegrar e ressocializar, exclui e marginaliza: ao invés de proteger, estigmatiza. Isto configura a perversidade institucional, por produzir o efeito contrário ao proposto."(Faleiros,1987:11)

reintegração das meninas de rua, mas cujos mecanismos e normas são voltados para a preservação da condição de desvio que se pretende eliminar"(p.32) ⁶² .

Denise Marcon(1992) em estudo comparativo entre instituições de atendimento a menores em Florianópolis, conclui que na verdade, o "sucesso" na "recuperação" de um menor abandonado ou infrator, depende muito do histórico e das particularidades de cada caso, mas considera que "apesar das instituições não estarem cumprindo seu objetivo principal" - corroborando a opinião dos demais autores citados- ela, pessoalmente, acredita que ainda assim as instituições de atendimento "servem como um paliativo para o problema."

Não acreditam estes autores, dentre os quais me incluo, numa possível "falha" do sistema assistencial. Todo o processo parece fazer parte do que Foucault chamou de "utilização" ou "preenchimento estratégico" pelo poder, daquilo que é um "inconveniente". Ou seja, o sistema assistencial enquanto "falha" na "recuperação", "fabrica" menores abandonados⁶³. Acaba por torná-los úteis tanto política quanto economicamente. Eles alimentarão as prisões ?⁶⁴ No momento justificam todo um aparato de instituições e burocracias montados na sociedade para o seu controle: a polícia, os juizados de menores, a assistência governamental e religiosa. Para isto há a necessidade da construção de uma imagem negativa destes sujeitos. É preciso que os acreditemos "criminosas" e "irrecuperáveis" para não lamentarmos a sua exclusão⁶⁵.

⁶² Goldwasser (1974) num estudo sobre "estigmatização" num abrigo feminino destinado a "recuperar" prostitutas, também aponta que as providências e ações propostas pela instituição não operam no sentido de dissolver os limites existentes entre o normal e o desvio, pois estes limites são parte integrante do sistema de diferenciação e classificação ao qual serve a instituição, e para a qual, a eliminação da categoria desviante significaria também a anulação da categoria dos normais, onde o próprio abrigo encontra razão de existir.

⁶³ Medeiros(1992) reflete que usar o termo "recuperar" para estes meninos é, no mínimo, discutível, porque o prefixo "re" significa uma volta a um estado anterior considerado ideal ou normal. Nestes casos, nenhum estado considerado 'normal' ou 'ideal' pela sociedade envolvente, já foi ocupado por estas crianças.

⁶⁴ Altoé (1993) chega à conclusão de que embora não aja uma relação direta entre a passagem pelo sistema de internato e o tornar-se delinquente ou presidiário, pode-se concluir que "a maioria dos presidiários, ex-alunos da FUNABEM, são de fato aqueles que tiveram várias entradas na rede de internatos sem, no entanto, ficar nestes locais por muito tempo."(p.227)

⁶⁵ Nesta questão da sociedade "contra" o "menino de rua" pelo "perigo" efetivo ou risco de "contaminação" que apresenta a outras crianças, é interessante ver-se a análise de Mary Douglas sobre como, "poderes e perigos" são atribuídos aos sujeitos nas sociedades primitivas em comparação com as sociedades modernas. Sugestivamente, a autora define que "seres marginais" são aqueles "sentidos como uma ameaça por aqueles com status mais bem definidos. Uma vez que são creditados com poderes perigosos e incontroláveis dá-se uma desculpa para subjuga-los. Podem ser acusados e violentamente despachados sem formalidade ou deferimento."(Douglas,1976:128) Tem-se notícia destes julgamentos sumários efetuados sobre "feiticeiros" nas tribos primitivas, sobre "bruxas" na Idade Média e (porque não?) sobre "meninos de rua" hoje em dia.

Capítulo V

Considerações Finais

1. Literatura X Relatos Etnográficos :

Comparados às pesquisas acadêmicas, os romances têm fornecido uma visão mais aproximada e detalhada do cotidiano vivido por crianças e adolescentes "abandonados", nas ruas ou nas instituições. Não preocupados em teorizar ou em ser representativos, os romances buscam somente fornecer um "retrato", uma aproximação das situações de vida destes abandonados, desassistidos material e afetivamente, através das "personagens" na ficção e através dos "depoimentos" nas autobiografias.

Nos romances "de ficção" aqui analisados os menores são vistos ora como "heróis-subversivos" (**Capitães da Areia**) ora como "justiceiros" (**A Infância dos Mortos**), ora como "anjinhos inocentes" (**Oliver Twist**). Nenhuma destas versões corresponde totalmente à(s) realidade(s), mas cada romance tem sua verossimilhança interna, tem uma coerência própria, e é isto o que os faz próximos da "verdade", próximos de uma provável realidade. Dickens com o sadismo e crueldade adulta excessivos, contrapostos à pureza infantil absoluta; Amado com a romantização excessiva de um modo de vida desregrado e livre e, Louzeiro, com um heroísmo e vitalidade juvenis à toda prova, querem nos fazer crer não exatamente em tudo o que escreveram sobre a "infância abandonada", mas retratar para a sociedade um momento, uma faceta, de sua própria história.

As autobiografias têm, certamente, a "vantagem" de parecerem mais próximas da realidade já que supostamente, contam a "verdade" sobre uma história de vida particular. Acontece que para muitos críticos e teóricos literários, como visto, esta crença não se aplica de forma absoluta. Segundo Frye (1973), é difícil ver que utilidade tal distinção pode ter para um crítico

literário, tamanha a dificuldade em se estabelecer os critérios do que seria, numa autobiografia, "verdadeiro" ou "falso", "real" ou "fictício"¹.

Esta distinção tem, no entanto, um grande poder de sedução junto ao público leitor. Quantos de nós não nos predispomos com mais entusiasmo a ler ou a assistir obras literárias ou cinematográficas que nos informam serem baseadas em "fatos reais", em "acontecimentos verídicos"? Esta nossa ânsia por "verdade" costuma, no entanto, obscurecer o fato de que a autobiografia é também inspirada por um impulso criador e portanto, ficcional. Assim, o autor seleciona apenas acontecimentos e experiências de sua vida que vão construir uma forma integrada. Ou seja, não é a "verdade" absoluta que vamos encontrar ali. Segundo Epstein: "A biografia, como a ficção, é a arte de escolher. Embora limitada pelos fatos, sua verdade é, inegavelmente, a espécie de verdade da literatura - não certa ou errada, porém mais ou menos persuasiva." (Epstein, 1985:69)

Se os romances "de ficção" apresentam certos problemas com a caricaturização de personagens, nas autobiografias vamos nos deparar com outros tipos de dificuldades. Uma delas diz respeito ao fato de que nesta forma de literatura, as reflexões sobre os acontecimentos narrados são sempre feitas a posteriori pelo eu-autor². A dúvida que permanece é saber quando um determinado discurso, uma determinada explicação sobre um acontecimento narrado, foi feita apenas para justificar os procedimentos do autor-protagonista, ou está ali porque realmente descreve o acontecido. Também não encontraremos nas autobiografias, a desejada distância ou estranhamento que se espera encontrar em um texto de cunho mais objetivo ou "realista". Esta proximidade excessiva, esta subjetividade do eu-autor, acaba por comprometer a obra pela falta de elementos que, por serem considerados "detalhes" sem importância ou mesmo "constrangedores", não são selecionados para compor o relato de vida. Por último, destaca-se a questão do seu particularismo, oposto à visão mais ampla do romance de ficção.

Nas questões relativas à sexualidade, os romances analisados e o meu relato etnográfico aproximaram-se bastante. Mas os romances têm a "vantagem" de poderem ser muito

¹ Genet é o único autobiógrafo que se questiona a respeito da "veracidade" de suas memórias: "O que escrevo terá realmente acontecido? Será falso? Só este livro de amor será real. Os fatos que foram o seu pretexto? Deles devo ser o receptáculo. Não são eles que restituo." (1983:95)

² Genet neste sentido, também é o único que esclarece ao leitor, muito oportunamente, que em seu Diário descreve os fatos tal como ocorreram, mas a interpretação que deles ele extrai no momento em que escreve, é o que ele é no presente: "Por isso esclareço que ele deve informar sobre quem sou hoje quando o escrevo. Não constitui uma busca do tempo passado, mas uma obra de arte cuja matéria-pretexto é a minha vida de outrora. Há de ser um presente fixado com a ajuda do passado, não o inverso. Saiba-se, pois, que os fatos foram o que eu descrevo, mas a interpretação que deles extraio é o que sou - agora." (op.cit :68) Aqui Genet segue a fonte proustiana (pois não foi ela a transformar o mendigo-ladrão em escritor?) apontada por Benjamin (1985): não buscar reencontrar o passado em si, mas a presença do passado no presente, e vice-versa.

mais minuciosos e detalhistas que a etnografia neste ponto. Choukri e Herzer souberam utilizar-se bem desta vantagem. Seus relatos autobiográficos ganham intensidade quando descrevem as sensações - dúvidas, perplexidade, desejos - que os envolviam diante do sexo. Dos dois autores, Choukri, apesar de culturalmente diferente e mais distante no tempo, é quem, segundo me parece, fornece o retrato mais aproximado das situações de sexo que observei em campo. Collen, em **Mais que a Realidade**, é parcimonioso nas confissões sobre sua sexualidade e Genet, subjetivo demais: a sucessão de seus amantes através do tempo e dos países pelos quais perambulou, é o fio com o qual arma toda a narrativa que ele denomina de "heróica".

A natural vantagem do romance sobre a etnografia nesta questão é a onisciência do autor. Tanto na ficção (através da imaginação) quanto na autobiografia (através da memória) os autores podem descrever também o que se passa na cabeça dos personagens, podem descrever seus pensamentos e emoções. Têm a chamada "consciência total" dos fatos, porque esta é "interna" e "externa" aos acontecimentos, ao mesmo tempo.

A única "falta" que eu poderia apontar nos romances relativo à questão da sexualidade das crianças e adolescentes na rua, um ingrediente que praticamente não aparece - às breves exceções de Choukri e Jorge Amado - é o sexo de crianças com adultos. A prostituição infantil e a pedofilia são fatos inegáveis em nossa realidade. No entanto, em apenas duas curtas passagens de apenas dois dos sete romances, eles são evocadas. A tendência geral foi a de manter o adulto fora do circuito sexual infanto-juvenil narrado. O silêncio quase unânime destes autores sobre o assunto pode sugerir um certo pudor, uma certa rejeição em tratar do tema visto ainda como tema-tabu, um assunto algo incômodo, que permanece no âmbito das coisas não confessáveis ou no rol intrigante das "perversões sexuais"?

Em relação à afetividade e à solidariedade existente entre as crianças na turma da rua, quase todos os autores agiram de forma inversa à omissão de sexo com adulto. A quase unanimidade deu-se em torno da salientação da camaradagem, amizade e solidariedade à toda prova entre as crianças. As "turmas" foram descritas quase como "famílias" onde os membros se dão proteção e suprem suas carências materiais e afetivas. Collen, em **Mais que a Realidade**, trata seus companheiros da Praça da Sé como "irmãos" e seu "mocó" como uma "casa da família". Nos romances de ficção, **Capitães da Areia** e **A Infância dos Mortos**, constrói-se igualmente a imagem da "turma" ou "bando" como a reunião de companheiros muito próximos, vivendo como irmãos e dividindo tudo entre si. Nas autobiografias de Genet, Herzer e Choukri este aspecto é tratado de forma mais realista. Embora Herzer fosse o chefe de uma das "famílias" formadas dentro das unidades femininas da Febem, ela faz questão de afirmar que não era propriamente "amizade" o que se passava entre as meninas, já que este era sentimento difícil de ser cultivado entre as internas devido à insegurança e desconfiança reinantes no ambiente. Apenas a autobiografia de Choukri, que vivendo na rua, relata também sua vida em família: o ódio ao pai colérico, a miséria material e afetiva

em casa, a ajuda que prestava à mãe infeliz e submissa, os pequenos irmãos mortos quase sempre na primeira infância.

O fato de que a criança de rua mantém contato com a família já foi comprovado por diversas pesquisas e, particularmente, nesta por mim realizada, também pude verificar o constante contato que as crianças mantêm com o grupo familiar embora este não tenha, na maioria das vezes, grande domínio sobre ela. No entanto, os romances de ficção passam a imagem da criança de rua como totalmente abandonada, sem família. Talvez tenham optado por caracterizá-las assim, como forma de transferir à turma o papel da família: afeto, proteção, solidariedade. Desta forma, o que se observa na maioria dos romances não é aquilo que Cláudia Fonseca chama de "circulação de crianças" - que se daria entre a casa da família, a rua e as instituições de atendimento- mas a permanência direta e exclusiva na rua, estabelecendo o mocó como "casa" substituta e a turma ou bando como uma "família" alternativa.

Em campo, observei solidariedade e afeto entre companheiros na rua, mas nada que fosse intrínseco à "turma da rua". Eles fazem as coisas juntos, mas cada um sabe que é o único responsável por si. Há afeto e solidariedade entre um e outro companheiro de modo particular, mas isto não se estende à turma de uma maneira geral. Não há na verdade nem mesmo a constituição de uma turma muito fixa de companheiros, neste caso, que pudesse sugerir a idéia de uma "família" ou de "irmãos" na rua, embora muitas das crianças pertencessem efetivamente ao mesmo grupo doméstico, sendo irmãs e primas entre si.

A violência e arbítrio policiais e nas instituições de proteção e atendimento à criança estão presentes em todos os romances, sem exceção. Genet é o que faz, no entanto, menos queixas neste sentido. Há um momento em que confessa, a despeito de sua desolação em ter sido preso, ter triunfado sobre "toda a polícia do mundo". O relato etnográfico é suave se comparado aos episódios narrados nos romances e em estudos como o de Carvalho(1991), Medeiros(1992) e Dimenstein(1990). Entre os romances, é novamente o de Choukri o que mais se aproxima do que observei em campo sobre a relação entre policiais e crianças de rua. Em sua autobiografia, ele descreve que os policiais de sua cidade o conheciam e a seus familiares. Em Florianópolis, de porte pequeno se comparada às grandes cidades e capitais brasileiras, e tendo ainda um pequeno número de crianças que podem ser classificadas como "de rua", é natural que policiais, assim como assistentes sociais, educadores de rua e mesmo pesquisadores como eu, venham a conhecer praticamente todas estas crianças. Este mútuo reconhecimento, esta fácil identificação dos meninos por parte dos policiais e vice-versa, faz com que muitas vezes sejam suavizadas as relações entre eles.

Quanto à "consciência política" das crianças descritas nos romances há uma grande diferença para o relato etnográfico e outras pesquisas. O meu e outros relatos etnográficos apontam para a falta de consciência política em seus discursos, enquanto que nos romances, especialmente **Capitães da Areia e Mais que a Realidade** há forte tendência em se mostrar os personagens

politizados. Jorge Amado prega abertamente a revolução socialista, descrevendo a rua como espaço propício à formação de uma consciência libertária e de contestação do regime vigente. Collen, faz questão de mostrar como era "politizado" no tempo em que viveu na Praça da Sé em São Paulo e de como apoiava os movimentos reivindicatórios grevistas das várias categorias profissionais que iam à rua expor suas idéias.

Capitães da Areia e A Infância dos Mortos simplesmente não tocam no quesito drogas. Na adaptação que ambos sofreram para a t.v, teatro e cinema, foram feitas significativas modificações neste aspecto. Talvez como forma de "atualizar" a obra à realidade da criança de rua no Brasil hoje. Herzer, Choukri e Collen, falam das drogas como realidade incontestável no dia a dia das ruas. Não há nas pesquisas acadêmicas, apesar da relevância da questão, estudos mais aprofundados sobre o assunto. Trabalhos jornalísticos como o de Medeiros e denúncias como a de Carvalho é que fornecem um quadro mais representativo do problema. Em campo, muito mais que a suposta "fome" e "sofrimento" por que passam estas crianças, causou-me verdadeira angústia observar a procura diária e desenfreada por "cola de sapateiro", que aspiram sem parar as vezes durante dias seguidos ou enquanto tiverem o produto nas mãos.

A questão da liderança é bem marcada nos romances mas o é mais especialmente nos romances de ficção. Nas autobiografias ela é apenas insinuada. São poucos, dentre os trabalhos acadêmicos utilizados, os que trabalham a questão da liderança na turma da rua. Vogel em seu artigo sobre menores de rua, elenca os atributos necessários ao sujeito para ser "chefe", ou "tora" da turma, afirmando que ele é ponto de referência central nas atividades do bando, de forma que "cada turma é conhecida como a turma de seu chefe". Também a pesquisa sobre "meninas de rua" de Goiânia (Fenelon, Martins e outros, 1992), enfocou mais detalhadamente a vida e visão de mundo da "líder" de um bando de meninas. No caso de minha pesquisa, como já assinalado, não observei a identificação formal de um "chefe" mas, informalmente, percebi que alguns meninos por serem "bons de briga" centralizavam de certa forma a admiração, as decisões e informações do grupo eventualmente formado. Considero que nos romances analisados, a "liderança" estava bastante ligada à "afetividade". Ou seja, os sujeitos mais queridos, carismáticos, é que costumavam tomar a liderança do grupo. Em campo, percebi as eventuais lideranças muito mais ligadas à força física: os meninos que melhor batem em seus próprios companheiros e nos outros, são os mais respeitados e ouvidos no grupo.

Em relação às visões que têm sobre a vida na rua e nas instituições de atendimento, escrevendo sobre suas próprias experiências, Herzer e Collen ratificam com ênfase os aspectos negativos levantados em estudos científicos sobre o desempenho das instituições governamentais de atendimento a menores no Brasil, especialmente os feitos por Arruda(1983) e Violante (1985) sobre a FEBEM de São Paulo. Dos demais autores, apenas Genet e Choukri não se manifestam sobre a vida em internatos, os outros são unânimes em também afirmar a decadência das instituições de

atendimento. Quanto à vida na rua, as opiniões dos protagonistas, tanto nos romances de ficção quanto nos autobiográficos, oscilam entre a valorização da "liberdade" de que gozam na rua e as dificuldades de sobrevivência encontradas nesta "vida livre". No meu relato etnográfico pode-se dizer que a tendência foi a mesma, sendo que a ênfase positiva recaiu sempre um pouco mais sobre a "liberdade" e o "gosto" pela vida que levam na rua, oposto ao "tédio", "violência" e/ou "submissão" encontrados na casa da família ou nas instituições de atendimento.

A forma pela qual a etnografia diferencia-se da ficção na apresentação de "detalhes" do cotidiano de "crianças de rua" que, praticamente ausentes na literatura acadêmica, proliferam na ficção, encontra-se na razão de que a primeira não é fantasia, não é invenção. Porém, pode-se argumentar que os romances autobiográficos também não sejam. Então, em que consiste a diferença?

Acredito que muito mais que no conteúdo, ela centra-se no método de apreensão dos detalhes (dados? fatos?). Objetivos e métodos diversos de buscar a realidade que interessa. Para o autobiógrafo, as situações descritas fazem parte da história de sua vida. Passado o período da infância e adolescência, vividos na rua ou nas instituições de atendimento a menores, ele debruça-se sobre o seu passado e o descreve de modo a tornar pública sua particular experiência. Ou como forma de prevenção a outras crianças ou como forma de esclarecer a si próprio certos acontecimentos de sua trajetória de vida. A escrita como catarse. Escreve Sartre a respeito das confissões de Genet: "Dez anos de literatura correspondem a uma cura psicanalítica"³.

Por sua vez, o etnógrafo "vai a campo" com o claro objetivo de saber como as coisas acontecem, como funcionam dentro de universo até então desconhecido enquanto experiência empírica. O etnógrafo é o "outro", está fora do cotidiano que pretende descrever. Ele tem a tarefa então, de realizar a transformação de uma realidade desconhecida (exótica) em algo familiar (próximo, inteligível). Ora, em relação ao estudo de um grupo social dentro de nossa própria sociedade a relação do conhecimento que se estabelece é ainda mais complexa e residual. Os meninos de rua são algo já "familiar" ou "interno" ao cotidiano das grandes cidades brasileiras, mas que permanecem ainda muito desconhecidos e ou/ "exóticos" quanto às regras que os constroem como um grupo social "à margem" da sociedade. Por outro lado, a aproximação àquilo que nos é em tese desconhecido, por que escapa ao normativo, acaba por estranhificar aquilo mesmo que era ponto de partida: a nossa familiar, por que "conhecida", normalidade social. A criança no seio da família e, cada vez mais cedo, da escola, enquanto objeto de intensa observação e vigilância, acaba por se tornar ela mesma, objeto de indagação e perplexidade dentro da chamada "viagem

³ Para verificação do caráter de "catarse" e/ou "terapêutico" da literatura para o autor, ver Castagnino(1969) e, mais uma vez, o próprio Genet que confessa desejar, através da escrita "descobrir o sentido" de sua vida.(Genet,1983:95)

antropológica". Portanto, eis aqui talvez uma das sutis diferenças entre o ofício do etnógrafo e o ofício do escritor: este não pode ser surpreendido por aquilo que não tem como objetivo buscar - o conhecimento de si na procura do outro. O escritor escreve sobre aquilo que lhe é familiar, sobre aquilo que deseja dar a conhecer ao público leitor. O etnógrafo está munido sempre de uma dúvida. Sua tarefa não parte de certezas estabelecidas mas de infinitas questões acerca da lógica que rege determinado grupo ou sociedade investigada.

A contribuição que o texto etnográfico talvez possa trazer a esse processo contínuo que é o do conhecimento, nunca alcançado de uma vez para sempre e de forma absoluta, se deve em grande parte ao fato de que o etnógrafo narra aquilo que vê, que ouve, que sente, no calor mesmo dos acontecimentos. Certamente também ele interpreta, tira conclusões, constrói hipóteses, mas não pode "imaginar" o que descreve, nem lhe cabe justificar o que vê. A ele interessa buscar compreender os fatos com que se depara no trabalho de campo não de uma forma absoluta, final, dada de uma vez por todas, mas para iniciar uma busca de elementos significativos, de forma que o texto por ele tecido inspire novos, embora sempre provisórios, sentidos.

Lendo-se o diário de campo - e aqui a sua central "semelhança" com os romances autobiográficos e de ficção - percebe-se a preocupação com o detalhe e com "o detalhe do detalhe". A visível preocupação, no tocante às diversas formas de expressão das crianças, em se apurar "o fato". Saber o que "realmente" acontecia, para descrever se possível, em minúcias, as relações.

No campo, cada informante era levado a falar "a verdade" não só sobre si, mas também sobre o companheiro de rua. Havia sempre a procura do discurso, a constante busca da confissão. A enunciação de uma "verdade" própria, ou de outrem.

Entendo que a etnografia contribui de certa forma aqui, ao lado de romancistas e ex-meninos de rua ou mendigos tornados escritores, com a mecânica de um poder que persegue incessantemente as variadas e "despropositadas" formas pelas quais os sujeitos pesquisados vão ser considerados "perversos", "desviantes" ou "imorais". A escrita acaba também por especificá-los, classificá-los e torná-los "lugar-comum". Acaba, enfim, por colocar sob uma forma maciça e geral, a diferença que importuna.

Diante de tal enfoque, creio que as "diferenças" entre a ficção e a confissão (ou autobiografia) e um relato etnográfico como o que aqui se apresenta, acabam por se diluir. Pois, todo o gênero literário - incluída aí a etnografia - passa a estar comprometido com a "busca incessante da verdade", busca que, segundo a análise de Foucault, está atada, por sua própria natureza, a "procedimentos disciplinares" que hoje fazem da descrição e interpretação, um meio de controle e um método de dominação.

A escrita - seja ela ficção, jornalística, etnográfica - constrói a imagem da criança pobre na rua. Um "perigo" para a sociedade? Abandonados? Um modo de vida rebelde, pulsante, inconformado e desconhecido? Seja qual for o retrato fornecido, ele contribui para produzir a

"compreensão" da diferença. É imperativo para a sociedade que esta se produza. Todos querem saber como lidar com esta "anormalia" que é a criança só e má encontrada em cada praça, em cada esquina de nossos centros urbanos. Não se pode mais ignorar as crianças vivendo nas ruas, nem ostensiva ou candidamente afastá-las com o recurso de uma esmola generosa ou medíocre. Há pânico nas ruas. A criança pobre e violenta é o grande perigo a ser enfrentado? É o grande problema a ser elidido do cenário social? É a "grande vergonha" ou "grande fracasso" do país? O que se percebe é que, com o passar do tempo, é um "problema" que tem sido de uma vez por todas estabelecido, fixado, tornado cotidiano, através de um processo de esquadrinhamento, fixação e caracterização daquilo que, nestas crianças, é considerado o desvio, a anomalia, a perversão. Quase assim como outros grandes crônicos "problemas nacionais": a "crise" econômica, a "inflação", a "violência urbana".

Trata-se, na verdade, de atentarmos para a função política da escrita pois :

" O investimento político não se faz simplesmente ao nível da consciência, das representações e no que julgamos saber, mas também ao nível do que torna possível algum saber." (Foucault, 1987)

A minha escuta, a minha escrita. A minha escrita será ela mesma doravante, objeto de exame. E poderá ser, daqui por diante, também incansavelmente descrita, analisada, e assim sucessivamente, com as análises da análise, até atingirmos as "fronteiras" da meta-etnografia.

2. Escrever não é afirmar ?

" O famoso cachimbo...
 Como fui censurado por isso!
 E entretanto...
 Vocês podem encher de fumo,
 o meu cachimbo?
 Não, não é mesmo ?
 Ele é apenas uma representação.
 Portanto,
 Se eu tivesse escrito sob o meu
 quadro :
 'isto é um cachimbo',
 eu teria mentido. "

René Magritte

Da mesma forma que Magritte negando a evidência : o desenho de um cachimbo não é o cachimbo, eu posso também afirmar que as descrições deste estudo sobre os meninos de rua, **não são** os meninos de rua. Óbvio. Não podemos encher de fumo o tal cachimbo, nem segurar a mão de qualquer uma destas crianças. O que fazemos, o artista com sua pintura, eu com minha escrita, é uma representação do real. Não é o real.

Com a negação de seu cachimbo enquanto tal, Magritte problematiza a relação (tão complexa que, segundo Foucault, é quase uma não-relação) entre o elemento pictórico e os elementos linguísticos: a relação(ou quase) da pintura com seu título⁴. Eu não tenho sequer o alibi de estar tratando de formas diferentes de expressão: nego o escrito com a escrita. E penso que a diferença entre o cachimbo de Magritte e os "meus meninos de rua" é que o cachimbo tem uma existência universal, mudando-se-lhe formas e cores, permanecerá sempre o mesmo objeto com função definida. Os "meninos" não. Eles são irreproduzíveis.

Assim, concluo que se eu afirmasse "estes são os meninos de rua de Florianópolis", eu também estaria mentindo, pois nem todos aqui descritos correspondem a este estereótipo.

⁴ Foucault (1989b)

Reservei-me no princípio deste trabalho, o direito de negar a possibilidade de afirmar quem ou como são os meninos de rua de Florianópolis e, apesar disto, realizei suas descrições. A aparente e preocupante contradição entre se negar a possibilidade de um discurso e depois realizá-lo de alguma forma, tem a ver, neste caso, não só com a própria natureza do discurso mas também com o seu objeto. As crianças investigadas escapam a qualquer tentativa de descrição e interpretação. As palavras como rótulos, explicações, teimam em resvalar diante de suas existências como a água escorre, sem penetrar, as vidraças numa chuvarada.

Minha impressão maior, é de que as crianças e adolescentes com quem estive em estreito contato, embora vivessem algum tempo de suas vidas na rua sem a supervisão de um adulto responsável e fora da escola, não são o que a mídia classifica de "meninos de rua" nas grandes cidades brasileiras. Na verdade, já vimos que a imagem de delinquente do "menino de rua" nas grandes cidades brasileiras também não corresponde exatamente à realidade daquelas crianças.

Então presume-se: se os "meninos de rua" não estivessem ali, eles poderiam ser criados pelo discurso. Eles seriam uma "ficção" a partir de um certo olhar, de um certo saber. De algum modo esta sempre foi minha maior preocupação: se eles forem "meninos de rua", que o sejam por conta própria, não por conta da minha pesquisa.

Mas na verdade eram poucos, os que se identificavam como sendo "da rua". E, mesmo dentre estes, alguns nem tinham na rua, a sua "parada" mais permanente. Outros, mesmo "parando" dias ou semanas seguidas na rua, não reivindicavam tal rótulo. Eram singularidades. Estavam na rua desde tenra idade, há no mínimo cinco ou seis anos, como haviam estado ou ainda estavam, seus irmãos e outros parentes (primos, sobrinhos, tios jovens). E não viam motivo para, de uma hora para outra, admitirem uma classificação que não era sua. Uma classificação que lhes acarretaria toda a carga de preconceito e forte estigmatização que acompanha a identidade do "menino de rua": viciado, ladrão, sujo.

Tal estigma, como já mencionei, era justamente o motivo que fazia muitas crianças pedintes, que passavam os dias e as noites também na rua, "fazendo dinheiro" para o grupo doméstico, indignarem-se, quando confundidos com os "da rua". Assim, diariamente "na rua", dela no entanto, não se consideravam próprios.

Outros ainda, estando há poucos dias na rua, numa fuga breve da casa ou simplesmente acompanhando algum colega mais experiente, tendiam a se identificar como sendo "de rua" pela possível notoriedade que isto poderia lhes trazer, já que a pesquisadora estava "atrás" deste tipo de criança. Sabe-se que "menino de rua" é hoje personagem muito citado em jornais, televisão, discursos políticos, programas religiosos e comove ou choca de uma ou outra maneira a opinião pública. Então, muitas vezes, entre ser um anônimo menino na periferia e passar a ter um 'status' reconhecido, muitas crianças e adolescentes sentem-se atraídos por este tipo de "fama". Acredito que este entendimento dos sujeitos pesquisados, vem a ser, em Florianópolis, um dos motivos que

contribui para o seu alistamento à vida da rua. Estas crianças acreditam que têm à sua disposição, educadores de rua, abrigos, pesquisadores e, maravilha das maravilhas, jornalistas com máquinas fotográficas ou filmadoras no seu encalço. É uma forma que eles encontram para "aparecer" e serem "importantes"⁵.

Outra forte impressão que me acompanhou durante toda a pesquisa é a de que talvez aqui, este "tipo" de criança ainda esteja sendo "produzida". O trabalho da polícia, da igreja, dos jornalistas, dos sociólogos, antropólogos, psicólogos, assistentes sociais e outros "trabalhadores sociais" (no sentido proposto por Guattari) acabam por se encarregar desta tarefa. Procurando-os, fazendo-lhes o censo, interrogando-os, retirando-os das ruas, internando-os, acolhendo-os, fazendo-lhes um "abrigo", um "programa de assistência", uma "tese", acabam por recortá-los em suas características mais aparentes, trazendo-os à tona, pondo-os em evidência para a cena social e política local, classificando-os de modo a que enquadrados em nossas categorias de desvio, carência e marginalidade, desta situação não mais possam se libertar sem a nossa intervenção.

Aqui, gostaria de esclarecer, não pretendo "culpar" uma ou outra categoria profissional pela emergência do contingente destas crianças vivendo nas ruas, mas sim alertar para o fato de que, a inevitável contribuição para o que Guattari chamou de "processo de produção de subjetividade", independe de nossas "boas-intenções" ou "inocências". Pretendo, fundamentalmente, alertar para a "encruzilhada" que nós, especializados em ouvir o discurso do outro, nos encontramos: uma encruzilhada política e micropolítica fundamental, concordo com Guattari. Está em nossa mãos fazer ou não, o jogo da reprodução de modelos que não permitem criar saídas para os chamados "processos de singularização" ou seja, para a aceitação da diferença. Isto implica lembrar, pois nunca é o suficiente, que não há "objetividade científica" alguma nesse meio. Mesmo para os francamente "bem-intencionados" e abertamente "ao lado" das minorias, o pensador francês faz um alerta: ao se desejar "mudar a sociedade para melhor", ao se "fazer política" em prol das minorias, os democráticos e revolucionários em geral, acabam por incorrer no mesmo erro - involuntário, sem dúvida-, que é tentar impor uma "verdade", veicular os mesmos

⁵ Um mês encerrado o trabalho de campo, fui abordada por um adolescente com quem tive esporádico contato no período. Era sábado à noite e eu encontrava-me com amigos em atividade de lazer, quando o rapaz veio ao meu encontro e, sem qualquer cerimônia, literalmente intimou-me sobre uma "reportagem" que eu estava lhe "devendo". Percebi que ele deveria estar se referindo a uma entrevista que marcamos e que acabou não se realizando. O que chamou-me a atenção não foi tanto o fato de ser confundida com uma jornalista (pois ainda prefiro esta confusão àquela que me transforma em "traficante de cola"), mas a percepção de que no tom intimatório e mesmo agressivo deste adolescente em particular, havia a certeza de que eu lhe "devia" algo. O meu "dever" seria estar ali a trabalho dele, de gravador e câmara em punho, esperando apenas que ele, o "personagem" das ruas me concedesse atenção. Lecznieski(1992:4) também impressionou-se como, após ter incidentalmente mencionado a idéia das entrevistas apenas a alguns garotos, foi procurada por diversos outros que, além de manifestarem sua vontade em também "dar entrevistas", demonstraram seu ressentimento em não terem sido requisitados pela pesquisadora.

preconceitos, agir com as mesmas atitudes falocráticas, desconhecer da mesma forma autoritária, os desejos de quem se pretende "recuperar", "libertar", "ensinar"⁶.

Entendo que as crianças e adolescentes investigados têm certamente muitas coisas em comum, mas cada uma é singular na maneira de "ser" ou "estar" na rua. Utilizei-me por isto, fundamentalmente, das reflexões desenvolvidas por Vogel (1991) acerca da constatação de que, em se tratando de "meninos de rua", ou de crianças que deixam a casa dos pais para viverem em bandos nas ruas, "cada caso é um caso". Desconcertante como todo enunciado tautológico, esta constatação, no dizer do autor, tende a anular por princípio, toda e qualquer possibilidade de generalização, propósito final almejado por qualquer pesquisa. O que resta então, ao pesquisador "concluir", diante da irredutibilidade dos casos?

Resta-lhe somente, trabalhar com o elenco das variáveis que, não obstante a diversidade das histórias de vida, estão sempre presentes nos "casos" e acabam por caracterizar um "perfil dramático comum", cujo núcleo é: uma criança sai de casa para viver na rua. Por quê? A violência doméstica, a escassez de recursos, a casa vazia, a servidão *na casa*, por um lado. E a 'enturmação', o gosto (o 'vício') pela aventura e liberdade *na rua*, por outro, compõem a "retórica dos motivos" acionada pelos envolvidos no drama.

Num primeiro momento, poderia dizer-se que a primeira acusação é feita pela criança 'contra' a casa da família, e que a segunda é justamente o inverso: a alegação é feita pela família, 'contra' o filho desgarrado. Mas nem mesmo esta é uma generalização possível de ser feita, embora recorrente em muitas pesquisas já realizadas, porque justamente nesta aqui apresentada, o segundo tipo de acusação era também acionado pelas crianças 'contra' si próprias. Era quando me afirmavam serem possuidoras do 'vício da rua'. Assim, as demais acusações: a violência dos pais, a pobreza, a servidão doméstica, eram esquecidas ou mesmo desmentidas após terem sido acionadas num primeiro momento, para demonstrarem-me a 'verdade' da sua ida para a rua: a preferência por aquele estilo de vida, o "gosto" pela 'agitação' e 'aventura' na rua.

Utilizei-me também da linha de raciocínio de Fonseca e da indispensável pesquisa histórica de Ariés no referente às questões que envolvem as famílias das crianças, porque desde que entrei em contato com o universo destas, sempre tive também a impressão de que as famílias que tinham crianças mendicantes ou "morando" na rua, possuíam uma forma própria de elaborar o seu sentimento em relação às crianças que lhes pertenciam. Uma forma própria e que lembra muito pouco a forma como nós próprios percebemos e guardamos nossas crianças. Muito ligado a isto, talvez mesmo decorrente disto, existe também uma forma própria destes grupos de baixa renda - que se utilizam da mendicância infantil- configurarem suas famílias.

⁶ Guatarri (1986).

Embora os modelos da família conjugal estável e da criança "bem cuidada" e "bem educada" fossem ideais sempre perseguidos, lembrados, ou tomados como "corretos" nos discursos dos parentes adultos das crianças (mães, irmãs casadas, avós, tias), o que se verificava em relação à organização do grupo doméstico e à guarda e educação da criança investigada era muito diferente.

Certamente, é grande a dificuldade em se aceitar os inquestionáveis valores do "amor materno" e da "inocência infantil" como sendo construções culturais, variáveis de acordo com as épocas e os costumes⁷.

Mas no entanto é necessário reconhecer que "a criança" (e seus corolários, "família", "afetos familiares", "educação escolar") tal como a concebemos modernamente é uma figura histórica recente. A sua emergência e configuração social são parte de um processo histórico específico, tornado hegemônico. Ao longo da história do homem sobre o planeta, diferentes papéis, diversas posições, valores e representações já foram atribuídos às crianças. No entanto, a despeito das diferenças culturais, níveis de complexidade social e de época, as crianças, universalmente, têm sido consideradas seres humanos incompletos. Assim, ocupam aquele espaço ambíguo entre o que está além e ao mesmo tempo aquém da humanidade (leia-se: indivíduo adulto). De anjos a demônios, elas ocupam os espaços liminares da sociedade, como seres sagrados ou inferiores⁸.

É sempre muito difícil para nós, relativizarmos estas noções. Como crianças criadas dentro da atual ordem moral de total obediência, devoção e submissão aos pais e professores e, como pais e professores responsáveis pela vigilância, saúde, bem-estar e educação de nossos filhos e alunos, não há como deixar de escandalizar-nos no contato com este outro valor que é a "criança" encontrada no exercício do trabalho de campo. O que realmente me surpreendeu e que sugiro ser objeto de investigação ainda mais urgente do que o próprio "menino de rua" é a violência, a intolerância com que eles são tratados. Há uma recusa total à diferença. Uma recusa tão violenta e determinante que acaba por construir, muitas vezes, moinhos de vento contra os quais lutar. Se não há "meninos de rua" em nossa cidade, nós os criaremos à imagem e semelhança das "grandes cidades".

⁷ A este respeito, ver além de Ariés (1981), também Badinter (1985) e Scheper-Hughes(1976). Os dois últimos autores tratam mais especificamente da questão do "amor materno" enquanto produzido socialmente e não determinado por emoções psicobiológicas inatas ou universais, tal como o afirmado na literatura biomédica da "vinculação materna". Scheper-Hughes trata especificamente do comportamento materno de faveladas brasileiras em relação a seus bebês considerados "mais fracos" ou com poucas "chances" de sobreviver às condições de escassez do grupo doméstico.

⁸ Esta questão da liminaridade assim como do valor simbólico da criança e a sua relação com o uso de práticas mágico-religiosas por diversas culturas é tratada por alguns autores: sobre a "meia-humanidade" da criança e a sua universalidade, ver Ortner(1979) e Yijima(1987); sobre práticas mágico-religiosas envolvendo crianças, Ver Yijima(op.cit) e Fonseca(1989a).

A perplexidade diante da "diferença" e a falta de conhecimento histórico-antropológico sobre o processo que desembocou na concepção da família e da criança em nossa sociedade, torna a sociedade intolerante ou, num outro extremo, "caridosa", para com aqueles grupos sociais que não foram atingidos pela "modernidade" nem pela moralidade dominante. Percebi as crianças que investiguei, assim como membros de seu grupo doméstico, francamente indignados com a intromissão e intervenção (sempre etnocêntrica) assistencial, filantrópica, policial e científica em suas vidas. Os sujeitos investigados, desde este entendimento de terem sua própria "visão de mundo" ou seja, sua própria "razão" baseada nas suas condições objetivas de existência e sobrevivência, recusam o papel de "vítimas", de "pobres coitados", de "abandonados". Fazem questão, complementar à recusa da apatia e passividade que lhes são imputadas, de se afirmarem sujeitos de sua história.

Desmascarada a ênfase em estudos sociológicos que buscam as causas do "abandono" de crianças no "modelo" de família adotado por grupos familiares de baixa renda, consegue-se perceber que não se trata de voltar nossos olhares e instrumentos de análise apenas sobre a família pobre. Minha sugestão é de que existem "meninos de rua" que possuem casas confortáveis, frequentam escolas particulares e são bem alimentados. Parto aqui, do entendimento de que a classificação "de rua", usada popularmente, vai além da noção que aponta para uma "região moral" - um espaço físico exterior e oposto à casa (a rua)- apontando, centralmente, para um tipo de comportamento social desviante⁹. Assim, um comportamento social dito desviante, rebelde, violento ou criminoso, que beira a "inevitabilidade" e que pode pertencer às crianças e jovens independentemente da classe social, é, via uma caracterização espacial (físico-ecológica) baseada na "visibilidade" da precariedade das condições gerais de vida e habitação, atribuída apenas àqueles jovens pobres que, insatisfeitos com, ou mesmo privados das instituições família e escola, fazem da rua o espaço para a sua socialização e aprendizagem da vida adulta.

Se partirmos do pressuposto de que nem toda criança pobre é uma ameaça à sociedade, assim como nem todo jovem bem escolarizado ou de "boa família" é um cidadão livre de "vícios" e violência, veremos que a construção deste personagem denominado "menino de rua" é mais uma tentativa de colocar sobre os ombros da pobreza a "culpa" pelos males que afligem nossa eruptiva epiderme social.

Os "meninos de rua" são modernos bodes expiatórios. Não há lugar de onde não se os acuse do "mal". São os responsáveis pela "nova" epidemia nacional: o medo da rua. Determinados

⁹ Esta sugestão é também do parecer de Vogel, conforme me comunicou pessoalmente, mas creio que divergimos quanto à natureza deste "menino de rua rico". Eu o enquadro nesta classificação desde o ponto de vista com que o outro menino (o pobre) é visto: um delinquente. E Vogel classifica-o como "abandonado", no sentido de que, mesmo tendo todo o conforto material, não tem do seu grupo doméstico a atenção e/ou carinho necessário à sua, digamos, "felicidade", assim como o menino pobre também não tem, por razões que se supõem serem somente econômicas.

setores da sociedade, aberta ou veladamente, são favoráveis à sua reclusão ou extermínio. Não há novidade, desde o início do século, em se convocar, via imprensa, a população a tomar as próprias medidas. Sejam preventivas ou pura e simplesmente repressivas. Uma "campanha" de denúncias que começa com João do Rio em 1908, passa pelo Jornal da Tarde utilizado por Jorge Amado em seu romance na década de trinta, e, recentemente, desponta num jornal de classificados do Paraná onde convocam-se os comerciantes a "melhorar" a cidade, matando "um menor infrator". Eles são como símbolos repelentes a nos lembrar em cada praça e esquina que o preço de nossa fingida satisfação social, é a morte da nossa capacidade de crítica e invenção. Há modelos mais ou menos fixos a serem seguidos por todos sem discussão: a vida em família, a educação na escola, o sexo seguro. Os "meninos" nos lembram mais que tudo, assustadoramente, quão tênue é a fronteira entre a cidadania e a marginalidade, numa sociedade de contrastes sociais profundos como a nossa.

Ninguém está livre de, inadvertidamente, ultrapassar as às vezes invisíveis fronteiras da legalidade. À conclusão de que no Brasil, "ninguém é cidadão", recentemente cantada por dois poetas da MPB, corresponde, no meu entender, à conclusão de que de certa forma, "somos todos marginais". Lembro que um de meus primeiros choques em campo foi perceber a nossa fragilidade, a do indivíduo, frente às organizações de poder. De um momento para o outro, eu passava, como pesquisadora e cidadã de posse de meus direitos e deveres, a estar sob suspeição. Isto muito mais frequentemente ocorria com os sujeitos investigados. Às crianças e adolescentes não era dado nem o direito de defesa diante das suspeitas e acusações. Eram sempre sumariamente julgados culpados das acusações que lhes fossem dirigidas.

Atualmente, os "meninos de rua" continuam a surgir na imprensa, no dizer alarmista de militares brasileiros como um problema que se está constituindo em questão de "segurança nacional": são um exército de delinquentes prontos a saquear, matar, assaltar, indefesos cidadãos. Assim, um documento da Escola Superior de Guerra, considera que as Forças Armadas poderão intervir para neutralizar e mesmo destruir "as hordas de bandidos" que poderão vir a constituir os "meninos de rua"¹⁰.

As crianças e adolescentes que investiguei não são nem revolucionários, como pode pretender uma abordagem "romântica", nem criminosos em potencial, como pretende a abordagem alarmista. São ainda, antes que os transformemos na última opção, crianças que escaparam às malhas disciplinadoras da família e da escola e, em consequência, da nossa "sociedade industrial". São seres que vivem nos interstícios de um espaço que, por princípio público, elas "contaminam" com o doméstico. Uma sociedade que separa radicalmente estes dois aspectos da vida social não vai ficar calada ou inativa diante de tal "invasão". Entreguem estas crianças aos pais em casa, às instituições de atendimento, às escolas e, se resistirem, às prisões ou à morte, mas retirem-nas das ruas: a

¹⁰ Jornal do Brasil, 19.05.91. Citado também por Faleiros(1993).

sociedade não pode nem deve, para poder continuar existindo tal como é, encarar sua outra face em cada esquina.

Percebe-se que as crianças e seu cotidiano nas ruas, chocam e escandalizam a todos por significarem a liberdade em seu estado bruto: a sua "opção" pela rua bate de frente com a nossa estabelecida "normalidade" social.

As crianças "de rua", estejam lá temporariamente ou não, desejam poder dispor de si mesmas sem restrições. Assim, a liberdade "total" implica não ter família nem instituição de atendimento que a controle. Na rua, elas têm um modo próprio de apropriar-se do tempo e do espaço: por isto os "horários" para fazer coisas básicas como comer e dormir, não existem. Usar drogas e ter relações sexuais também é emblemático desta "vida livre". Estas crianças burlam, em suma, a vigilância sobre seus corpos. Fogem, portanto, dos poderes disciplinares que pesam sobre, e dirigem o cotidiano das outras crianças, aquelas submetidas ao grupo doméstico e, através dele, à escola e ao trabalho. A sua não submissão ao grupo doméstico e o uso livre de seu tempo e corpo, é o que fundamentalmente as distingue das outras crianças "na rua": as pedintes e os pequenos trabalhadores. Estas, apesar de estarem a maior parte de seu tempo também na rua, ali estão por ordem da família e em nome do "trabalho". São levadas, via inúmeras formas de pressão, a produzir renda. As "de rua", não. Não "produzem" nada além de seu próprio desejo. Como coloca Vogel, elas invertem certos valores básicos de nossa sociedade industrial. Repudiam a ética do trabalho para assumir a da aventura¹¹. Subvertem assim, a ordem que dá suporte ao estatuto do cidadão. Na busca de satisfação de suas necessidades, ou seja, para a realização do seu "consumo", elas negam os meios laborais e legais, utilizando o que consideram mais "fácil" ou "vantajoso". Ou seja, que lhes toma menos "tempo" e esforço e, geralmente, "rende" mais. Assim, propõe a substituição do "trabalho"(na verdade, subemprego: vender jornais, guardar carros, etc.) pela mendicância, a prostituição e a predação. A sua negação em se adequar aos moldes da disciplina social, vai de contrário ao projeto de nossa "civilização". Aqui a ruptura se dá, concordo com Foucault, muito mais pela indisciplina do que pela infração.

As crianças e adolescentes que "assumem" o espaço público, a terra de ninguém, como marca de sua identificação, certamente adentram um limbo social do qual não podem escapar ilesos. Já pertencentes às camadas da população tidas como marginais, porque excluídas do acesso à riqueza socialmente acumulada, abandonam a periferia, seu gueto e lugar, para instalar-se caoticamente no centro das atenções e das atividades cidadinas. Elas escolhem para "morar" e "vadiar", nada mais, nada menos, que o próprio "coração" da cidade. O "centro" é o seu território. O que para as demais pessoas, conformadas aos padrões sociais vigentes, é apenas "passagem",

¹¹ Lusk e Mason(1993), assim como Fischer Ferreira(1979), Cheniaux(1986) e Lecznieski(1992) consideram o contrário, mas referem-se essencialmente às crianças trabalhadoras - vendedores, flanelinhas, pedintes, engraxates - que contribuem com a renda familiar.

apenas "caminho" entre os vários espaços organizados de morar, trabalhar, realizar cerimônias, consumir, se divertir; para estas crianças é tudo isto ao mesmo tempo.

O que resta aos demais personagens normalmente integrados ao convívio urbano? Segundo Mary Douglas (1976), a reação num contexto de rito tribal em outras culturas e as nossas atitudes seculares diante de uma pessoa considerada à margem do sistema social, é a mesma: a evitação. Porque significam perigo e não podem controlar sua situação anormal, toda a precaução deve partir de nós.

Há a possibilidade da instalação de um círculo vicioso aí. Nós os tratamos com evitação, demonstração de repúdio ou medo pelo que significam, e eles vêem reafirmada sua condição "anormal": detém um certo poder sobre cada um que os teme ou evita. Saem de alguma forma "fortalecidos" em sua marginalidade. Assim, todos contribuimos para algo que, perversamente, volta-se não somente contra os sujeitos evitados e/ou temidos, mas também contra nós mesmos. Estaremos aderindo com nosso medo, nossa evitação ou nossa violência, a um processo de "fabricação" de suas "delinquências" e "anti sociabilidade".

Referi-me, no corpo do trabalho, aos processos de intervenção institucional sobre os "meninos de rua" no Brasil, como possíveis processos de sua "fabricação", já que seus mecanismos e normas são voltados para a manutenção do desvio que pretendem eliminar. Gostaria de esclarecer, porém, que muito distantes de minhas intenções e profundamente equivocados e/ou mal intencionados, estarão aqueles que entenderem estas considerações como defesa de uma oportunista política de "fechamento" das instituições governamentais de assistência à infância e adolescência, ou para defesa de um volume ainda menor de recursos para a sua educação. Não creio que simplesmente entregá-las novamente às famílias ou às ruas, vá contribuir para que o quadro de sua não-cidadania seja "recuperado". Assim como não acredito que o seu internamento resolva. O que gostaria de simplesmente sugerir é que lutemos para conseguir aquilo que já há muito tempo, a filosofia brasileira vem indicando: que sejamos realistas e lutemos pelo impossível. Acredito que nenhuma solução nascida dentro do nosso atual quadro político-econômico será satisfatória. Sinceramente, à curto ou a médio prazo, não vislumbro qualquer luz no fim deste túnel. Uma profunda revolução de costumes e uma verdadeira (impossível?) redistribuição de renda e oportunidades teria que ocorrer em nossa sociedade para que se começasse a viver o sonho de uma "infância feliz" no Brasil.

E não só uma infância escolar, bem alimentada, saudável, inteligente e dominada. Uma infância verdadeiramente livre das coerções que tentam (cada vez mais cedo) aprisionar e comandar justamente os anos em que a sua capacidade inventiva e potencial de estranhamento ao pré-estabelecido é a grande fonte de renovação social. Essa capacidade de exprimir-se livremente, esse potencial para a crítica social, uma vez perdidos, nunca mais serão recuperados de forma genuína pelo sujeito. Deixemo-as livres não somente da fome ou do excesso de atenção, livres da

obrigação do trabalho ou da sobrecarga audio-visual, mas fundamentalmente livres de uma iniciação cada vez mais precoce aos sistemas de representação e valores do mundo adulto¹². A tarefa de uma sociedade realmente preocupada com o devir da totalidade de suas crianças, e não somente com as bem-nascidas, consiste não somente em mantê-las fora das ruas e dentro das casas e escolas, consiste antes, em permitir que se mantenham diferentes de nós, adultos, enquanto a idade assim o permitir.

Nem "pequenos bandidos" esfomeados nem "mini-facistas" bem alimentados. Nem a proibição da rua, nem o enclausuramento da casa (na verdade seria necessário que ocupássemos novamente as ruas para que fosse possível mantermos nossas portas novamente abertas). Ninguém sequer se aproxima da felicidade quando o pânico domina, qualquer que seja a sua origem.

Para encerrar, as palavras de Guattari, no que este filósofo entende como a luta micropolítica pela polivocidade da expressão semiótica da criança:

Recusar fazer 'cristalizar' a criança muito cedo em indivíduo tipificado, em modelo personológico estereotipado. Isso não significa que se buscará sistematicamente fabricar marginais, delinquentes, revoltados ou revolucionários! Não se trata aqui de opor uma formação a outra, uma codificação a outra, mas de criar condições que permitam aos indivíduos adquirir meios de expressão relativamente autônomos e portanto relativamente não recuperáveis pelas tecnologias das diversas formações de poder (estatais, burocráticas, culturais, sindicais, da comunicação de massa, etc...). Se, ao atingir a idade adulta, num momento ou outro ele decidir assumir as roupas e papéis que o sistema lhe apresenta, convém que ele possa fazê-lo sem que eles lhe colem à pele a ponto de não mais poder desfazer-se deles e então passar a investir nos próprios valores repressivos de que estas roupas e papéis são portadores. (Guattari, 1987:54-55)

Encerro estas reflexões onde não vislumbro conclusão possível. Não no sentido de que se espere deste estudo, respostas para o problema. Na verdade, ele tem as características de uma grande pergunta. Perguntar pode ser bom início para um diálogo. E dialogar é o que este trabalho propõe continuar fazendo com os que se dizem interessados no estudo da infância.

¹² Ao falar da criança pobre, inserida em grupos domésticos que lhe dão valor e tratamento diverso do dispensado à criança pela família abastada, não há como deixar de concluir que tanto num quanto noutro ambiente a criança, assim como o adulto responsável por sua socialização e iniciação à vida adulta, passam por sérios problemas. Certamente os problemas de ordem econômica são muito graves no sentido de que, num extremo, impossibilitam a própria sobrevivência física da criança; mas não se pode deixar de refletir que problemas de educação muito rígida, exigências disciplinares muito estritas que pesam sobre as outras crianças, também causam sérios problemas à personalidade em formação. Sobre as dificuldades e dilemas envolvendo a responsabilidade dos pais sobre que educação dar aos filhos e sobre o próprio dilema em se ter ou não uma criança sob a guarda, considero muito interessantes as reflexões intituladas "Anticoncepcionais e o Trágico" do psicanalista Rollo May (1982).

BIBLIOGRAFIA CITADA

Aguiar e Silva, V.M. -1976. *Teoria da Literatura*. São Paulo, Martins Fontes.

Altoé, S.-1993. " Do Internato à Prisão: Quem São os Presidiários Egressos de Estabelecimentos de Assistência à Criança e ao Adolescente?" In: Rizzini - *A Criança no Brasil Hoje: Desafio para o Terceiro Milênio*. Rio de Janeiro: Ed.Universidade Santa Ursula.

Alvim, M.R.B. e Valadares, L.P. - 1988. "Infância e Sociedade no Brasil: Uma Análise da Literatura." *BIB (Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais)* n.26 ANPOCS, pp. 3-37

Amado, J. - 1991, 74 ed. *Capitães da Areia*. Rio de Janeiro, Record.

_____ - 1982. *Jubiabá*. Rio de Janeiro, Record.

Araújo, S.M. -1984. "Da Caridade à Justiça: Uma Análise da Justiça de Menores." In: *Os Conflitos Sociais da Menoridade:Um Estudo da Produção Jurídica do Menor*. Programa de Políticas Públicas do Centro de Ciências Sociais. PUC, Rio de Janeiro

Ariés, P. -1981. 2ed. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro, Guanabara

Arruda, R.S.V. - 1983. *Pequenos Bandidos: um estudo sobre a gestação dos menores infratores na cidade de São Paulo*. São Paulo, Ed. Global.

Badinter, E. -1985. *Um Amor Conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

- Benjamin, W.** -1985. "A crise do romance. Sobre *Alexanderplatz*, de Döblin." In: _____. *Magia e Técnica, Arte e Política- Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*. Obras Escolhidas. vol 1. São Paulo, Brasiliense.
- _____. - 1985. "O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov." In: _____. *Magia e Técnica, Arte e Política - Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*. Obras Escolhidas. vol 1. São Paulo, Brasiliense.
- Berger, Peter e Gluckmann, T.** -1993. 10 ed. *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis, Vozes.
- Berreman, G.** - 1980. "Por Detrás de Muitas Máscaras." In: Zaluar- *Desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro, Francisco Alves Ed.
- Bonneto, C.** -1993. "*Essas Crianças são Terríveis* ": o problema de supervisão de filhos num bairro carente da grande Florianópolis. T.C.C. Depto. de Ciências Sociais. C.F.H/UFSC. (não publicado)
- Brait, B.** -1987. 3ed. *A Personagem*. São Paulo, Ed.Ática.
- Caiafa, J.**-1985. *Movimento Punk na Cidade: a invasão dos bandos sub*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Caldeira, M.T.P.R.**- 1988. "A Presença do Autor e a Pós-Modernidade em Antropologia." *Novos Estudos*. CEBRAP 21:133-157
- _____. - 1989. "Antropologia e Poder: Uma Resenha de Etnografias Americanas Recentes." *BIB*, Rio de Janeiro, n. 27, pp.3-50.
- Cândido, A.** -1970. "A Personagem do Romance". In: Cândido e outros- *A Personagem de Ficção*. São Paulo, Perspectiva.
- Canevacci, M.**- 1993. *A Cidade Polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo, Studio Nobel.

- Cardoso de Oliveira, R.** -1988. "A Categoria de (Des) Ordem e a Pós-Modernidade da Antropologia". *Anuário Antropológico/86*. Ed.Universidade de Brasília/ Tempo Brasileiro.
- Carlini-Cotrim, B. e Carlini, E.A.** -1987. "O consumo de solventes e outras drogas em crianças e adolescentes de baixa renda na Grande São Paulo. Parte II: Meninos de rua e menores internados." *Revista ABP-APAL*, vol.9, n.2, pp. 69-77.
- Carvalho, J. J.** - 1990. "O Jogo das Bolinhas. Uma Simbólica da Masculinidade." *Anuário Antropológico/87*. Editora Universidade de Brasília/Tempo Brasileiro.
- Carvalho, M. A.** -1991, 2ed. *Tô Vivu : histórias dos meninos de rua*. Goiânia, Cegraf/UFG.
- Casais Monteiro, A.**-1964. *O Romance. (Teoria e Crítica)*. Rio de Janeiro, José Olímpio .
- Castagnino, R.H.** -1969. "Literatura e Evasão" (cap.V) In: _____. *O Que é Literatura?* São Paulo, Ed.Mestre Jou.
- Cavallieri, A.** - 1983. *O Direito do Menor*. Rio de Janeiro, Ed. Rio/ Estácio de Sá.
- Cheniaux, S.**-1986, 2ed. *Trapaceados e Trapaceiros: o menor de rua e o serviço social*. São Paulo, Cortez Ed.
- Choukri, M.** 1983, 2ed. *O Pão Nu - A descoberta do mundo e do corpo por um menino marroquino*. São Paulo, Brasiliense.
- Cicourel, A.**-1980. "Teoria e Método em Pesquisa de Campo". In: Zaluar- *Desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro, Francisco Alves Ed.
- Coelho, N. N.** -1987, 4ed. *A Literatura Infantil*. São Paulo, Edições Quiron.

Coelho de Carvalho, A.L. -1981. *Foco Narrativo e Fluxo de Consciência- Questões de Teoria Literária*. São Paulo, Pioneira.

Collen, P. -1987, 3ed. *Mais que a Realidade*. São Paulo, Cortez.

Da Matta, R. -1981. *Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social*. Petrópolis, Vozes.

_____ - 1991, 4ed. *A Casa e a Rua*. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara Koogan S.A.

Dickens, C. -1966. *Oliver Twist*. Rio de Janeiro, Pongetti

Dimenstein, G. -1990. 2ed. *A Guerra dos Meninos - assassinato de menores no Brasil*. São Paulo, Brasiliense.

_____, 1992. *Meninas da Noite - A prostituição de meninas-escravas no Brasil*, São Paulo, Editora Ática.

Douglas, M. -1976. *Pureza e Perigo*. São Paulo, Ed. Perspectiva.

Drexel, J. e Iannone, L. -1989 . *Criança e Miséria: vida ou morte?* São Paulo, Ed. Moderna.

Epstein, J. -1985. "A Ascensão da Biografia Literária." *Diálogo* (revista de literatura) - texto fotocopiado, sem referências.

Estatuto da Criança e do Adolescente (E.C.A)- Lei No. 8.069 de 13 de julho de 1990. São Paulo: Rideel, 1991.

Faleiros, V. - 1987. "A Fabricação do Menor." *Humanidades*, 12, fev/abril/1987, ano IV. Editora Universidade de Brasília.

- _____. -1993. "Violência e Barbárie: o extermínio de crianças e adolescentes no Brasil." In: Rizzini- *A Criança no Brasil Hoje: Desafio para o Terceiro Milênio*. Rio de Janeiro, Ed. Universitária Santa Ursula.
- Fausto, C.** -1988. "A Antropologia Xamanística de Michael Taussig e as Desventuras da Etnografia." *Anuário Antropológico/86*. Ed. Universidade de Brasília/ Tempo Brasileiro.
- Felsman, K.** -1981. "Street Urchins of Colombia." *Natural History*, 90(4): 41-48
- Fenelon, G., Martins, L. e outros.** -1992. *Meninas de Rua: uma vida em movimento*. Goiânia. CEGRAF/UFG.
- Fischer-Ferreira, R.M.** -1979. *Meninos da Rua*. São Paulo, IBREX.
- Fonseca, C.** -1987a. "O Internato de Pobre: Febem e a organização doméstica em um grupo Porto-Alegrense de baixa renda." *Temas IMESC, Soc.Dir.Saúde*, 4(1):21-39. São Paulo.
- _____. -1987b. "Mulher Chefe-de-Família?" *Revista de Ciências Sociais*. vol.1, n.2. UFRG. Porto Alegre.
- _____. -1989a. "Children and Social Inequality in Brazil: A look at child circulation in the working classes." Reunião Anual da Latin American Studies Association, Miami. (xerox)
- _____. -1989b. "Pais e Filhos na Família Popular (Início do SéculoXX)." In: *D' Incao- Amor e Família no Brasil*. São Paulo, Ed. Contexto.
- _____. - 1990. "Crianças em Circulação." *Ciência Hoje*, 11(66):33-38
- Foote-Whyte, W.** -1980. "Treinando a Observação Participante." In: Zaluar- *Desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora.

- Forganes, R.** -1992. "Comércio de Meninas: Uma mulher contra a prostituição infantil na Tailândia." *Marie-Claire (Sociedade)* n.20, pp.24-28
- Foster, E.M.** -1969. *Aspectos do Romance*. Porto Alegre, Ed.Globo.
- Foucault, M.**-1987. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, Vozes. (9ed.1991)
- _____ -1988. 9ed. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal.
- _____ -1989a. 8ed. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Edições Graal.
- _____ - 1989b.2ed. *Isto não é um Cachimbo*.São Paulo, Paz e Terra.
- Frye, N.** -1973. " Formas Contínuas Específicas (Ficção em Prosa)." In:_____. *Anatomia da Crítica - Quatro ensaios*. São Paulo, Cultrix.
- Gaspar, M. D.** -1985. *Garotas de Programa:prostituição e identidade social*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores.
- Genet, J.** -1983, 2ed. *Diário de um Ladrão*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- Geertz, C.** -1978. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- _____ -1989. "Estar alli - La antropologia y la escena de la escritura." In:_____. *El Antropologo como Autor*. Barcelona, Ed. Paidós.
- Goffman, E.** -1978. *Estigma- Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, Zahar

Goldwasser, M.J. -1974. "Cria fama e deita-te na cama: um estudo de estigmatização numa instituição total". In: *Velho - Desvio e Divergência*. Rio de Janeiro, Zahar.

Gomes, A. C. -1981. *Jorge Amado- seleção de textos, notas, estudo biográfico, histórico e crítico*. São Paulo, Abril Educação.(Literatura Comentada)

Guatarri, F. - 1986. 2ed. *Micropolítica -Cartografias do Desejo*. Petrópolis, Vozes.

_____ -1987.3ed. "As creches e a iniciação." In: _____. *Revolução Molecular - pulsações políticas do desejo*. São Paulo, Brasiliense.

_____ - 1987.3ed. " Devir criança, malandro, bicha." In: _____. *Revolução Molecular- pulsações políticas do desejo*. São Paulo, Brasiliense.

Guimarães, A. P.-1982. *As Classes Perigosas: banditismo urbano e rural*. Rio de Janeiro,Edições Graal.

Heller, A. -1989. 3ed. "Estrutura da Vida Cotidiana." In: _____.*O Cotidiano e a História*. São Paulo, Paz e Terra

Herzer, S. M. -1982.10 ed. *A Queda para o Alto*. Petrópolis. Vozes

Heye, A. M. -1980. "A Questão da Moradia numa Favela do Rio de Janeiro ou Como Ter 'Antropological Blues' sem sair de Casa." In: *Velho - O Desafio da Cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira*. Rio de Janeiro, Campus.

Jameson, F. -1985. "Pós-Modernidade e Sociedade de Consumo." *Novos Estudos*. CEBRAP 12: 16-26.

Jones, N. B. -1981. "Características do Estudo Etológico do Comportamento Humano." In: _____. *Estudos Etológicos do Comportamento da Criança*. São Paulo, Pioneira.

Laplantine, F. -1989.2ed. "Terceira parte: A Especificidade da Prática Antropológica." In: _____. *Aprender Antropologia*. São Paulo, Brasiliense.

- Lovisoló, H.** -1987. "Escola e Família: constelação imperfeita." *Ciência Hoje*, 6(31):52-56.
- Lins, P.E.C.** -1919. *Colleção de opiniões desenvolvidas à guisa de memorial apresentada ao Exmo. Governador Dr. Hercílio Pedro da Luz, pelo Dr. Pedro Estellita Carneiro Lins, sobre a criação de escolas industriais, profissionais, ou colonias agrícolas e colonias correcionaes para orphãos, menores abandonados e menores delinquentes, no Estado de Santa Catarina.* Florianópolis, Oficinas da Imprensa Oficial.
- Leczneski, L.K.** -1992. *Pequenos Homens Grandes- O cotidiano de guris de rua numa praça de Porto Alegre.* Dissertação de Mestrado. PPGAS/UFRG.
- Louzeiro, J.** -1981.3ed. *Infância dos Mortos.* Rio de Janeiro, Record.
- Marcon, D.**- 1992. *Entre a Lógica e a Realidade Objetiva: uma comparação entre duas instituições de atendimento à criança e ao adolescente.* T.C.C. Depto. de Ciências Sociais-CFH/UFSC (não publicado)
- Masur, J. e Carlini, E.** -1989. "Drogas Depressoras" In: *Drogas - Subsídios para uma discussão.* São Paulo, Brasiliense.
- May, R.**-1982. "Anticoncepcionais e o Trágico." In: _____. *Eros e Repressão - amor e vontade.* Petrópolis, Vozes.
- Medeiros, M.** -1992. *Rua dos Meninos.* Rio de Janeiro, Ed.Objetiva.
- Moisés, M.** -1978. 2ed. *Dicionário dos Termos Literários.* São Paulo, Cultrix.
- Mydans, S.** -1989. "Philippine Town's Parents Battle Effort to Stop Their Children's Sex Trade." *The New York Times (International), Sunday, february 5.*

- Netto, L.R.** - 1988/9. "Por Debaixo dos Panos- A Máquina policial e o problema da Infância Desvalida na Cidade de São Paulo(1910-1930)." *Revista Brasileira de História*. vol.9, n.17, pp.129-141, set.88/fev.89.
- Neves, D.P.** -1985. "Nesse terreno galo não canta. Estudo do caráter matrifocal de unidades familiares de baixa renda." *Anuário Antropológico/83*. Ed.Universidade Federal do Ceará/Tempo Brasileiro.
- Ortner, S.B.** -1979. "Está a Mulher para o Homem Assim Como a Natureza para a Cultura?" In: Rosaldo e Lamphere- *A Mulher, a Cultura e a Sociedade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Park, R.** -1979. "A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano." In: Velho - *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar.
- Pedrosa, A.** - 1943. *Assistência a Menores em Santa Catarina*. Edição do depto. estadual de imprensa e propaganda.de S.C.
- Pereira Oliveira, H.L.**-1990. *Os Filhos da Falha: assistência aos expostos e remodelação das condutas em Desterro(1828-1887)*. Dissertação de Mestrado.PUC/SP.
- Perlongher, N.** -1987. *O Negócio do Michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo, Brasiliense.
- Perrot, M.** - 1988/9. "As Crianças da Petite-Roquette." *Revista Brasileira de História*. vol.9, n.17, pp.115-128, set.88/fev.89.
- Relatório de Pesquisa** : "Repercussões dos Programas de Atendimento ao menor de Florianópolis." Vol.I, II e III. Departamento de Psicologia, CFH/UFSC,1990.(não publicado)
- Rosenfeld, A.** -1970. "Literatura e Personagem" In: Cândido e outros- *A Personagem de Ficção*. São Paulo, Perspectiva.

- Rio, J.** -1951. "Os que começam..." In: ___ *A Alma Encantadora das Ruas*. Rio de Janeiro; Ed. Organização Simões.
- Scheper-Hughes, N.** -1976. "Culture, Scarcity and Maternal Detachment an Infant Survival in a Brazilian Shantytown." *Ethos*. pp.291-397
- Schneider, L.** -1982. *Marginalidade e Delinquência Juvenil*. São Paulo, Cortez.
- Schuler, D.** -1989. *Teoria do Romance*. São Paulo, Ática.
- Smith, P. e Connolly, K.** -1981. "Brincadeiras e Interação Social em Crianças de Idade Pré-Escolar." In: Jones - *Estudos Etológicos do Comportamento da Criança*. São Paulo; Pioneira.
- Timbergen, A.**-1981. "Prefácio". In: *Estudos Etológicos do Comportamento da Criança*. São Paulo, Pioneira.
- Trajano Filho, W.** -1988. "Que Barulho é Esse, o dos Pós-Modernos?" *Anuário Antropológico/86*. Ed. Universidade de Brasília/Tempo Brasileiro.
- Violante, M.L V.** -1984.3ed. *O Dilema do Decente Malandro*. São Paulo, Ed. Cortez
- Vogel, A. e Mello, M.A. S.**-1991. "Da Casa à Rua: A cidade como fascínio e descaminho." In: Fausto e Corvini- *O Trabalho e a Rua: Crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80*. São Paulo, ed. Cortez.
- Wall, S.** -1970. "Introduction". In: _____. *Charles Dickens- A Critical Anthology*. Penguin Books Inc., Baltimore, Md.,USA.
- Weber, M.** -1986. "Os três tipos puros de dominação legítima." In: Cohn e Fernandes - *Weber- sociologia*. São Paulo, Ed. Ática.

- Werner, D. W.** - 1990. *Para as origens do crime urbano: estudos internacionais sobre as causas sociais do crime e suas implicações num caso brasileiro de menores carentes.* Relatório CNPq. PPGAS, CFH/UFSC.(não publicado)
- Woorthmann, K.** -1987. "O Domínio Doméstico: um terreiro onde o galo não canta." In: *A Família das Mulheres.* Rio de Janeiro:Tempo Brasileiro; Brasília :CNPq.
- Yijima, Y.** -1987. "Folk Culture and the liminality of children." *Current Antropology.* vol.28, n.4, august-october, pp.41-48.
- Zaluar, A.** -1980. "Introdução". In: _____. *Desvendando Máscaras Sociais.* Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora.

ANEXO 1

1. Apresentação das Crianças :

Observações : 1. Para evitar a identificação, todos os nomes foram trocados.

2. Foram omitidas descrições físicas detalhadas.

3. Todos têm diversas passagens pelo 6º. D.P.(Delegacia de Atendimento à Mulher e ao Menor) e são considerados "meninos de rua" pelos que com eles lidam.

4. Todos intercalavam períodos de rua com a casa dos pais ou parentes e instituições de atendimento.

5. Estão aqui relacionadas apenas as crianças que aparecem com maior frequência no relato etnográfico e que foram, desta forma, meus centrais informantes.

Vanessa: 12 anos. Sete irmãos, três dos quais também "de rua". Sabe ler e escrever precariamente. Intercala longos períodos "de rua" com a casa da mãe (mais raramente) e instituições de atendimento. No momento em que a conheci, estava sob o regime de "liberdade assistida" da responsabilidade do Juizado de Menores de Florianópolis e era, ao lado dos irmãos, uma das "meninas de rua" mais conhecida dos policiais e órgãos assistenciais desta cidade.

Nêgo: 13 anos, irmão de Vanessa. Também sob o regime de "liberdade assistida". Auto-identifica-se como um "menino de rua" e diz ser "viciado" em cola de sapateiro. Não esmola mais devido à idade, e porque considera-se já "muito conhecido" no centro da cidade. Acompanha, à distância, os irmãos mais novos na mendicância. Entre os pares é conhecido como "bom de briga", embora franzino para a idade. Segundo uma delegada de polícia do 6º. D.P. é o "campeão" de número de passagens pelo Distrito. A maior parte por porte e uso de cola, mas também por furtos. As vezes permanece espontaneamente no (extinto) C.A.P (Centro de Atendimento Provisório).

Ricardo: 10 anos, irmão de Vanessa e Nêgo. Esmola para si e para os irmãos na rua. Ainda pequeno, robusto e bonito, desperta a compaixão e simpatia da maioria das pessoas. Também sob o regime de "liberdade assistida". Dos três irmãos é o que permanece mais tempo na rua. É citado também pela

delegada do 6º. D.P. como tendo um grande número de passagens pelo Distrito, sendo mais da metade por uso de cola, mas também por "abandono" e furtos.

Leninha: Aprendeu a "se virar" na rua quando "fazia dinheiro" para a mãe, tocando e cantando no calçadão da F. Schmidt. Isso dos cinco aos sete anos. Cresceu, e optou por "parar" na rua, devido à conflitos com um irmão mais velho. Tem agora 12 anos. É extrovertida, brincalhona e amiga de Vanessa. Intercala estadias na rua com a casa da mãe e o (extinto) C.A.P.

Tonho Grande : 12 anos. Anda com a turma de Vanessa e seus irmãos, mas sempre que pode, evita Nêgo. É um dos que mais assume a aparência do "abandono", estando sempre muito sujo e maltrapilho. Tido pelos policiais e alguns comerciantes como um menino "bem-educado" e "obediente", quieto e particularmente carente, não permanecia espontaneamente nas instituições de atendimento e só muito raramente ia para casa.

Gordo: 13 anos, constante companheiro de Tonho Grande e muito semelhantes na maneira de ser. Está sempre também muito sujo, maltrapilho, descalço. É porém irrequieto e barulhento. Ele e Tonho passam as noites "fazendo bagunça" no centro da cidade e dormindo em pleno dia, na rua, atrapalhando a circulação das pessoas. A mãe vem sempre buscá-lo para uma volta à casa. As irmãs menores mendigam no centro da cidade mas dormem em casa.

Tataco: 13 anos. Franzino para a idade, temperamento calmo e de boa paz. É o principal seguidor dos três irmãos : Vanessa, Ricardo e Nêgo. Vem esporadicamente para a rua. Era um dos poucos que trabalhava: fazia pequenos serviços para feirantes e catava papelão. Quando no grupo, assumia o papel do "bufão": esforçava-se para despertar simpatia e carinho, provocando risadas. Às vezes trazia um irmão de oito anos para "conhecer" a rua.

Querubim : 13 anos. O menino mais bonito e saudável que encontrei em campo. Ganhava dinheiro também fazendo michê. Frequente companheiro de Tonho Grande, tal como este, também não gostava de Nêgo. Provocador, não calava-se nem diante dos policiais. Afirmava estar na rua por não entender-se com o padrasto. Tem uma irmã mais nova também na rua. Estava ameaçado pelo Juiz de Menores de ser internado em uma instituição fechada devido suas constantes passagens pelo 6.D.P.

Maria: 10 anos, irmã de Querubim por parte de mãe. Bonita, quieta e manhosa. Devido à beleza e a uma sensualidade precoce que parecia emanar de seus gestos, seu corpo, suas atitudes, era bastante assediada pelos companheiros de rua. As vezes se fazia acompanhar por uma irmãzinha de seis anos, completamente desleixada. As duas perambulavam em companhia dos outros "pequenos" (crianças até dez

anos), esmolando e brincando. Segundo a assistente social que acompanhava o seu caso, Maria, ao contrário do irmão, não pretendia acompanhar a mãe numa volta ao interior, preferindo permanecer em Florianópolis.

Nael: 17 anos. À beira da temida "maioridade". Calmo, dócil, ponderado e bastante quieto. Dentre os colegas era o que tinha um discurso político mais articulado. Geralmente era o enviado como representante dos "meninos de rua" para falar em nome deles nos eventos organizados pelo MNMMR, pela ASA ou pelo grupo de educadores de rua. Não tinha família em Florianópolis.

Peninha: 17 anos e muito amigo de Nael. Também desejava nunca completar "os dezoito anos" para não perder diante da sociedade o alibi da menoridade. Era de temperamento aberto, bom caráter, brincalhão e conversador. Fazia michê ocasionalmente.

Evandro: 13 anos, "namoradinho" de Vanessa. De tipo franzino e irrequieto, não permanecia longas temporadas na rua, indo e voltando "da baía"(casa) conforme as situações fossem se colocando favoráveis para um ou outro lugar. Constante companheiro de Vanessa e seus irmãos, gostava também de andar com Tonho Grande.

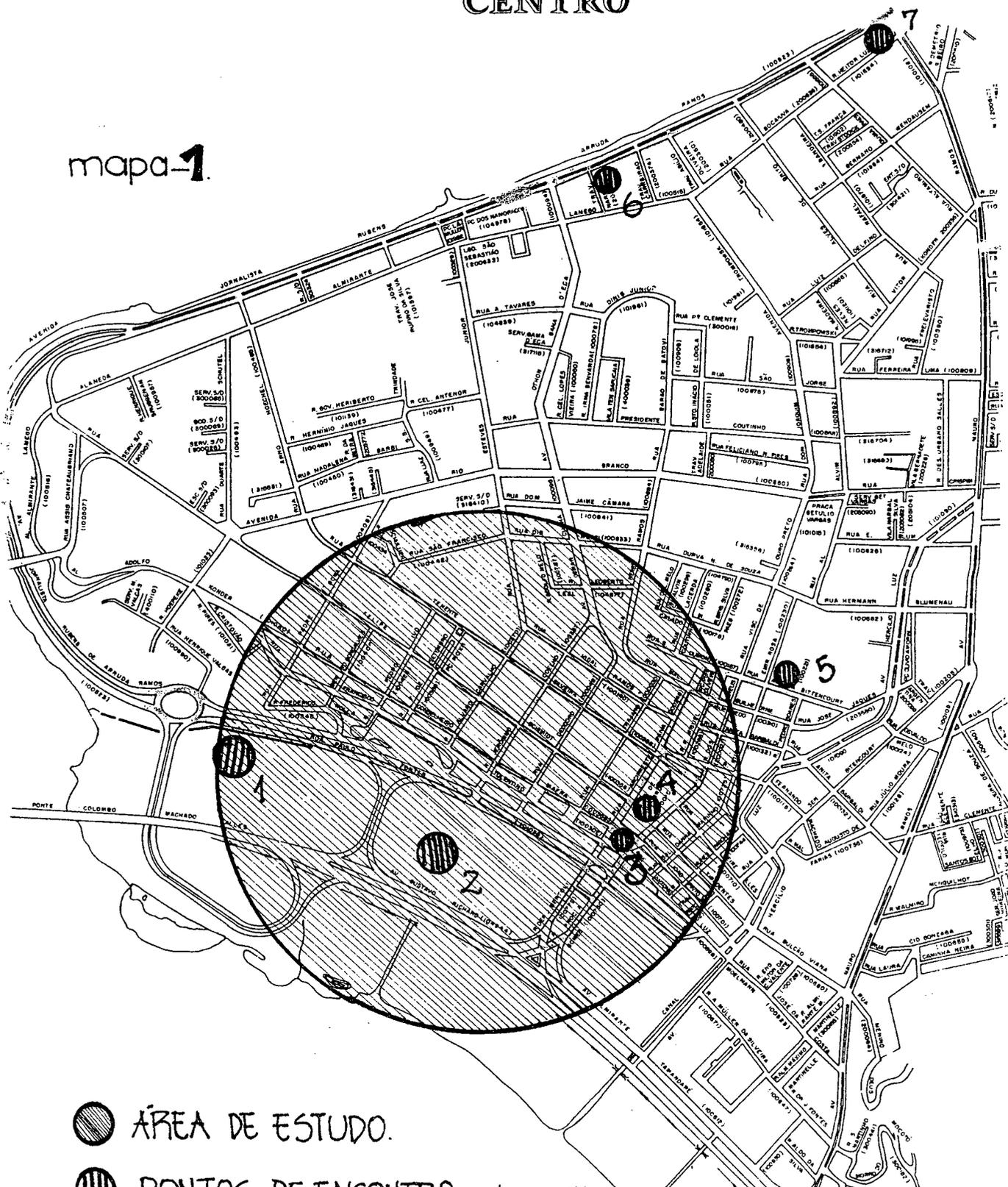
Rosana: 14 anos, aparentava ter dezessete devido à boa altura e encorpamento. "Moça feita", agia no entanto como a menina que era: imatura, emocionalmente insegura, carente. Tinha diversos "namorados". Fazia pequenos furtos e "varal" (roubar roupas nos quintais das casas). Foi quem mais ligou-se a mim durante o trabalho de campo. Vivia preocupada com o dia em que eu "viajaria" de volta para minha casa. Afirmava estar na rua desde os quatro anos após ter sido " jogada fora pela janela" pela mãe. Desde então passou a viver entre as instituições de atendimento e a rua, quando já conseguia empreender as fugas.

Raul, Bauru e Jorge Silva : Têm respectivamente, 10, 12 e 14 anos. São de uma família com dez crianças. Os três esmolavam para o grupo doméstico desde os cinco anos de idade, mas aos poucos foram rareando a volta para casa no final do dia. Raul e Bauru, devido à pouca idade, ainda esmolam e também praticam furtos, mas não levam mais o dinheiro para casa. A mãe e o padrasto vêm constantemente à rua buscá-los, mas eles fogem novamente no dia seguinte. Segundo a assistente social responsável pelo seu regime de "liberdade assistida", a mãe e o padrasto são alcoólatras, estão desempregados e costumam espancar os filhos. Este seria, segundo ela, o forte motivo que leva os meninos a permanecerem na rua. Raul e Bauru já tiveram várias experiências de internamento: regime aberto, regime fechado, casas-lares, albergue, mas estão constantemente voltando para a rua, onde dizem sentir-se "melhor". Estes meninos se dizem "primos" dos irmãos Rocha: Vanessa, Nêgo e Ricardo. O seu padrasto é filho da tia-avó dos Rocha. Chamam a mulher, sua "avó postiça", de "tia".

ANEXO 2

PLANTA DE FLORIANÓPOLIS CENTRO

mapa-1.

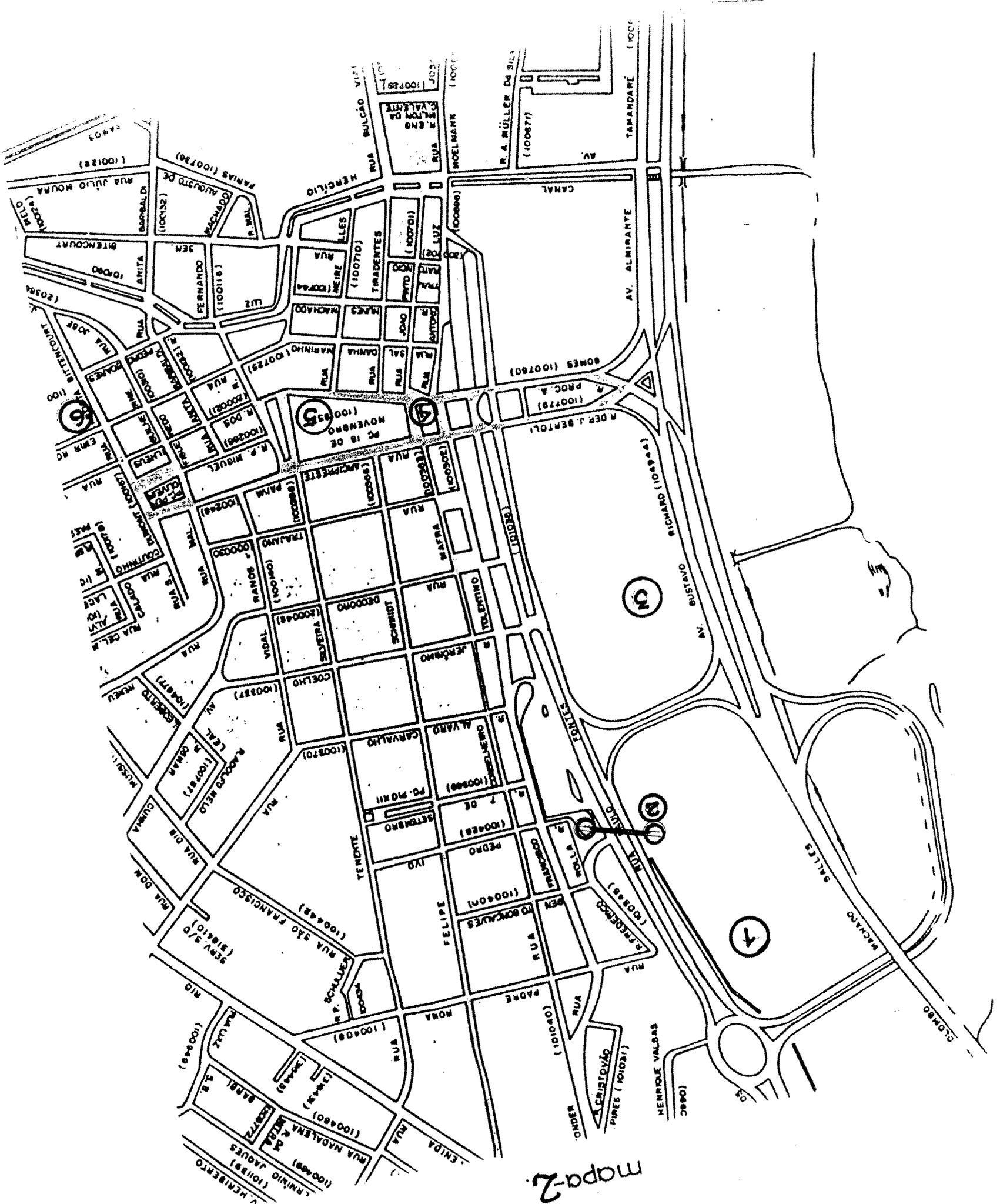


● ÁREA DE ESTUDO.

● PONTOS DE ENCONTRO.

— CIRCULAÇÃO.

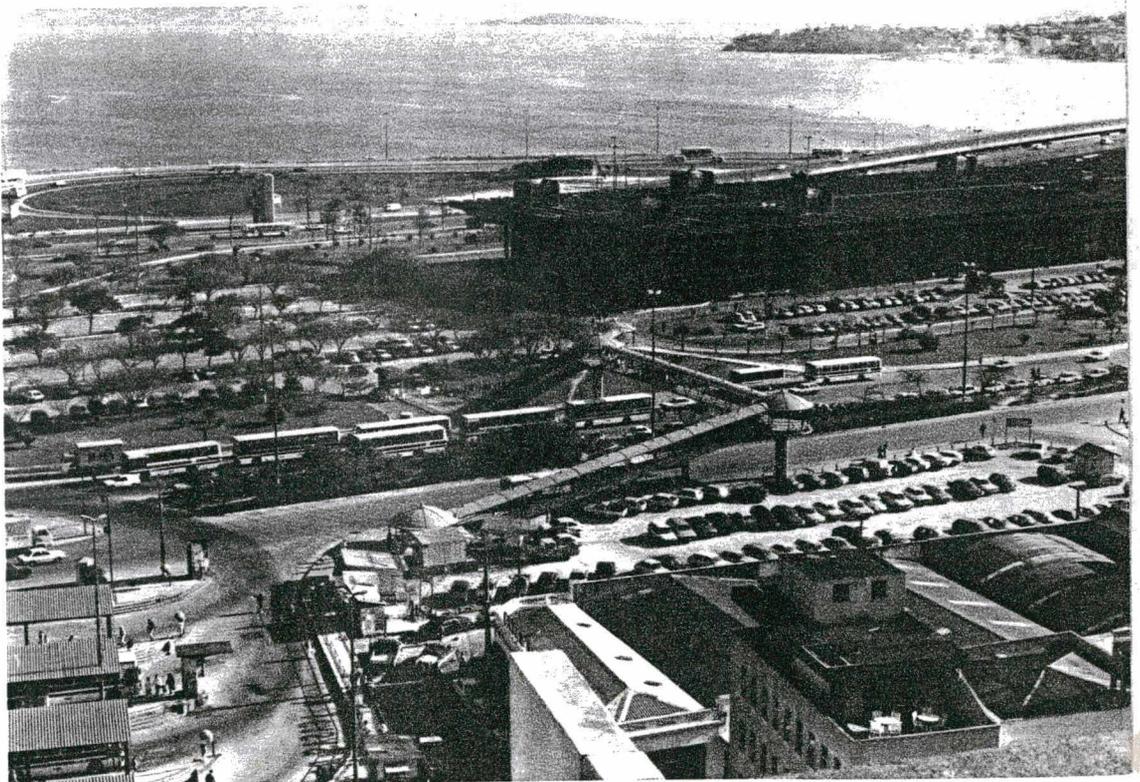
- 1 — Terminal Rodoviário Rita Maria.
- 2 — Aterro da Baía Sul.
- 3 — Praça Fernando Machado.
- 4 — Praça XV de Novembro.
- 5 — "Mocó da Casa Branca".
- 6 — Bar Yellows.
- 7 — Bar Kays Ki Dum



mapa-2

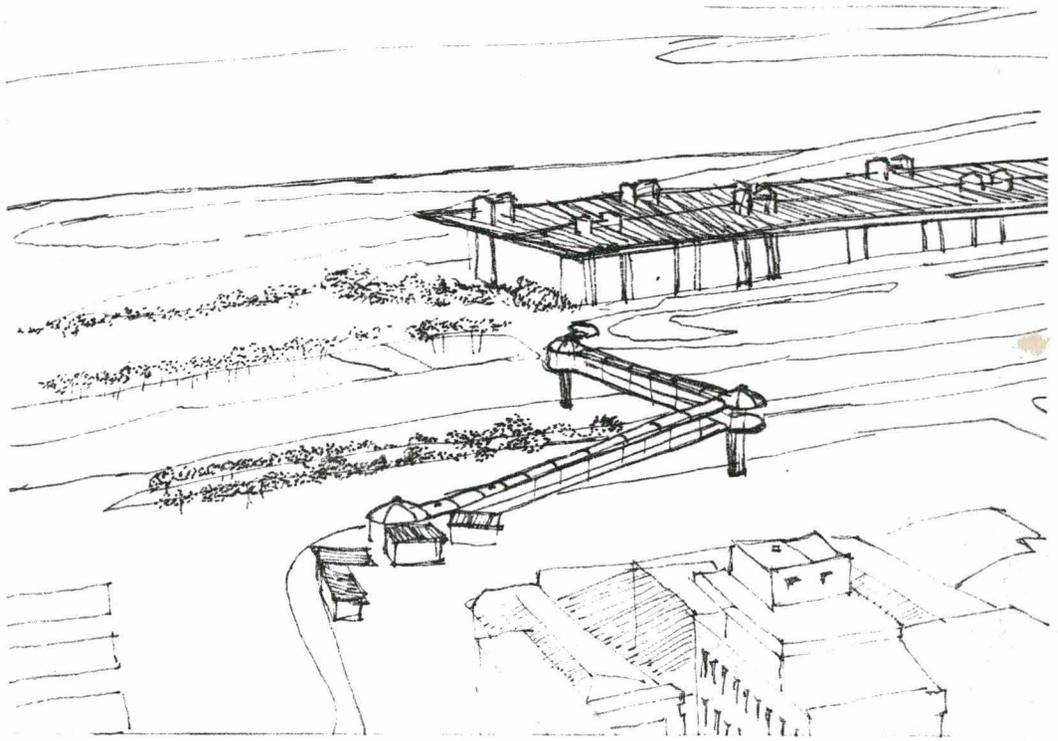
LEGENDA — mapa — Z.

- ① Terminal Rodoviário Rita Maria.
- ② Passarela do Terminal Rita Maria.
- ③ "Castelinho" Aterro Baía Sul.
- ④ Praça Fernando Machado.
- ⑤ Praça XV de Novembro.
- ⑥ "Moco" da Casa Branca.



1 — Terminal Rodoviário Rita Maria.

Z - Passarela do Terminal Rita Maria.



Crianças dormindo na manhã do dia 30/07/91. (Tonho Grande, Bauru, Gordo).

fig. 1.

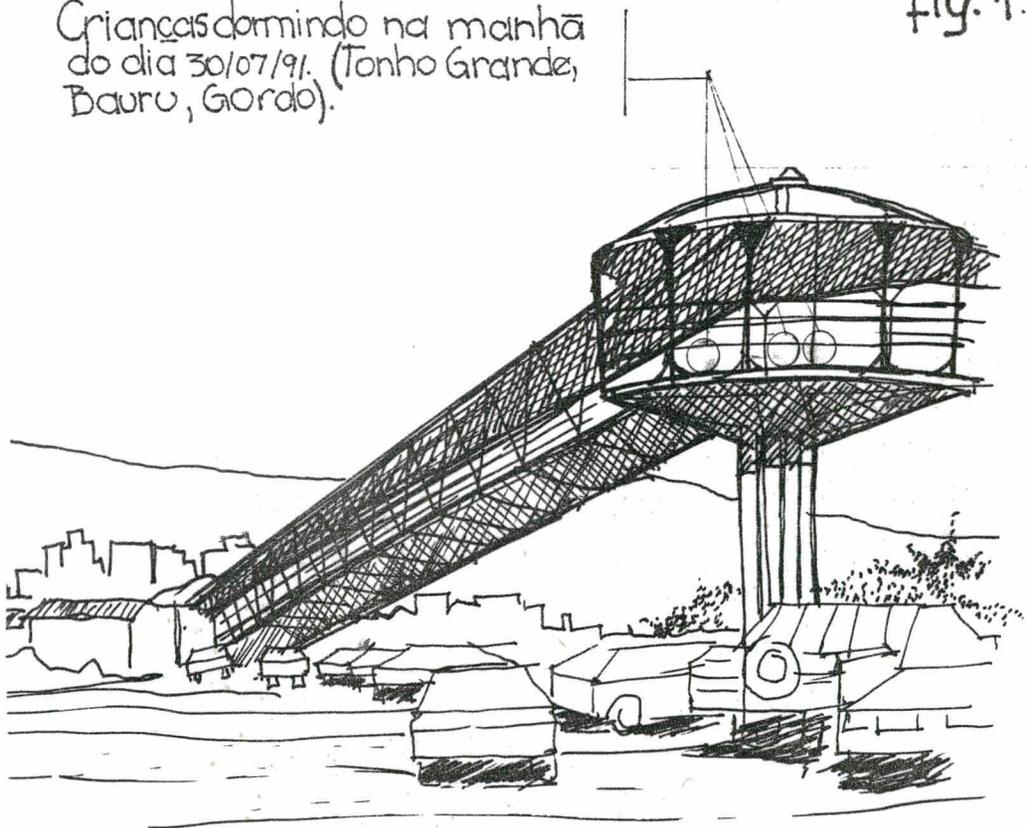


fig. 2.

3.— "Castelinho"—Alto da Baía Sul

Local muito utilizado pelas crianças para dormir, se reunir, brincar, churrascar.

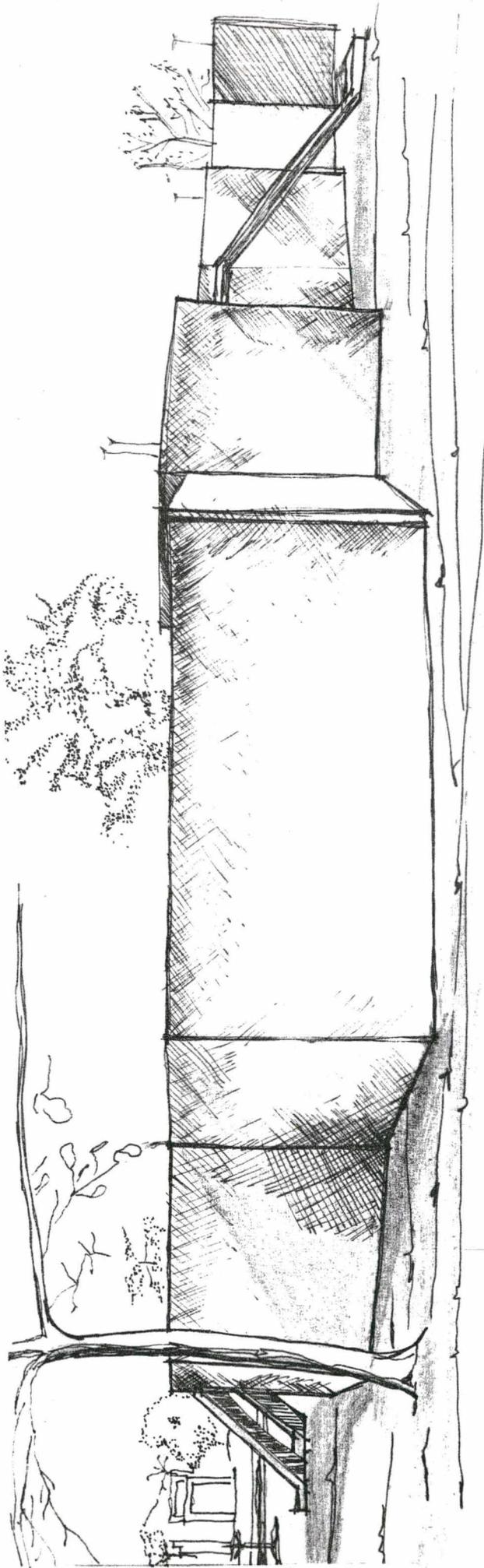
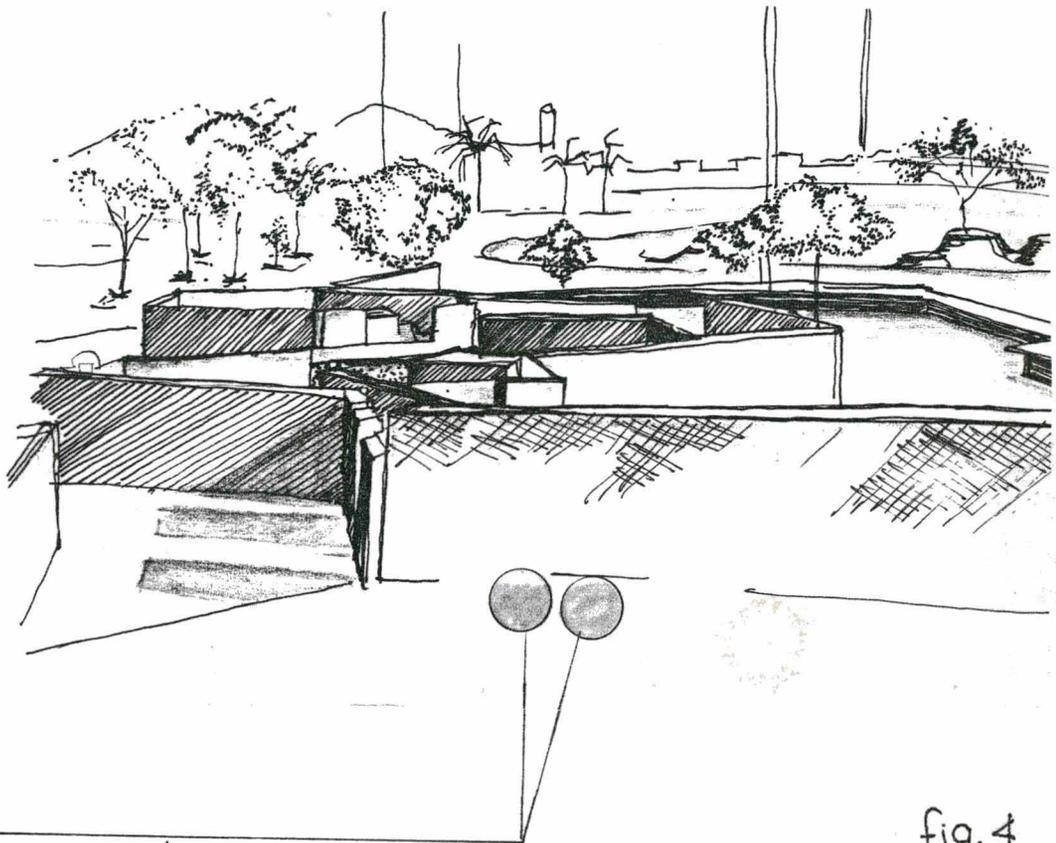


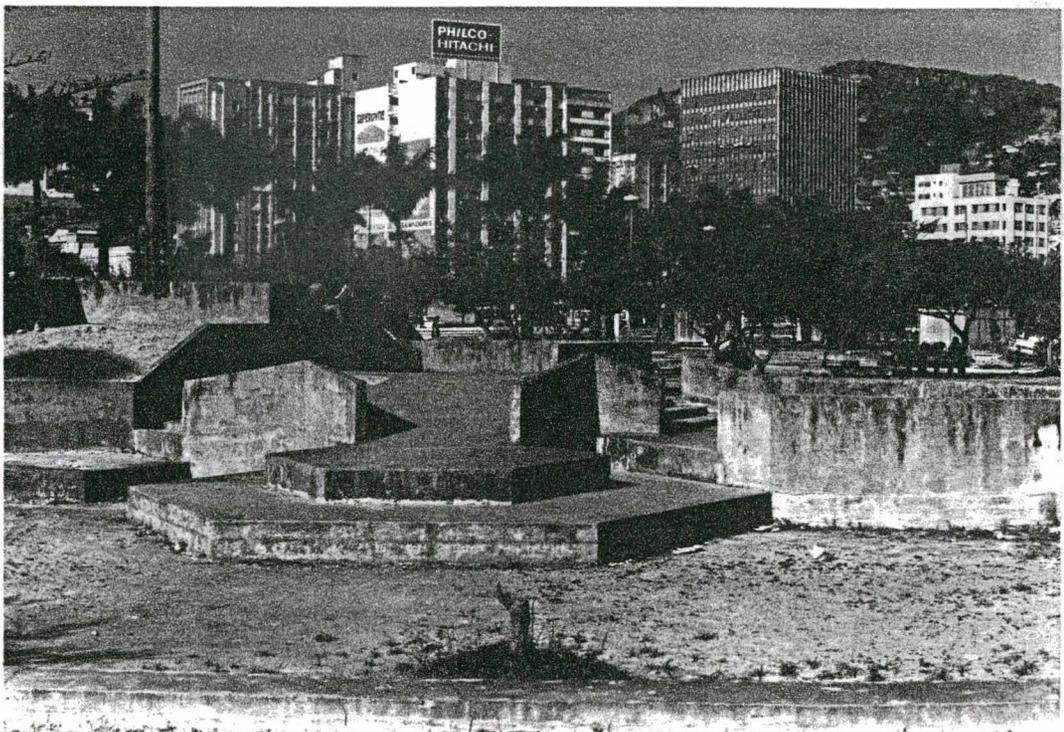
fig. 3

"Interior" do "Castelinho"



Maria e Arlindo dormindo
(25/07/91 - 11:00 horas).

fig. 4



4- Praça Fernando Machado

Local da feira e de intensa
circulação das crianças

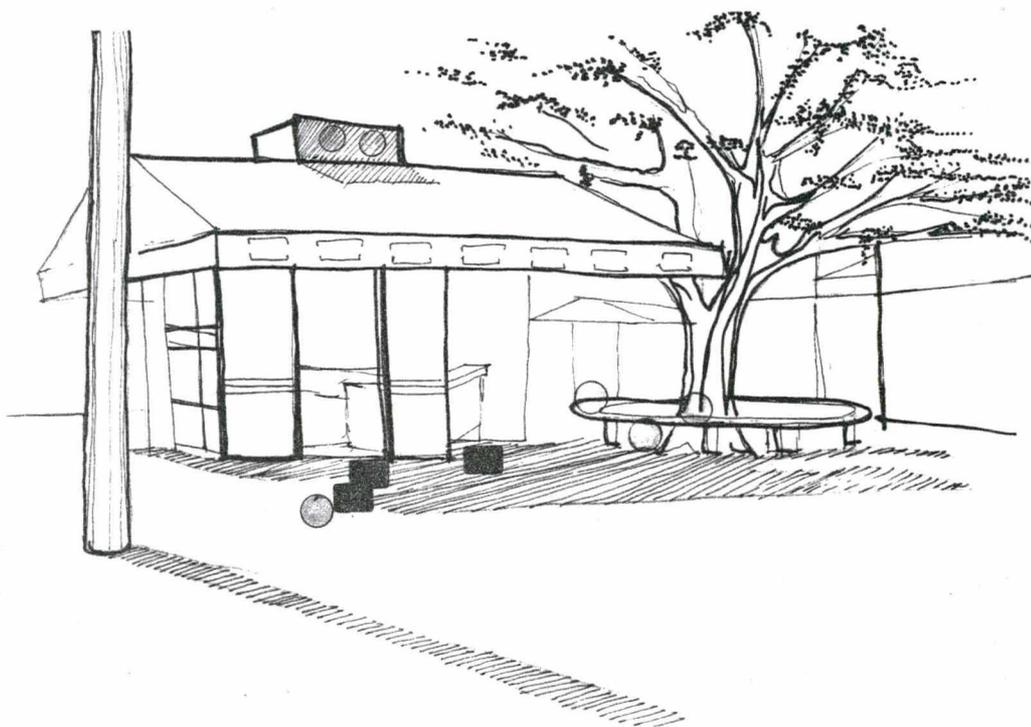
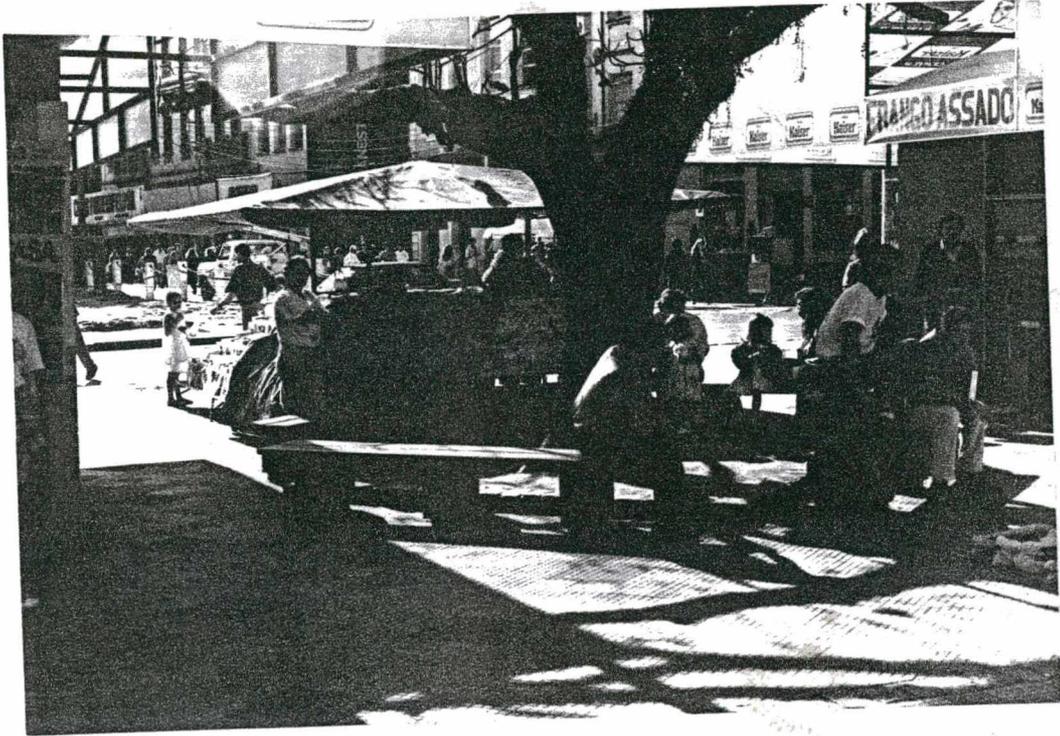


fig. 5

Crianças dormindo na madrugada do dia 12/06/91

■ 02:00 horas (Nêgo, Ricardo, Bauru).

○ 04:00 horas (Vanessa, Paul, Garob, Zico, Jorge, Tatáco).

Avenida Beira Mar Norte

Rua Bocaiuva.

centro

Crianças dormindo
na madrugada do
dia 22/05/91. (Ficardo,
Vanessa, Tonho Grande).

Bar
yellows.

estacionamento.

Travessa Harmonia

sorveteria.

confeitaria.

Restaurante
yellows.

estacionamento.

Av. Jornalista Rubens Arruda Ramos.

fig. 6.